

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS
DOUTORADO

“HORMÔNIOS EM FURIA”:
DESEJO, CURIOSIDADE E EXPECTATIVAS SEXUAIS
ENTRE ADOLESCENTES.

TÂNIA RÉGIA DE OLIVEIRA

JOÃO PESSOA - PB

2013

TÂNIA RÉGIA DE OLIVEIRA

**“HORMÔNIOS EM FÚRIA”:
DESEJO, CURIOSIDADE E EXPECTATIVAS SEXUAIS ENTRE ADOLESCENTES**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do Grau de Doutora em Sociologia ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof^a Dra. Mónica Franch Gutiérrez e Co-Orientação do Prof. Dr. Adriano de León.

JOÃO PESSOA - PB

2013

Aos meus filhos adolescentes
Heitor e Helena

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo e de todos, quero agradecer aos atores desta tese, rapazes e moças que emprestaram suas falas recheadas de sentimentos, histórias, valores, para serem analisadas. Jovens adolescentes que me receberam com tanto carinho nas suas escolas, nas suas casas e no seu mundo virtual, permitindo a construção desta tese. A participação de todos eles, sobretudo daqueles que mantiveram um diálogo contínuo comigo, foi marcante pelo nível de confiança que se estabeleceu entre nós, pelo grau de disponibilidade deles e pela generosidade em contribuir com a pesquisa, muitas vezes sem que ficasse tão claro, para eles, o significado de uma tese de doutorado, nem para que serviriam todos aqueles dados.

Agradeço à Professora Dra. Mónica Franch, por quem eu nutro profunda admiração, que foi uma grande orientadora na construção desta tese, me sensibilizando para uma percepção também antropológica do objeto e da pesquisa. Agradeço pelo seu incentivo, pelas suas críticas, pela paciência demonstrada durante todo o tempo, e, principalmente, por ter depositado tanta confiança em mim como pesquisadora.

Agradeço ao professor Adriano de León, meu co-orientador, que contribuiu bastante com esta tese, especialmente um pouco antes de eu entrar no PPGS como aluna, tendo sido a primeira pessoa a ler o meu projeto para a seleção do doutorado e, na ocasião, já se manifestou com suas observações muito pertinentes. Também foi um grande incentivador durante esse tempo, nas ponderações feitas, nas indicações teóricas e nas críticas também.

Agradeço ao professor Artur Perruci, pela participação e contribuição importante na banca de qualificação, e por aceitar participar da banca de defesa.

Agradeço aos outros membros da banca: Professores Keila Queiroz e Valdonilson Barbosa dos Santos.

Aos diretores das Escolas Ademar Veloso da Silveira e Lourdinias, por terem possibilitado meus primeiros contatos com os informantes.

Aos meus filhos pela paciência e pela compreensão quando eu não consegui lhes dedicar a atenção que precisavam em momentos tão importantes para eles.

Ao meu marido Hermano, agradeço por compreender a necessidade que eu tive de me isolar para a escrita da tese, agradeço também pelo seu carinho e incentivo ao meu trabalho, e a todos os meus projetos, sempre.

Aos meus professores do PPGS: Loreley Garcia, Simone Brito, Ricardo Lucena e José Henriques Artigas, pela participação, indireta, na construção do meu projeto de tese.

Aos meus colegas do doutorado, especialmente Wilmar, meu colega também de viagem a João Pessoa, na época em que cursávamos as disciplinas, e durante o percurso João Pessoa-Campina Grande, trocávamos tantas ideias sobre nossos trabalhos, e Moisés, com quem mantive contatos já mais próximo às nossas conclusões, e desabafávamos um com o outro.

Aos meus amigos mais chegados que, de alguma forma, se fizeram presentes.

A Ruy Everson, secretário do PPGS da UFCG, pela sua disponibilidade em colaborar quando foi preciso.

RESUMO

O tema desta tese é Sexualidade na Adolescência, e tem como objetivo principal compreender os sentidos que os adolescentes empregam as suas práticas afetivas/sexuais, tendo como lócus de pesquisa a cidade de Campina Grande, situada no estado da Paraíba. Como método, utilizei entrevistas presenciais, trabalhei com grupo focal, textos enviados por e-mail, e entrevistas virtuais (pelo Facebook). Como eixos teóricos, parti dos conceitos de indivíduo e sociedade trabalhados por SIMMEL (2006) e ELIAS (1994), em que as particularidades individuais são tão relevantes quanto o coletivo, e que estão em constante processo de interação. Utilizei a concepção de adolescência como um conceito não generalizado a uma determinada época, nem como uma fase de transição, mas considerando o seu caráter processual (ARIÈS, 1981; ALTMANN, 2007; FEATHERSTONE, 1994; ABRAMO, 1997). A sexualidade é analisada segundo o enfoque sócio construtivista (VANCE, 1995 e WEEKS, 2007), na sua interação com a socialização, com a aprendizagem dos sujeitos (HEILBORN, 2004). Com base no entendimento de que o exercício da sexualidade com parceiro, com todo o aprendizado envolvido, se inicia na adolescência, parti do entendimento de que essa prática deve ser considerada como um “marcador” social dessa fase da vida dos indivíduos (MEINERZ, 2004), como mediadora das relações sociais entre os jovens (BRANDÃO, 2009). A sexualidade também é enfocada com base na teoria da roteirização sexual (GAGNON, 2006), que vincula as ligações entre o comportamento individual e as influências sociais mais extensas.

Palavras-chave: Adolescência, Sexualidade, Sentidos

ABSTRACT

The theme of this thesis is Adolescent Sexuality, and has as main objective to understand the meanings that adolescents employ their practices affective / sexual, with the locus of research the city of Campina Grande, located in the state of Paraíba. The method I used face interviews, focus group worked with, texts sent by e-mail, and virtual interviews (by Facebook). As theoretical axes, broke the concepts of individual and society worked by Simmel (2006) and ELIAS (1994), in which individual characteristics are as relevant as the collective, and are in a constant process of interaction. Used the concept of adolescence as a concept is not widespread at a given time, or as a transition phase, but considering its procedural nature (Aries, 1981; ALTMANN, 2007; Featherstone, 1994; ABRAMO, 1997). Sexuality is analyzed according to the social constructivist approach (VANCE, 1995 and WEEKS, 2007), in their interaction with socialization with learning the subject (HEILBORN, 2004). Based on the understanding that sexual activity with a partner, with all the learning involved, begins in adolescence, parti understanding that this practice should be considered as a "marker" of this phase of the social life of individuals (MEINERZ, 2004), as a mediator of social relations among young people (Brandão, 2009). Sexuality is also focused on the theory of sexual scripting (GAGNON, 2006), which links the links between individual behavior and social influences more extensive.

Keywords: Adolescent Sexuality, Senses

RÉSUMÉ

Le thème de cette thèse est la sexualité des adolescents, et a comme objectif principal de comprendre les significations que les adolescents utilisent leurs pratiques affective / sexuelle, avec le locus de la recherche de la ville de Campina Grande, située dans l'État de Paraíba. La méthode que j'ai utilisée entretiens individuels, groupe de discussion a travaillé avec, textes envoyés par e-mail, et d'entretiens virtuels (par Facebook). Comme axes théoriques, a brisé les notions d'individu et la société travaillée par Simmel (2006) et Elias (1994), dans laquelle les caractéristiques individuelles sont aussi pertinents que le collectif, et qui sont dans un processus constant d'interaction. A utilisé le concept de l'adolescence en tant que concept n'est pas très répandue à un moment donné, ou comme une phase de transition, mais compte tenu de sa nature procédurale (Aries, 1981; Altmann, 2007; Featherstone, 1994; ABRAMO, 1997). La sexualité est analysée en fonction de l'approche constructiviste sociale (Vance, 1995 et SEMAINES, 2007), dans leur interaction avec la socialisation par l'apprentissage du sujet (Heilborn, 2004). Sur la base de la compréhension que l'activité sexuelle avec un partenaire, avec tout cet apprentissage, commence à l'adolescence, la compréhension parti que cette pratique doit être considéré comme un «marqueur» de cette phase de la vie sociale des individus (MEINERZ 2004), en tant que médiateur des relations sociales chez les jeunes (Brandão, 2009). La sexualité est aussi axé sur la théorie des scripts sexuels (GAGNON, 2006), qui relie les liens entre les comportements individuels et les influences sociales plus vastes.

Mots-clés: la sexualité des adolescents, les Sens

SUMÁRIO

	PRELÚDIO	p.11
	De tempos em tempos ou conversa interior de uma pesquisadora adulta com adolescentes	p.11
I	MODELANDO A PESQUISA: AS IDAS E VINDAS NUM CAMPO IMPREVISÍVEL.	
	Introdução	p. 16
1.1	Primeiros passos na construção do problema	p.17
1.2	- O contexto da pesquisa: Campina Grande	p.22
	Um breve panorama da cidade	
1.2.1	Alguns dados sobre a população e os adolescentes de Campina Grande:	p.23
1.3	Adquirindo uma nova postura metodológica	p.26
1.3.1	Observações preliminares: (des) embarçando as ideias antes de entrar em campo	p.27
1.3.2	O percurso da pesquisa e o contato com os formantes	p.32
1.3.2.1	Primeiros passos da pesquisa: a tentativa com os Grupos Focais (GF)	p.34
	a) Os encontros com os GF	p.37
	b) Entrevistas presenciais	p.38
	c) O diálogo pela internet: mudando o “rumo para a prosa”	p.40
1.3.3	Os sujeitos da pesquisa	p.43
1.3.4	Ligações delicadas	p.45
2	LADRILHANDO ALGUMAS ALTERNATIVAS TEÓRICAS	
	Introdução	p.49
2.1	Para uma sociologia dos adolescentes	p.54
2.2	O fluxo da vida: um espaço de experiências abertas	p.67
2.2.1	Sexualidade e Idades da Vida	p.73
3	OS SENTIDOS DO SER ADOLESCENTE E OS “PROCESSOS”	

	Introdução	p. 76
3.1	Adolescentes: “A flor da pele” sob “pressão”	p.76
3.2	Os adolescentes no “balanço” da <i>Rede</i>	p.94
3.2.1	Caindo na <i>Rede</i>: Os adolescentes e a internet	p.100
4	SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA: Os limites e as possibilidades da afetividade/sexualidade entre os pares:	
	Introdução	p.111
4.1	Algumas considerações sobre a categorização de gênero na elaboração dos comportamentos sexuais dos adolescentes	p.112
4.2	Adolescência e Sexualidade	p.118
4.3	Os discursos sobre temas/vivências sexuais	
	a) Tocando no assunto.	p. 128
	b) Contando o que (não) se faz	p. 144
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.178
	“Conflitos e Interesses”: impasses nos percursos sexuais adolescentes	
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 188
	ANEXOS	p. 200

PRELÚDIO

DE TEMPOS EM TEMPOS OU CONVERSA INTERIOR DE UMA PESQUISADORA ADULTA COM ADOLESCENTES.

*A qué vienes ahora, juventude,
encanto descarado de la vida?
Qué te trae a la playa?
Estábamos tranquilos los mayores
y tú vienes a herirnos, revivendo
los más temibles sueños imposibles,
tú vienes para hurgarnos las imaginaciones
(Jaime Gil de Biedma, Himno a la
juventud)*

O trabalho que aqui exponho, além de se incorporar à própria trajetória acadêmica, repercute a um tempo, ao meu tempo, ora distante, ora presente, pois no esforço de rememorar o que vivi (pelo menos nos limites da minha memória, já que, com o tempo muitas lembranças vão se perdendo no próprio tempo e espaço), muitas vezes vem à lembrança o momento com tamanha nitidez, que parece que o tempo não passou. Noutras vezes as imagens são tão vagas que fico a me perguntar se minha memória não está me traindo. De qualquer forma, esse é o momento do prazer, o que transpõe nosso olhar até os vividos mais distantes, e nesse esforço, outras tantas imagens, sentimentos invadem, reaparecendo do passado, como se fosse um filme em preto e branco, cujas cenas, muitas vezes mudas, vão surgindo, passando, cedendo lugar a outras. É isso: pesquisar adolescentes me levou à minha adolescência, olhando em alguns momentos como eu mesma e noutros como a pesquisadora.

Foi assim que me senti muitas vezes durante as entrevistas realizadas para a tese de doutorado que ora apresento. Em alguns momentos eu me via no lugar das meninas entrevistadas, como se aquiescesse com a sua opinião, como se entendesse e compactuasse com seus discursos. Noutras vezes, me vi com a sensação de querer me confrontar com elas e eles. Percebi que precisava ter um controle maior para que eu não

viesses a confundir o meu papel, e também entendi que minhas dúvidas eram cada vez maiores do que as possíveis certezas.

Voltei à lembrança muitas vezes de minha adolescência no início dos anos oitenta: era estudiosa, gostava de festinhas, tinha muitos amigos. Na verdade tinha mais amigos do que amigas. Houve uma época da minha adolescência que eu me vestia diferente, não tinha vaidade com roupas, sapatos, não me maquiava. Me achava muito feminina, porém não concordava que precisava andar arrumada para provar minha feminilidade. Era “antenada” em alguns assuntos e confusa em outros. Gostava de cantar, de dançar e namorar (depois das entrevistas acho que nas categorias atuais “fiquei” mais do que namorei). Tinha sonhos um pouco diferentes dos das minhas amigas, por exemplo, não estava nos meus planos casar e ter filhos (desejo muito comum à grande maioria das meninas daquela época). Ouvia muita música, gostava de ler e sempre tinha amigos por perto que tocavam violão. Tinha uma coisa que eu ansiava acima de qualquer outra, que só vim entender muito tempo depois, e que estava presente em todas as minhas atitudes, na escolha dos amigos, no relacionamento com a família, nos relacionamentos afetivos e em todas as outras escolhas que eu fazia: a liberdade. Lembro que minhas opiniões “chocavam” um pouco algumas pessoas, sobretudo sobre sexualidade. Muitas vezes discutia com colegas, amigos, adultos sobre homossexualidade, virgindade, aborto, entre outros temas, muitas vezes até sem um conhecimento mais apurado a respeito, mas com a convicção firme de que era preciso romper as barreiras da moralidade imperante em favor de atitudes mais liberais dos preconceitos. Afinal, o contexto de vida de minha adolescência foi ainda marcado pelos ecos longínquos de maio de 1968, que no Brasil tingiam-se de lutas pela redemocratização do país, mas também incorporavam a luta pela libertação de corpos e mentes.

A adolescência, portanto, não foi tratada, em nenhum momento, como um objeto de estudo exterior a mim, enquanto pesquisadora. Reconheci, a cada instante, a impossibilidade de agir com neutralidade, tendo em vista que, antes de tudo, eu estava me referindo a questões sobre a existência humana. Como bem afirmam Peres e Rosenberg (1998): “...estudar a Adolescência quer dizer assumirmos concretamente a necessidade de nos expormos, sabendo, de antemão, que o nosso olhar face ao nosso objeto estará marcado pelo significado de nossa experiência vivida e refletida.” (PERES e ROSENBERG, 1998, p.54)

E se pesquisar adolescente me levou, com frequência, de volta ao passado, o que dizer então do meu presente? Aqui tenho meus filhos. Não tive como não me deter no meu presente de mãe de um casal de adolescentes, repensando e reconhecendo atitudes deles e minhas a partir dos depoimentos dos adolescentes.

Hoje, trinta anos depois de ter saboreado minha adolescência (tempo recheado de medos, incertezas, dúvidas, coragem, vontades), me vejo no papel de pesquisadora, de entrevistadora, tentando desvendar um pouco da intimidade de jovens adolescentes, alguns conhecidos, outros filhos de conhecidos, outros estranhos. Embora não seja essa a intenção da pesquisa, há perguntas que não querem calar: será que esses adolescentes de hoje têm muitas ou poucas ou nenhuma semelhança comigo e com o meu grupo de amigos e colegas de trinta anos atrás? Confesso que em alguns momentos eu conseguia reconhecer nas suas falas uma familiaridade muito grande. Quando isso ocorria eu pensava: mas ainda é assim depois de tanto tempo? E por que não? Em outros momentos, contudo, sentia-os distantes de mim e de minhas experiências. E por que deveria ser diferente? Em maior ou menor grau, os adolescentes hoje têm celular, computador, internet, câmaras digitais, tevê a cabo, dvd, blu-ray, vão a Shoppings, viajam muito. Como isso tudo não afetar sua maneira de pensar, de agir, de sentir, de ser? E mais ainda, como posso me aproximar deles, se tanto nosso tempo como nossa idade parecem nos afastar definitivamente?

A tese que ora apresento é resultado dessas tensões: as tensões entre o que é comum à adolescência enquanto período da vida (e que, portanto, pode aproximar nossas experiências, as dos jovens e as minhas), e o que é específico da vivência de cada geração (a geração dos 1980, a minha, e aquela dos 2010, a deles). A tensão entre as teorias maiores sobre o adolescer e a juventude, em confronto com a experiência cotidiana de moças e rapazes que vivem esse período de vida na cidade de Campina Grande (Paraíba). O ângulo escolhido para abordar essa vivência é o da sexualidade, ponto nodal que articula diversas questões centrais para o processo de adolescer: a relação dos jovens com suas famílias de origem; as negociações em torno do acesso de terceiros aos seus corpos e o estabelecimento de novas privacidades; a construção de significados e performances de gênero através dos quais se processam as aproximações afetivas e eróticas. Importante em qualquer momento da vida, a sexualidade assume na adolescência, um destaque tanto discursivo como em termos de práticas sociais, sendo, deste modo, uma chave importante para a aproximação do universo adolescente.

Neste trabalho, tal aproximação foi feita a partir de um percurso investigativo de tipo qualitativo desenvolvido no período de agosto de 2010 a fevereiro de 2013. Nesse período, entrei em contato com 28 jovens, fazendo uso de uma variedade de técnicas de tipo qualitativo. O percurso da pesquisa, seus limites, estratégias e aprendizados, são descritos no Capítulo 1.

O segundo capítulo tem como objetivo elucidar as escolhas das matrizes teóricas que nortearam a escuta e a escrita do processo de elaboração desta tese. Esse foi o momento em que expus minha concepção de jovens adolescentes, como sujeitos sociais, que em dados momentos se incorporam ao seu grupo etário, numa busca de entendimento e pertencimento coletivo, e em outras ocasiões, enaltecem suas particularidades, que algumas vezes fogem dos padrões de idade estabelecidos e pré-dispostos socialmente. Auxiliada pela visão de Simmel e Elias, tomei como base os conceitos de indivíduo e sociedade. Com aquele, refleti sobre a condução pré-estabelecida dos comportamentos coletivos, e as singularidades existentes em cada um deles, o que vai depender do grau de aproximação do pesquisador com relação ao seu objeto, e sobre as formas de interação entre os indivíduos (por mais instáveis que sejam), que só ganham sentido quando pensadas no contexto do coletivo. Com Elias, tentei perceber que indivíduo e sociedade não são conceitos excludentes, que um só se define sociologicamente a partir do outro.

O terceiro capítulo tem como objetivo analisar a passagem entre a infância e a adolescência, destacando as experiências dos sujeitos pesquisados. Aqui, o que se caracteriza também como importante para entender os significados da adolescência para cada jovem pesquisado são as vertentes de saída da infância. Autores como Featherstone (1994), Souza (2004), Abramo (1997), Müller (2005), Franch (2010), Altmann (2007), Groppo (2000), Ariès (1981), entre outros, me esclareceram sobre o caráter processual dos cursos da vida, que só a partir de uma percepção de processo (onde cada um vive o seu), e não de recortes estáticos e padronizados, é que compreendemos criticamente e sociologicamente os sujeitos envolvidos nos grupos etários. Nesse momento destaquei a discussão sobre a relação entre os adolescentes e a Internet, tendo em vista que foi nesse espaço, principalmente, que realizei a minha pesquisa, a partir da concepção de que os adolescentes de hoje expressam e constroem suas subjetividades também nos ambientes da *Rede*. Admitindo ser necessário, para uma melhor compreensão da adolescência, um entendimento das teorias contemporâneas

sobre a idade de uma maneira geral, me debruço em uma rápida discussão do debate que norteia os estudos recentes sobre os adolescentes brasileiros.

O quarto capítulo tem como objetivo compreender os significados conferidos pelos adolescentes à sexualidade, de maneira generalizada, bem como as suas experiências sexuais/afetivas, com base no pressuposto de que a sexualidade tem uma grande importância na mediação das relações sociais entre os jovens, e que incide na juventude, marcadamente na sua primeira fase – a adolescência .

Finalizo com as considerações finais, onde exponho as reflexões e as inquietações resultantes deste trabalho, bem como as prováveis contribuições nos debates e futuras pesquisas cujo foco de interesse e discussão perpassasse as temáticas de sexualidade, adolescência e gênero.

CAPÍTULO I

1 - MODELANDO A PESQUISA: AS IDAS E VINDAS NUM CAMPO IMPREVISÍVEL

“Andar ao sabor das correntes envolve, não raras vezes, um grave perigo: o perigo de nos deixarmos arrastar por elas, de a elas nos acorrentarmos, como náufragos à deriva.”

(José Machado Pais, 1990)

Introdução

Em artigo publicado em 1986, e proferido inicialmente para uma plateia composta por “experts” em juventude (psicólogos, trabalhadores sociais etc.), Pierre Bourdieu nos alertava para a necessidade de realizarmos um tipo de sócioanálise quando nos propomos a estudar os jovens. O autor lembrava que há instituições que se ocupam dos jovens, profissionais que recebem para falar pelos jovens, no lugar dos jovens. Seus discursos põem em evidência certos aspectos da vivência juvenil e ocultam outros, além de contribuir para a ilusão de que os “jovens” constituem um grupo homogêneo, dotado dos mesmos interesses e usufruindo idênticas condições de inserção no mundo adulto. (BOURDIEU, 1986). Foi alertada por essas ideias que resolvi começar a descrição do processo da pesquisa com uma apresentação de minha trajetória para chegar à construção do objeto. Fazendo esta auto-sócioanálise espero poder situar o leitor sobre os motivos da minha escolha de pesquisa, ao passo que também elaboro um distanciamento em relação aos outros momentos em que lidei, não como pesquisadora, e sim como educadora social, com a temática que ora me ocupa.

1.1- Primeiros passos na construção do problema

Entendo que não há uma linearidade no processo de escolha e de construção de um objeto de pesquisa, mas fatores circunstanciais que permeiam a elaboração do tema que vai se compondo gradativamente no percurso acadêmico. É como uma colcha de retalhos, quando estes são escolhidos muitas vezes aleatoriamente e, mesmo assim, formam um equilíbrio de cores e de texturas, e outras vezes, não se encaixam quando misturados entre si. Podemos pensar, de maneira análoga, que no processo do conhecimento científico – o qual se projeta pelo conhecimento teórico e prático (através da pesquisa de campo) - os caminhos percorridos são incertos, contraditórios, disformes, porém em dado momento se desembaraçam formando um todo uniforme, coerente, indo em direção ao objeto pretendido.

Meu objeto de pesquisa diz respeito ao comportamento sexual dos jovens adolescentes (meninos e meninas), com base na análise de seus discursos. Mesmo tendo claro que vários aspectos configuram o universo adolescente, uns se sobrepondo aos outros, dependendo de fatores culturais, ambientais e sociais, além dos psicológicos, considero a sexualidade como um ponto decisivo, a partir do qual outras tantas questões comportamentais são construídas e vividas, tornando-se alvo do interesse do grupo.

Nas Ciências Sociais um assunto ou tema se torna relevante como objeto de intervenção científica quando ele possui importância do ponto de vista social e acadêmico. No caso desta pesquisa, além do destaque social e acadêmico - o que defenderei brevemente - este objeto foi construído ao longo das minhas experiências nas atividades de ensino e, sobretudo de extensão, como professora do curso de Ciências Sociais na UFCG.

A construção do meu objeto de pesquisa ocorreu gradualmente, sobretudo no decorrer dos anos nos quais estive coordenando projetos de extensão na UFCG, e em algumas atividades de ensino. Nas pesquisas que realizei durante minha formação acadêmica,¹ havia questões e problemáticas distintas que, de alguma forma, se

¹ Pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas, realizada na Paraíba e em Pernambuco nos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais –STR-, sob coordenação da professora do curso de Ciências Sociais da UFPB Paola Cappellin Giuliani, cujo título era: “SILENCIOSAS E COMBATIVAS: as contribuições das mulheres na estrutura sindical no Nordeste – 1976 – 1986.”. Ano: 1987; Pesquisa para a monografia de graduação do curso de Ciências Sociais/UFPB, sob orientação da professora Paola Cappellin Giuliani,

interligavam. A categoria de gênero foi destacada em todos os trabalhos de pesquisa e reflexões teóricas, embora com base em ponderações distintas e em contextos totalmente diferentes; a sexualidade só se tornou tema em evidência nos projetos de extensão, tendo em vista que meu interesse passou a se concentrar nos aspectos mais subjetivos da ação dos jovens, interligando-os a outros fenômenos sociais; a categoria de juventude, sobretudo a adolescência, também se tornou, progressivamente, relevante na medida em que eu ia me familiarizando com o tema da sexualidade.

No ano que ingressei na Universidade como professora do curso de Ciências Sociais (1994), tive oportunidade de ministrar a disciplina “Sociologia da Saúde” para o curso de Medicina². Na ocasião, no processo de reelaboração do programa da disciplina, optei por acrescentar o tema da AIDS, muito oportuno numa época em que se reproduziam mundialmente os casos de contaminação pelo vírus HIV, e, ao mesmo tempo, cresciam as incertezas e dúvidas sobre a doença, demandando esclarecimentos, discussões e debates em várias áreas do conhecimento. O tema foi abordado a partir de um embasamento teórico, sob uma perspectiva sociológica. Com essa expectativa, elaborei meu primeiro projeto de extensão em 1998: *“AIDS: uma problemática social”*. Tal projeto, sob minha coordenação, foi realizado em parceria com o Grupo de Apoio à Vida (GAV) – organização não governamental, fundada em 2004, cujo foco era o trabalho de prevenção e assistência aos portadores de HIV/AIDS. No nosso projeto de extensão, atuamos em diversos setores da sociedade campinense tais como: escolas públicas e particulares, empresas, entre outros, com a “divulgação, informação, discussão conjunta e interação de atividades práticas e iniciativas de outras parcerias, possibilitando um redimensionamento do problema pelo conjunto da sociedade” (OLIVEIRA, 1998, p.12)

Dois anos após os primeiros resultados do Projeto, renovamos nosso trabalho direcionando-o a outros setores, a exemplo das escolas públicas. O título do projeto nessa segunda fase, no ano de 2000, era: *“AIDS: uma problemática social – um trabalho de orientação sexual e de prevenção.”* No ano seguinte, formamos outras parcerias: com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e com a Prefeitura Municipal de Campina Grande, e com isso estendemos nossas atividades às creches públicas da cidade, e

cujo título era: “Confronto de perfis masculinos e femininos dos dirigentes sindicais na Paraíba: o caso das entidades dos STR do Alto Sertão.” Ano: 1988; Dissertação para o curso de Mestrado em Sociologia Rural da UFPB, sob a orientação da professora Glacy Gonzales Gorski Garcia, com o título: “A atuação das mulheres nos distintos espaços sociais: um estudo sobre o gênero.”. Ano: 1995.

² Disciplina optativa

acrescentamos um novo elemento de enfrentamento: prevenção ao uso de drogas. O título do projeto era “*Orientação sexual e prevenção ao uso de drogas nas escolas e creches públicas de Campina Grande-PB*”. Inovamos também nos procedimentos metodológicos. Nós da equipe coordenadora do projeto realizávamos encontros quinzenais com educadores das escolas públicas municipais. O último Projeto de Extensão que eu coordenei (2005-2006) tinha como título: “*Programa de Orientação Sexual: Universidade e Escola em parceria*”. Atuamos apenas numa escola pública municipal com adolescentes na faixa etária entre 10 e 15 anos.

No período de 2002 a 2009, numa das disciplinas que ministrei no último período do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, acompanhei os alunos concluintes na prática de ensino, realizada em algumas escolas públicas. Escolhi um dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – “Orientação Sexual” para, a partir dele, os alunos planejarem suas aulas experimentais, com base nas leituras e discussões em sala de aula. Os locais escolhidos para a prática docente, sob o meu acompanhamento, foram as escolas públicas, e o público-alvo eram alunos de faixa etária mínima de 12 anos. A grande maioria dos jovens alunos que participou de todas essas experiências tinha entre 13 e 17 anos.

Foram utilizados, tanto nas atividades de extensão quanto nas aulas ministradas pelos meus alunos, recursos didáticos diversos, sempre ressaltando a reflexão sobre as desigualdades nos papéis de gênero, em especial nos aspectos relacionados à sexualidade. Os adolescentes, de uma maneira geral, sempre se mostravam muito interessados, curiosos e ansiosos. Havia casos de jovens que saíam da sala ou aparentavam uma certa indiferença, com aquele ar de quem já sabe de tudo e não precisa discutir sobre o assunto. Essa atitude advinha, sobretudo, dos meninos. Já as meninas, em alguns casos, se intimidavam e recusavam a falar no assunto e, por isso ficavam fazendo outras atividades durante as nossas permanências nas salas de aula. Mas no geral, eles e elas demonstravam muita inquietação com o tema. Em algumas discussões, os meninos, sobretudo, evidenciavam um certo domínio no assunto (por exemplo, com relação à necessidade e o uso de métodos contraceptivos no ato sexual, e principalmente, à prática sexual propriamente dita), embora o grau e o nível de informação a respeito fossem bastante questionáveis. Noutras situações demonstravam uma confusão no entendimento de certas questões, como, por exemplo, com relação à própria gravidez. Por esse motivo, especialmente, é necessário destacar que a postura dos meninos em ressaltarem sua

preparação e “conhecimento de causa” suficiente a respeito das questões sexuais pode ser interpretada, em muitas ocasiões, como uma encenação pública de sua virilidade.

Foram muitos encontros com jovens de idade entre 12 e mais de 20 anos, em mais de 15 escolas públicas municipais e estaduais (algumas em outros municípios circunvizinhos, a exemplo da cidade de Esperança, Queimadas e Alagoa Nova). Não cabe, nesse momento, me estender nesse ponto, mas apenas referenciar essas experiências como precedentes importantes na conformação da minha escolha quanto aos principais sujeitos de minha pesquisa: os adolescentes.

Os resultados que obtivemos no trabalho de ensino e de extensão, ressaltando aqui especificamente, o interesse e curiosidade especial dos adolescentes pelo tema, e os tabus ainda evidentes nas suas atitudes, a despeito de se considerarem bem informados sobre sua sexualidade, instigaram a minha inquietação na busca de elementos mais significantes sobre tais práticas, bem como sobre como esses jovens interpretam a sua realidade.

Devo destacar que a minha participação nesses projetos e atividades acadêmicas tinha um propósito bem distinto do que foi construído ao longo das leituras, discussões e finalmente da pesquisa que redundou nesta tese. Naquelas ocasiões, eu agia com base num discurso pronto, previamente elaborado, para o qual os jovens adolescentes eram sujeitos vulneráveis, passivos diante das mudanças, sobretudo tecnológicas: nos meios de comunicação, na mídia, mas também em diversos âmbitos sociais, que acabavam por repercutir, muito diretamente, nas suas relações, comportamentos, e especialmente nos relacionados à sexualidade, favorecendo novas e diversas formas de relacionamentos mais abertos, instantâneos e íntimos, o que desencadeava em consequências inevitavelmente “desastrosas”, tanto para eles quanto para as famílias e para a sociedade como um todo.

Embora não compactuasse com as abordagens médicas e psicológicas que defendiam que essa vulnerabilidade ocorria por motivos naturais/biológicos/hormonais, mas sim por razões sociais e culturais, também não analisava a situação sob o ponto de vista dos adolescentes. Por essa razão, o objetivo era muito simples: a prevenção às DST/Aids, e posteriormente, ao uso de drogas ilícitas. Partia do princípio que as atitudes “de risco” a que a grande maioria dos jovens estava submetida se deviam à falta de um acompanhamento sistemático, com base em orientações, esclarecimentos, diálogo, atividades propostas dentro das escolas que fizessem parte dos componentes curriculares

da mesma forma que as matérias convencionais. Portanto, a minha posição era a de educadora social.

Essa postura começou a ser desconstruída tão logo iniciei novas leituras e discussões no doutorado em sociologia. A partir de então, as certezas que eu tinha quanto ao próprio entendimento sobre a adolescência, sobre sua sexualidade, enfim, sobre uma série de elementos e expressões relacionadas ao tema, se dissiparam, dando lugar a muitas dúvidas, muitas interrogações, o que me instigou a realizar aquilo que não tinha sido feito antes (e que por isso mesmo impossibilitava uma visão problematizada sobre o assunto): a pesquisa. A partir de então, necessitei mudar de posição, porque foi mudado o conceito, antes pré-conceito, foram alteradas as estratégias e foram modificados os propósitos. Mais adiante explanarei sobre esse ponto.

Muitas pesquisas sobre sexualidade na adolescência têm sido realizadas.³ Porém, a grande maioria delas tem se fixado nos grandes centros urbanos. Esse é um dos motivos pelos quais escolhi realizar a minha pesquisa em Campina Grande. Os pesquisadores da pesquisa GRAVAD⁴ (investigação mais recente de abrangência nacional sobre a sexualidade e adolescência), ressaltam essa pouca tradição de pesquisas sobre a temática nas localidades de pequeno e médio porte:

A fim de melhor apreender as especificidades desse segmento da população e compreender a penetração desigual dos valores da modernidade na sociedade brasileira, seria fundamental o desenvolvimento de novas pesquisas que contemplassem jovens residentes em municípios do interior do país e de pequeno e médio porte, além das regiões Norte e Centro-Oeste. (HEILBORN, 2006, p.412).

Evidente que a pesquisa citada tinha um foco e objetivos bem distintos,⁵ porém, no que tange aos sujeitos (adolescentes, embora as entrevistas tenham sido realizadas com jovens com mais idade, mas a problematização se referia a adolescentes) e à categoria principal (sexualidade), acredito ser bastante sugestiva e oportuna a ideia de procurar outros campos de investigação com realidades diferentes. Deste modo, acrescento, a seguir, uma breve caracterização do contexto estudado, para ajudar o leitor a situar melhor esta pesquisa.

³ Entre elas, cito: ALTMANN (2007); BRANDÃO e HEILBORN (2006); GARCIA (1992); PEREIRA (2002); MADEIRA (1997); ROSISTOLATO (2009); BRANDÃO (2009).

⁴ (Gravidez na Adolescência). Pesquisa realizada nas capitais brasileiras: Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre, no período de 1999 a 2002, com jovens de 18 a 24 anos, de ambos os sexos. (HEILBORN et al, 2006)

⁵ O objetivo principal era investigar os comportamentos sexuais e reprodutivos de jovens brasileiros numa perspectiva biográfica. (HEILBORN et al, 2006)

1.2- O contexto da pesquisa: Campina Grande

Um breve panorama da cidade

Campina Grande é uma das mais antigas cidades do interior do Estado da Paraíba⁶. A cidade localiza-se no interior do estado, no agreste paraibano, na parte oriental do Planalto da Borborema, na serra do Boturité/Bacamarte, que se estende do Piauí até a Bahia. Está a uma altitude média de 555 metros acima do nível do mar. A área do município abrange 594,182 km².⁷ Foi fundada em 1º de dezembro de 1697, tendo sido elevada à categoria de cidade em 11 de outubro de 1864.⁸ Foi primitivamente uma aldeia de índios Cariris. Situada entre o alto sertão e a zona litorânea, com terras favoráveis às culturas de mandioca, milho e outros cereais imprescindíveis à vida dos colonos, o aldeamento converteu-se em povoado bem-sucedido. Em 1790, transformou-se em vila com o nome Vila Nova da Rainha.

Em 1888, Campina Grande já era uma localidade bem populosa e próspera. Passava por ela a principal estrada que ligava os sertões paraibanos e rio-grandenses do norte às cidades da Paraíba e do Recife. O comércio já era bem intenso nessa época, já havia as feiras de gado e de gêneros alimentícios. Deduz-se que o nome de Campina Grande⁹ teve origem da topografia, plana, com muitas baraúnas, paus-d'arco, aroeiras, angicos e mulunguzeiros, que caracterizavam uma grande campina.

A Rede Ferroviária do Nordeste, a iluminação elétrica e o serviço de abastecimento de água foram fatores determinantes no salto do progresso local.¹⁰ Campina Grande passou a ser ponto obrigatório de ligação entre o litoral e os sertões, transformando-se em ponto comercial, principalmente de gado e farinha.¹¹

A cidade, considerada um dos principais polos industriais da Região Nordeste¹², mantém vivo o rico patrimônio representado pelas manifestações culturais e populares dessa região. A quadrilha junina, o pastoril, as danças folclóricas,

⁶ (Em www.ibge.gov.br. Acesso em 31/03/2013)

⁷ <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250400> Acesso em 18/08/2013

⁸ <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250400> Acesso em 18/08/2013

⁹ (Em www.citybrazil.com.br. Acesso em 31/03/2013)

¹⁰ (Em www.ibge.gov.br. Acesso em 31/03/2013)

¹¹ (Em www.citybrazil.com.br. Acesso em 31/03/2013)

¹² (Em http://pt.wikipedia.org/wiki/Portal:Campina_Grande Acesso em 31/03/2013)

o artesanato, etc., são alguns exemplos de revelações culturais populares que ainda sobrevivem na cidade. A cidade sempre teve papel de destaque como disseminadora da arte, destacando artistas radicados na cultura popular nordestina, como os “cantadores de viola”, “emboladores de coco”, poetas populares. Alguns eventos que se realizam na cidade contribuem para a preservação da cultura regional, tais como: “O Maior São João do Mundo”, o Festival de Violeiros, “Canta Nordeste”, as vaquejadas.¹³

Na época do carnaval, promove o Encontro da Consciência Cristã – um dos maiores congressos de apologia cristã do mundo e o Encontro da Nova Consciência – um encontro ecumênico. Outra atividade cultural que também é tradição da cidade é o Festival de Inverno.

A cidade foi indicada pelo jornal a Gazeta Mercantil, como a cidade mais dinâmica do nordeste e a sexta mais dinâmica do Brasil. Entre os municípios paraibanos, Campina Grande tem o segundo maior PIB (depois de João Pessoa), representando 13,63% do total das riquezas produzidas na Paraíba.¹⁴

Campina Grande é conhecida como cidade universitária, por ter no seu quadro duas universidades públicas – a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – e algumas escolas particulares de ensino superior, além do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB - Campus Campina Grande. São quatorze (14) instituições de ensino superior particulares. Além do IFPB, que oferece cursos técnicos, há mais três instituições de ensino profissionalizante em nível médio: o SESI, o SENAI e a Escola Técnica Redentorista.¹⁵

1.2.1- Alguns dados sobre a população e os adolescentes de Campina Grande:

No quadro abaixo, são apresentados alguns dados da população campinense

¹³ idem

¹⁴ idem

¹⁵ idem

Quadro 1
Dados da população de Campina Grande:

População (2010)	385.213
Área de Unidade territorial (km)	594,182
Densidade demográfica	648,31
(hab/km)	20.585
15 a 17 anos	
Pop. Residente que frequentava creche ou escola:	17.836
15 a 17 anos	
Pop. Residente que nunca frequentou creche ou esc.	96

FONTE: (<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=250400&idtema=105> Acesso em 31/03/2013)

Conforme os dados sobre Nupcialidade e Fecundidade do Censo 2010, divulgados em novembro de 2012¹⁶, na Paraíba existem 58.742 habitantes com menos de 18 anos de idade e que já estão casados ou vivendo junto com os namorados. Desses, 2.684 têm entre 10 e 14 anos de idade, dos quais 386 estão oficialmente casados, e 26 já se separaram ou se divorciaram.

É interessante destacar algumas informações referentes aos adolescentes paraibanos, especificamente no que tange aos índices de violência registrados por alguns órgãos nacionais, em específico, a violência sexual e/ou de gênero. Sobre os quantitativos registrados pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde – SINAN -, no que diz respeito aos casos de violência na Paraíba, com base no atendimento feito pelo SUS,¹⁷ no Ordenamento dos 100 municípios com 20 mil crianças e adolescentes ou mais com as maiores taxas de homicídio (em 100 mil) Brasil 2010, João Pessoa está posicionada no 10º lugar, 3º lugar no nordeste, e Campina Grande está no 47º lugar.

¹⁶ FERREIRA, N. Relação conjugal prematura. Jornal da Paraíba, Campina Grande, p.3. 4 nov. 2012

¹⁷ (Em <http://mapadaviolencia.org.br/mapa2012.php> Acesso em 02/04/2013)

Com relação a crimes violentos, dois tipos deles põem em destaque a posição da Paraíba: os crimes de homofobia e os assassinatos de mulheres. Quanto aos crimes de homofobia, que já vem crescendo assustadoramente em todo o Nordeste, a Paraíba está colocada como o estado mais homofóbico do Brasil.¹⁸ Quanto aos assassinatos de mulheres, segundo dados oficiais do Mapa da Violência 2012 (MJ/Instituto Sangari), a Paraíba está entre os mais violentos no ranking nacional de mulheres assassinadas, com uma taxa de 6 mortes para cada 100 mil habitantes.

A Secretaria de Estado de Segurança e Defesa Social (SEDS/PB) revela 80 assassinatos de mulheres no primeiro semestre de 2012. Destes, 32% são relacionados à violência doméstica e sexual; 31% ao envolvimento com drogas; 18% a definir; e os demais relacionados a outras causas, como latrocínio e vingança.¹⁹ Neste ano de 2013, em apenas dois meses, 113 mulheres foram assassinadas no estado.²⁰

No estudo “Adolescência e sexualidade: vulnerabilidade às DSTs, HIV/Aids e a gravidez em adolescentes paraibanos”, realizado pela pesquisadora Karla Ribeiro (doutoranda em Psicologia Social pela UFPB), foi realizada uma pesquisa com 8.741 jovens paraibanos entre 12 e 20 anos de idade (5.388 meninas e 3.357 garotos), em 37 cidades de grande, médio e pequeno porte, além da Zona Rural. Segundo dados da pesquisa, 79,2% deles tiveram a primeira experiência sexual antes dos 18 anos. Entre as meninas entrevistadas, 36,4% já se iniciaram sexualmente com parceiro, e quanto aos meninos, os índices de iniciação sexual com parceira sobem para 63,6%.²¹

No mesmo ano (2010) foi divulgada uma matéria no mesmo jornal (Correio da Paraíba)²² sobre as primeiras experiências sexuais dos garotos paraibanos. Segundo a Psicoterapeuta especialista em sexualidade, Regina Navarro, de acordo com a pesquisa “Descobrimento Sexual do Brasil”, realizada em todo o país, a primeira relação sexual dos homens ocorre em média aos 15 anos de idade, média também análoga para as mulheres. Porém, na Paraíba essa média cai no caso dos garotos. “Segundo os índices divulgados pelo ‘Pense’, realizado pelo IBGE no início desse ano, 74% dos adolescentes paraibanos que já tiveram a primeira experiência sexual são homens, o que

¹⁸ (Em <http://joaesocorro.wordpress.com/2012/07/14/paraiba-e-o-estado-mais-homofobico-do-brasil-e-lidera-numero-de-mortes-de-gays-no-nordeste/> Acesso em 02/04/2013)

¹⁹ (Em www.violenciacontramulher.pb.gov.br Acesso em 03/04/2013)

²⁰ (Em <http://montanhasrn.wordpress.com/2013/03/05/numeros-alarmantes-113-mulheres-foram-assassinadas-em-apenas-dois-meses-na-pb/> Acesso em 03/04/2013)

²¹ RICARTE, R. Virgindade. 79,2% dos paraibanos perdem antes dos 18 anos. Correio da Paraíba, João Pessoa, p. H5. 23 mai.2010.

²² RICARTE, R. A primeira vez dos garotos.... Correio da Paraíba, João Pessoa, p.H1. 18 jul.2010

coloca o Estado 4% à frente da média nacional. O estudo foi feito com jovens estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental das redes pública e particular nas capitais.”

Segundo matéria divulgada por um jornal local²³, no ano de 2009 foram notificadas 353 gestações em adolescentes em Campina Grande. Foram registrados pelos Conselhos Tutelares casos de abuso e exploração sexual, e que, segundo esses Conselhos, esse número vem progressivamente aumentando. Entre 2001 e 2010, foram constatados 268 casos de abuso sexual e 118 casos de exploração sexual, que ocorrem, principalmente, nas residências das vítimas ou em outros locais como postos de combustível.

Foi nesse universo de pesquisa, de destaque econômico, social e cultural no estado da paraíba, “temperado” com festividades e com ocorrências de casos de violência com índices importantes de evidência nacional, que realizei minha pesquisa, que selecionei meus informantes.

1.3- Adquirindo uma nova postura metodológica

Pesquisar é um ofício que demanda do pesquisador uma postura atenta, aberta, aventureira e modelável com relação aos fenômenos/sujeitos pesquisados. E em se tratando, sobretudo, de uma pesquisa que valoriza, principalmente, os aspectos subjetivos (como é o caso da minha pesquisa), essa atitude se torna essencial. A pesquisa com adolescentes me rendeu muitas idas e vindas, revisões, reflexões, questionamentos, sobretudo com relação ao meu papel de pesquisadora, bem mais complexo do que, por exemplo, a posição de educadora social (nos projetos de extensão, nas salas de aula da Prática de Ensino, quando trabalhei pela primeira vez com adolescentes, como foi citado anteriormente), que, com base num discurso “pronto” sobre prevenção, intervia em defesa da saúde sexual, do bem-estar e da conscientização dos adolescentes. Nessa lógica, toda uma programação era estruturada e sistematizada (com começo, meio e fim) com base na qual cumpria-se a proposta traçada, que consistia na elaboração de meios eficazes de prevenção das DSTs/Aids e da utilização de drogas ilícitas.

²³ (Em <http://diariodobrejo.com/o-desafio-de-uma-gravidez-precoce/> Acesso em 03/04/2013)

1.3.1- Observações preliminares: (des) embarçando as ideias antes de entrar em campo

Em se tratando desta tese, a minha posição sofreu grandes alterações, mesmo porque tive que me desfazer dos (pre) conceitos que me acompanhavam desde que eu havia iniciado com os estudos sobre/com adolescentes. Tive que “desarrumar” as concepções formadas aprioristicamente, pois fui aprendendo a lidar de verdade com o que eu já entendia que deveria ser estranhado. Para entender o que se passava no universo dos adolescentes eu precisava me desfazer do que eu (pre) concebia sobre a adolescência, do que eu imaginava sobre suas necessidades, seus desejos, seus anseios, e especificamente, sobre suas vivências e expectativas sexuais (já que escolhi enveredar pelo campo da sexualidade).

Considero que em qualquer tipo de pesquisa, é de suma importância que o(a) pesquisador(a) estabeleça a postura do estranhamento. Partindo desse exercício, “é possível compreender melhor nós mesmos e nossa cultura, com seus discursos e práticas, auxiliando a construção de um olhar mais crítico sobre a nossa sociedade.” (GOLDENBERG. 2006, p.560)

Acontece que essa atitude na verdade apenas minimiza nossas impressões, porque acredito que é impossível eliminá-las por completo. Quando tratamos do tema sexualidade, por exemplo, essa impossibilidade se nos apresenta com total evidência: que pesquisador afirmaria que nunca teve nem tem nenhum conhecimento e/ou experiência, por menor e por mais superficial que seja nessa área? Principalmente porque o termo não significa, no meu entendimento, apenas o ato sexual em si, mas envolve outras tantas experiências e práticas cotidianas.

O conhecimento sociológico, na tentativa de se aproximar mais e melhor da realidade que pretende conhecer, foge das generalizações, das sínteses muitas vezes arbitrárias, do “lugar comum”, e busca, ao invés disso, a complexidade, as singularidades, a análise propriamente dita, sem com isso enveredar no campo pessoal, individual. Sobre esse tipo de conhecimento Simmel afirma:

o conhecimento precisa ser compreendido segundo um princípio estrutural totalmente diferente, segundo um princípio que, partindo do complexo de fenômenos que aparentemente constitui uma unidade, dele retire um grande número de variados objetos de conhecimento específicos – com especificidades que não impeçam o reconhecimento desses objetos de maneira definitiva e unitária. (2006, p. 13).

O autor aqui está se referindo ao conhecimento da sociedade. Portanto essa atitude deve valer para quaisquer fenômenos sociais. Ele chama a atenção para as formas de se conhecer ou se aproximar do objeto que se quer conhecer e, conseqüentemente, interpretá-lo. Ele diz: “A diferença existente é somente aquela que se dá entre os diversos propósitos de conhecimento, os quais correspondem a diferentes posições de distanciamento” (SIMMEL, 2006, p. 14).

Portanto, considerando que o que importa, sobretudo, na minha pesquisa é como os adolescentes significam sua sexualidade, entendo que, seguindo a lógica de Simmel sobre o propósito do conhecimento, a ideia é manter a proximidade necessária para desvendar as características singulares nos discursos e comportamentos dos sujeitos.

Considero que certas visões homogeneizadoras sobre a sexualidade e sobre a própria adolescência devem ser repensadas, no intuito de desvendar o processo de construção social de tais categorias. Há uma certa tendência à estigmatização, ou à, no mínimo, passividade e não questionamento sobre os comportamentos sexuais de jovens. Essa postura não crítica normalmente desconsidera os aspectos subjetivos dos atores sociais, as relações de gênero, as redes sociais etc. com base na previsão, num juízo de valor formado, a partir do qual são construídos e alimentados os vários preconceitos que se reproduzem no senso comum.

O que busquei desvendar, nos discursos dos jovens, e que normalmente não é percebido objetivamente, estatisticamente, são os significados subjetivos das práticas vivenciadas pelos jovens, expressos nas suas falas, nos seus gestos, e também nos seus silêncios. Seguindo a linha de enfoque sócio construtivista da sexualidade (Weeks, 2007), na adolescência destaco a subjetividade dos atores sociais, as relações de gênero que desencadeiam e que, ao mesmo tempo são desencadeadas na vivência adolescente. Sobre esse ponto Murilo P. da Mota (1998, p. 149) afirma: “Entendemos que uma abordagem que trata da sexualidade e busca o entendimento da sua construção deve apoiar-se no pressuposto de que a maior relevância se concentra nos aspectos subjetivos da ação social.”

Nesse sentido, a riqueza dos dados qualitativos é indiscutível, tendo em vista que nas falas juvenis, nos seus jeitos, nos seus silêncios, se espelham todo um conjunto de sentimentos e de saberes que se impõem como uma maneira singular, muitas vezes até contraditória, de expressar suas experiências e/ou o que idealizam que são. As múltiplas conformações existentes são ricas exatamente pela sua diversidade e particularidade, e que expressam precisamente a heterogeneidade da realidade social. “A “sociedade” é um conceito abstrato, mas cada um dos incontáveis agrupamentos e configurações englobados em tal conceito é um objeto a ser investigado e digno de ser pesquisado, e de maneira alguma podem ser constituídos pela particularidade das formas individuais de existência.” (SIMMEL, 2006, p.11).

Por outro lado, a totalidade dos fenômenos sociais torna-se compreensível quanto mais nos adentramos na análise dos problemas mais específicos e singulares. Nesse sentido, só através das pesquisas qualitativas, que expandem o limite compreensivo a partir do próprio sujeito e de seus espaços, é que nos é permitido “maior aprofundamento analítico das cotidianidades adolescentes e juvenis, para, a partir daí, promover a interlocução e interpelação aos contextos e estruturas sociais, como também às instituições sociais” (LEÓN, 2005, p.10).

No que tange à sexualidade, há uma singularidade que se destaca diante de outros fenômenos e que, por isso mesmo, justifica ainda mais uma abordagem qualitativa na coleta dos dados: é uma experiência que envolve segredos, tabus, medos, dúvidas, erotismo, desejos, culpa, enfim, uma série de sentimentos contraditórios, que, na maioria das vezes não se conciliam com reações racionais e objetivas dos sujeitos no que diz respeito às atitudes, expressões e opiniões sobre o assunto. Por esse motivo, as pesquisas sobre o tema da sexualidade são cheias de dificuldades, sobretudo quando se limitam à ordem do discurso. Não se tem ao certo até que ponto os sujeitos pesquisados falam a verdade sobre suas experiências sexuais no momento em que são interrogadas pelo pesquisador.²⁴

A fala sobre o sexo está encoberta por sombras que envolvem fatos nunca ou pouco ditos, ou ditos de maneira a enganar os ouvidos do observador, do entrevistador, do ouvinte. Explicitam não apenas que os sujeitos idealizam que são e como se percebem, como também estabelecem uma demarcação entre o lícito e o ilícito, o público e o privado, o aprovado e o reprovado, o cumprimento da lei ou sua transgressão. (MOTA, 1998.p.149).

²⁴ Giddens, 2005

E, nesse sentido, é interessante identificar se os adolescentes têm em comum os mesmos significados sobre a sexualidade, e, caso tenham ou não, que razões predispoem os mesmos a determinadas atitudes.

Estamos buscando o evidente, o que se apresenta como real, palpável, ou tentamos desvendar o que está implícito, transfigurado, travestido? A primeira opção seria, de fato, mais simples, objetiva, cômoda, embora nos garantisse menor veracidade dos fatos, tendo em vista que as teias complexas de relações quase sempre não se apresentam visíveis, não são de fácil acesso. Muito pelo contrário, muitas vezes é imprescindível que exorcizemos os fatos, que busquemos o não dito, o invisível, que pode se encontrar nos pequenos detalhes, nos pequenos gestos, nas expressões menos aparentes. Pesquisadores que trabalham com análise de discursos sabem bem o que é isso. Muito do que é dito não é o que se pretende dizer, ou é o que se pretende que se acredite. Além do mais, quando se trata de gênero, sua lógica está também subordinada a contextos distintos.

Através de seus depoimentos, analiso os traços socioculturais que apontam suas experiências como adolescentes. “Os depoimentos juvenis só se tornam inteligíveis ao se ter claro as concepções de mundo, os valores, as trajetórias de vida que lhes dão sentido e o modo como se atualizam e são engendradas em diferentes contextos sociais” (HEILBORN, 2006, p.85). E os seus discursos me possibilitaram compreender os aspectos relativos aos valores e indicadores que confirmam e prescrevem sua sexualidade.

A metodologia qualitativa, como entendo, é aberta, ou seja, respeita a complexidade do objeto, tomando-o como fator-guia para a elaboração do método. Por outro lado, tenho claro que eu, enquanto pesquisadora, levo a campo o meu conhecimento e as experiências que trago a minha trajetória acadêmica e de vida. Além do que, a representação que tenho do meu objeto de pesquisa, bem como a forma como interpretarei e encaminharei a pesquisa e os dados pesquisados, também constituirão parte integrante do processo de conhecimento. Como discorre Arruda (2002): “O sujeito do conhecimento é ativo e criativo, e não uma tabula rasa que recebe passivamente o que o mundo lhe oferece, como se a divisória entre ele e a realidade fosse um corte bem traçado” (ARRUDA, 2002, p. 134).

Tendo em vista que me apoiei, sobretudo, nas falas dos sujeitos participantes de uma determinada realidade, e que se relacionam em suas práticas, o objeto em si foi o que direcionou minha investigação. Compreender os significados

atribuídos pelos jovens adolescentes à sua condição adolescente e à sexualidade (seu comportamento e os dos outros do mesmo grupo etário) tendo em vista que nas representações de si que constroem nos seus discursos e práticas, acabam por estabelecer, ao mesmo tempo, o seu espaço e o seu lugar no grupo; compreender a heterogeneidade da categoria com base nas relações de gênero, nas condições socioculturais da família; conceber as diferenças existentes no seu meio e como essa realidade interage com a sua condição adolescente, partindo do pressuposto de que o comportamento dos jovens não reproduz de forma absoluta as determinações e regras pré-concebidas (sobretudo na sociedade contemporânea), mas que tem uma capacidade transformadora; atentar para outros elementos que eles põem em destaque no seu cotidiano, que podem ser significantes na formação de sua sexualidade. Esses procedimentos foram apreciados no decorrer da minha pesquisa (BRANDÃO e HEILBORN, 2006; ALTMANN, 2007).

Outra ressalva que considero importante, é que a aproximação com o meu objeto de estudo não está sendo refratária às dificuldades, especialmente pela disparidade etária entre eu e meus informantes. Tanto de minha parte, como pesquisadora, quanto do lado dos adolescentes, existe um certo silêncio que grita em permanecer entre nós. Me parece que isso se deve, em parte, à propriedade do tema, ao fato de eu lembrar que já tive aquela idade, e relembrar, calada, das minhas próprias experiências. E, do lado deles, acredito que eles me veem, em certos momentos, como uma mãe indagando seus filhos, e noutras vezes como uma adulta com suas inquições precedidas de julgamentos de valor moralistas. Por mais que tentemos alcançar, o mais fielmente possível, a realidade extraída do discurso ou expressa nos movimentos e atitudes dos jovens, jamais conseguiremos essa façanha. O que, no máximo, podemos obter é uma leitura, uma interpretação o mais possível isenta de juízos de valor.

No esforço de conjugar minha metodologia com o ponto de vista teórico adotado, procurei me colocar no universo de pesquisa, focando duas dimensões: o objeto em si e os sentidos que os atores conferem a ele. A definição dos sujeitos sobre seus comportamentos sexuais, bem como sobre a sexualidade em si, sinaliza a forma como essa realidade é vivenciada e significada, mas também aponta o contexto em que esses sujeitos estão inseridos. Na perspectiva de Giddens (1989), os indivíduos devem ser compreendidos como *agentes* sociais, e isso é um grande diferenciador na definição dos métodos a serem utilizados na pesquisa. Nesse sentido, foi imprescindível definir quais seriam os atores pesquisados, e então, deparei-me com a seguinte problemática:

sendo a adolescência uma categoria social, cada sociedade pode adotar seu conceito, com base no qual se define que faixa etária corresponde a tal conceito. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece a adolescência entre os 10 e os 19 anos de idade, e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990) avalia como adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos. Entretanto, para fins de pesquisa, assumi um recorte etário que me pareceu oportuno: adolescentes na faixa etária entre 14 e 17 anos, considerando que se eu optasse por uma das determinações citadas, a distância etária dentro do grupo ficaria muito grande, podendo desequilibrar os dados obtidos.

1.3.2- O percurso da pesquisa e o contato com os informantes

Tomei como base os discursos dos adolescentes sobre suas práticas sexuais, com fundamento numa reflexão de gênero. Selecionei adolescentes, e não jovens como um todo, entre outros motivos, devido à amplitude da categoria juventude, que tanto inclui jovens no início da adolescência (12/13 anos) quanto jovens já no início da maturidade (24 a 29 anos).²⁵ Por outro lado, os adolescentes têm sido muito visados em relação a sua sexualidade, sobretudo do ponto de vista do discurso biomédico e psicológico, com pouca influência do referencial sociológico. Nesse sentido, há uma associação entre as mudanças físicas/hormonais que correm no período da puberdade e o despertar da sexualidade. Mônica Franch (2010) afirma:

A própria definição desse processo da vida está, para a medicina e a psicologia, intrinsecamente ligada às questões sexuais, sendo comum assimilar o início da adolescência à puberdade física, isto é, à maturação dos órgãos sexuais e à suposta “revolução hormonal” decorrente desse processo, que acarretaria o despertar do interesse sexual dos adolescentes e jovens. (p.32)

Como sabemos, é necessário que a abordagem sociológica dê conta dos aspectos subjetivos e singulares dos adolescentes, problematizando os comportamentos

²⁵ “Ser ou não ser considerado jovem depende de circunstâncias históricas determinadas, como é o caso, por exemplo, de algumas estatísticas de países europeus na atualidade, que consideram jovens os indivíduos que possuem até 29 anos. Essa designação, ultrapassando a faixa etária habitual, decorre tanto do prolongamento da escolaridade nas sociedades avançadas, como do aumento do período de convivência como o grupo familiar de origem.” (SPOSITO, 2007, p. 98)

que se apresentam como sendo homogêneos e generalizados, considerados como naturais, associados às mudanças biológicas nessa fase da vida humana.

Há vários e diferentes caminhos que se pode percorrer em busca dos sujeitos pesquisados. A via ou as vias escolhidas serão responsáveis pelas muitas perguntas feitas, como também pelas respostas possivelmente encontradas.

Buscar os adolescentes que eu pretendia, poderia ser uma tarefa simples (e assim imaginei que fosse) ou não. Se eu já tinha em mente que a pesquisa seria realizada em Campina Grande, e que tinha como foco principal a sexualidade na adolescência, eu poderia pensar em várias possibilidades de como me aproximar dos jovens. Além do local da pesquisa e da faixa etária que era do meu interesse pesquisar, eu tinha me decidido sobre o tipo de pesquisa que eu deveria realizar: a pesquisa qualitativa, pois eu pretendia me aproximar dos adolescentes, ouvi-los e observá-los em circunstâncias que me fossem viáveis. Mas como me aproximar deles? Qual a perspectiva metodológica mais conveniente eu deveria utilizar? Observar como? Onde? O que? Como escutar? Trabalhar com entrevistas? Aplicar questionários? Foram várias perguntas que me fiz antes de iniciar a pesquisa. Algumas tentativas foram iniciadas, umas com sucesso, outras nem tanto.

De início pensei em conjugar algumas técnicas de pesquisa, entre elas a observação. Pensei em começar por observar os jovens em espaços fechados, tendo em vista que do contrário eu teria muitas dificuldades de selecionar os adolescentes e acompanhá-los com uma certa sistematicidade. Nesse sentido, a primeira ideia que tive foi procurar por grupos de adolescentes nas escolas públicas e particulares, motivada, em princípio, pelas experiências que já tinha adquirido em outras ocasiões (que já comentei anteriormente), e também por acreditar que o acesso aos informantes pela porta da escola seria facilitado pela direção/coordenação das escolas. Além do mais, eu tinha a certeza de que nas escolas eu poderia traçar um plano metodológico junto aos meus informantes, pois eu tinha a garantia de lá encontrá-los sempre que fosse necessário.

Um aspecto importante de ser ressaltado é que, quando pensei em pesquisar os sujeitos nas escolas públicas e particulares, tinha em mente uma outra questão: pretendia comparar adolescentes de camadas populares e de camadas médias no que tange aos seus comportamentos sexuais. As escolas públicas e as escolas particulares seriam, portanto, os demarcadores entre os dois grupos. No entanto, tendo em vista a

resistência imposta pelas escolas particulares (aspecto que será detalhado no item a seguir), abri mão da análise comparativa entre os grupos de adolescentes.

Pensei em observar os atores em sala de aula e nos intervalos entre as aulas. Com isso eu esperava identificar sinais, situações que exprimissem uma realidade vivenciada pelos meninos e meninas no que se refere aos comportamentos sexuais. Porém, eu já previa que seria muito difícil realizar as observações diretas sobre práticas, ações e atuações sexuais, situação que impõe muitos limites de antemão, sobretudo por se tratar de momentos de intimidade, de situações que pudessem constranger e inibir os adolescentes, principalmente por eu ser adulta e estranha ao grupo.

Pensei também em observar os adolescentes no Shopping Center da cidade, lugar bastante frequentado por adolescentes. As perguntas que eu me fazia antes de começar a observar era: o que e como observar? Eu deveria me aproximar deles? Deveria falar pra eles sobre o meu papel de pesquisadora ou tentaria ocultar minhas intenções, observando-os de longe, me misturando com outras pessoas?

Foi pensando e repensando nas ideias que surgiam que resolvi ouvir os adolescentes, inclusive sobre qual seria o percurso mais viável, naquela situação, para mim e para eles principalmente. E com isso, outras técnicas foram postas em ação. E a partir das novas táticas que foram sendo construídas, repensei também sobre o que mais me interessava perceber ou descobrir. Nesse sentido, parti para outras estratégias de aproximação e de conhecimento da vivência sexual dos jovens.

1.3.2.1 - Primeiros passos da pesquisa: a tentativa com os Grupos Focais (GF)

Como já foi dito, em princípio, eu tinha planejado iniciar as atividades da pesquisa no interior das escolas (de preferência uma pública e outra particular, o que me possibilitaria um diálogo com dois grupos de adolescentes de camadas sociais diferentes). Nesse sentido, me reuni com as coordenações de algumas escolas particulares e de uma escola pública, quando apresentei o projeto com os respectivos objetivos. Providenciei, na oportunidade, um documento com a assinatura do meu orientador e do coordenador do PPGS, respaldando meu objeto de pesquisa, que foi entregue às escolas visitadas. Apesar do reconhecimento unânime sobre a importância do tema, nenhuma das escolas particulares permitiu que eu me reunisse com os estudantes no interior das

escolas. Alegaram, entre outras coisas, que, por não ser uma atividade proposta pela escola, não deveria ser realizada nela, e também porque os pais não entenderiam tal procedimento. Na escola pública não houve nenhum obstáculo por parte da direção para que a pesquisa fosse realizada, porém não foi disponibilizada nenhuma sala para que eu pudesse iniciar meus contatos com os informantes. Várias hipóteses poderiam ser levantadas a respeito da indisposição das escolas no que tange à pesquisa sobre sexualidade com os seus estudantes adolescentes. Apesar de este não ser meu objeto de interesse, posso apenas adiantar algumas primeiras reflexões a respeito, que podem até contribuir para possíveis estudos futuros.

As escolas, quando dificultaram e até, algumas vezes, impediram uma aproximação mais direta com os jovens adolescentes para envolvê-los na pesquisa sobre sexualidade, podem ter, propositadamente, pretendido repreender/controlar seus alunos, embora através de um discurso “pedagogicamente correto”. Negando, através do silêncio ou da proibição, a escola por sua vez, afirma seu poder de controle, de persuasão, de imposição. Foucault (1988) destaca essa ambiguidade no discurso da escola, da família, da medicina, como “instâncias reguladoras” que adotam esse jogo de negar e afirmar, ao mesmo tempo, de mostrar e de esconder. Trazendo para os dias atuais, nas escolas os espaços de salas de aula, recreação, práticas esportivas etc. são organizados e funcionam com base nesses princípios. Neles, os encontros, os diálogos, as interações coexistem sob a vigilância e fiscalização de tais condutas, o tempo todo.

Portanto, a estratégia principal utilizada pela escola, mas também pela família e outras instituições, é o silêncio. Só que esse é um silêncio que fala, muitas vezes mais do que outras atitudes. Segundo Foucault, o silêncio não é, necessariamente, o oposto da fala.

O próprio mutismo, aquilo que se recusa dizer ou que se proíbe mencionar, a discrição exigida entre certos locutores não constitui propriamente o limite absoluto do discurso, ou seja, a outra face de que estaria além de uma fronteira rigorosa, mas, sobretudo, os elementos que funcionam ao lado de (com e em relação a) coisas distintas nas estratégias de conjunto. (1988, p. 30)

A aproximação com os jovens adolescentes era imprescindível. Eu precisava ouvi-los, apresentar o meu projeto, expor as dificuldades para, junto com eles, traçarmos uma estratégia metodológica. Eu pensava em realizar entrevistas, e para isso pretendia selecionar um grupo pequeno. Porém, antes de qualquer passo, eu precisava

me encontrar com eles, interagir com eles, discutir meu projeto com eles, saber sobre suas opiniões sobre o mesmo, sentir o “clima” junto com eles. Por isso planejei trabalhar com Grupo Focal (GF), um instrumento cuja

principal característica reside no fato de ela trabalhar com a reflexão expressa através da ‘fala’ dos participantes, permitindo que eles apresentem, simultaneamente, seus conceitos, impressões e concepções sobre determinado tema. Em decorrência, as informações produzidas ou aprofundadas são de cunho essencialmente qualitativo. (NETO et al 2002, p.5)²⁶

Eu não tinha experiências anteriores com essa técnica com GF. Tinha utilizado entrevistas semiestruturadas e abertas, além de discussões em grupo como técnicas empregadas em pesquisas qualitativas. Com base nessas experiências, bem como a partir do conhecimento sobre trabalhos que tinham sido realizados sob essa perspectiva metodológica (CASTRO e ABRAMOVAY, 2002; SALLAS e BEGA, 2006; WELLER, 2006; HASSEN, 2002; PAULO, 2010), resolvi iniciar minha pesquisa de campo através de tal procedimento.

Essa técnica de entrevista não é recente. De origem anglo-saxônica, teve início nas pesquisas de *marketing* no período pós-guerra por pesquisadores renomados, tendo como um dos elementos de destaque o debate em grupos (WELLER, 2006)²⁷. A técnica do GF permite a identificação e o levantamento de opiniões a respeito do grupo em tempo mais ágil, com a realização de encontros com vários participantes (de seis a vinte ou mais, conforme a necessidade da pesquisa), onde o confronto de ideias, bem como o consentimento das mesmas são práticas que devem ser estimuladas, no sentido de permitir o conhecimento mais apurado sobre o pensamento, as expectativas, as representações sociais do grupo (HASSEN, 2002)²⁸.

A interferência de pontos de vista deve ser uma prática comum e estimulada, ao contrário de outros tipos de falas apenas descritivas, expositivas. Os autores Neto et al. (2002) propõem a utilização de dois procedimentos: conservar os mesmos temas e substituir os participantes (compor vários GF); ou manter os mesmos membros, num só GF, acrescentando outros temas e aprofundando-os. Optei pela primeira alternativa: formar mais de um grupo focal, utilizando os mesmos temas para discussão. Nesses GF

²⁶ (Em <http://pt.scribd.com/doc/38041122/Grupos-Focais-Otavio-Cruz-Neto-Et-Al> Acesso em 25/01/2013)

²⁷ Em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf> Acesso em 30/07/2013

²⁸ Em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19081.pdf> Acesso em 30/07/2013

deveriam ocorrer debates e dinâmicas de grupo, a partir dos quais seriam levantadas questões e problemas referentes à sexualidade enfrentados pelos sujeitos em destaque.

Antes de iniciar com os trabalhos nos GF, eu precisava providenciar uma autorização prévia dos próprios informantes e de seus responsáveis legais (tendo em vista que eram todos menores de idade). Nesse sentido, precisei recorrer a um instrumento que intermediasse minha interação com os jovens, possibilitando a participação espontânea e legítima deles na pesquisa: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (o TCLE), assinado pelo participante e por seu responsável legal.

a) Os Encontros com os GF

Os GF foram marcados previamente nas escolas onde os garotos estudavam. No diálogo com os diretores das escolas, decidimos que eu assistiria algumas aulas nas séries em que os adolescentes (na faixa etária entre 14 e 17 anos) estariam presentes, momento em que eu apresentaria o meu projeto (antes de começar as aulas, e com a anuência prévia dos professores), e ao final das aulas, os alunos decidiriam se pretendiam ou não participarem. Na escola pública acompanhei-os num primeiro momento, numa aula de Língua Portuguesa, e na escola particular na aula de Sociologia.

Iniciei os encontros com os meus informantes fora do espaço escolar, numa sala de aula da UFCG²⁹. Tive algum sucesso com os da escola pública (apenas uns quatro encontros, com pouquíssimos participantes), e menos resultado com os da escola particular (dois encontros, com um número mais reduzido ainda de jovens).

No primeiro encontro que foi com os adolescentes da escola pública, apareceram sete informantes (tínhamos acertado no nosso encontro anterior na escola que participariam oito ao todo – seis meninas e dois meninos), e nos subsequentes, seis, que permaneceram até o último encontro, dos quais quatro eram meninas e dois garotos. Na escola particular, oito jovens se comprometeram em participar dos GF, três meninos e cinco meninas. No primeiro encontro foram seis (três meninos e três meninas) e no seguinte apenas duas pessoas: um menino e uma menina. Considerando que no primeiro encontro com os GF eu aproveitei para fazer as apresentações e expor as principais ideias e pontos do projeto, considero que apenas a partir do segundo encontro com cada um dos grupos é que tivemos início com a pesquisa.

²⁹ Tive acesso à uma das salas de aula para realizar encontros semanais.

Utilizei um Roteiro de Debates³⁰ básico, onde temas relacionados à sexualidade seriam debatidos. Para cada tema, outros subtemas foram discutidos. Os subtemas foram definidos nas discussões nos GF, a partir das questões que os jovens levantaram como prioritárias dentro do grupo. O primeiro tema discutido foi sobre a *sexualidade*. Iniciei questionando sobre o tema, deixei que eles ficassem à vontade para exhibir suas falas. Dentro desse assunto discutimos os subtemas: relação com o corpo, relação com os sentimentos, relação heterossexual, relação homossexual e orientação sexual. O segundo tema referia-se às características do *ser feminino* e do *ser masculino*. Aqui, os principais subtemas debatidos foram: a heterossexualidade, a homossexualidade, a bissexualidade e a diferença entre natureza e cultura. O terceiro debate era sobre o conceito de *adolescência*. Principais subtemas discutidos: ficar, namoro, festas, roupas, curtição, sexo, escola, trabalho, responsabilidade, amigos, liberdade, profissão, futuro. O último tema era sobre a *Adolescência e Sexualidade*. Principais subtemas: relações sexuais, virgindade, amor e gravidez na adolescência.

No primeiro grupo (o dos estudantes da escola pública) consegui avançar um pouco sobre esses pontos, até que eles começaram a se dispersar porque achavam a Universidade (onde mantínhamos nossos encontros) um pouco distante. No segundo grupo (os da escola particular) o resultado foi mínimo. A maioria deles alegou a falta de tempo, a sobrecarga de atividades, inclusive que em alguns dias da semana tinham aulas nos dois turnos (manhã e tarde), e que por isso não sobrava muito tempo para estudar, e que, portanto, assumir mais um compromisso (como nossos encontros) poderia implicar em prejuízos no rendimento escolar.

b) Entrevistas presenciais

Como já afirmei antes, eu planejava desde o início conjugar algumas técnicas de pesquisa, mesmo porque, tendo em vista a diversidade de caminhos possíveis para se aproximar e dialogar com o objeto de estudo, torna-se às vezes importante que um procedimento complemente o outro, principalmente quando ocorrem contratempos que atrapalham o andamento da pesquisa. Nesse caso, a utilização de mais de uma técnica de pesquisa tanto pode contribuir na complementação dos dados necessários, como pode possibilitar a substituição de uma técnica por outra.

³⁰ O “Roteiro de Debate” é o parâmetro utilizado pelo Mediador para conduzir o Grupo Focal. (NETO; MOREIRA; SUCENA, 2002)

Tendo em vista que os encontros com os informantes estavam ocorrendo num ritmo mais lento do que o previsto, e isso se justificava pela estratégia que estava sendo adotada (de dividir os grupos por camadas sociais, uma vez que eu dependia da confirmação e facilitação das escolas na realização dos encontros), optei, junto à minha orientadora, em não escolher como informantes, previamente, adolescentes segundo sua categoria social (de segmentos populares ou médios), e, ao invés disso, procurá-los aleatoriamente, sem a preocupação principal de agrupá-los por camadas, mas unicamente por faixa etária. A partir desse novo encaminhamento, comecei a “pescar” meus informantes através dos contatos que eu já tinha com outros jovens, e também por meio de amigos que tinham filhos adolescentes ou conhecidos nessa faixa de idade. Essa técnica, conhecida como *snowball*, é um tipo de amostra não probabilística, conhecida pelo seu efeito *bola de neve*, em que os participantes iniciais indicam outros que pertençam à mesma população de interesse, e que esse processo pode ser repetido inúmeras vezes (FREITAS et al) ³¹.

Com o intento de aprofundar as opiniões dos informantes, bem como ouvi-los com mais atenção, possibilitando o relato mais rico de suas experiências e de sua vivência, dei início à realização de entrevistas individuais, aprofundadas. Para tanto, preparei um *Roteiro de Entrevistas* com perguntas abertas. Entrevistei 5 (cinco) jovens: quatro meninas e um menino: três meninas estudantes de escolas públicas, uma menina e um menino de escolas particulares. Três informantes faziam parte dos GF, e as outras duas já eram conhecidas. As entrevistas foram gravadas e realizadas, em sua maioria, nas residências dos adolescentes. Quatro delas tiveram continuidade em outras modalidades de pesquisa: três pelo Facebook (do qual vou falar mais à frente), e uma me enviou mais informações por e-mail.

As entrevistas contemplaram os seguintes pontos: a) a história de vida, enfatizando a vivência durante a infância e a descrição da família; b) como está sendo vivida a adolescência; c) a entrada na sexualidade, as práticas sexuais e os valores relativos à sexualidade (momento em que destaquei algumas questões como importantes para serem opinadas por eles, tais como: virgindade, homossexualidade/bissexualidade, fidelidade, gravidez na adolescência, ficar, namorar casar, relação sexual, maternidade/paternidade); e d) planos para o futuro.

³¹ Em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/o_metodo_de_pesquisa_survey.pdf Acesso em 30/07/2013

A utilização da entrevista nesta pesquisa se justifica por ela permitir que a fala dos entrevistados seja exposta, e que, a partir dessa escuta individual, fica estabelecido um contato mais estreito entre pesquisador/pesquisado o que, inclusive, possibilita, ao mesmo tempo, a percepção de outras formas de linguagem como a gestual e outras expressões que surgem no decorrer da entrevista. Considero que a utilização desta técnica permite uma compreensão mais apurada de determinados elementos sociais, destacando os aspectos subjetivos da atuação social, tendo em vista como se encadeiam as particularidades da vida sexual.

Por meio desta técnica acredito que se pode analisar com mais precisão os valores sexuais dos adolescentes, procedentes das orientações auferidas nos diversos espaços sociais, bem como das interações com os grupos de convivência, sobretudo dos da mesma faixa etária, e o modo como convivem com estes valores e códigos sociais. Há um limite próprio da entrevista como instrumento metodológico, tanto individual quanto coletiva, que é a possibilidade que o entrevistado tem de dissimular as informações, de deformá-las. No entanto, esta é uma dificuldade intrínseca a toda a metodologia que se utiliza dos dados verbais. Além disso, é interessante questionar: o que é real? O que é a realidade? O que é a verdade? Que fatos podemos considerar como verdadeiros? A partir de quais critérios podemos estabelecer que determinadas informações são reais? Será que a opinião do sujeito sobre determinado acontecimento, fenômeno, etc., não constitui uma realidade? Acredito que sim. E que a própria simulação no discurso, intencional ou não, possui significados relevantes. Resta ao pesquisador conjecturar sobre a importância da possível ambiguidade do discurso, e tentar refletir também sobre os motivos dessas contradições, ou seja, sobre o que está sendo dito que se contradiz com o que de fato ocorreu, e/ou sobre o que se esconde, que também é bastante representativo.

c) O diálogo pela internet: mudando o “rumo para a prosa”

Um novo recurso que começou a se apresentar, como decorrência dos próprios encontros com os GF, bem como enquanto complementação das entrevistas presenciais, foi a utilização da internet, particularmente a conexão com os informantes por e-mails e redes sociais, especificamente o Facebook. Comecei a mudar de estratégia após uma conversa com alguns poucos jovens que compareceram ao nosso último encontro com o GF. Após minhas “lamentações” sobre a ausência deles nos encontros,

um deles propôs que os contatos fossem efetivados pela internet (e-mail e/ou Facebook). Imediatamente achei a ideia interessante e questionei os outros dois jovens que estavam presentes e eles logo concordaram, alegando que ocupam boa parte do seu tempo no computador, e que, portanto, seria bem mais prático, tendo em vista os inúmeros compromissos que todos tinham, o que dificultava seu deslocamento e a disponibilização de tempo para os encontros presenciais.

Por outro lado, a pesquisa virtual os deixaria mais à vontade para opinar sobre o assunto da sexualidade. Em uma de nossas reuniões pedi que eles me encaminhassem textos, relatando suas opiniões sobre temas relacionados à sexualidade, pois essa seria uma forma de expressarem suas ideias de forma livre, sem a presença dos colegas e, sobretudo, do pesquisador. Recebi poucos textos, na maioria muito curtos, que transcorriam basicamente sobre gravidez na adolescência, virgindade, sexualidade, homossexualidade, o que me fez recorrer a uma outra estratégia como forma de complementar as informações breves dos textos: o contato pelo Facebook (rede social acessada por, praticamente, todos eles).

Após transcritas e lidas as entrevistas, sentia falta de alguma questão que eu havia esquecido de fazer, ou que precisasse ser um pouco aprofundada, e então eu tentava resgatar aquelas informações por e-mail ou Facebook, e, com isso, fui percebendo que conseguia mais resultados via internet do que de forma presencial. Pela internet eu obtinha dados mais aprofundados, uma vez que permitia um certo distanciamento, o distanciamento do olhar, do corpo, da voz. Por outro lado, eu temia pela não veracidade dos fatos, mas como já frisei anteriormente, e quem garante que o que está sendo dito em qualquer forma de discurso é verdadeiro? O que é real e que precisa ser analisado é o discurso em si, seja de que forma for. O dizer e o como dizer tem, em algumas situações, o mesmo grau de importância do que o seu conteúdo. Como observa Simmel: “...na vida sociável, o discurso se torna um fim em si mesmo – mas não no sentido naturalista, como no palavrório, e sim como arte de conversar, com suas próprias leis artísticas.” (2006, p. 75)

Mesmo assim, eu me questionava sobre a perda gestual, o prejuízo de não observar as outras expressões tão relevantes quanto a fala, como a entonação de voz, os gestos, os olhares, basicamente. Porém, as expressões no conjunto da interação presencial, por sua vez, também são sujeitas à camuflagem. E, por outro lado, tendo em vista que muitas vezes as relações entre as pessoas, particularmente os adolescentes, são mediadas pelo computador, presume-se que a exibição de sua vida pessoal e

individualidades é um meio legítimo para análise de suas falas. Nas redes sociais os adolescentes namoram, conversam, jogam, estudam, pesquisam, assistem filmes, shows, interagem com amigos, com estranhos, fazem sexo, entre outras alternativas.

Portanto, no campo das narrativas dos meus informantes, mais importante do que me preocupar se os seus discursos eram verdadeiros, e o quanto representavam sobre suas vivências, interessava-me compreender os mecanismos de subjetivação que transparecem nas interações no mundo “real” e “virtual”. As expressões físicas que eu não tinha acesso pela via virtual, cederam lugar a outros sinais também demonstrativos de desejos, de expectativas e de planos. Conforme aponta Simmel, com relação à proximidade ou não entre o pesquisador e o sujeito pesquisado, “a imagem obtida a partir de alguma distância, qualquer que seja ela, tem sua própria legitimidade e não pode ser substituída ou corrigida por outra de origem diversa.” (2006, p. 14).

Entendo que a diferença mais significativa entre uma linguagem e outra (entre o discurso presente e o discurso virtual) consiste mais na forma de expressá-lo. O riso, as hesitações, os receios, os silêncios se revelam de formas diferentes, mas se revelam, sobretudo quando pesquisador e sujeitos conversam em tempo real. Além do que, os portais de relacionamento que existem hoje são instrumentos que ressaltam formas de sociabilidade habituais, incorporando recursos tecnológicos à ampliação dos padrões de sociabilidade. Mesmo que essas novas formas de relacionamento sejam limitadas (no sentido de que não subentendem o contato físico entre as pessoas), elas acabam se tornando opções, não somente viáveis, mas, muitas vezes, imprescindíveis de relação entre os indivíduos que vivem em sociedades cada vez mais complexas. O universo da tecnologia, com toda a sua velocidade e praticidade, remete à compreensão do sujeito contemporâneo. Este, diante dos modos de interação virtuais, se depara com muitas opções que lhe permitem o aprendizado e incremento de sua autonomia e, ao mesmo tempo, instabilidade (ROCHA, 2010). Esses aspectos acabam por fazer parte da subjetividade dos indivíduos na sociedade contemporânea. As possibilidades de expressão social são acrescidas e modificadas por esses novos recursos.

A *etnografia virtual* ou *netnografia* foi o recurso metodológico que utilizei na pesquisa pela internet. O primeiro termo é mais utilizado pelos antropólogos e cientistas sociais como um todo, enquanto que a *netnografia* é mais empregada pelos pesquisadores da área de marketing e da administração³². Nesse sentido, utilizarei o

³² Amaral et al (2008)

termo etnografia virtual. Esse método é uma transposição da etnografia para o exercício das Comunicações Mediadas por Computador (CMC). Segundo Amaral et al (2008), foi a partir do surgimento das comunidades virtuais, no final dos anos 80, que esse método começou a ser posto em prática.

Algumas vantagens desse método são reconhecidas, tais como: consome-se menos tempo; é menos oneroso; é menos invasivo (pois não tendo a presença física do pesquisador, este não interfere diretamente sobre o processo da pesquisa).³³; o acesso às informações é descomplicado, uma vez que a própria concepção de dados *on-line* é feita de forma textual.³⁴ Outra vantagem da etnografia virtual é que não sendo um método formal, pode observar mais detalhadamente os experimentos na utilização da tecnologia, se superando como método, e, dessa forma, sendo elaborada e se adaptando no próprio contexto onde se desenvolve. Por outro lado, há a perda da linguagem gestual, sempre presente nos contatos *off-line*, através da qual se expressam as diversas emoções e tantas reações subjetivas omitidas pelo texto escrito.³⁵

Também não podemos perder de vista que uma primeira postura do pesquisador, é o reconhecimento de suas limitações no que diz respeito ao alcance da realidade em seu conjunto e precisão. Além do que, os portais de relacionamento que existem hoje são instrumentos que ressaltam formas de sociabilidade habituais, incorporando recursos tecnológicos à ampliação dos padrões de sociabilidade. As novas tecnologias criam formas de participação que colocam os adolescentes (e os jovens de uma maneira geral) em novas experiências e espaços de socialização, diferentes da familiar, da escolar, entre outras.

1.3.3-Os sujeitos da pesquisa³⁶

Participaram da pesquisa 28 adolescentes (19 meninas e 09 meninos). Nos GF foram inscritos 16 jovens. No primeiro encontro, no qual foram feitas as apresentações individuais e a apresentação do projeto, participaram 13 adolescentes. A

³³ Sabemos o quanto a presença do pesquisador inibe muitas vezes o informante, e que esse constrangimento pode obscurecer e até mesmo alterar as informações coletadas.

³⁴ Nos métodos presenciais de pesquisa qualitativa, normalmente, os dados são gravados e posteriormente transcritos.

³⁵ Amaral, Natal e Viana (2008)

³⁶ Em anexo está a tabela com as informações mais gerais sobre os adolescentes: Sexo, Idade, Atividade, Série que estudam, Tipo de Escola, Profissão dos pais, Profissão desejada, Dados coletados através de:

partir do segundo encontro, quando realmente começou a se efetivar o grupo, permaneceram 7 jovens (05 meninas e 02 meninos). Eles foram contatados, em princípio (como já mencionei antes) através das visitas às escolas (quatro meninas eram de uma escola pública, uma da escola particular, um rapaz da escola pública e um da escola particular)³⁷. As meninas, na maioria das vezes, demonstraram maior interesse e disponibilidade em participar da pesquisa, com exceção de um dos rapazes, de escola particular, que, desde o início, participou assiduamente e com bastante empenho (inclusive intermediou a participação de alguns colegas na pesquisa).

Conforme tabela em anexo, alguns jovens participaram de mais de uma modalidade de pesquisa, outros poucos apenas me enviaram um texto por e-mail, e quando os procurei a fim de obter mais subsídios para a pesquisa (o que poderia ocorrer tanto de forma presencial quanto virtual), por algum motivo não os localizei. Isso explica porque alguns dados estão incompletos na tabela.

Todos os adolescentes são estudantes: apenas um deles estuda e trabalha, sendo que 23 (82,14%) estudam em escolas particulares, e 5 (17,85%) em escolas públicas. Dos 28 adolescentes com que mantive contato, apenas sete não me passaram informações sobre com quem residem. Entre os 21 restantes, doze moram com os pais, oito moram com a mãe (em quatro situações a mãe é solteira, em duas a mãe é separada, e em outras duas a mãe é viúva) e uma mora com os avós.

Entre as formas de contato, realizei quatro encontros com um grupo focal (jovens da escola pública) e dois com o da escola particular (como já mencionado). Realizei cinco entrevistas presenciais aprofundadas, com roteiro semiestruturado (04 com meninas e 01 com um rapaz). A maioria dos contatos foi efetuada pelo Facebook: foram 16 jovens (meninos e meninas). No roteiro de entrevistas para o Facebook, utilizei a maioria das questões aplicadas nas entrevistas presenciais. Outras questões foram específicas ao uso da internet, desde a importância desse meio de comunicação para eles, até os sites mais acessados. Entre os 16 adolescentes que foram entrevistados pelo Facebook, quatro passaram também por outras modalidades de pesquisa (entrevista aprofundada, GF encaminhamento de opiniões sobre sexualidade por e-mail).

³⁷ Como mencionado anteriormente, os contatos foram feitos com um número maior de jovens (inclusive que se dispuseram a participar dos encontros), mas os participantes efetivos foram em um número mais reduzido.

1.3.4 Ligações delicadas

Considero que há um aspecto complexo na minha pesquisa, no que diz respeito às escolhas dos sujeitos. Entre os adolescentes pesquisados, nove eu já conhecia antes da pesquisa. Muitos são filhos de amigos(as) meus(minhas), e, portanto, os conheço praticamente desde a sua primeira infância, outros além disso são ou foram amigos/colegas de meus filhos. Três casos de convite para os jovens participarem da pesquisa foram intermediados pela mãe (de dois irmãos) e pela tia. Se essa familiaridade com os sujeitos favoreceu a minha aproximação com os mesmos, poupando-me esforços e tempo à procura de informantes que estivessem disponíveis e interessados em participar da pesquisa, por outro lado, pode ter reprimido e/ou interferido de outra forma, em certos momentos, nas suas falas.

Eu tinha, portanto, alguns elementos que poderiam obstruir a comunicação com os adolescentes: a distância etária, a familiaridade com eles (e mais ainda com suas mães), sem contar que o próprio tema – a sexualidade – por si só traz consigo uma carga muito grande de tabus e preconceitos, podendo dificultar ainda mais a comunicação entre pesquisador/pesquisado.

Em qualquer campo o pesquisador precisa se utilizar de sutilezas, de criatividade, de imaginação para conquistar a confiança e a disponibilidade de seus informantes. No campo virtual, principalmente em se tratando dos meninos e meninas que eu não havia mantido contato previamente (aqueles que foram indicados por terceiros), não foi diferente. Aliás, por se tratar de uma relação “indireta”, “superficial” (no sentido de não haver contato humano, face a face, olho no olho), eram imperativas algumas iniciativas preliminares de minha parte, para cativar a confiança do grupo e ser aceita pelo mesmo.

A atitude eticamente recomendável do pesquisador é que o mesmo se identifique e identifique o interesse de sua pesquisa, pedindo as concessões para o uso das informações necessárias alcançadas em postagens e em conversas com os informantes.³⁸ Quando iniciei os contatos pelo Facebook, portanto, demorei um pouco nas apresentações, nas justificativas sobre o meu trabalho, sobre a importância dele e do

³⁸ Amaral, Natal e Viana (2008)

tema. Enfatizei também sobre os aspectos éticos que seriam considerados, inclusive que seus nomes seriam trocados, e que não seriam expostos quaisquer dados que, porventura, pudessem ameaçar sua privacidade e a de suas famílias. Também frisei que eles poderiam, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem precisar de grandes justificativas, e que também não se sentissem obrigados a responder as questões feitas, ficando à vontade para comentar o que quisessem, responder apenas o que achassem conveniente.

Imaginei, em princípio, que a reação da maioria dos adolescentes fosse mais tímida, mais receosa, sobretudo considerando o tema em questão. No entanto, felizmente o receio maior foi o meu, pois praticamente todos se mostraram disponíveis, com certo entusiasmo (principalmente as meninas) em poder participar e contribuir com a minha pesquisa. Quando falei sobre o anonimato, eles/elas não mostraram nenhuma preocupação. Sugeri que eles/elas escolhessem nomes fictícios que eu pudesse usar quando fosse necessário, mas a maioria deixou que eu mesma os escolhesse. O anonimato dos informantes deve ser garantido, devendo, portanto, se utilizar na pesquisa pseudônimos e não seus nomes de usuário.³⁹

Tendo em vista que meus informantes eram menores de idade, era necessário providenciar a autorização dos pais ou responsáveis para que os mesmos pudessem participar da pesquisa. O TCLE eu já havia utilizado para os GF e para realizar as entrevistas (conforme registrado anteriormente), faltava resolver essa questão com os meus informantes do Facebook. Para conseguir a autorização dos pais ou responsáveis, consegui os e-mails dos mesmos, enviei uma pequena carta apresentando o projeto, destacando a importância da participação dos adolescentes, e o TCLE para ser assinado pelos pesquisados e pelos responsáveis pelos mesmos. Os TCLE foram assinados pelos mesmos e escaneados. Apenas num dos casos, os pais de uma das entrevistadas não possuíam e-mail, então foi utilizado o e-mail dela. Não tive dificuldade em conseguir a aprovação dos pais dos adolescentes, principalmente em se tratando de alguns que já me conheciam.

Um aspecto que penso ser relevante (que posteriormente devo expressar com mais detalhes), e que acredito ser mais comum nas relações estabelecidas nas redes sociais, é a facilidade com que muitas pessoas, que já se conhecem, têm de abordar diversos temas, inclusive os mais íntimos, de forma mais aberta, franca, espontânea.

³⁹ Idem

Outro elemento diferenciador é que nas entrevistas virtuais, por mais que se adote um roteiro com perguntas direcionadas ao tema que se pretende investigar, a forma de interlocução construída se torna, inevitavelmente, bem mais informal do que nas entrevistas presenciais, e isso tanto do lado do pesquisador quanto do pesquisado.

Algumas entrevistas pelo Facebook foram realizadas em um só encontro, mas, na maioria das vezes, as conversas foram fragmentadas em vários dias. Nesses casos, eu precisava estar atenta às suas “entradas” na rede, nos bate-papos, e nessas oportunidades continuar a conversa de onde havia parado da última vez. Em muitas ocasiões tive receio de está sendo invasora, inconveniente, (até mesmo com aqueles jovens que eu já tinha alguma intimidade) por “persegui-los” no Facebook, não sabendo ao certo se aquele era o momento conveniente para “papear”⁴⁰ com eles/elas.

Eu percebi que o aspecto da proximidade com os informantes através de amigos/as e/ou filhos, intimidou em alguns momentos as falas, principalmente das meninas, quando em algumas situações elas reproduziam um discurso “adultocêntrico”, preventivo, com relação, sobretudo, às práticas sexuais na adolescência, à gravidez na adolescência, à falta de prevenção. E também nos silêncios com relação às suas próprias experiências sexuais, que praticamente, inexistiram nas suas falas. Quando alguma pergunta era feita sobre suas trajetórias afetivas/sexuais, as respostas eram, no mínimo vagas, incompletas, ou tangenciavam para outros aspectos da questão, como por exemplo, os cuidados que se deveria ter para se preservar, para se cuidar, ou que não era certo ceder aos impulsos dos meninos, etc.

O que me levou a crer que algumas garotas poderiam estar “disfarçando” certas práticas nos seus discursos foi, entre outras coisas, o fato de que praticamente todas elas terem afirmado que a iniciação sexual na adolescência é uma prática comum nos dias de hoje, que elas conhecem (e muitas vezes de bem perto) meninas que estão tendo essas práticas, algumas conhecidas até já engravidaram (todos os meninos e meninas, com apenas uma exceção afirmaram que conhecem adolescentes que engravidaram ultimamente), e no entanto todas elas alegaram que não apenas não se iniciaram sexualmente, como não demonstravam interesse em fazê-lo, sempre utilizando o argumento de que ainda não tinha chegado o momento certo, a pessoa certa, e outras coisas mais. No entanto, quase todas já namoraram e/ou ficaram (mas que também não quiseram expor detalhes de suas performances). Apenas uma garota, que

⁴⁰ Na relação informal estabelecida entre pesquisador/pesquisado nesse meio virtual, passa a ser comum o uso de expressões cotidianas e também informais.

não foi entrevistada, mas que foi do GF e depois me mandou um texto por e-mail (quando a procurei depois não consegui mais manter o contato), expôs a sua experiência sexual, através do texto enviado por e-mail.

Sei que não posso deduzir que as lacunas nos discursos femininos, no que diz respeito às suas experiências sexuais, se devam apenas à timidez e constrangimento diante da minha presença como pesquisadora, tendo em vista que vários estudos já mostraram que mesmo com todas as modificações comportamentais e de valores no campo da sexualidade no Brasil nos últimos tempos, “a primeira relação sexual ainda possui uma carga simbólica e social diferente para homens e mulheres.” (FRANCH, 2010, p.220). Segundo Elaine Brandão (2009), a atividade sexual entre adolescentes e jovens continua oculta, não é ostentada publicamente no início das trajetórias sexuais das meninas. Quero apenas ressaltar que os discursos devem ser ponderados, também considerando o aspecto da familiaridade pré-existente entre eu pesquisadora e meus informantes, e que isso pode ter, em determinados momentos, sobretudo nos diálogos com as meninas (que já são tão cobradas em reprimir seus desejos), dificultado uma exposição mais clara sobre suas experiências pessoais. Acredito que esse elemento possui em si um valor significativo, que abre possibilidade para outras reflexões sobre as estratégias metodológicas, especialmente quanto à performance dos discursos, e também sobre a reação, muitas vezes contida das meninas, no que tange às suas expressões relacionadas à sexualidade.⁴¹

⁴¹ É importante frisar que os discursos das meninas foram, no geral, mais longos e mais detalhistas do que os dos meninos. Só nos momentos em que se indagou sobre relação sexual é que elas se contiveram.

CAPÍTULO II

2 - LADRILHANDO ALGUMAS ALTERNATIVAS TEÓRICAS

Introdução:

Estudar a relação do jovem adolescente com a sua sexualidade, a partir dos seus discursos, demanda uma discussão teórica que, de certa forma, dê conta da compreensão de dois eixos, basicamente: adolescência e sexualidade. Os questionamentos formulados e as opções teóricas que exponho em seguida impõem, entre outras coisas, o desafio de articular as dimensões objetivas sociais e as dimensões subjetivas dos indivíduos (no caso, os adolescentes). Como ressaltado anteriormente, o que foi privilegiado nesse trabalho foi a manifestação da expressão dos próprios adolescentes quanto às suas ações. Portanto, são os significados de suas atuações sexuais que são apreciados, expressados para os próprios sujeitos, o que pode servir como reflexão para outros desdobramentos.

Na pesquisa realizada, adotei como eixo principal de exame dos atores sociais a teoria de Georg Simmel sobre a sociedade, a noção de indivíduo e o seu pertencimento grupal, pois entendo, antes de qualquer coisa, que o adolescente deve ser compreendido, não de forma abstrata, nem também do ponto de vista individual, mas enquanto conjunto, grupo, mesmo reconhecendo de antemão que ser do grupo não significa pertencer a uma categoria homogênea. Ou seja, não são os comportamentos individuais, enquanto tais, que me interessa analisar, mas tais condutas numa perspectiva de coletiva. Como afirma Simmel: “não queremos saber como se comportam coisas individuais, mas sim, a partir delas, formar uma unidade nova, coletiva.” (2006, p.10).

Unidade e diversidade, grupo e indivíduos, nessa perspectiva teórica, se conectam e se condicionam formando um todo disforme, uma dessemelhança uniforme, cada um dos termos imprescindíveis para a apreensão da unidade social investigada. O autor esclarece:

Seguramente cada um desses indivíduos⁴² tem seu comportamento conduzido por um outro, cujo desenvolvimento é de algum modo diferente e provavelmente nenhum se comporta exatamente como o outro; em nenhum indivíduo se encontram postos, lado a lado, o elemento que o iguala e o elemento que o separa dos demais; ambos os elementos constroem a unidade indivisível da vida pessoal. (SIMMEL, 2006, p. 11)

A sociedade é um conceito abstrato, porém cada um dos ajuntamentos e formas envolvidos em tal conceito constituem um objeto de análise para a sociologia. Por sua vez, cada elemento desses que passa a ser analisado passa a ser representativo da sociedade como um todo, embora resguardando suas singularidades.

Sob essa ótica, o grupo de adolescentes pesquisado consiste num objeto social de grande relevância para análise, uma vez que é bastante representativo nas suas particularidades (pois cada adolescente apresenta suas características, seus traços que provém de suas trajetórias e contextos familiares, sociais e culturais específicos) e na sua unidade enquanto grupo com características comuns (idade, escolaridade, etc.). Enquanto grupo coeso e enquanto indivíduos com cursos de vida singulares, os adolescentes representam uma imagem rica da sociedade. Esta riqueza está presente exatamente na ambiguidade entre as partes e o todo, entre a proximidade e a distância com relação ao objeto social, no caso, os adolescentes. Sobre esse ponto Simmel afirma:

Ao nos aproximarmos de certa dimensão da existência humana, podemos ver precisamente como cada indivíduo se desvincula dos demais; assumindo um ponto de vista mais distanciado, percebemos o indivíduo enquanto tal desaparecer e, em seu lugar, se nos revelar a imagem de uma “sociedade” com suas formas e cores próprias, imagem que surge com a possibilidade de ser conhecida com maior ou menor precisão, mas que de modo algum terá menos valor que a imagem na qual serve apenas como estudo preliminar das “partes”. (2006, p. 14)

Sociedade e indivíduo não são excludentes, nem são extremos nas suas qualidades. São, do ponto de vista aqui sugerido, categorias que estão em relação interativa permanente, e que um se define e se completa no outro. Entendo, por esse ângulo, que os comportamentos dos adolescentes expressos através de seus discursos, podem ser compreendidos partindo da relação entre seus caracteres individuais, suas trajetórias individuais contadas por cada um, compartilhadas com o que se reproduz e se vivencia conjuntamente pelo grupo de adolescentes como um todo. No entanto, isso não apenas incide numa questão metodológica. É mais do que isso, é mais do que o

⁴² O autor se referia, na ocasião, ao comportamento dos “gregos” e dos “persas” na batalha de maratona.

como observar. Consiste na própria visão que se tem sobre o indivíduo e a sociedade. Sobre isso Elias esclarece:

As pessoas vivenciam o “indivíduo” e a “sociedade” como coisas distintas e frequentemente opostas – não porque possam realmente ser observadas como entidades distintas e opostas, mas porque as pessoas associam essas palavras a sentimentos e valores emocionais diferentes e, muitas vezes, contrários. (ELIAS, 1994, p. 75)

Para Simmel (2006), há um outro elemento importante, e que também eu utilizo para auxiliar nas minhas reflexões sobre a pesquisa, que é a relevância das múltiplas formas de interação, de organização, de laços entre os seres humanos, e que, por si sós, são significativos, pois que alimentam a sociedade na sua forma mais abrangente. Simmel afirma:

Além destas⁴³, porém, há inúmeras formas de relação e modos de interação entre os seres humanos que aparecem em casos isolados de maneira insignificante, mas que, inseridos nas formalizações ditas oficiais e abrangentes, sustentam, mais que tudo, a sociedade tal como a conhecemos. (2006, p. 16)

Simmel se refere aos laços de associações, que são fluidos posto que são instáveis, passageiros, líquidos, porém que sustentam a ordem social maior, mas que não se distinguem dela, pois dela fazem parte. Podemos observar com relação aos grupos de adolescentes que estão nas redes virtuais, a instabilidade enquanto grupo, a “frouxidão” nos laços que os prendem, a espontaneidade e instantaneidade na participação nesses espaços, mas nem por isso com menor grau de interferência na estrutura mais sólida da sociedade, uma vez que os nós enlaçam os indivíduos, mesmo que não alcancem o formato de verdadeiras organizações. Ou seja, todos os “grandes sistemas e organizações supra individuais, aos quais se deve o conceito de sociedade, não passam de cristalizações de efeitos mútuos imediatos, vividos a cada hora e por toda uma existência, de indivíduo para indivíduo.” (SIMMEL, 2006, p 17)

Saindo um pouco dessa generalizada discussão sobre a relação indivíduo/sociedade, e pensando em como os adolescentes, enquanto indivíduos, sujeitos de suas vontades, desejos, necessidades, lidam com a sua sexualidade, que é

⁴³ Aqui o autor se refere às interações duradouras, objetivadas como o Estado, família, corporações, igrejas, classes, associações, etc..

sua, mas que também é imposta, regrada, social, percebemos o quão complexo se torna o entendimento sobre a sexualidade dos adolescentes.

Há vários estudos que apontam os aspectos comprometidos no processo de aprendizagem vivido pelos adolescentes e sua sexualidade. Sabemos que os indivíduos são socializados para a iniciação na vida sexual através da cultura, que orienta trajetos e condutas, considerados aceitáveis para cada grupo social. (HEILBORN, 2006) Portanto, no interior de cada sociedade as experiências sexuais podem sofrer alterações de acordo com os aprendizados dos diversos grupos sociais. Nesse sentido, faz-se necessário uma abordagem sociológica sobre a sexualidade, “por demonstrar que os mecanismos inconscientes de origem social conformam a subjetividade do indivíduo, de modo que o intrapsíquico não tem origem somente em uma psicologia individual, mas em regras coletivas que estão totalmente interiorizadas.” (HEILBORN, 2006, p.48) E também é importante frisar que esse enfoque sociológico contradiz um determinado senso comum segundo o qual a sexualidade é concebida como um aspecto privado, íntimo e pessoal, ou como decorrente de impulsos naturais, o que a caracteriza como sendo relacionada à natureza e não à sociedade.

Todas as categorias sociais fundamentadas nas faixas etárias (inclusive a adolescência), afirma Groppo (2000), têm uma relevância muito grande no entendimento de inúmeras características das sociedades modernas, o seu funcionamento e suas modificações. Esse já é um aspecto interessante, que justifica, em grande parte, a escolha do meu objeto de pesquisa. Sobre a importância do conhecimento dos indivíduos nas suas relações, em quaisquer categorias que eles estejam inseridos, como mola propulsora para a compreensão da sociedade, Elias enfatiza:

Só se pode chegar a uma compreensão clara da relação entre indivíduo e sociedade quando nela se inclui o perpétuo crescimento dos indivíduos dentro da sociedade, quando se inclui o processo de individualização na teoria da sociedade. A historicidade de cada indivíduo, o fenômeno do crescimento até a idade adulta, é a chave para a compreensão do que é a “sociedade” (1994,p.30)

A pesquisa sobre a sexualidade na adolescência evidencia, entre outras coisas, a relação entre sociedade e indivíduo, e de que maneira são determinados contextualmente os dois polos. Isto porque a prática da sexualidade demanda uma

socialização que está pautada ao modo como as relações de gênero se organizam e se modelam em determinada situação.

Nesse processo, intervém representações sociais profundamente entranhadas no modo de conceber a sociedade, na produção de discursos e nas próprias práticas sociais. Essas diferenças são particularmente notáveis tanto entre as classes sociais como entre os gêneros, podendo ser acompanhadas pelos roteiros sexuais que os indivíduos seguem. (HEILBORN, 2006, p.46)

A autora, em referência ao conceito de roteiros sexuais utilizado por John Gagnon,⁴⁴ aponta que os mesmos são as expressões de múltiplas e diversas socializações vividas pelos indivíduos, tais como família, escola, redes de amizade, entre outras, e que é justamente na adolescência/juventude, fase em que a sexualidade se apresenta como uma questão muito relevante, tendo em vista que é quando se inicia a vida sexual com parceiro, que esses roteiros são mais importantes. Portanto, os adolescentes, ao se iniciarem sexualmente, trazem consigo uma percepção acerca da sexualidade, vinculada às normas culturais vigentes, através da qual se manifestarão suas expressões e suas atitudes.

Nos percursos sexuais seguidos pelos adolescentes, se misturam, se confundem e, muitas vezes, se chocam as atuações vindas dos indivíduos e as determinações presentes no coletivo/social. Há, pelo menos, três protagonistas presentes no aprendizado da sexualidade dos adolescentes: o coletivo maior (no qual se agrupam a família, a escola, os meios de comunicação, a religião, basicamente); os grupos de pares (incluindo, principalmente, os meninos/meninas da mesma faixa etária: amigos (as), colegas, namorados (as), ficantes); e os indivíduos em si mesmos (cada um com suas histórias de vida, suas experiências,), com características próprias. No conjunto que se forma a partir da (des) união, do que estou chamando, desses protagonistas, há uma complexidade muito grande, que, muitas vezes, impede um grau de compreensão mais apurado sobre como realmente se processa a vivência sexual na adolescência.

A família, a escola e outras tantas instituições sociais, cobram atitudes compromissadas e regradas por parte dos adolescentes. Estes, por sua vez, ficam atentos ao reconhecimento de si próprios nos seus pares, se percebendo com características que desejariam possuir, tendo em vista que pertencem àquele grupo. O cumprimento das condições referenciadas pelos seus pares é de suma importância para que se estabeleça a

⁴⁴ GAGNON e SIMON, 1973

identidade geracional (LEÓN, 2005). Nesse sentido, há um primeiro reconhecimento de si mesmo, observando-se e reconhecendo características próprias (identidade individual), que junta-se às assimilações de gênero e papéis sexuais associados, e paralelamente, o reconhecimento de si no outro, e vice-versa. E, simultaneamente, há o reconhecimento de si no social. Para León, “os conteúdos que originam a identidade geracional implicam modos de vida, particularmente práticas sociais juvenis e comportamentos coletivos. Também encerram valores e visões de mundo que guiam estes comportamentos.” (2005, p. 14).

Ou seja, há uma tensão bem presente no processo de aprendizagem da sexualidade dos adolescentes, onde a vontade de ser um indivíduo com suas características diferenciadas o bastante para ser aceito por seus pares, se confronta com um modelo estabelecido. Na direção tomada pelos adolescentes durante o processo de socialização desde sua infância, são vários os contextos culturais e os espaços sociais que atuam como estruturas mediadoras da sua vivência subjetiva. Porém nem todos vivem as mesmas experiências, nem tampouco as apreendem da mesma forma, uma vez que não há uma só cultura adolescente.

Portanto, as histórias de vida pessoais dos adolescentes representam uma parte bastante relevante da sua trajetória, porém serão refletidos no curso de suas experiências, as estruturas sociais e processos conjuntos. Segundo León (2005), “o desenvolvimento pessoal e a individualização são vistos como processos que se apoiam na aprendizagem e na interiorização de determinadas normas culturais (socialização) como requisitos prévios a converter-se e de ser considerado como um membro da sociedade com todas as suas consequências.” (LEÓN, 2005,p. 18)

2.1- Para uma sociologia dos adolescentes

Nesse item, inicio uma discussão sobre a adolescência mais direcionada ao campo metodológico e de desenvolvimento da pesquisa. No próximo capítulo, ressaltarei as questões teóricas sobre esse tema.

Em algumas ocasiões, nesta tese, utilizo os termos juventude e adolescência parecendo que estou me referindo ao mesmo grupo. Porém, meu objeto de pesquisa é a adolescência, mais concretamente na faixa etária entre 14 e 17 anos. Se me reporto tantas

vezes ao conceito de juventude, isto ocorre porque no campo das ciências sociais a maioria dos estudos refere-se à juventude e não à adolescência.⁴⁵ Eu precisei, portanto, me apoiar nas leituras e discussões acerca da juventude, sob um ponto de vista mais abrangente, para em seguida filtrar o grupo específico que está incluso nela, que é o grupo de adolescentes.

Em muitas situações (formais ou não) quando se emprega o termo *jovens* ou quando se aplica o termo *adolescentes* pode-se estar referindo à mesma categoria. Normalmente, não questionamos, em princípio, sobre a idade exata desses jovens/adolescentes a que se faz referência.⁴⁶ Em algumas passagens os dois termos se superpõem, em outros momentos estabelecem campos distintos, mas que se complementam. Na maioria das vezes, as diferenças e as vinculações entre os dois termos não são nítidas.⁴⁷ Em muitas ocasiões, os conceitos de adolescência e juventude tem sido utilizados de maneira unívoca entre si, sobretudo no campo da psicologia.

A adolescência tem sido estudada, na maioria das vezes, sob o ponto de vista biomédico e, portanto, universalizante, pois parte do princípio de que as características biológicas, puberais, desencadeiam transformações, não só físicas, mas emocionais, psicológicas e sociais, até alcançar a maturidade. Essas transformações ocorrem na segunda década da vida (entre os dez e os vinte anos de idade), que se constitui num período difícil na vida dos indivíduos, que passam, inevitavelmente, por crises nos aspectos sexuais, profissionais, psicológicos, de valores etc. Nesse sentido, a adolescência é considerada uma fase de transição entre a infância e a idade adulta.⁴⁸

Adolescência provém da palavra latina *adolescere*, que significa crescer, tornar-se maior (Rouco, 1999). O termo “adolescência” surgiu, segundo Mary Del Priore (2007),⁴⁹ no final do século XIII marcando os anos posteriores à infância (dos 12 aos 18 para as meninas e dos 14 aos 20 para os meninos), embora a palavra já tivesse aparecido na Antiguidade, nos manuais de medicina, significando a segunda idade do

⁴⁵ A sociologia tem abordado a juventude como problema social tendo em vista o aparecimento de comportamentos “anormais” dos jovens delinquentes, irreverentes ou contestadores. (FRANCH, 1999)

⁴⁶ Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos (EISENSTEIN, 2005). Em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167. (Acesso em 07/08/2013); segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPS) e OMS, a juventude abrange o período dos 15 aos 24 anos de idade (SILVA e SILVA, 2011) Em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792011000300013&script=sci_arttext (Acesso em 07/08/2013)

⁴⁷ Freitas (2005)

⁴⁸ Peres e Rosenburg, 1998

⁴⁹ Essa e outros autores se basearam nas ideias de Philippe Ariès: “História Social da Infância e da Família”, 1981.

homem. No período entre o feudalismo e a industrialização, nos diversos lugares do planeta, “modalidades de saída da infância e entrada no mundo adulto obedeciam a rituais precisos.” (p. 7). O conceito de adolescência, assim como o de juventude, começou a se estabilizar a partir do século XVIII, devido aos progressos da medicina, da filosofia e da pedagogia (PRIORE, 2007).

Em algumas áreas do conhecimento, costuma-se associar as características biológicas e físicas com as mudanças nos processos da vida, a exemplo da chegada da adolescência, como se obedecesse a um padrão pré-fixado pela própria natureza. Dessa forma, a adolescência (e aí não seriam as adolescências) seria uma época que se instalaria na vida das pessoas no momento em que as características da infância – físicas, biológicas, psicológicas e culturais – vão cedendo lugar a novas configurações comportamentais, devido a um conjunto de fatores biológicos e culturais. A adolescência seria também a ocasião em que as normas sociais comessem a ser questionadas, da “descoberta de novos valores abstratos como liberdade, privacidade, democracia, respeito, etc.” (BOMBONATTO, 2007, p.22).

Nessa linha de argumentação, os fatores psicológicos também são remodelados seguindo a mesma lógica da natureza. Nesse sentido, uma outra peculiaridade desse momento da vida humana é o desapego à família de origem e a crescente comunhão com os pares (da mesma faixa etária), uma vez que estes costumam ser mais condescendentes e mais flexíveis do que a família e a escola, auxiliando no acolhimento de sentimentos e visões de mundo. Para a psicanálise, há três momentos que caracterizam a adolescência: o primeiro que é considerado o fim da infância ou a puberdade, o segundo a adolescência propriamente dita e o último que é fim da adolescência (DUNKER, 2007). Portanto, a instabilidade nessa fase é tão grande que a adolescência é definida como sendo “a transformação que se realiza no sujeito quando ele assume uma imagem sem se identificar perfeitamente com ela.” (DUNKER, 2007, p.15). Segundo seu entendimento, da mesma forma que se dá o “luto da infância” na fase adolescente, ocorre também o luto da adolescência na passagem para a fase seguinte: a idade adulta. Seu argumento é de que há o desligamento da família como o grande referencial, substituída pelo outro, o não familiar, a quem o jovem, pós-adolescente, buscará reconhecimento (p.16). Além disso, por se tratar de um momento ainda tão próximo da infância, e ainda distante da fase adulta, as experiências que se vão construindo conjuntamente são bastante instáveis e mutantes.

Tanto a infância quanto a adolescência foram promovidas, na sociedade ocidental, em relação à atitude da família burguesa com relação a seus descendentes. Quanto maior o desenvolvimento tecnológico de uma determinada sociedade e o seu nível de especialização, maior o tempo necessário para que o jovem possa produzir e, conseqüentemente, leva mais tempo de “preparo” para atingir a idade adulta. Aliás, uma das dificuldades de se pesquisar sobre esse tema trata-se de situar os limites cronológicos do período juvenil. Sobre isso existe uma diversidade de concepções.

Reconheço que essa temática me instigou inicialmente a partir da percepção, que inclusive se estende à opinião pública, a diversas instituições que prestam serviços sociais e à própria academia, de que a juventude e, particularmente, a adolescência é uma fase problemática, que carrega consigo muitos conflitos de ordem psicológica e social, e que, por isso mesmo, é de difícil convivência social, representando, muitas vezes, grande risco - pela sua vulnerabilidade e imaturidade para lidar com as mudanças próprias do processo de amadurecimento, e da repercussão que tais mudanças provocam na sua interação com os vários sujeitos sociais que fazem parte do seu contexto sociocultural. Essa concepção dos jovens como “problema”, tanto para si próprios como para a família e para a sociedade como um todo, na verdade remete a uma outra compreensão: a de que são objetos no processo de integração social.

Era mais ou menos dessa forma que eu percebia aqueles adolescentes que participaram das minhas atividades de extensão e da Prática de Ensino da Universidade (que foi aludida anteriormente) o que pretendíamos no nosso trabalho era contribuir para ampliar seu conhecimento sobre a sexualidade, bem como as formas de prevenção à gravidez e às DST. É bem verdade que antes de tudo era feito um apanhado de suas questões, suas curiosidades sobre o assunto. Trabalhávamos com vídeos, dinâmicas e outros recursos, quando sempre priorizávamos a sua participação, os seus questionamentos. Porém, não podíamos evitar a nossa postura de sabedores e experientes no assunto (muito mais do que eles), tendo em vista que, antes de tudo, éramos adultos, e tínhamos o conhecimento teórico que eles não tinham. Era uma visão (talvez inconsciente) autoritária, e mesmo as questões que foram levantadas e escolhidas por eles como sendo de grande relevância, muitas vezes passaram por nós despercebidas, como sendo menos importantes, menores quando comparávamos com as nossas colocações muito mais pertinentes, já que estavam respaldadas pelo conhecimento científico e pelas experiências pessoais que acreditávamos serem muito mais ricas, pelo tempo vivido.

Há muitos estereótipos nas representações sobre a adolescência (o que já foi ressaltado anteriormente) como por exemplo, que é uma fase conflituosa, problemática, perigosa, etc. Sem pretender negar que seja um período com todos esses caracteres e talvez até mais, o que entra em discussão aqui é que não existe, principalmente no mundo contemporâneo, *uma* adolescência, que este não é um grupo homogêneo, e que também não existe uma transição linear – escola, início da vida profissional, saída da casa dos pais, início da vida conjugal. Hoje, com o prolongamento da juventude, o que ocorre é o entrelaçamento entre tais limites. Segundo Elaine R. Brandão (2006), no Brasil esse fenômeno é menos frequente devido às desigualdades regionais e sociais e as diferenças no processo de escolarização. De qualquer forma, as características socioculturais apontam para a diversidade dos contornos e trajetórias juvenis. Nesse sentido, a autora propõe que a juventude seja tratada como um processo. Considerando a heterogeneidade das trajetórias juvenis, sobretudo quanto ao processo de escolarização e à inserção no mercado de trabalho, nos grupos sociais mais privilegiados, percebe-se um prolongamento da juventude com o acréscimo do tempo de estudo, a elasticidade do tempo de coabitação com os pais e a conquista lenta de autonomia material.

Sposito (2007), por sua vez, argumenta que a juventude (e, no caso, a adolescência) normalmente é abordada com base em estereótipos bastante divulgados na mídia e na sociedade de uma maneira geral. A autora afirma:

Ao nos referirmos ao universo juvenil, em geral, sem recortá-lo sob ótica da classe social, tendemos a considerar os jovens consumistas ou alienados. Se recuperarmos a extração de classe, sobretudo para qualificar os alunos da escola pública, acrescentamos, na maioria das vezes, o atributo de violentos ou marginais. (p. 99).

Segundo Abramo (1997), na maioria das vezes a problematização é moral, ou seja, na verdade o que está por trás das inquietações temáticas e sociais é a “preocupação com a coesão moral da sociedade e com a integridade moral do indivíduo – do jovem como futuro membro da sociedade, integrado e funcional a ela.” (p.29) Isso se justifica, de certa forma, (e essa tendência tanto existe por parte dos estudos e pesquisas quanto pelas ações direcionadas ao grupo) pela dificuldade de considerar os jovens como sujeitos, com capacidade para ordenar questões expressivas e de contribuir na formação de ações relevantes na solução dos problemas sociais. A sociedade qualifica com base em preceitos morais atitudes que devem, no mínimo, ser entendidas levando em conta sua complexidade. Um outro ponto, de certa forma relacionado à coesão moral da sociedade

e que representa um fator, digamos, de marginalização sobre a juventude, é, segundo Heilborn (2006), a quebra do encadeamento das passagens (escolarização, profissionalização, conjugalidade), ou o não cumprimento da ordem das mesmas, para ingressar na vida adulta, segundo o que determina os padrões sociais acerca da juventude.

A problematização sociológica, segundo José M. Pais (1990), deve partir do questionamento sobre se o que se considera ser problema na juventude (como problemas de inserção profissional, relacionados à drogas, à violência, à delinquência, à convivência na escola, com os pais, e, acrescento, à sexualidade), é realmente considerado pelos jovens como seus problemas. O autor sugere a “sociologia do social”:

A sociologia do social (de que haveria de ser?) acabará aqui por se revelar como a problematização (sociológica) de certos problemas (sociais) sendo, então, que o *significante social* (predominantemente em forma de ideologia) se transforma em *significado sociológico* (predominantemente em forma de discurso científico). (PAIS, 1993, p.28)

O problema passa a ser sociológico quando a realidade é interrogada, quando os sujeitos são interrogados, quando se questiona o que se define previamente como problema social. Sobre isso Pais afirma: “A teoria sociológica se vê cada vez mais confrontada com a necessidade de estabelecer rupturas com as representações correntes da juventude, isto é, de estabelecer rupturas com a doxa dominante.” (1993, p. 22). Essa proposta rompe com as visões correntes, homogeneizadoras, deterministas e essencialistas da juventude. (HEILBORN, 2006). Acrescento que essas rupturas que a sociologia deve instituir com relação às representações existentes, vale para quaisquer fenômenos sociais, inclusive para a sexualidade. Conforme Debert (2000), as representações sobre a adolescência, sua posição social e a forma como os mais velhos a tratam, apresentam significados específicos em contextos históricos, sociais e culturais distintos. Portanto, a demarcação dos exercícios relacionados a cada período etário varia conforme os grupos sociais de uma dada sociedade.

Com as transformações tecnológicas, na passagem do século XIX para o século XX, e com a expansão dos espaços de encontros e sociabilidade para os adolescentes, os encontros iam se estendendo e se aprimorando. No século XX é que a adolescência surgiu como uma etapa socialmente distinguível.

Na sociedade brasileira, nos anos 50, com a modernização que se instalava, os filhos da classe média, especialmente os universitários, se destacavam como membros ativos nas mobilidades sociais. “O jovem aparece como sujeito em busca de

mobilização e de mudança social.” (ABRAMO, 1994, p. 23). Nessa mesma década houve uma ampliação do consumo na adolescência.

Os anos 60 e 70 foram palcos de movimentações juvenis (movimentos pacifistas e movimento “hippie”) contra a ordem estabelecida contra os regimes autoritários. Por isso eram os jovens vistos como figuras perigosas na ordem social, nos níveis político, cultural e moral.

Nos anos 80, aparecem como individualistas, consumistas, conservadores e apáticos com relação aos assuntos públicos. Posteriormente os jovens desaparecem da cena política. Particularmente nos anos 90 há uma modificação na visão sobre os jovens: já não são mais vistos como indiferentes, uma vez que, devido às transformações ocorridas no âmbito sociocultural, grupos juvenis pobres são vistos cada vez mais nas ruas com envolvimento em ações individuais e coletivas. (PESSOA, 2005). Porém, segundo Abramo (1997): “Mesmo sua participação nas movimentações de rua pelo impeachment de Collor, em 1992, foram largamente desqualificadas por serem “espontaneístas”, “espetaculares”, com mais dimensão de “festa” do que de “efetiva” politização.” (p.27).

No final do mesmo século, a juventude se tornou uma obsessão. Ser jovem agora se transformou numa pretensão social. A adolescência consagra-se às experiências necessárias para a entrada na vida adulta e esta se torna um aprofundamento da maturidade. Hoje, os adultos aspiram a uma “maturescência”. (PRIORE, 2007, p. 13). Outra característica da juventude apontada pela literatura recente é o aumento da sua diversidade, no que se refere às diferentes regiões, países, segmentos sociais. Por outro lado, segundo Schmidt (2001), há “fatores homogeneizadores, que no contexto da chamada “globalização”, têm um alcance planetário. Entre tais fatores, no plano cultural o principal é a chamada *cultura de massa* – cujo principal instrumento é a mídia -, a qual difunde não só produtos, mas também valores, estilos de vida orientações políticas.” (p.192)

Nas sociedades ocidentais, que têm por base a industrialização e a urbanização, a idade representa um elemento essencial na demarcação do status de uma pessoa, inclusive para a criação de mercados de consumo, para a definição de direitos e deveres e na construção de atores políticos. (DEBERT, 1999). Nessas sociedades modernas, tiveram início o registro dos nascimentos, das doenças, das mortes, além de outros. A adolescência começou realmente a se consolidar com a instalação progressiva da educação extra familiar, necessária para garantir o melhor desempenho profissional.

De acordo com Helena Altmann (2007) gradativamente essa fase entre a infância e a idade madura foi deixando de ser uma transição curta, para demandar cada vez mais investimentos, sobretudo na área da educação. E nessa transição mais duradoura, cada vez menos se verifica uma trajetória socialmente normalizada. “Para os jovens , tudo isso se traduz na conquista de novos percursos de liberdade e de espaços de experimentação, mas também na perda do caráter evidente de uma relação positiva com o tempo social.” (LECCARDI, 2005, p.49)

A fragmentação do curso da vida em etapas consecutivas é resultado de um processo complexo de construção social. Seguindo essa lógica, Pais (1990) afirma:

Muito embora a puberdade, em si, seja um processo biológico universal, a adolescência só começou a ser vulgarmente encarada como fase da vida quando, na segunda metade do século XIX, os problemas e tensões a ela associados a tornaram objeto de consciência social. O envolvimento dos jovens em grupos de amigos e os comportamentos que começaram a ser identificados como fazendo parte de uma cultura adolescente foi fonte de preocupações, tanto de educadores como de reformistas de meados do século passado. (p.148)

Me apoio, basicamente, no argumento do referido autor sobre os dois “eixos semânticos” através dos quais a juventude (e aqui eu destaco, a adolescência) deva ser observada: como unidade e diversidade, concomitantemente. Embora aparentemente essa particularidade pareça deter uma contradição muito grande, na verdade esse é um procedimento sociológico na problematização do objeto: observar a adolescência como unidade implica na referência como grupo etário, e, portanto, em relação a outros grupos de idades distintas; e, por outro lado, observá-la na sua diversidade sugere a atenção sobre as diferenças existentes entre os jovens dentro do mesmo grupo, conforme os determinados atributos sociais: como classe, como grupo social, com determinadas experiências de vida. Mostra que as vertentes de ingresso na vida adulta são muito inconstantes e mutantes.

Por sua vez, da mesma forma que não há uma transição homogênea da adolescência e da juventude para a idade adulta, também não há um processo linear da infância para a adolescência, por esse motivo o que há são realidades distintas e que, por isso mesmo, os jovens devem ser ouvidos. O conceito de adolescência torna-se questionável quando empregado abstratamente, nomeando indistintamente indivíduos que compartilham um determinado grupo etário e as respectivas características tidas como universais.

Acredito que o processo da infância para a adolescência, que tem sido bem menos relevante nas pesquisas sociológicas do que a passagem da juventude para a idade adulta, é um aspecto fundamental na análise dos sujeitos, de seus comportamentos e das relações de sociabilidade por eles construídas. Esse é um dos motivos pelos quais optei por utilizar a categoria adolescência e não juventude, e o uso dessa categoria resgata, inevitavelmente, essa passagem.

Para a abordagem sociológica interessa, entre outras coisas, refletir sobre os fatores sociais influenciadores, em períodos específicos, na construção social de determinadas fases da vida (PAIS, 1990). Vale salientar que na sociedade atual, em que os meios de comunicação de massa são cada vez mais poderosos, a autoridade da família tem sido bastante restringida, perdendo espaço para outros segmentos sociais, sobretudo para os grupos de pares. Os agrupamentos adotam estilos semelhantes de comportamento, de roupas, de corte de cabelos, de preferências musicais e outras, utilizando acessórios característicos, tudo isso para compor um visual uniforme. Visando a aceitação no grupo, como forma de afirmação da identidade, a harmonia com o grupo torna-se a mola mestra das ações. As crianças e os adolescentes hoje são muito mais expostos à vida pública, através da mídia, principalmente. Portanto, a adolescência é um conceito questionável para indicar indistintamente indivíduos que compartilham determinada faixa etária e determinadas características consideradas como gerais (GIDDENS, 1991). Como reforça José M. Pais (1990), jovens e adolescentes já existiam antes, porém não com o estatuto nem com a autonomia como grupo social que trazem hoje.

Os psicólogos, geralmente, quando se referem a essa categoria, também partem da noção da universalidade do fenômeno, pois sempre o associam aos processos marcantes nessa fase da vida: a puberdade, as oscilações emocionais e comportamentais que estão sempre relacionadas às mudanças inevitáveis inerentes a esta etapa da vida humana.

Mas nem sempre a *adolescência* existiu. Segundo Philippe Ariès (1981), até o século XVIII a adolescência era confundida com a infância, e isso porque os fenômenos propriamente biológicos eram indiferentes, como limitantes de uma etapa da vida para a outra: a infância, portanto, não era limitada pela puberdade. Por outro lado, os comportamentos dos adultos e das crianças vão se distanciando, cada vez mais, na medida em que as regras e o controle sobre os instintos humanos vão se ampliando e se tornando mais complexos. Sobre isso Elias afirma:

Quanto mais complexa e abrangente é a continência, quanto mais intenso e multifacetado é numa sociedade, o controle dos instintos exigido pelo correto desempenho dos papéis e funções adultos, maior se torna a divergência entre o comportamento dos adultos e o das crianças. (1994, p. 104)

A ideia de adolescente que temos hoje, segundo Ariès, demorou a se formar. De início, por volta de 1900, adolescência e “juventude” eram entendidos como uma coisa só, e passou a significar um tema literário e uma preocupação dos moralistas e políticos. “Começou-se a desejar saber seriamente o que pensava a juventude, e surgiram pesquisas sobre ela (...) a juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada.” (ARIÈS, 1981, p. 14) A consciência da juventude tornou-se um fenômeno geral na sociedade, principalmente a partir da segunda guerra mundial, quando “os combatentes da frente de batalha se opuseram em massa às velhas gerações de retaguarda.” (ARIÈS, p.15) A partir de então, a adolescência se ampliou, e tornou-se a idade favorita do século XX, em que todos desejam atingir o mais rápido possível, e demorar o maior tempo possível nela.⁵⁰ Ariès entende que há uma periodização particular da vida humana para cada época: “a “juventude” é a idade privilegiada do século XVII, a “infância”, do século XIX, e a “adolescência”, do século XX.” (ARIÈS, 1981, p. 16)

Na sociedade brasileira, o termo adolescência tem sido predominante no debate público nos últimos anos da década de oitenta, na mídia e no campo das ações sociais e estatais, como decorrência das lutas em defesa dos direitos da criança e do adolescente. O campo da proteção à criança e ao adolescente (regulado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente) permite, segundo Rosilene Alvim (2002), a institucionalização de projetos existentes nas lutas pela reforma das ações legais de proteção, providenciando também as ferramentas necessárias para sua efetivação.⁵¹ Segundo a autora, em meados dos anos noventa, a categoria “jovem” torna-se mais evidenciada, acompanhando demandas por políticas públicas e a discussão sobre violência. Isso confirma, no seu entendimento, “que a categoria jovem é construída a partir das formas de ação junto a grupos assim classificados e construídos.” (ALVIM, 2002, p. 43)

⁵⁰ Só a título de curiosidade, é muito comum nos dias de hoje as crianças se orgulharem quando são chamadas de “pré-adolescentes”. A pré-adolescência é uma nova categoria que é definida de forma evolutiva, como antessala da adolescência.

⁵¹ Nesse artigo, R. Alvim faz uma reflexão sobre o campo de assistência aos jovens do Rio de Janeiro.

Embora sem adentrarmos de maneira aprofundada na concepção de adolescência nas áreas biomédica e psicológica, percebe-se que tais pontos de vista trazem subentendida a ideia de uma evolução natural e linear do ser humano, que independem das condições materiais e simbólicas. Na abordagem utilizada nas ciências sociais, “a adolescência é o resultado de tensão e pressões que vêm do contexto social, fundamentalmente relacionado com o processo de socialização por que passa o sujeito, e a aquisição de papéis sociais, onde a adolescência pode compreender-se primordialmente a partir de causas sociais externas ao sujeito.” (LEÓN, 2005, p.12) Portanto, a adolescência aqui é entendida como uma categoria sociocultural, descaracterizada do sentido de universalidade.

Um dos desafios que cabe à sociologia, assim como às demais Ciências Sociais, consiste em abordar a juventude (inclusive a adolescência) no seu cotidiano, e não só voltando-se aos problemas sociais a que os jovens estão sujeitos. Esse exercício é importante no sentido de atentar para uma reflexão sobre a sociedade atual. (SOUZA, 2004).

Uma outra observação que Carmem Zeli V. G. Souza (2004) faz, e que eu compartilho, é que é preciso diferenciar a juventude (fase da vida) dos sujeitos jovens que vivem uma diversidade (isso vale também para a adolescência). Ou seja, pensar a juventude (e a adolescência) sem priorizar os indivíduos que a compõem, com suas características e seus comportamentos, é discorrer sobre um objeto estagnado e, portanto, sem vida social. Há jovens e adolescentes estudantes, pais, de camadas populares, médias e altas, trabalhadores, que vivem nas ruas, urbanos, rurais, religiosos, usuários de drogas, politizados, etc.. O olhar deve estar fixado nos jovens, nos adolescentes, não na juventude ou adolescência, como se esta fosse um sujeito à parte. E, nesse sentido, analisar o caráter processual. Este admite compreender os espaços de construção de identidade, onde as trocas de experiências juvenis ocorrem, e assim, permitindo refletir sobre o grupo como espaço de ação, de prestígio, de convívio coletivo, e de ampliação das relações. (SOUZA, 2004)

Os jovens estão produzindo, cada vez mais, novas condutas, por isso vem desempenhando um papel mais relevante em sua própria socialização e na “juvenilização” da sociedade (Pais, 1993). Para Heilborn (2006) “a juventude sempre atraiu interesse de estudiosos, uma vez que é nela que se podem observar as tendências de mudanças nos processos sociais.” (p.50) No entanto, esse grupo tem sido representado nas diversas áreas de estudo como uma fase de grandes riscos, que se

repercutem na relação dos jovens com as drogas, na sua exposição à violência, e no exercício da sexualidade (sobretudo a iniciação sexual considerada precoce, à exposição às DST/AIDS e à gravidez na adolescência). Especificamente, em se tratando da adolescência, Cláudia de P. Pereira (2002) afirma: “O discurso oficial endossa a visão de que a adolescência e os processos que a caracterizam representam risco ao desenvolvimento do ser humano que está atravessando esta fase da vida e, de certa forma, também ao da sociedade em que está inserido.” (PEREIRA, 2002, p. 2).

Para Abramo (1997) os jovens não são pensados em si mesmos, a partir de suas questões, de suas inquietações, de sua participação como sujeitos. Isso está presente nos debates, nos seminários sobre violência, prostituição, drogas, DST, gravidez precoce etc. Geralmente, não há espaços para a participação efetiva dos jovens. Nessas oportunidades, assim como na condução dos programas e projetos sobre os jovens “o foco central concentra-se na denúncia dos direitos negados (a partir da ótica dos adultos), assim como a questão da participação só aparece pela constatação da ausência” (ABRAMO, 1997, p.28).

Uma questão interessante que a autora coloca é que, se se considera a juventude como uma fase de transição da infância para a fase adulta, significa que ela corresponde a um momento conflituoso, de preparação para a entrada no mundo da maturidade, e que, portanto, todas as forças sociais se centrarão nessa passagem, uma vez que só na maturidade os indivíduos, com sua capacidade de sociabilidade e de produtividade prontas, conquistarão seu lugar na sociedade. Enquanto a análise sobre os jovens permanece ligada à preocupação enquanto fase de preparação para esse mundo adulto, a juventude constitui uma ameaça do ponto de vista individual e social. E é a partir dessa conotação que esses grupos têm sido objeto de preocupação social. “Como a juventude é pensada como um processo de desenvolvimento social e pessoal de capacidades e ajuste aos papéis adultos, são as falhas nesse desenvolvimento e ajuste que se constituem em temas de preocupação social.”(ABRAMO,1997, p.29). Ou seja, falta aos jovens, principalmente aos adolescentes, determinadas características tais como: racionalidade, responsabilidade, comprometimento, maturidade, maturação (inclusive sexual), capazes de lhes outorgar o status de pessoas adultas – modelo a ser seguido. “É assim que, além de dividir o curso da vida e diferentes estágios ou fases, são atribuídos a cada uma destas fases uma série de comportamentos e posicionamentos tidos como adequados ou esperados” (MÜLLER, 2005, p. 70).

Elaine Müller (2005) afirma ainda que essa concepção sugere uma negação da própria juventude, uma vez que a referência é sobre o que os jovens ainda não são (pais, mães, produtores, profissionais, responsáveis). O procedimento mais lúcido, do ponto de vista acadêmico, seria, conforme Müller (2005), compreender os jovens enquanto sujeitos sociais, com suas escolhas, suas decisões e suas responsabilidades.

Carmen Leccardi (2005) fala em *ação expressiva* como uma ação entendida em si mesma, onde o agir expressivo identificado é o presente. Esse termo se contrapõe à concepção da fase juvenil como uma fase biográfica de “preparação” para a vida adulta, que, no caso, são as *ações instrumentais* em que “o presente não é apenas uma ponte entre o passado e o futuro, mas a dimensão que “prepara” o futuro.” (LECCARDI, 2005, p.35), sendo as ações guiadas pela racionalidade do objetivo.

Embora se entenda que as fases da vida não estão soltas, desconectadas em um tempo contínuo em que as experiências são construídas e apreendidas num movimento de influências mútuas, o que se propõe (e que eu corroboro com essa sugestão), observando as fases etárias da vida humana, e, no caso específico a adolescência, é distingui-la no seu movimento expressivo, no seu momento interno (apesar das influências externas), com seus objetivos e significados inerentes, “onde a dimensão temporal com a qual o agir expressivo é identificado é o presente” (LECCARDI, 2005, p. 35).

Em síntese, utilizo o termo *adolescência* e não juventude, *adolescentes* e não jovens considerando alguns aspectos: o primeiro diz respeito ao recorte etário. Como mencionado antes, a juventude é uma categoria etária bastante ampla, que pode ser estendida entre a idade de 12 a 29 anos, em média. A categoria adolescência é restrita a uma distância bem menor: normalmente entre 12 a 17,18 anos de idade. Para a minha pesquisa, agrupei mais ainda essa faixa, selecionando adolescentes pela idade entre 14 a 17 anos. Outro fator está relacionado à pouca importância que essa categoria, bem como a passagem da infância para a adolescência, tem tido para as pesquisas sociológicas (que têm privilegiado os estudos sobre juventude). Nesse sentido, as ciências da saúde lideram na escolha da adolescência como grupo de interesse nas suas pesquisas, porém, na perspectiva biológica, fisiológica. Um último aspecto que considero muito importante é que é na adolescência que, geralmente, as primeiras experiências afetivas e sexuais começam a se concretizar com parceiros.

2.2 O fluxo da vida: um espaço de experiências abertas

Como já mencionado em diversas ocasiões, um dos autores que tem contribuído de forma brilhante nos estudos sobre as idades é Philippe Ariès. O autor, se referindo às Idades da Vida, afirma que nos tratados pseudocientíficos da Idade Média, os termos empregados: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade, cada um deles designando um momento específico da vida, na verdade “correspondiam a noções positivas, tão conhecidas, tão repetidas e tão usuais, que passaram do domínio da ciência ao da experiência comum.” (ARIÈS, 1981, p. 8)

A infância, especificamente, era desconhecida ou não despertava o menor interesse artístico durante a Idade Média (nos quadros de pintura, as crianças eram representadas como homenzinhos pequenos). Para Ariès (1981) isso podia significar que os homens não reconheciam a infância como uma realidade em si, e “também que no domínio da vida real, e não mais apenas no de uma transposição estética, a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida.” (ARIÈS, 1981, p. 18) Era uma etapa da vida que não tinha a menor importância, e por isso não necessitaria de ser lembrada, daí porque não era costume conservar o seu retrato. Por outro lado, morriam muitas crianças, o que contribuía mais ainda para reforçar a indiferença. A descoberta da infância, segundo Ariès, se deu a partir do século XIII.

Mike Featherstone (1994) salienta que a maneira de conceber o percurso da vida humana com base no princípio da universalidade é contra argumentada pela pesquisa histórica e cultural (ele usa como base teórica os estudos de Philippe Ariès), com base na qual tem se demonstrado que há sociedades (como na Europa Medieval) em que a infância não existia.⁵² Segundo o autor, foi a partir do século XVII, com o surgimento de novas dinâmicas direcionadas à noção atualizada das idades do homem, que, conseqüentemente, a infância passou a ser considerada “como um estágio separado e as crianças como criaturas divertidas que precisavam de cuidados especiais e atenção.

⁵² Considero interessante ressaltar uma lembrança que tenho (dos meus tempos de infância) de crianças que residiam no campo, que iam para a cidade nos dias de feira, juntamente com os pais, e que me chamavam a atenção pelo seu jeito de adultos (meninos e meninas). As roupas que vestiam, os adereços que usavam, o modo de falar, de andar, as brincadeiras que desconheciam, os gestos, as expressões. E como algumas dessas crianças eram minhas parentas, eu fiquei sabendo, inclusive que elas exerciam, praticamente, as mesmas atividades que os pais: as meninas cuidavam dos trabalhos domésticos e dos irmãos mais novos juntamente com as mães, e os meninos trabalhavam no roçado junto com os pais.

Foi também definida a visão de que o caráter da criança deveria ser formado através da educação, algo que tomou sua formulação principal no século XVIII.” (FEATHERSTONE, 1994, p. 56.).

No século XVII, os limites da idade (especificamente entre a infância e a idade adulta) eram estabelecidos pelo grau de dependência de uns pelos outros, e não por classificações cronológicas (como ocorre hoje comumente). Ou seja, a infância durava um longo período, sem que seus limites fossem fixados pela chegada da puberdade. A infância foi, até o século XVIII, conforme o autor, confundida com a adolescência. (ARIÈS, 1981). A ideia que hoje temos de adolescência não existia.

O que é importante destacar, a partir das abordagens dos autores sobre os diferentes tratamentos conferidos às idades, é que há uma relação dialética entre a cultura, como mediadora das atuações dos indivíduos nas sociedades (em quaisquer idades) e os próprios indivíduos (que não são apenas receptores passivos das determinações culturais). Por isso, em diferentes sociedades a cultura é inscrita sobre os corpos de formas singulares, e a reação dos mesmos se dá também de maneira particular.

Mike Featherstone (1994), se referindo aos estudos sobre o envelhecimento, reconhece que os aspectos biológicos têm sido apreciados com maior destaque em detrimento dos parâmetros culturais e sociais. A mesma coisa podemos dizer com relação aos estudos sobre adolescência. Por isso mesmo tem sido objeto de pesquisa primordialmente por parte das ciências médicas e da psicologia. O autor denomina todas as fases da vida, que normalmente são designadas de “estágios”, “cursos da vida”, “ciclos da vida”, etc., de processos. Tais termos que normalmente são utilizados, na verdade reúnem “diferentes noções do valor da vida humana per se tanto quanto o que a distingue das outras espécies.” (FEATHERSTONE, 1994, p. 51).

O autor esclarece que há diversos e diferentes processos de vida, e que, portanto, podemos encontrar em determinadas situações, jovens seguindo hábitos e valores de velhos e vice-versa. Isso nos instiga a refletir sobre a necessidade de analisar diferentes conjuntos de seres humanos em diferentes conjunturas sociais. Porém o autor enfatiza que os estudos sobre a vida humana que têm por base os modelos biológicos têm realçado “as características que compartilhamos com outras espécies: nascemos, amadurecemos, nos reproduzimos, declinamos e morremos.” (FEATHERSTONE, 1994, p. 55). Esse tipo de abordagem é bastante utilizada pela Psicologia do

Desenvolvimento que discorre sobre a vida humana a partir de fases distintas e pré-determinadas, que seguem um transcurso universal.

Guita G. Debert (2000), discorrendo sobre as representações sobre a velhice, ressalta a importância da distinção que deve ser feita entre um fato universal e natural (o ciclo biológico dos seres humanos e de outras tantas espécies naturais), e um fato social e histórico (a alteração das formas de compreender e viver o envelhecimento).

Da perspectiva antropológica, e também da pesquisa histórica, trata-se de ressaltar, em primeiro lugar, que as representações sobre a velhice, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos. A mesma perspectiva orienta a análise das outras etapas da vida, como infância, adolescência e juventude. (p. 50)

A autora esclarece que, conforme demonstram as etnografias que têm sido produzidas, as grades de idade estão presentes em todas as sociedades, porém cada cultura elabora a sua, e que a idade não é um fenômeno da natureza, nem explicativo dos comportamentos sociais.

A adolescência só começou a ser estabelecida como um estágio de desenvolvimento psicológico e biológico normal no Ocidente na segunda metade do século XIX, e com outras épocas da vida humana, antes indiferenciadas, como a meia idade. Na França, no início do século XX, o termo “juventude” (que equivalia a atual adolescência) tornou-se um objeto literário, e uma inquietação dos moralistas e dos apolíticos. A partir de então, começaram a surgir pesquisas sobre o assunto. Segundo Ariès (1981), após a primeira guerra, a adolescência começou a se expandir. O autor afirma:

A ausência da adolescência ou o desprezo pela velhice, de um lado, ou, de outro, o desaparecimento da velhice, ao menos como degradação, e a introdução da adolescência, exprimem a reação da sociedade diante da duração da vida. (ARIÈS, 1981, p. 16)

Segundo Featherstone (1994), os especialistas têm uma grande contribuição nessas descobertas das fases específicas, que passam a ser representadas como universais, com características biológicas e psicológicas homogêneas. Num dos exemplos ele destaca a menopausa (marco da experiência feminina na meia idade):

Nesse sentido, a menopausa pode ser definida como um problema social que, tal como a adolescência, apesar de ter fundamentos biológicos, é inventada na medida em que novas conceitualizações culturais são desenvolvidas e popularizadas, dirigindo em primeiro lugar a atenção dos especialistas e depois do público em geral, que passam a aceitá-las como reais, antecipando e notificando seus sintomas. (FEATHERSTONE, 1994, p. 59)

O que o autor sugere com essas argumentações, é que em distintas sociedades, bem como em diferentes pontos históricos de uma mesma sociedade, as experiências cotidianas do curso da vida, da mesma forma que os conceitos sobre o mesmo, se diferenciam. A indicação sinalizada pelo autor é que cabe aos sociólogos, seguidores do ponto de vista do “construcionismo social”,⁵³ assinalar as ocorrências históricas particulares e os interesses sociais que envolvem a exibição do discurso científico em dada sociedade.

Portanto, faz-se necessário questionar sobre o significado da invenção das fases da vida, tendo em vista que não há um único curso da vida, o que há é uma pluralidade de cursos da vida. Featherstone (1994) a esse respeito aponta algumas diferenças históricas: o curso da vida pré-moderno não possuía estágios definidos. Muitas vezes, o pertencimento a uma determinada fase da vida dependia mais do status do sujeito do que da sua idade (a exemplo do jovem Luís XIV que, mesmo sendo criança era tratado como um adulto devido aos poderes que exercia); nas sociedades modernas, cuja base é a industrialização e a urbanização, foram instituídas as idades da inserção na escola, no trabalho, do casamento, da aposentadoria, numa concepção de um curso da vida mais rígido, principalmente.

O Estado moderno assumiu seu papel de padronizar e universalizar essas grades etárias – estendidas para todos os grupos que eram obrigados a aceitá-las como direitos e deveres dos cidadãos. Além disso, houve uma maior padronização e ordenação do curso da vida. (FEATHERSTONE, 1994, p. 62)

Nas sociedades atuais, há uma tendência que vem se reproduzindo, que é uma reconfiguração das disposições das sociedades modernas. O que se observa gradualmente é uma maior variedade e confusão das grades etárias: muitos jovens se inserem no mercado de trabalho em idade escolar; outros estendem a idade da adolescência, como uma forma de permanecerem por muito mais tempo sob o amparo dos pais, adiando mais a independência financeira. Esse fenômeno é também conhecido como “adolescentização do curso da vida”, quando muitas pessoas (principalmente das

⁵³ Mais à frente explicitarei sobre esse conceito

classes médias nos EUA) adotam permanentemente um padrão de identidade próprio da adolescência durante todo o curso da vida; muitos adultos, já na meia idade (principalmente mulheres) retomam os estudos e os ambientes de trabalho; a velhice, por sua vez, passa a ser considerada como um “estágio de aposentadoria ativa e o declínio a ela associado torna-se um fenômeno que pode ser progressivamente eliminado.” (FEATHERSTONE, 1994, p. 63).

Guita G. Debert (2004), afirma que alguns autores defendem a ideia de que a história da civilização está marcada por três etapas sucessivas: a pré-modernidade (onde a idade cronológica é menos relevante, a modernidade, em que teria havido uma determinação de uma cronologização da vida, e a pós-modernidade, etapa em que há uma desconstrução do fluxo da vida, em favor de um estilo uni etário). Segundo o argumento da autora, várias mudanças têm contribuído nesse sentido, sobretudo na esfera da produção e no domínio da família.

Ou seja, nas sociedades contemporâneas assistimos à desconstrução do curso da vida, enquanto um processo contínuo e rigoroso. Portanto, os estágios etários não são padronizados, não são homogêneos, e, por isso mesmo, dizem muito da realidade de cada estrutura social, e que cabe ao pesquisador ser sensível a esse aspecto, sob pena de perder muitos detalhes expressivos que integram o corpo social como um todo, independente do pertencimento a um ou a outro estágio da vida humana.

Quando a referência do pesquisador no tratamento de categorias como velhos, jovens, adolescentes e crianças é o número de anos vividos a partir da data de nascimento ou a aparência de cada um, acaba-se por perder a plasticidade das formas pelas quais o curso da vida é concebido em sociedades distintas, bem como o sentimento investido na relação entre grupos etários e a importância desses grupos e categorias na organização social.(DEBERT, 2000, p. 55)

O fluxo da vida consiste num espaço de experiências abertas, e não de caminhos ritualizados de uma fase para outra, previamente definidas. Esse princípio tem como base um outro, que é o “carro-chefe” das ciências sociais: compreender como um problema social se constitui, e, para tanto, romper com as acepções socialmente aceitas dos fenômenos.

Percebe-se que esse distanciamento depende das formas de controle e dos contextos sociais. No que diz respeito às distâncias comportamentais e ao tratamento cultural que é atribuído aos grupos etários específicos, a escola, por exemplo, estabelece

padrões de comportamentos e de aprendizado pedagógico conforme as faixas etárias predeterminadas como infância e adolescência. Já essas mesmas crianças e adolescentes podem, no seu universo da casa e da vizinhança, receberem um outro tratamento por parte da família e da vizinhança que não se assemelham com os que são delimitados na escola. Ou seja, um mesmo indivíduo pode, em diferentes contextos de uma mesma sociedade, ser definido de formas diferentes, o que vai depender da sua maturidade biológica, de sua autonomia sexual, de sua independência financeira, entre outras atuações.

A adolescência, como já foi mencionado antes, tem sido entendida numa perspectiva psicológica, e são as diversas atitudes desses jovens, que dizem respeito à sexualidade, à escolha da profissão, aos sonhos, à necessidade de ser diferente nos gestos, na linguagem, nas roupas, etc., que têm se caracterizado como traços definidores dessa etapa da vida. Por outro lado, a juventude tem sido observada com uma atenção mais sociológica e antropológica (FRANCH, 2010). Concordo em parte porque realmente há muitos estudos sociológicos na área da juventude e muito poucos com foco na adolescência. A adolescência é um processo por que passa os jovens de determinada faixa etária, que se relaciona com outros grupos etários, da mesma forma que a juventude, que tem características singulares e plurais, e que expressa um contexto histórico, cultural e social. Da mesma forma que ocorre com a juventude, na complexidade do mundo em que vivemos, novos significados para a adolescência vão sendo construídos.

Acredito ser, dependendo da temática analisada, contraproducente, em termos metodológicos, se referir, enquanto um grupo etário, a um(a) menino(a) de 12 anos e a um(a) jovem de 29 anos. No caso específico da sexualidade, é uma vivência que traduz experiências extremamente singulares e complexas. Para efeito de compreensão, torna-se apropriado, ao meu ver, agrupar os jovens em faixas etárias mais próximas. Nesse caso, teremos, pelo menos dois grupos: os que se encontram no início da juventude (no caso, a adolescência), e os que estão saindo da adolescência e mais próximos à maturidade. Sabemos que essa divisão por idades é uma construção social, por isso mesmo o que vai ser problematizado são as experiências sociabilizadas por esses grupos, levando em conta a dimensão sociocultural em que eles estão inseridos. Como afirma Müller (2005):

Enquanto seres humanos estamos submetidos ao tempo: o crescimento e o envelhecimento do corpo são fatos naturais de nossa existência, como em todos os seres vivos. A forma como isso é percebido social e individualmente, porém, não é algo óbvio. Dividir o ciclo da vida em etapas ou fases, atribuindo-lhes diferentes status, papéis e poderes, é uma construção cultural relativa no tempo e no espaço. Cada sociedade organiza a transição da infância para a vida adulta e desta para a velhice de um modo, sendo que as formas e conteúdos desta transição são muito variáveis. (MÜLLER, 2005, p.67).

Ou seja, da mesma forma que existem os dados biológicos, existem também as informações sociais que se estabelecem com relação a estes dados. Sobre essa concepção de fases ou etapas ou ainda sequências, Gagnon afirma:

A vida dos indivíduos não tem apenas um caráter sequencial (cujo padrão usual é primeira infância, infância, adolescência, maturidade e velhice), mas existe uma vasta gama de contextos socioculturais e históricos que servem de fontes locais para a aprendizagem do conteúdo desses vários estágios do desenvolvimento. (GAGNON, 2006,p.124).

Além do que, na cultura contemporânea há uma modificação generalizada dos sentidos da infância, da juventude, da vida adulta e da velhice. (HEILBORN, 2006).

2.2.1 Sexualidade e Idades da Vida

Sabe-se que, embora os valores e os costumes tenham sofrido grandes mudanças em nossa sociedade contemporânea, como decorrência de muitos e complexos fatores sociais e culturais, e que todas as mudanças estruturais acarretam mudanças de ordem subjetiva nos atores sociais, ainda imperam muitos preconceitos tradicionais e imagens estereotipadas que se repercutem no imaginário ocidental sobre a temática da sexualidade.

Tais preconceitos se estendem em vários âmbitos sociais. No campo das idades essa prática é percebida com bastante evidência. Há uma idade mais adequada para namorar, para se relacionar sexualmente, para reproduzir, para ter prazer sexual. Com relação às determinações de gênero, há outras tantas diferenças. E os modelos convencionais estabelecidos para as práticas sexuais são estendidos a todos os grupos de idade.

Márcia Andrade e Mónica Franch (2012), numa pesquisa realizada num Programa de Saúde da Família (PSF) sobre sexualidade e envelhecimento, observaram, entre outras coisas, que a partir dos anos de 1990, novos discursos a respeito da sexualidade na velhice (que sempre tem sido, na sociedade ocidental, associada a imagens negativas) começaram a dominar, sobretudo nas áreas da saúde, e que isso se deve, em parte, a determinados fatos (entre eles o aumento proporcional do número de idosos atingidos pelo vírus da Aids; surgimento do Viagra; e a medicalização da sexualidade idosa) que vem ocorrendo nos últimos tempos, que estão sendo associados às mudanças nas passagens sexuais na contemporaneidade, que têm atingido, de diferentes formas, homens e mulheres em distintas etapas de suas vidas.

Atualmente há um prolongamento da vida sexual até idades mais avançadas, por vários motivos como: o aumento da expectativa de vida, a propagação do ideal de juventude, o que, de certa forma, favorece uma visão mais aberta a respeito da prática sexual na velhice.

As autoras, no entanto, constataram que permanecem muitas contradições na maneira de lidar com essa questão, especificamente no PSF (local onde a pesquisa foi desenvolvida). O que elas chamam de “mito da velhice assexuada” diz respeito à forma como são tratados homens e mulheres idosos pela saúde pública no que tange à sexualidade, reforçando a imagem da decência e da passividade (especificamente da mulher).

Remetendo ao campo da sexualidade na adolescência, podemos observar que há muitas contradições também na maneira de a sociedade lidar com a questão. Nesse sentido, a minha pesquisa procurou ouvir os sujeitos a quem fiz referência: os adolescentes. E a partir deles, eu pude ter uma concepção da sua vivência sexual, bem como do que foi/é apreendido a partir de outras instâncias sociais.

Nesse sentido, busquei apreender como determinadas condutas sexuais como o “ficar”, o namoro, a paixão/atração, a relação sexual, a prevenção às DST e gravidez estão sendo ordenadas nas suas experiências. E como esses jovens se posicionam diante de questões que tanto a sociedade polemiza, e que, direta ou indiretamente, fazem parte de seu universo, como por exemplo, a homossexualidade, a gravidez na adolescência, a virgindade, a fidelidade. Com isso procurei desvendar a relação estabelecida entre seus comportamentos sexuais e a estrutura imposta no meio social e cultural onde estão inseridos, e na sua convivência com seus pares. Parto do princípio de que há uma cultura sexual que está na ordem do dia - das práticas de

socialização dos jovens que vão desde o comportamento no interior da família, aos relacionamentos na escola e em quaisquer outros ambientes onde os jovens circulam, nos quais se estabelecem laços de amizade, de namoro e de outras práticas afetivas - que age sobre a visão, as concepções, o dia-a-dia dos jovens adolescentes. Essa estrutura diz respeito à linguagem, às regras, às leis, à mídia, à religião, aos preceitos morais, aos costumes, à moda, etc. Os comportamentos dos jovens “estão enraizados em normas coletivas implícitas. Não são espontâneos, mas ritualmente organizados e significados visando os outros.” (BRETON, 2007,p.52).

Parti de algumas questões básicas: Qual o significado, para os adolescentes, das experiências afetivas e sexuais com as quais começam a lidar? Como estão interagindo com outros jovens, com a família, com os adultos? Como se posicionam frente às questões relativas à gravidez nessa fase da vida, às DSTs/AIDS, às relações homossexuais, à primeira iniciação sexual, ao namoro, ao “ficar”, ao apaixonar-se? Como as representações sexuais e de gênero estão sendo vivenciadas individualmente? Em que medida eles passam a elaborar modelos próprios de vivência da sexualidade? De que forma reagem face aos modelos predeterminados e prefixados, fundamentados nos valores apreendidos, pelo estrato social do qual fazem parte? Ou seja, como os adolescentes, vivendo em condições distintas, reelaboram essas reproduções e redefinem novas aprendizados? Resumindo: O principal objetivo, na minha pesquisa, é refletir sobre o conjunto de questões relativas à sexualidade vivenciada pelos adolescentes da cidade de Campina Grande, privilegiando suas experiências representadas nos seus discursos, bem como a maneira como esses discursos são elaborados e expressos, tendo como fio condutor as relações de gênero.

CAPÍTULO III

3- OS SENTIDOS DO SER ADOLESCENTE E OS “PROCESSOS”

Introdução:

Existem momentos que eu gostaria de voltar a ser criança, de não precisar me preocupar com nada, mas também às vezes eu paro e penso que já não posso mais voltar (Évelyn, 17 anos)

Neste capítulo pretendo expor os sentidos do ser adolescente nos discursos dos meninos e meninas entrevistados, bem como o que eles (as) destacam como elementos marcantes na passagem da infância para a adolescência.

As adolescentes e os adolescentes serão considerados aqui em sua heterogeneidade. O lugar e o tempo social de onde esses jovens provêm, acompanhados de suas experiências singulares, devem ser considerados, uma vez que só a partir dessa estratégia, se pode compreender as narrativas apresentadas.

3.1- Adolescentes: “A flor da pele” sob “pressão”

Como mencionei anteriormente, foram 28 adolescentes participantes da pesquisa (19 meninas e 9 meninos). Desses, entrevistados mesmo foram 18 (onze meninas e sete meninos, e os dez restantes alguns participaram do GF e outros me mandaram textos sobre temas da sexualidade, por e-mail). Apenas duas entrevistas foram exclusivamente presenciais. No restante delas, predominaram os contatos virtuais, sobretudo pelo facebook. Optei em copiar os depoimentos dos informantes

virtuais tal qual foram descritos pelos mesmos (utilizei o *Ctrl C* e o *Ctrl V*) mudando apenas o meu nome (que coloquei apenas as iniciais) e os nomes dos entrevistados. Dessa forma, acredito que consegui forjar uma maior aproximação com os entrevistados, através dos seus códigos próprios, do seu “*Internetês*”, código desenvolvido diretamente pelos usuários para facilitar e agilizar a troca de mensagens online.⁵⁴

Observando os perfis, no Facebook, dos entrevistados, verifiquei que mais da metade dos adolescentes publicam seu “status de relacionamento” (se são solteiros, casados, em um relacionamento sério, etc.), Cinco (31,3%) afirmaram que estão “em um relacionamento sério”, e quatro (25%) que são “solteiros”. Entre os sete restantes, dois (12,5%) publicaram que estão “interessados em mulheres” e cinco (31,3%) não fizeram nenhuma referência nesse sentido.

Às narrativas sobre a adolescência, sobrepos descrições referentes à vivência da infância, na tentativa de elucidar o processo de aprendizado e de experiência construído nos anos vividos, verificando, pelas suas falas, que aspectos esses adolescentes elegeram (ou elegem) como marcantes nas suas trajetórias. Partindo do pressuposto de que não há um transcurso uniforme de uma fase a outra da vida, mas que vivemos um processo “desafinado” nas nossas vidas, não se pode entender as etapas soltas, separadas da trajetória de vida como um todo. Nesse sentido, é importante verificar os significados das experiências expressos pelos sujeitos, que não se limitam aos aspectos físicos/hormonais/biológicos (tão enfatizados pelos psicólogos e especialistas da área de saúde). Nesse sentido, não compete exclusivamente a tais áreas a análise desse percurso infância-adolescência. Cabe à sociologia a análise desse processo na perspectiva de se instrumentalizar melhor no que diz respeito à problematização da dimensão temporal dos sujeitos.

Todos os garotos e garotas falaram bem sobre a infância, ressaltando determinados aspectos que consideram mais marcantes durante a época. Praticamente todos enfatizaram o *brincar* como uma das práticas mais relevantes e que, por isso mesmo guardam na memória como uma das melhores lembranças.⁵⁵ As meninas apontaram as principais brincadeiras: com bonecas, de casinha, esconde-esconde, escolinha, enfermeira, imitar personagens, barra-bandeira, futebol, com terra. Os meninos destacaram: com carrinhos, futebol, na rua, videogame, com bonecos. Percebe-

⁵⁴ Sales e Paraíso (2010)

⁵⁵ Esse elemento também foi percebido nas pesquisas de Franch (1998; 2008)

se que há uma maior variedade na lista de brincadeiras citadas pelas meninas, em que prevalecem aquelas consideradas típicas do mundo feminino (com bonecas, de casinha, de enfermeira), embora tenham sido destacadas outras que também fazem parte do universo masculino (o futebol, esconde-esconde, barra-bandeira, com terra). No rol das brincadeiras apresentado pelos meninos, apenas uma – o futebol – também foi mencionada pelas meninas.

Os outros itens listados por eles/elas como marcantes durante a infância foram: *as amigas* (seis deram esse destaque), a presença da *família* (alguns falaram sobre as brincadeiras constantes com os primos); uma menina disse que o que mais marcou foi quando teve que fazer uma cirurgia no braço que havia quebrado; outra falou sobre o balé, que até hoje faz; um menino falou que nada foi marcante nessa fase; outro disse que fazia muitas besteiras (brigava na rua, bagunçava).

Nas conversas que tive com os jovens entrevistados, ao questionar sobre o que é *ser adolescente*, destrinchei alguns itens relacionados à pergunta principal, como por exemplo: primeiro eu perguntava como eles (as) se consideram (crianças, adolescentes, jovens, adultos), desde quando eles estão nessa nova fase, o que aconteceu de marcante nessa passagem, e o que está marcando mais hoje na sua vida.

Com exceção de dois rapazes (um se vê como um jovem adulto e o outro nem como criança nem como adolescente), todos se consideram adolescentes. Sobre o significado da adolescência para eles, a *responsabilidade*, principalmente como exigência da família, é um dos fatores que mais aparecem como significativos dessa fase.⁵⁶ Isso se contrapõe à ideia generalizada de que todo adolescente é imaturo, inconsequente, irresponsável. Carlos, 16 anos, estudante do 2º E.Médio diz:

...agora ta chato pra caramba pq eu nao posso fazer nada q a galera aki de casa fica falando coisa e ficam colocando preçao pro causa do vestibular e o curso q eu tenho q fazer⁵⁷

Esse mesmo rapaz, ao afirmar que se considera um jovem adulto, justifica por causa das escolhas que teve que fazer ultimamente, em vésperas de um vestibular. Outra garota também afirmou que durante a adolescência está amadurecendo, levando as coisas mais a sério.

⁵⁶ Isso também foi percebido na pesquisa de Franch (1998)

⁵⁷ Os depoimentos que foram extraídos do Facebook eu reproduzo *ipsis litteris*.

André, 17 anos, 2º E.Médio ressalta:

sou um adolescente, de quase 18 anos que é dividido entre obrigações de quase um adulto e estudos. onde sinceramente essa idade é difícil pra caramba

TRO: o que te marcou nessa passagem da infância p adolescência?

o que aconteceu que vc pensou eita agora é diferente?

André: a questão da responsabilidade, ate mesmo pro que eu demorei ate aceitar isso por isso que eu reprovei

André sempre estudou em escola particular, porém tem passado por muitas dificuldades, principalmente por sua mãe tê-lo criado praticamente sozinho. Seu pai nunca manteve vida conjugal com sua mãe, sempre morou em outro país, e os seus contatos com o mesmo e com a família paterna foram bastante eventuais. Sua mãe foi casada durante um certo tempo com outro homem, com quem teve outro filho, mas que também nunca representou uma figura paterna na vida de André. Depois da sua mãe, sua avó materna é a figura mais importante na sua trajetória de vida, (com quem inclusive morou durante um tempo enquanto sua mãe concluía a pós-graduação em outro estado). Ele ressalta que a época mais feliz de sua infância foi quando morou num bairro com sua mãe e o irmão próximos à casa da avó, quando brincava muito. Quando ele menciona as dificuldades e obrigações que está vivenciando atualmente, está se referindo, sobretudo, aos compromissos com os estudos (entrou este ano no terceiro ano do ensino médio), pressionado com o vestibular que se aproxima, principalmente por ter passado por um processo difícil de reprovação num dos anos escolares.

Duas meninas também apontam:

Existem momentos que eu gostaria de voltar a ser criança, de não precisar me preocupar de nada, mas também as vezes eu paro e penso que já que eu não posso voltar a ser criança, eu tenho que lutar pelo que eu quero, e retribuir tudo que meus pais fizeram por mim.

TROliveira
como é vida de adolescente?

Evelyn
Cheia de responsabilidades, não tanto como a vida de você adultos, mas é quase lá! Os pais colocando pressão em cima, por conta dos estudos, de vestibular... As vezes eu fico muito estressada, querendo ser a dona da razão, mas quando eu paro e penso, tudo que meus pais me cobram é pro meu futuro

(Evelyn, 17 anos, 2º) (entrevista pelo face)

Evelyn é de uma cidade do interior da Paraíba, e mora em Campina Grande há sete anos com as irmãs. As irmãs, mais velhas que ela, vieram para estudar por decisão de seu pai e a trouxeram junto. Segundo ela, seu pai, “sempre buscou o melhor pra todos os filhos”.

Laura

Às vezes é estranho porque cobram muito de você. Vem essa época do vestibular, aí você não sabe direito o que vai ser, e tal...

TRO

Quem cobra muito de você?

Laura: Eu, minha mãe lógico também, mas eu sou muito auto-crítica, me cobro muito.

(Laura, 15 anos, 1º. Entrevista presencial)

O que se deduz desses discursos, no que tange a dois aspectos apontados como significativos da adolescência – a responsabilidade e o amadurecimento –, é que não existe uma execução de papéis e de posturas próprios à adolescência enquanto idade, pois são os fatores externos, somados a predisposições internas/subjetivas, que de uma forma ou de outra desencadeiam uma série de respostas e reações que vão sendo elaboradas num processo, numa trajetória específica. Sendo assim, o amadurecimento e a responsabilidade estão sendo mencionados num contexto específico, em que os estudos, a preparação para exercer uma vida profissional, estão sendo colocados como fatores relevantes para muitos adolescentes, pois as mudanças que vão ocorrendo nas suas vidas vão comportando níveis maiores de intervenção no mundo ao redor. Segundo Brandão

A adolescência agrega também uma expectativa parental de engajamento dos filhos nos estudos, no período precedente ao vestibular. Encontram-se em jogo a escolha de uma carreira profissional futura e o empenho do filho em retribuir a contrapartida do sustento parental, ou seja, dedicar-se responsavelmente a algo que lhe possa proporcionar, no futuro, a independência. (2004, p.70)

Por outro lado, Marcelo, 17, 2º dá a entender, no seu discurso, que há uma conjunto de experiências específicas, pós infância, que desencadeiam mudanças no processo de aprendizado até a fase adulta. Em resposta à minha pergunta sobre como é ser adolescente ele relata:

Tá sendo maravilhoso. Muita gente diz que é horrível porque nem é adulto nem é criança. Pra mim foi uma fase que eu me descobri bastante. Tive muitas mudanças.

T.R.O: Que mudanças?

De intelectualidade, de lidar com várias atitudes. Antes eu paro e olho dois anos atrás, que é pouco tempo, mas eu era um menino que tava no colégio bagunçando, conversando (...) então quando eu olho eu mudei bastante, eu preciso agora ser mais sério, acho que você ter consciência de cada fase é uma coisa muito boa na adolescência

(Entrev. presencial)

Marcelo foi criado a vida inteira pela mãe que enviuvou quando ele ainda era um bebê. Ele estuda em escola particular, mas para isso sua mãe teve que fazer empréstimos em banco para lhe garantir uma boa educação escolar. As dificuldades financeiras, entre outras, foram muitas, apesar do apoio das duas famílias (paterna e materna). Sua mãe não manteve mais nenhum relacionamento conjugal com outra pessoa. Marcelo, apesar de afirmar que sempre foi trabalhoso na infância e adolescência, principalmente com relação aos estudos (inclusive foi reprovado uma vez), agora está começando a sentir a necessidade de definir suas metas. Na época da sua entrevista, estava cursando o terceiro ano do ensino médio, mas já decidiu o curso que vai fazer e no que vai se especializar. Ele comenta sobre isso com bastante ânimo, da mesma forma que se refere à sua sexualidade (em outros momentos eu descrevo partes do seu depoimento sobre isso). Percebo que as descobertas às quais ele se refere, estão relacionadas à dimensão objetiva e subjetiva no processo de construção de si enquanto adolescente. E quando ele afirma que sente a necessidade de *ficar mais sério* e assumir responsabilidades, fica claro o quanto, muitas vezes, a percepção de si mesmo provoca o senso comum que, na maioria das vezes, pré-julga os adolescentes como sendo irresponsáveis, descompromissados, destemidos, inconsequentes. Ele detalha mais um pouco sobre as mudanças ocorridas:

Aos meus 9 anos minha mãe arrumou um emprego dos dois horários, aí ela precisou me deixar sozinho em casa, aí eu tive que construir minha independência, aí requer muita responsabilidade, ela ficava muito preocupada. Quando fui ficando mais velho já tava acostumado a ficar sozinho. Sempre fui muito ligado ao meu tio por parte de pai, o mais novo. Então aí nessa época da fábrica [do tio, onde ele passou um tempo trabalhando/conhecendo] devia ter uns 13/14 anos, aí ganhei muita responsabilidade, porque comecei a mexer com dinheiro, a administrar (...) Aí com 16, 17 anos comecei a ter mais liberdade, porque antes minha mãe me prendia muito. Então minha foi me soltando aos poucos porque eu podia fazer alguma loucura, mas sempre fui responsável, sei o que tô fazendo, sei

que vai dá certo. Reprovei na sétima série, sempre passei me arrastando porque as coisas da escola nunca me interessaram (...) Acredito que ainda tô na adolescência por eu não ter ainda uma carga de responsabilidade tão grande. Acredito que só vou me tornar um adulto quando eu adquirir minha própria independência.

Temos aqui algumas especificidades que são apresentadas no depoimento de Marcelo que podem ser significantes para auxiliar na análise de sua trajetória: a experiência com o trabalho durante a adolescência; a coabitação apenas com a sua mãe; a experiência de ter “que se virar” sozinho em casa desde os 9 anos de idade porque sua mãe tinha que trabalhar nos dois horários. Nesse relato, o fator “responsabilidade” tem uma outra conotação: não é a responsabilidade que os pais impõem aos filhos à dedicação aos estudos. É o compromisso com o trabalho, que, embora Marcelo seja um estudante de escola particular, as suas experiências passadas (sobretudo na infância) lhe proporcionaram outros aprendizados. Ou seja, ele teve que se submeter a uma situação de independência (doméstica) quando criança, situação essa que foi imposta pelas circunstâncias em que estava vivendo, mas que, como ele mesmo diz, foi construída também por ele. E essa “sensação” de construir a independência, parece ter perdurado nos anos posteriores, de sua adolescência, como ele relata a seguir:

Quando perguntei o que mais marcou na sua adolescência, ele respondeu:

Foi quando tive mais liberdade, quando comecei a conquistar a minha própria independência. Quando eu comecei a sair, a lutar pra ter independência, antes eu não tinha essa voz. Adolescência quando começa é aí.

(Entrev. presencial)

Marcelo diz que sempre foi “precoces” com relação à sexualidade, sempre foi “desenrolado” com as meninas. “Ficou” a primeira vez com 10 anos, nas brincadeiras com as primas mais velhas, e à medida que foi crescendo foi só namorando. Teve a primeira experiência sexual com 13 anos (com uma menina mais velha que ele três anos, que não era mais virgem e que não era sua namorada), e namorou a primeira vez com 14.⁵⁸ No seu discurso sobre suas experiências sexuais, ele fala que já fez “besteiras”, como, por exemplo, ficar com várias pessoas ao mesmo

⁵⁸ Esse tipo de prática coincide com os resultados da pesquisa GRAVAD, em que a iniciação sexual dos homens é anterior ao primeiro relacionamento estável (o namoro) (HEILBORN et al, 2006)

tempo, ficar por carência, transar sem usar preservativo. Sobre isso ele diz: “Não me arrependo, eu era mais novo. Mas hoje tenho outra visão”.

Percebe-se que foram vários aspectos exteriores que foram se acoplando às experiências subjetivas de Marcelo, e que desencadearam novas disposições e determinadas maneiras de agir: a independência, tão frisada pelo jovem, foi sendo conquistada por força das circunstâncias: ficava sozinho em casa enquanto a mãe ia trabalhar fora, o que o levou, inevitavelmente, a exercer algum tipo de atitude mais autônoma, mesmo ainda muito jovem; as experiências na fábrica do tio, que lhe possibilitaram um aprendizado sobre as questões de responsabilidade com o dinheiro; as experiências sexuais desde cedo. Esses aspectos parecem estar, inclusive, relacionados entre si, como se a aquisição de competências em determinadas esferas (autonomia doméstica, lidar com dinheiro) solicitasse a entrada na vida sexual, domínio dos adultos e dos adolescentes de mais idade.

Luísa, 15, 2º se considera adolescente justamente ”porque não é ingênua como criança, nem tem as responsabilidades de um adulto”.

Uma das entrevistadas apontou um elemento importante no ser adolescente: *o sexo*.

T.R.O. O que você me diz mais sobre ser adolescente?

Laura (15,2ºE.M.) Tem aquela parte do...sexo, tem gente que acha que só porque você é virgem aos 15 anos, é estranho. É muito difícil você encontrar uma pessoa virgem aos 15, 16 anos. (entrevista presencial)

E quando eu questionei sobre quando se iniciam as primeiras práticas sexuais, ela respondeu: “na adolescência, porque é quando começa a se relacionar com o outro”. Acredito que a referência ao sexo/práticas sexuais, nesse contexto, diz respeito ao processo de iniciação e de envolvimento afetivo e sexual que pode ou não resultar no ato sexual propriamente dito. Quando a jovem diz que as práticas sexuais se iniciam nessa fase é porque é a partir de então que se principia uma trajetória de interações, de conhecimentos, de trocas afetivas *a dois*, sobretudo. No processo anterior, da infância, essa vivência *a dois* ainda não foi concebida. Heilborn (2006) afirma que a sexualidade consiste num campo onde os sujeitos são socializados, e que leva à formação de uma autonomia individual dos jovens.

Laura sempre morou com sua mãe, que é solteira. Apenas nos seus primeiros anos de vida teve uma pequena convivência com o seu pai. Além de sua mãe, tem uma relação muito direta com uma tia que mora na mesma cidade, que é mãe de

dois rapazes. Segundo ela, a sua família é essa, e um avô que mora em São Paulo, a quem quase nunca vê. Sua convivência diária tem sido com sua mãe, que sempre foi ligada ao mundo artístico. O namoro foi, para ela, o definidor de sua entrada na adolescência. Quando questionei sobre a iniciação sexual, ela falou que não tem experiências sexuais ainda, e isso porque não acha certo ter relações sexuais no início do namoro. Ela comenta que algumas amigas concordam com ela, mas que esperam pelo casamento para terem relações sexuais, e ela, por outro lado, acredita que não é o casamento quem vai definir esse momento, mas sim a confiança e o respeito que deve sentir pelo parceiro.

...porque elas falaram que o casamento tem que ser uma coisa muito especial porque você vai ficar a vida toda com a pessoa...pra mim eu posso tá namorando uma pessoa especial e que pode acontecer daqui há um tempo [a relação sexual]. Mas pra elas não fariam isso antes do casamento.

(entrev. presencial)

Luana (16, 2º E.M.) consegue definir a adolescência como uma fase complexa, e que subentende duas etapas:

1- Como é ser adolescente? me fale mais sobre essa fase em que vc tá passando

Resposta:bom,pra mim ser adolescente ta sendo uma fase muito complicada por que todos os adolescentes tem seu "dramas" sua dúvidas e todas as 'complicações da vida de adolescentes.a famosa frase : "ninguem me entende" sabe ?

Eu acho que adolescencia tem duas partes, 1ª é o começo de tudo, é quando os adolescentes estao "a flor da pele",que curtem muito,muitos estao revoltados com a vida e tal.e a 2ª é quando começa os conhecimento,o aprendizado e começam a levar as coisas um pouco mais a sério.

Eu estou considerando minha adolescencia como uma fase descobertas e tento aproveitar ,com diversão e com responsabilidades que eu acho que tem que ter um pouco desse pensamento.

(questões transcritas do e-mail)

Luana destaca dois momentos vividos na adolescência: um primeiro que ela traduz como sendo “a flor da pele”, e que por isso é mais inconsequente, rebelde. E um outro que é contido, pensado, centrado, que é quando as coisas são levadas mais a sério. Ela traduz sua adolescência como uma vivência em que há um certo equilíbrio entre

esses dois momentos: com diversão e responsabilidades. Portanto, vejo nesse discurso em parte uma reprodução dos estereótipos sobre a adolescência (fase complicada, dramática, cheia de dúvidas, “a flor da pele”), e, por outro lado, a própria percepção do sujeito sobre si mesmo, fugindo um pouco do que consta no imaginário coletivo sobre o ser adolescente (quando destaca a responsabilidade, o conhecimento, o aprendizado)

A antropóloga Alessandra El Far (2007), no seu texto sobre Ritos de Passagem, afirma que nas sociedades indígenas os adolescentes eram apartados de suas famílias e eram submetidos a provas físicas com muito sofrimento para mostrar à comunidade que estavam aptos a se inserir no mundo dos adultos. Os rapazes tinham seus corpos expostos a experiências duras, deixando cicatrizes para o resto da vida, representando, dessa forma, uma memória que impunha respeito. “Ao demonstrar sua astúcia e capacidade de controlar os sentimentos e o sofrimento sentido no próprio corpo, o jovem se mostra pronto para receber e incorporar os valores primordiais de sua comunidade.” (EL Far, 2007, p. 16). O que a autora sugere, em referência a outros antropólogos que pesquisaram sobre os rituais de passagem, é que a adolescência, nas sociedades indígenas tem se constituído uma etapa de transição, com significados culturais importantes para a obtenção de um novo status social (2007).

E hoje, como podemos localizar nas sociedades complexas, destacadas pelo individualismo, os tais ritos de passagem⁵⁹ para a vida adulta? Será que eles existem? Em seu estudo pioneiro para o Brasil, Thales de Azevedo (1987), defende que a adolescência, que tem início entre 12, 14 anos, é uma idade biológica e social. As mudanças corpóreas e psicológicas que ocorrem nessa fase, se estendem até a idade adulta.⁶⁰ Para ele, há, pelo menos, dois acontecimentos que marcam, na sociedade urbana brasileira, de classe média e alta, a adolescência: os quinze anos, marcado pela “noite de debutantes”⁶¹ e o vestibular. Como veremos mais à frente, esse quesito será ressaltado em depoimentos de alguns adolescentes. Em todo caso, na nossa sociedade contemporânea, onde a complexidade e a falta de coesão entre seus membros são fatores imperativos, há diversos tipos de relações, de crenças, conforme as condições financeiras, as formações religiosas, os laços familiares e de sociabilidade, que cada indivíduo vai contendo nas suas trajetórias de vida. E, portanto, o que observamos

⁵⁹ GENNEP, 1978

⁶⁰ Os costumes de diferentes grupos culturais e épocas determinam a idade que sinaliza o início da adolescência. (AZEVEDO, 1987)

⁶¹ O termo “debutante”, segundo o autor, origina-se do francês “début” e significa “começo”, “iniciação”.

diversos e complexos tipos de processos. El Far (2007) cita como exemplo de acontecimentos que se estabelecem e se repetem nessa fase, que designam sentidos próprios desses grupos como: o vestibular, o trote, o serviço militar, o culto religioso, a maternidade precoce.

Em alguns depoimentos, foi precisa a colocação da idade em que se parou de brincar, juntamente com outros fatores, como se essa fosse uma marca forte durante a infância, e que, por isso mesmo, a distinguiu de outras etapas da vida. Quatro adolescentes (um menino e três meninas) frisaram esse fator. A partir desse acontecimento (parar de brincar), haveria um rompimento ou uma quebra de uma vivência, e em seguida novas experiências se instalariam. Porém, como ressaltado anteriormente, cada prática se traduz de forma única, embora em muitas situações reproduza traços de um aprendizado coletivo.

Sobre a experiência do *parar de brincar*, apenas uma adolescente destacou uma certa resistência em abrir mão dessa vivência, embora consciente de outros fatores sociais que se instalavam, modificando inevitavelmente seus hábitos antigos de criança.

T.R.O
e parou de brincar quando? lembra?
Duda (16, 2º E.M.)
14 anos
T.R.O
por que com essa idade, o que marcou essa mudança?
Duda
estudos começaram realmente a ocupar o meu tempo, e meus pais sempre diziam que eu já estava passando da idade de passar a tarde brincando
T.R.O
vc brincou de barbie até os 14 anos?
Duda
sim, com 14 anos foi quando eu finalmente realizei o sonho de comprar a casa da barbie e a minha ultima barbie, que desde que eu comprei á **matenho na caixa...** troquei as brincadeiras por internet, games e esportes
(entrev. pelo face)

Como está descrito no relato acima, Duda afirma que parou de brincar com 14 anos também por insistência de seus pais, que diziam que ela já “estava passando da idade”. Mesmo assim, ela guarda sua última boneca dentro da caixa ainda hoje. O que percebo é que houve uma ruptura brusca de uma etapa a outra (da infância, marcada pelas brincadeiras, à adolescência, em que os estudos passaram a lhe exigir mais dedicação, e outras atividades despertaram seu interesse, como internet, games e esportes), e que não foi por decisão própria, espontânea, o deixar de brincar, tanto é que

a casa da Barbie e a última Barbie ainda estão guardadas até hoje, como um último sonho de infância realizado e que não houve tempo para aproveitá-lo.

Clara guarda até hoje as suas Barbies alegando que é “muito apegada às suas coisas”. Esse apego pode significar, no meu entendimento, que as “coisas” às quais ela se refere não deixaram de ser suas porque o tempo passou. Continuam sendo suas, e guardá-las representa um apego, uma ligação possivelmente interrompida pela força das circunstâncias.

Percebo que, no exemplo dessas duas meninas, em que é ressaltado o apego ao brinquedo mais querido (a Barbie), e que, por isso mesmo, permanece guardado até hoje, há duas observações que considero interessantes para se refletir: a primeira diz respeito ao tipo de brinquedo que está sendo descrito: a Barbie. Como se sabe, a Barbie representa o modelo feminino de beleza e de juventude, cujos acessórios (que são distribuídos em cada tipo de Barbie) indicam formas e produtos a serem consumidos. E, possivelmente, por ser uma boneca que carrega os ideais de beleza, de consumo e de feminilidade jovens (dentro dos padrões ocidentais), acaba sendo mantida (mesmo que guardada dentro de uma caixa) junto aos pertences das meninas adolescentes. A outra reflexão diz respeito à insistência em não abrir mão do brinquedo, que representa a ligação e permanência na infância, bem como uma construção da memória biográfica. Nas duas falas, se percebe que as meninas têm dificuldade em “se livrar” das suas bonecas para assumirem uma nova postura exigida, onde não há lugar para brincadeiras nem brinquedos. Guardar a boneca, mesmo que não seja mais utilizada como brinquedo, significa resistir em sair totalmente do seu mundo de infância. A memória material, nesse caso, precisa ser preservada, e é isso o que elas fazem. Por outro lado, esses relatos demonstram que os adolescentes encontram-se num “cruzamento temporal”⁶², em que o passado e o presente estão conectados, não existindo, portanto, uma quebra de um tempo etário a outro.

Évelyn, no seu discurso, também deixa transparecer que houve uma interrupção forçada, quando parou de brincar e teve que assumir novas atitudes diante das exigências de seus pais para que encarasse com mais dedicação os seus estudos:

TRO: vc brincou até quantos anos?

Évelyn: até os 12 que eu me lembro

TRO:por que até os 12? o que aconteceu pra vc parar nessa idade?

⁶² FRANCH, 2010

E: é como eu te falei, passei a morar com minhas irmãs, estudava de manhã, fazia dança a tarde, quase não tinha tempo.

Entre os 18 entrevistados, um deles não se considera criança nem adolescente, nem tampouco define uma época específica que esteja vivenciando, uma vez que alguns de seus hábitos construídos na infância se mantêm até hoje. Por outro lado, reconhece que há mudanças no seu modo de ser e de viver, mas que estão acontecendo gradativamente.

Fred (15, 8º E.F.):

bom, eu não me considero nem criança nem adolescente...sei lá, eu não sei o que eu sou mesmo..

T.R.O: me conta sobre a sua infância

assim, o que vc gostava mais de fazer, o que curti

Fred: o que eu gostava de fazer, eu ainda gosto de fazer

e escutar música, bandas..

quando eu era criança eu escutava muito a banda Queen

até hj eu curto, e minha banda favorita

T.R.O: teve alguma coisa que te marcou muito na infância?

Fred: bom, não tem nada que marcou a minha infância, mesmo.. que eu me lembre não..

eu to tentando lembrar..

T.R.O: vc acha que aconteceu alguma coisa com vc, que a partir disso vc pensou: eita, não sou mais criança...

Fred: uma mudança na minha vida? tudo muda de repente, as brincadeiras, os pensamentos, é como se eu abrisse de verdade os olhos para a realidade, eu vejo e aprendo novas coisas, foi diferente da infância que eu só queria brincar, passear...

coisas que uma criança de 5 ou 6 anos tem vontade normal

essa mudança foi indo devagar, não em corpo assim.. que isso muda por uma idade, eu falo de pensamento, ideias..

Fred é filho de pais separados. Tem três irmãos (dois por parte de pai e um por parte de mãe). Ele fala bem sobre a sua infância e adolescência, mas ressalta os problemas que a família enfrenta com uma pessoa de sua família que, quando bebe, agride algumas pessoas da casa, inclusive seu irmão e sua mãe. Fred foi reprovado algumas vezes na escola.

Diferentemente da maioria dos entrevistados, Fred não se define como adolescente, aliás, não tem clareza sobre o que seja. Quanto à infância, apesar de ter citado em algum momento que brincava, o que mais ele comenta é sobre o prazer que sempre teve em ouvir música e tocar na sua banda de rock. A banda que mais curti na sua infância ainda é a sua preferida hoje. Quando ele fala sobre as mudanças que houve

de sua infância até hoje, nada foi exatamente marcante para ele. Em outro momento ele fala sobre tais mudanças, que está tendo novas experiências. E quando ele diz que “tudo muda de repente”, mas num segundo momento diz que a mudança é lenta, e está se referindo ao mundo das ideias, dos pensamentos, o que entendo é que ele está aludindo aos aspectos físicos (que mudam mais rápido, “com a idade”), que não necessariamente acompanham ou são acompanhados dos outros aspectos, digamos, subjetivos (ideias, pensamentos). O que dá a entender também é que esse relato – em que o jovem adolescente, ao não se perceber como criança ou como adolescente ou em não se sentir enquadrado em qualquer outro grupo de idade, ao mesmo tempo em que não percebe nada de marcante entre uma etapa da vida e a outra, e nem apreende grandes mudanças no modo de ser, nos gostos, etc., quando compara sua infância com sua adolescência – nos coloca a refletir mais uma vez sobre como essas transições etárias, com suas características próprias, são inventadas. Nesse caso, temos um adolescente (na idade) que diz não saber se é adolescente e não interrompeu sua infância completamente.

Dos jovens que ressaltaram uma idade específica na mudança de uma fase à outra, cinco afirmaram que foi com 14 anos, cinco com 13, dois com 12, dois com 11, dois com 10 e apenas um com 15 anos.

Entre os fatores marcantes na entrada na adolescência, alguns foram físicos/orgânicos: uma menina frisou a *menstruação*, por considerá-la precoce (com quase 10 anos):

T.R.O: quando vc acha que deixou de ser criança?

Renata (15, 1º E.M.): Não posso dizer que deixei de ser criança, mas amadureci muito rápido logo após que menstruei foi uma coisa precoce, eu ia fazer 10 anos,

T.R.O:vc acha que foi a menstruação que marcou essa passagem? vc se sentiu como?

Renata: menstruação parece ser uma coisa muito séria, quando se tem 10 anos, e se se fez a 3ª série do ensino fundamental acho que sim, até mesmo que ninguém soubesse eu me sentia estranha, me sentia diferente de todas as minhas amigas

pois até mesmo, a maioria delas nem sabiam o que era aquilo era tão inocente na época, que logo após o acontecido, fui mostrar um absorvente sujo a minhas amigas, kkkkkkkkkkkk então depois de uma conversa que minha mãe e meu ginecologista tiveram comigo sobre todo aquele processo e todos aqueles acontecimentos que estavam ocorrendo comigo, eu senti como uma certa necessidade de me comportar não mais como uma criança, mas como uma mocinha ai aos poucos fui deixando de brincar de boneca, me interessando mais por ficar no computador, me interessando mais em assistir aos desenhos na televisão

Aqui apresenta-se um elemento peculiar do ciclo da vida feminina que é a menstruação. A adolescente menciona que a sua chegada incidiu de uma maneira atípica por ter sido precoce com relação ao período designado social e culturalmente como adolescência, sobretudo porque suas coleguinhas de sala ainda não tinham passado pela experiência, nem sequer tinham conhecimento sobre o assunto. Portanto, ela se sentia criança, se comportava como tal, e se sentiu “estranha” diante de um evento que teve, para ela, um significado “inusitado”, e que provocou a interrupção de uma vivência (da infância) e a introjeção de uma outra (a adolescência) de forma não planejada, inesperada.

Esse fato chama a atenção para a condição de gênero que é relevante na forma de organização do tempo, inclusive do tempo dos jovens. A definição social das idades precisa ser entendida, segundo Franch (2010, p. 210) “a partir das inscrições de gênero atuantes em cada sociedade.” As disposições relacionadas ao ciclo reprodutivo e sexual acabam sendo marcantes nas transições femininas, muitas vezes mais do que as categorias etárias.

Percebe-se que, embora um aspecto orgânico (a menstruação) tenha sido colocado como propulsor de uma mudança de comportamento, o que definiu mesmo a passagem, a de criança para “mocinha”, foi a interferência da mãe e da sua ginecologista.⁶³ Foi a partir do discurso médico e dos conselhos de sua mãe que ela passou a acatar a ideia de que a menstruação representava uma mudança de uma fase para outra na vida da mulher, o que significava que novos hábitos, novos comportamentos deveriam tomar o lugar do ser criança, do ser menina. Ademais, o que a fez se sentir tão desconfortável, diferente das outras meninas, de suas colegas de sala, não foi o acontecimento em si, mas sim a precocidade de tal evento.

Um garoto também apontou um fator físico como um sinal importante na passagem para a adolescência: o surgimento dos “*terríveis pelos*” (Carlos, 16,2º E.

⁶³ Para o senso comum, a menstruação representa a chegada de uma nova etapa da vida da mulher. A partir de então, a menina passa a receber da família (principalmente da mãe) novos ensinamentos sobre novas posturas e comportamentos condizentes com a nova fase. Ainda prevalece em várias regiões a associação da menarca com o “ser moça”. Na minha experiência, por exemplo, foi assim. Quando menstruei pela primeira vez eu “sabia” que tinha virado moça. Normalmente as pessoas perguntavam: ‘Você já foi moça?’ ou ‘Você já é moça?’, sempre se referindo à menarca. Praticamente a mesma coisa tem acontecido com relação à minha filha (o termo que têm utilizado não é mais moça, mas “mocinha”). Da mesma forma que, de moça para mulher, basta ter a primeira relação sexual. Independente da idade da primeira relação, esse fato acaba por determinar, também para o senso comum, uma nova identidade: o de ser mulher. Escutei muito a frase: “ela não é mais moça”, como referência à alguma jovem que saía muito sozinha com o namorado, ou com vários rapazes.

Médio). Ele e Tiago, 16, 2º E.M. também destacaram a *perda da virgindade* como marca importante na passagem.

O primeiro elemento apontado no discurso acima (o surgimento dos pelos), nos favorece uma reflexão: a de que determinados sinais característicos dos meninos, como o aparecimento dos pelos (bem mais excessivos e ampliados no corpo masculino do que no feminino), representa uma mudança importante no corpo masculino, que desencadeia novos hábitos e posturas, mas que lidar com essa nova “estética” pode se tornar uma prática desagradável no dia a dia de alguns adolescentes. Por outro lado, a referência a essa característica como sendo algo de difícil convivência, pode sugerir uma mudança no modelo de masculinidade, em que o homem peludo não representa mais o padrão estético de beleza. O segundo aspecto em destaque, a perda da virgindade, foi acentuado por dois rapazes como um registro relevante, delimitando um novo passo na sua vivência. É interessante ressaltar que nenhum desses aspectos foram citados pelas meninas, inclusive como marcadores de “fronteiras” entre a infância e a adolescência, com exceção do depoimento de uma menina (que será descrito posteriormente), em que foi citada a perda da virgindade, mas não no sentido utilizado pelos dois rapazes:

TRO: o que mais te marca na adolescência, de bom ou ruim?

Carlos: a minha primeira vez q fiz sexo

TRO: foi bom ou ruim?

C: foi muito bom

TRO: foi com que idade?

C: foi com 14 anos

TRO: porque isso foi marcante pra vc?

C: pq foi a primeira vez que eu tive uma relação e acho que foi por isso que marcou

TRO: foi com sentimento? assim, vc tava apaixonado pela pessoa?

C: apaixonado eu não tava, mais eu gostava muito da menina

TRO: vcs eram namorados?

C: não, só estávamos ficando

TRO: foi uma relação então passageira?

C: foi

(Ent. Pelo face)

TRO: o que mais te marcou nessa idade?

Tiago: a perda da minha virgindade.

TRO: Foi com alguém especial?

T: Foi com uma "ficante" a gente tava gostando um do outro e no momento foi nossa vontade

TRO: Marcou por que?

T: Marcou porque foi a primeira vez

(Ent. Pelo face)

Percebe-se que a iniciação sexual tem um primeiro sentido, para os meninos, de acontecimento em si, de técnica. Nos dois casos, não houve envolvimento emocional, não era uma situação de namoro, mas eram fíctices. E a marca foi exatamente “a primeira vez”, independente de com quem tenha sido. Nessa performance, o que conta não é o *com quem* nem o *porquê*, mas sim o *acontecer*. Diferentemente do discurso de uma menina (a única das informantes que se referiu à iniciação sexual), que ressaltou o envolvimento, o amor que sentia pelo parceiro, a confiança que tinha nele, todo um conjunto de elementos que, no seu entender, justificavam a sua entrega sexual.⁶⁴ Isso vai de encontro com a opinião da maioria das meninas com relação à iniciação sexual, que deve ser com alguém especial, numa situação especial. “A literatura sobre iniciação sexual feminina tem destacado ser recorrente que esta aconteça subordinada a um vínculo afetivo, em conformidade com a hierarquia de gênero que organiza as relações sociais no país” (BRANDÃO, 2004, p.67).

Outros aspectos assinalados como responsáveis pela mudança da infância para a adolescência foram: a *terapia* (Beatriz, 15, 1º E.M.); o *namoro* (Rita, 16, 2º E.M. e Laura); quando parou de fazer leseiras típicas de criança (Luana, 16, 2º E.M.); quando parou de fazer muita besteira (João, 16, 8º E.F.); as *saídas com os amigos* foi um fator marcado por três adolescentes; a *responsabilidade* foi destacada por quatro garotos; a busca pela *independência* também foi citada quatro vezes; o aumento da *vaidade* foi apontado por uma menina (que também ressaltou a busca de independência) e outros elementos citados foram, basicamente, a mudança dos interesses: pela *internet*; pelos passeios ao *shopping*; pelas *novelas e filmes*.

Com relação ao aspecto da responsabilidade apontado acima, percebi uma ênfase quase generalizada sobre a perspectiva do vestibular, e que por isso, estando à véspera desse estágio, estava sendo cobrado por parte dos pais, novas atitudes com posturas mais comprometidas. No entanto, alguns poucos jovens que participaram do GF da escola pública acrescentaram um outro elemento que integra as obrigações dos adolescentes quando atingem uma determinada faixa etária, que é o trabalho (essa cobrança é feita, principalmente, aos rapazes). Sobre isso Pedro (16, 1º E.M.) fala:

⁶⁴ O depoimento dessa menina (Teresa) sobre a perda da sua virgindade está descrito mais à frente, quando exponho os relatos sobre virgindade.

O homem é cobrado pra trabalhar logo cedo, eu trabalho desde os treze anos, eu Tenho mais liberdade depois que eu comecei a trabalhar, faço o que eu quero, ninguém mais se mete na minha vida.

E as meninas desse mesmo grupo concordaram com o colega sobre o quesito trabalho, ressaltando que o trabalho é o que garante a liberdade. Rita, que foi do mesmo GF, em entrevista presencial falou:

T.R.O: Vc teve uma infância feliz?

Rita (16, 1º E.M.) Muuuuuuuuito

A gente aprontava, saía, era bom demais...

T.R.O:E hoje, vc se considera feliz?

R. Sim

T.R.O: Falta alguma coisa na sua vida?

R. Trabalhar rsrsrs porque quando eu vou sair, a mãe diz: não vá sair porque não tenho dinheiro, vá trabalhar...

Os perfis e trajetórias dos adolescentes se apresentam de forma heterogênea. O item *trabalho* foi citado, principalmente, por adolescentes de camadas mais populares, o que pode servir-nos de reflexão sobre a importância dessa atividade para esses jovens. A pretensão de ter um trabalho (já que a renda familiar muitas vezes é insuficiente para assumir os gastos pretendidos) se justifica, pelo que parece, pela busca de autonomia e independência, não só financeira, mas também de atitudes, possibilitando as saídas, as escolhas, a diversão, enfim a mobilidade que permite o conhecimento de outros mundos e outras experiências de vida. De certa forma, a independência financeira lhes outorga o status de adulto/a, pelo menos no interior da família.

Percebe-se que há um certo entendimento, por parte dos jovens adolescentes, de que há uma passagem, uma distinção de uma fase para outra (da infância para a adolescência), e que essa entrada na vivência da adolescência se caracteriza por uma maneira diferente de se comportar. A responsabilidade é apontada como uma atitude intrínseca à adolescência, que demarca um pouco a linha divisória entre a infância e a adolescência. Por outro lado, as brincadeiras são colocadas como práticas da infância. Um outro ponto marcador é o namoro, entendido como uma

relação mais séria, que exige uma atitude mais madura de relacionamento com o/a parceiro/a.

Entre as atividades que os adolescentes mais gostam de fazer foram listadas: estar junto com os (as) amigos(as): (nas falas de oito jovens); estar com a família (foi citada quatro vezes); internet (foi apontada cinco vezes); ir ao shopping (duas vezes); rock (duas vezes); cinema; estudar; viajar; conhecer novas pessoas; ir ao Centro Espírita; de ir a shows; ir a festas; ficar com sua banda; dançar; piscina; pizzeria; bares alternativos; jogar bola; esportes; casa da avó; novelas; lazer; dormir; sair com o namorado (uma vez cada).

As pesquisas antropológicas nas sociedades não-ocidentais têm demonstrado, segundo Debert (1999), que as pessoas realizam atividades independentemente dos grupos de idade aos quais pertencem, desde que sejam autorizadas para tanto, e que, portanto, os estágios de maturidade independem da ordem de nascimento. Não é a idade cronológica dos indivíduos que norteia o ritual de passagem de um estágio para outro, mas a “transmissão de um status social, como poder e autoridade jurídica, cujo momento de transmissão depende, na maioria das vezes, da decisão dos mais velhos.” (1999, p. 46)

No entanto, tenho claro que essa etapa da vida humana remete a questão sobre como a sociedade em que esses jovens estão inseridos, organiza a transição de uma fase à outra. Portanto, compreender a vivência dos adolescentes, leva, inevitavelmente, à percepção do contexto cultural de elaboração das práticas por eles produzidas. E com relação às práticas sexuais, diversos fatores como nível educacional, valores culturais, condições socioeconômicas e determinações de gênero exercem forte influência.

3.2 - Os adolescentes no “balanço” da Rede

Com as novidades tecnológicas se acelerando cada vez mais e com abrangência também cada vez maior, os computadores - antes utilizados exclusivamente para procedimentos militares, técnicos e utilitários, circunscritos ao uso das grandes empresas, indústrias, universidades e outras instituições -, foram alterando o setor produtivo da sociedade e com isso, se inserindo no domínio doméstico (ROCHA, 2010).

Segundo a autora, a partir dos anos oitenta, os usos do computador foram tomando outras instâncias do cotidiano. Hoje a internet se constitui num novo ambiente de socialização virtual, em que os usuários trocam informações e histórias pessoais entre si, por esse motivo é um lugar que desperta a curiosidade para pesquisas, análises e explicações que abranjam suas especificidades.

A sociedade é um conceito muito amplo e complexo, e em se tratando do século XXI, não podemos deixar de associá-la ao uso da internet. Hoje, as possibilidades de intercâmbios sociais disponibilizados pela *web*⁶⁵ podem ser vistas como uma nova revelação na sociedade brasileira. São muitas simbologias sociais utilizadas por esse meio, através das quais se propagam e se constroem as diversas subjetividades.

A Internet tornou-se, com o decorrer dos anos, um vínculo de socialização, sendo as novas tecnologias responsáveis, tanto por novos conhecimentos e informações, como pelo dinamismo atual das relações sociais, desfrutadas por meio de uma rede de computadores, podendo expressar, além de palavras digitalizadas, diversas simbologias características de um ambiente virtual, demonstrando interesses, vontades, desejos e comportamentos que outrora eram expressos somente face a face. (CORRÊA, 2010, p. 50)

Nas pesquisas sociológicas que utilizam meios virtuais para captação de dados sobre a realidade analisada, importa apreender, antes de tudo, o significado social da comunicação eletrônica, que desencadeia uma mudança nos hábitos de convivência, uma vez que o que se estabelece nessas relações virtuais aponta para novas construções de modelos de sociabilidade. Como enfatiza Fernandes (2002):

As realidades virtuais compartilhadas evocam o conceito de comunidade. Isto deve-se à interação desenvolvida entre os participantes, onde a frequência dos encontros cria uma identidade grupal. Na maioria dos casos, os participantes desses espaços estão unidos pelos mesmos interesses, quer seja uma discussão temática, um encontro amoroso ou simplesmente um bate-papo. (p.8)

Os espaços virtuais, que hoje proliferam em quase todos os ambientes sociais, apontam muitas estratégias de interação entre os indivíduos, cujo movimento se dá de forma bastante veloz, com a utilização de diversos tipos de linguagem. Como já

⁶⁵ Palavra inglesa que significa teia ou rede. Com o aparecimento da internet passou a designar a rede que conecta computadores por todo mundo, a world wide web (www)
(Em: www.significados.com.br Acesso em 18/01/2013)

mentionei antes, nos relacionamentos fundados nas redes sociais, são abordados diversos temas, e há uma exposição muito grande das intimidades dos usuários. São novas formas de subjetivação que se apoiam em tecnologias diversas. Segundo Ana P. F. Margarites e Rosária. I. Sperotto (2011),⁶⁶ os modos de subjetivação são modificados através da história, e, portanto, todas as tecnologias, instituições e obras culturais constroem subjetividades num processo nunca acabado. Para as autoras, o grau de proximidade existente nas relações via internet possibilita uma série de afinidades e de comportamentos entre os sujeitos, que dificilmente conseguiriam produzir em outras interações com base no contato físico. (2011)

Uma questão que formulei, entre outras indagações, que foi brotando durante minhas interlocuções junto aos jovens informantes, foi a seguinte: Será que numa rede social como o Facebook - em que os adolescentes estão conectados o tempo todo, sobretudo com seus pares, fortalecendo os laços entre eles (o que não ocorre da mesma forma com os pais ou com os meios de comunicação) - há uma maior difusão sobre os comportamentos e performances sexuais?

Apesar de não se restringir essa pesquisa ao universo das relações nas redes virtuais, num estudo aprofundado sobre as interações sociais nesses ambientes, o fato de buscar, de alguma forma, informações por essas trilhas, se justifica na medida em que se acresce mais um olhar, com a finalidade de expandir o conhecimento existente sobre a sexualidade dos adolescentes, sendo as redes virtuais espaços onde são estabelecidos e reelaborados os diálogos, com dinâmicas próprias e legítimas. Os jovens se constroem, se definem e se expressam em todos os tipos de interações sociais, e um desses tipos são as redes sociais, e, com isso, mudam as formas de construção do sujeito e de manutenção de certas fronteiras, transformando o privado em público. Nesse sentido, para abordar meu tema, eu precisei buscar a rede. Portanto, utilizo o recorte da rede virtual para apreender os sentidos que os adolescentes dão para suas experiências com a sexualidade. Desde sua difusão, um novo momento vem se estabilizando: o da tecnologia da informação digital e da comunicação virtual. Esta vem utilizando novos espaços e velocidades, “ampliando as potencialidades de integração humana, criando modos de pensar, aprender, pesquisar, consumir e interagir, sendo esses novos formatos também utilizados para relacionamentos entre adolescentes, jovens, adultos e até idosos.” (CORRÊA,2010,p.10)

⁶⁶ <http://www.anped.org.br/app/webroot/34reuniao/images/trabalhos/GT16/GT16-1098%20int.pdf>
Acesso em 05/08/2013

Este parece ser o grande motor de todas as relações, ou quase todas, da sociedade contemporânea. Para os sociólogos e outros cientistas sociais que se interessam em estudar os modos de socialização e de reprodução da sociedade, o comportamento social com relação à utilização da tecnologia no dia-a-dia é um tema que demanda atenção. A rede virtual representa um tipo de cadeia social, onde os indivíduos que a compõem estão ligados por laços de interesses comuns, porém com liberdade total de se desprenderem desses laços quando lhes for conveniente. Um dos elementos que distingue esse tipo de cadeia de outros existentes nas relações sociais é sua volubilidade e elasticidade. Porém, a relação que é estabelecida entre seus membros é o que dá vida e sentido a esse tipo de estrutura, independentemente dos motivos (profissionais, afetivos, de entretenimento, educativos, informativos ou outros). Como explica N. Elias (1994), no seu conceito sobre a sociedade e os indivíduos, que não se compreende o conceito nem a importância da sociedade nem dos indivíduos de forma separada, superpondo um sobre o outro, mas na relação que os une. É o complexo de relações estabelecidas entre os indivíduos e sociedades, em quaisquer situações observáveis, que elucida e justifica a sociedade e os indivíduos que a compõem.

(...) para compreendê-los [os fenômenos sociais], é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções. E nosso pensamento só fica plenamente instrumentado para compreender nossa experiência social depois de fazermos essa troca. (ELIAS, 1994, p.25).

Sobre esse complexo de relações instituídas entre os indivíduos, Simmel ressalta o fenômeno da sociabilidade, que acontece nas relações intercedidas pela tecnologia, mesmo que sua estrutura seja ajustada por relações transitórias. Estas interações sociais que ocorrem mediadas por dispositivos técnicos, ilusórios em alguns momentos, são demonstrações autênticas do impulso sociativo. Simmel (2006) afirma que as motivações que impelem a vida, por si sós, não têm natureza social, tais como: “a fome, o amor, o trabalho, a religiosidade, a técnica, as funções ou os resultados da inteligência” Isso só ocorre quando “a mera agregação isolada dos indivíduos” é transformada “em determinadas formas de estar com o outro e de ser para o outro que pertencem ao conceito geral de integração”. (SIMMEL, 2006, p.60)

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão dos seus interesses - sensoriais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela

causalidade ou teleologicamente determinados -, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses, sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana (SIMMEL, 2006, p. 60-61)

São diversas as formas de sociabilidade segundo Simmel:

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente, uma ‘sociedade’ (SIMMEL, 2006, p.59-60)

Podemos entender as relações estabelecidas na rede dessa forma: o que prende e une seus membros nas mais diversas formas de sociabilidade é a relação, a troca entre eles, que é o que constrói a unidade da rede com todas as suas diversidades.

A internet é um campo específico onde os sujeitos experimentam novas linguagens, com novos códigos de socialização cultural. Luís Augusto V. da Silva (2010)⁶⁷ diz que a internet pode ser útil como universo de produção textual, permitindo a leitura de novos modelos e significados culturais. No entanto, o autor enfatiza que o usuário não é um sujeito imaginário, mas que continua tendo e sendo um corpo, e que, portanto, os discursos (online) provêm de percepções corporais. O que existe, portanto, (sugere o autor), é uma produção diferente e contínua desse corpo pela interação com o computador. Nesse sentido, essa concepção de que o virtual não é “apenas” irreal, mas que possui materialidade, uma vez que as narrativas não provêm de uma realidade fictícia, mas de sensações de corpos que existem no mundo real, sugere uma relação inseparável entre o mundo *on-line* e o mundo *off-line*. Possivelmente, por não serem duas instâncias excludentes, há em inúmeras vezes a associação das duas formas de contatos. Segundo Richard Miskolci (2009), nas experiências com sua pesquisa sobre a sociabilidade homoerótica na internet, ele percebeu que havia, na maioria das vezes, uma relação intrínseca entre as duas formas de sociabilidade. Nas falas de seus informantes, ficou claro que o uso da Internet foi associado a outras formas de relacionamento na vida social.

⁶⁷ http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000300004&lang=pt,

Com as facilidades que a Internet propicia de se trazer qualquer assunto à discussão, à troca de ideias entre os usuários de diferentes lugares, entre conhecidos ou não, a sexualidade acaba se tornando um dos assuntos mais cobiçados por esse meio. Segundo Richard Miskolci (2009), a Internet tem sido o mais novo ambiente de controle da sexualidade, isto porque através dela os indivíduos têm trocado ideias sobre seus desejos, construído relações de amizade e amorosas, compartilhado suas tristezas, suas experiências. Para o autor:

Ao colocar o sexo em palavras, a rede se distancia das “regras” que marcavam o antigo “meio”, ou seja, o silêncio sobre o que se fazia. Assim, ao trazer o sexo ao discurso, a web faz também com que os internautas ampliem o papel da sexualidade em suas vidas e na própria forma como se compreendem. (MISKOLCI, 2009, p. 188)

Adriana Piscitelli (2005)⁶⁸, num estudo realizado sobre a internet e o turismo sexual, constatou que a internet tem uma relevância muito grande na organização do mercado transnacional do sexo, que os sites voltados para os turistas sexuais heterossexuais são vistos como espaços extremamente importantes na construção e difusão de informações que caracterizam os sujeitos envolvidos (no caso, as mulheres dos países pobres). Segundo a autora, os ambientes virtuais destinados ao sexo, consistem em objeto de pesquisas sócio antropológicas, além de outras áreas. Ela afirma que sob o ponto de vista das análises sócio antropológicas, os espaços virtuais atuam, muitas vezes, como um substituto da sexualidade, acarretando o isolamento. Para a autora, muitos sites de relacionamento possibilitam a disseminação de “saberes” no que se refere às práticas sexuais.

Na estrutura de comunicação proposta pela internet os usuários dispõem de uma vasta possibilidade de acesso a muitos conteúdos. Diferentemente de outros meios de comunicação, em que as mensagens são transmitidas unilateralmente, e que, portanto, não há uma troca imediata de informações (como nos meios de comunicação mais tradicionais), pela internet os sujeitos envolvidos encaminham e recebem, concomitantemente, num movimento interativo, suas mensagens. Ocorre, portanto, uma “ampliação da interatividade” (ROCHA, 2010). Por outro lado, segundo Magda F.M.Fernandes (2002), essa interatividade também ocorre de outra forma: “De um lado as pessoas concebem, implementam e usam sistemas de computador interativos; ao

⁶⁸ http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200011&lang=pt

mesmo tempo que os computadores afetam indivíduos, organizações e a sociedade.”
(FERNANDES, 2002, p. 8)

3.2.1 - Caindo na *Rede*: Os adolescentes e a internet:

Uma menina e um menino me adicionaram no Face e aceitei, aí começamos a puxar assunto...e depois que começamos a nos falar no dia a dia... hoje somos muuuuito amigos (Renata, 15 anos)

No mundo de hoje (e destacando especificamente o Brasil), em praticamente todos os lugares, grande parte dos usuários da internet são adolescentes. Conforme dados da pesquisa realizada pela Cetic.br (out.2012), “os adolescentes são os que mais usam a internet todos os dias ou quase todos os dias”, e que a segunda página mais acessada (a primeira é sobre conteúdos escolares) é sobre perfis de redes sociais, e que, em compensação, a constância nas redes sociais é muito maior do que o tempo despendido para pesquisa de trabalhos escolares.⁶⁹ O número de adolescentes conectados à internet vem crescendo substancialmente. Entre 2005 e 2008 o percentual mais que dobrou: passou de 24,3% para 51,1%, sendo que a maior parcela dos usuários é composta por jovens e adolescentes entre 10 e 19 anos.⁷⁰ Pelos dados do Ibope Media sobre a internet no Brasil, este é o 5º país com maior número de conexões à internet.⁷¹

Segundo a última pesquisa realizada pelo CG (Comitê Gestor da Internet no Brasil) com jovens e pais de todas as regiões do Brasil, 70% dos jovens entre 9 e 16 anos têm perfis em redes sociais e 68% usam a internet para navegar em redes sociais. Quanto à frequência de acesso, 85% afirmaram que entraram na web pelo menos uma vez por semana, enquanto 47% das crianças acessaram a internet diariamente. O índice de acesso entre os pais sofre uma queda: cerca de 53% afirmaram não usar a internet.⁷²

⁶⁹ (Em www.blogmidia8.com. Acesso em 23/01/2013)

⁷⁰ (Em www.wiki.icmc.usp.br/images/d/df/Artigo.pdf Acesso em 23/01/2013)

⁷¹ (Em: www.tobeguarany.com. Acesso em : 21/01/2013)

⁷² (Em: www.ebc.com.br/tecnologia/2012/10/pesquisa.tic.kids-online-brasil. Acesso em 21/01/2013)

Mas a que se deve tamanho envolvimento entre sujeitos tão jovens e a internet? Muitos são os fatores (que inclusive já foram ressaltados anteriormente) responsáveis por esse grau de socialização cada vez mais acentuado. Entretanto, considero que a itinerância e a velocidade, além das infinitas possibilidades de diálogos e de trocas de experiências entre tantos sujeitos de diversos lugares, de origens diferentes, são aspectos que justificam, em grande parte, a aderência massiva de adolescentes e jovens às novas tecnologias digitais e à Internet. Além do mais, essa tecnologia disponibiliza, além da conversa digital, o som e a imagem em tempo real do outro indivíduo com quem o usuário está interagindo, transformando-se num entretenimento para adolescentes e jovens, substituindo, muitas vezes, o contato físico⁷³.

Uma outra possibilidade que a internet traz para os jovens, muito além da diversão, é a mobilização de segmentos sociais de uma maneira mais crítica, movimentos esses que muitas vezes nasceram no ciberespaço, e que se estabeleceram como uma cultura.

Ouvir os adolescentes requer uma predisposição, uma adaptação às possibilidades de construção dos diálogos possíveis e mais produtivos. Com o avanço da popularização da Internet e com a disseminação dos novos meios de intercâmbio social na sociedade brasileira, através da *web*, na presente pesquisa busquei no diálogo pelo Facebook com adolescentes na faixa etária entre 14 e 17 anos, apreender nas suas narrativas, o sentido por eles propiciado às suas práticas afetivas/sexuais, considerando suas trajetórias individuais de aprendizado.

Como já foi comentado, após as primeiras aproximações com os meus informantes (com os GF e entrevistas presenciais), parti para o diálogo pela internet (mais especificamente pelo Facebook). Utilizar uma rede social como essa, com essa intenção, me instigava a repensar sobre o próprio significado do uso das redes sociais. Eu já era membro do facebook há um certo tempo, porém não tinha pensado antes que pudesse desfrutar desse meio como instrumento de coleta de dados. A partir de então comecei a refletir sobre as estratégias de aproximação de outros adolescentes. Além dos jovens que estavam de alguma forma participando da pesquisa, eu precisava garantir uma quantidade maior de informantes, o que fui conseguindo lentamente.

⁷³ Gonçalves e Nuernberg, 2012

O sucesso das entrevistas dependia da disponibilidade de tempo dos jovens para responderem as questões (normalmente, a média do tempo total utilizado para cada entrevista era uma hora e quarenta minutos). Algumas entrevistas (a grande minoria) consegui realizar num só contato, sem cortes, praticamente sem paradas. Mas a grande maioria foi feita em “pedaços”. Alguns deles, como dito antes, também participaram de outros procedimentos metodológicos (como entrevistas, GF e produção de pequenos textos).

Algumas das questões formuladas nas entrevistas pelo face book, diziam respeito à utilização da internet. Foram as seguintes:

- O que você acha da internet?
- Quantas horas, em média, por dia você utiliza a internet?
- O que você busca na internet?
- Quais os sites que você mais procura?
- Você já fez amizades pela internet?
- Você já teve algum envolvimento afetivo (namoro, fica, rolo, etc.) pela internet?

Parti do princípio de que, apesar de não ser o meu objeto de pesquisa a interação social ou afetiva construída no processo de comunicação por meio do computador, era de suma importância que eu tivesse um conhecimento sobre a importância desse meio eletrônico no dia a dia dos adolescentes que estavam sendo investigados através dessa via virtual.

Com relação à primeira questão, todos os jovens adolescentes destacaram vantagens no uso da internet, apenas André, Tiago (16, 2º E.M.) e Beatriz (15, 1º E.M.) frisaram também o seu lado negativo quando lembraram que ela pode ser utilizada “para o bem e para o mal” que “aproxima quem tá longe e distancia quem tá perto” (Tiago). As frases mais utilizadas foram: “meio de informação e de comunicação muito bom”, “a melhor invenção de todos os tempos”, “é essencial”, “ótimo meio de entretenimento e de aprendizagem”, “a internet e a mídia dominam o mundo”, “meio para encontrar amigos, jogos e criar amizades”, “meio muito produtivo para se informar e para se divertir”.

Quanto ao tempo disponibilizado para o uso dessa ferramenta, uma menina falou que entra umas três vezes ao dia “para atualizar as coisas”, mas que sai rápido;

outro afirmou que às vezes entra a tarde toda e às vezes não entra; três falaram que utilizam umas quatro horas por dia; cinco meninos (as) afirmaram que usam, no máximo, três horas por dia; e os seis restantes dizem usar entre 14 horas a, praticamente, o tempo todo (um deles afirmou que o computador fica ligado durante muito tempo, mas ele intercala com outras atividades, por isso não sabe dizer ao certo o tempo que usa). Sobre esse longo tempo gasto na internet, eis alguns depoimentos:

T.R.O: vc usa a internet mais ou menos quantas horas por dia?
Luísa, (15, 2º E.M.) 24 horas por dia estou conectada por computador ou celular;

T.R.O: vc usa quanto tempo por dia? Tô falando nos dias de aula
Evelyn (17, 1º E.M.)Eu uso o facebook pelo celular.. direeto..

T.R.O: vc fica mais ou menos quantas horas por dia?
Carlos: Em período de aula?
em periodo de aula eu fico entre 14 a 15 horas

T.R.O: normalmente, quanto tempo vc fica por dia na net?
Marcelo: praticamente o dia todo, sempre q estou em casa

T.R.O: vc usa mais ou menos quantas horas por dia?
Rafa (17, 3º E.M.) umas 620 kkkkkkkkkkk
T.R.O.: sério rrsrrsrs
Rafa: Não conto mais eh quase o dia td pricipalmente semana
durante as aulas uso sempre até na aula tb usava

Esse uso prolongado da internet, podendo ser associado a outras atividades (como ver televisão, assistir aula, estudar, ouvir música, etc.) é uma das prerrogativas possibilitadas pelo uso desse serviço pelas novas gerações.

Quanto aos sites e redes sociais mais procurados e os motivos de tais buscas, todos citaram o Facebook como a rede social mais acessada. Outros que foram mencionados: relacionados a notícias e tecnologia, uol, redes sociais (pelos meninos); sites de séries, blogs de moda, google, instagran, youtube, sites da globo (pelas meninas). E o que leva-os a procurar esses sites:

Os meninos: bater papo, jogar, atualidades, biografias de bandas, acontecimentos históricos, astrologia, fazer pesquisas.

As meninas: bater papo, procurar frases, procurar textos, ouvir música, fazer pesquisas para a escola, ver fotos, buscar acessórios, assistir séries, encontrar amigos, ver vídeos, ver roupas.

Pode-se fazer duas observações, na ótica de gênero, a respeito da utilização da internet por esse pequeno grupo de adolescentes: as meninas, de uma maneira geral, diversificam mais as suas buscas na internet, e pouca coisa os dois grupos (de meninas e meninos) têm em comum, uma vez que há apenas uma rede social que eles buscam em comum: o Facebook.

Antigamente, era corriqueiro ouvir que os relacionamentos “virtuais” eram falsos, por isso eram muito censurados, por serem bem diferentes dos relacionamentos presenciais.⁷⁴ Segundo Bauman (2003), a proximidade virtual torna os vínculos humanos mais frequentes e mais comuns, mais intensos e efêmeros. “As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços. (...) Os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e também para serem rompidos ” (p. 82) Todos os jovens, unanimemente, afirmaram que já fizeram amizade pelo Facebook. No entanto, quanto a envolvimento afetivos, apenas quatro meninos mencionaram ter vivenciado algo do tipo. Uma das peculiaridades da proximidade virtual é a separação entre comunicação e relacionamento. Não há, portanto, o estabelecimento prévio de laços, nem estes são, necessariamente, construídos com a aproximação virtual (Bauman, 2003)

Acabei de descrever a minha aproximação com os sujeitos pesquisados e, tendo em vista que a maior parte dos dados foram recolhidos através da Internet, sobretudo por se tratar de sujeitos com um vínculo muito intenso com esse meio de comunicação, apresentarei nesse item o discurso elaborado sobre a sexualidade e as questões que, para eles se tornam mais relevantes no processo de aprendizagem e vivência sexual. Trata-se, portanto, da sexualidade do ponto de vista da geração de *internautas*, importando, nesse sentido, além do conteúdo do discurso propriamente, o meio pelo qual o mesmo é conduzido.

Embora toda a minha pesquisa não tenha sido realizada através da internet (fato que se justifica pela perda de alguns contatos iniciados nos GF), posso adiantar que 82% dos meus informantes se comunicaram comigo por essa via – 57% Facebook e 25% enviaram textos por e-mail (entre estes, alguns também participaram de GF, e outros também foram entrevistados presencialmente), e os 18% restantes apenas participaram dos GF. Portanto, a amostra dos adolescentes com os quais mantive contatos virtuais tem uma representatividade importante para subsidiar algumas

⁷⁴ Corrêa, 2010

reflexões acerca do impulso do discurso online, especificamente sobre seus comportamentos sexuais – sobretudo as falas que foram construídas ao longo dos diálogos pelo Facebook (prefiro utilizar o termo diálogo/conversa/papo do que entrevista, já que embora se tenha partido de um certo roteiro com perguntas pré-formuladas, a relação se tornou bastante informal no decorrer do tempo).

Como já mencionei anteriormente, em quase todos os lugares, a internet tem sido utilizada sobretudo por adolescentes, e tem se constituído na ferramenta principal de sociabilidade entre eles em nossa sociedade. Além disso, grande parte do seu tempo despendido no dia a dia é na internet, o que já é motivo de destaque desses novos sujeitos adolescentes, cujo perfil se diferencia daqueles de outras décadas que tinham outras estratégias e instrumentos de socialização e de entretenimento (entre outras atividades realizadas pela internet).

Até aqui trabalhei com o conceito de adolescência como processo, situando o aprendizado da sexualidade como ponto fulcral neste processo, a partir do qual pode se pensar vários aspectos relativos à experiência dos adolescentes na contemporaneidade. Neste momento, para aprofundar o impacto que a Internet tem na vivência da sexualidade, recorro ao conceito de geração, a partir das contribuições de K. Mannheim. Este conceito tematiza o problema da reprodução cultural e a produção de maneiras de ser, de agir e de sentir por parte dos adolescentes de cada situação histórica específica. No campo da sociologia, Karl Mannheim se apresenta como um dos precursores dos estudos da Sociologia da Juventude. Na sua obra clássica *O Problema das Gerações*, ele analisa duas correntes que ele considera que trouxeram a problemática das gerações para o debate: o positivismo francês – representado por Auguste Comte e David Hume, e o romantismo – histórico alemão, representado por Dilthey e Pinder. Na visão da primeira corrente, Mannheim (1989) diz que as gerações eram pensadas como se sucedendo umas às outras em espaços regulares de tempo que todo espírito humano deveria passar. Essa é uma visão cronológica das gerações, vistas sob um ponto de vista unilinear de progresso humano.

Essa perspectiva é criticada pela segunda corrente: a dos romântico-histórico alemães. Estes utilizam uma abordagem qualitativa segundo a qual a coexistência das gerações tem um sentido diferente do cronológico, e o tempo não é um tempo exterior, mas interior. Portanto, Mannheim analisa que não é somente a série de gerações que cobra sentido, mas o estar sujeito subjetivamente às mesmas forças

decisivas. Para Mannheim⁷⁵, o problema geracional só pode ser apreendido no sentido qualitativo. O que existem, segundo a sua lógica, não são rupturas entre uma geração e outra. O que existe é uma similitude de influências que é o que dá um sentido de contemporaneidade de uma geração. Ou seja, pertencer ou não a uma determinada geração depende da disposição do indivíduo no campo sócio histórico, e não das composições biológicas, e não apenas o ter nascido numa determinada época. “A posição comum daqueles nascidos num mesmo tempo cronológico é a potencialidade ou possibilidade de presenciar os mesmos acontecimentos, de vivenciar experiências semelhantes, mas, sobretudo, de processar esses acontecimentos ou experiências de forma semelhante.” (WELER, 2010, p. 212) O que significa que não é um processo automático, linear e objetivo nem uma data que define a unidade geracional. Para Abramo (1994), a geração diz respeito a uma similaridade de situação num mesmo tempo histórico, em que os indivíduos de um mesmo grupo etário têm uma mesma localização na grandeza histórica do processo social. “A similaridade não é dada somente pela contemporaneidade, mas pela possibilidade de partilhar as mesmas experiências colocadas por circunstâncias históricas e sociais comuns, o que pode significar a vinculação a uma mesma região geográfica e cultural.” (ABRAMO, 1994, p. 47) Essa localização sujeita os indivíduos a muitas experiências singulares, preparando-os para determinadas maneiras de se pensar e de se comportar.

Por outro lado, a similaridade também é etária, pois grupos etários distintos, “cada um em um momento diferente de seu ciclo vital, experimentam os mesmos acontecimentos de forma diferenciada.” (ABRAMO, 1994, p. 47)

Para Mannheim há uma “potencialidade imanente” nos que vivem numa mesma posição geracional. A partir das relações com o meio social, com os sexos, com a faixa etária, dentre outros, o autor acredita que as gerações podem ser compreendidas. Carles Feixa e Carmem Leccardi (2010) fazem referência ao trabalho de Ortega y Gasset: “La idea de las generaciones”, em que ele defendeu a ideia de que há uma “sensibilidade vital” que é partilhada pelos indivíduos que nascem num mesmo tempo, que o distingue das gerações anteriores e posteriores, e que, portanto, é o que vai definir sua “missão histórica”. Entendo que essa ideia de “sensibilidade vital” se aproxima do conceito de “potencialidade imanente” defendido por Mannheim. Portanto, partindo desse pressuposto, no caso específico da sexualidade, posso deduzir, à priori, que há

⁷⁵ Weller, 2010

uma “potencialidade imanente” ou uma “sensibilidade vital” para a vivência de um conjunto de experiências comuns na adolescência, e que estas só irão ser desenvolvidas se determinados elementos sociais contribuírem para que isso ocorra.

Nesse sentido, o tempo histórico – social é percebido como fundamental para a definição das novas gerações sociais. Conforme Feixa e Leccardi (2010), é fundamental a conexão entre a experiência histórica e o curso da vida na marcação das gerações. Ou seja, uma geração social é criada quando o tempo biográfico e o tempo histórico se unem e se transformam. Sobre isso eles afirmam: “Localizar-se a si mesmo no fluxo das gerações não significa somente relacionar-se com o tempo social, mas também inscrever a própria existência, a própria história, numa história mais ampla na qual ela se inclui” (FEIXA e LECCARDI, 2010, p. 192).

Para ajudar no nosso entendimento sobre o que norteia ou, no mínimo, contribui para o desfecho e o impacto das redes sociais na vida dos adolescentes na sociedade contemporânea, acredito que a noção de “geração global”, proposta por Ulrich e Elizabeth Beck, citados por Feixa e Leccardi (2010), favorece um maior entendimento. Os autores substituem a ideia de geração fechada (no sentido nacionalista) pela concepção mais universal de elementos que atingem as gerações. Nesse sentido, há uma correlação de forças, de influências, de condições sociais a nível nacional e internacional que se influenciam no âmbito local e global. Com base no princípio de que a globalização não sugere equivalência, os autores (Ulrich e Beck) recomendaram a substituição do conceito de geração por “constelações geracionais cruzadas”, entendendo que, mesmo que as experiências sejam compartilhadas, no sentido de serem globalizadas, isso ocorre com base em intensos contrastes.

A literatura tem registrado que os jovens contemporâneos, e particularmente os adolescentes, estão cada vez mais se destacando pela sua diversidade, sob diversos ângulos: de um país para outro, de uma região para outra, de um segmento social para outro. Ao mesmo tempo, temos muitas informações de que há muitos fatores homogeneizadores, que na conjuntura da “globalização” se impõem. Por exemplo, a “cultura de massa”, que tem como principal instrumento a mídia, espalha os produtos materiais e os valores, estilos de vida e orientações políticas.⁷⁶ Há, portanto, em meio à diversidade de formas de viver, de pensar, de sentir a adolescência, uma carga de

⁷⁶ Schmidt, 2001

valores materiais e simbólicos que são repassados constantemente, por diversos meios tecnológicos ágeis, muitas vezes unificando padrões, costumes, gostos, etc.

Os adolescentes pesquisados são usuários da Internet. Mas será que esse aspecto se torna representativo, no que diz respeito à performance discursiva sobre a sexualidade?

Uma vez que trato, nessa tese, dos discursos dos pesquisados sobre seus comportamentos sexuais, me limito a questionar sobre o sentido que tem para eles essas atitudes, posturas, seus desempenhos sexuais (que incluem desde o ficar até o ato sexual com parceiro), como eles relatam essas experiências.

Questionar essa realidade me leva, inevitavelmente, a interrogar sobre o perfil desses adolescentes usuários de Internet – meio através do qual seus valores e as diversas formas de aprendizado são apreendidos e elaborados. A Internet não é só um meio de comunicação (como já vimos anteriormente), é mais que isso, é uma rede de computadores interligados, que assume, entre outros aspectos, a função de educar e transformar hábitos, costumes, repassando informações, conhecimentos dos mais diversos tipos e oriundos de outras regiões e outros países, enfim de espaços distantes, num movimento de troca de dados e experiências entre indivíduos conhecidos e desconhecidos, agindo na construção e desconstrução dos valores.

O que esses jovens falam sobre sexualidade, virgindade, homossexualidade, ficar, namorar, fidelidade? O que eles escondem? O que inventam? Esses adolescentes “antenados”, “ligados” no mundo da tecnologia virtual, têm também um discurso igualmente “antenado”?

No seu estudo sobre *Jovens na América Latina*, Carles Feixa (2004) fala sobre o impacto cultural da Internet na geração da última década do século XX:

Não é que apenas sejam um grupo de idade com um acesso maior aos provedores e à internet, nem que a maior parte de seus componentes vivam cercados de *bites*, *chats*, *e-mails* e *webs*, mas que o essencial é o impacto cultural dessas novas tecnologias: desde que fizeram uso da razão, estão rodeados de instrumentos eletrônicos (de videogames a relógios digitais) que configuraram sua visão de vida e do mundo. (FEIXA, 2004, p.319)

O autor faz uma analogia desses adolescentes com os replicantes do filme *Blade Runner*, enquanto seres artificiais, “meio robôs e meio humanos, divididos entre a obediência aos adultos que os engendraram e a vontade de se emancipar.” (FEIXA, 2004, p. 320) Como os replicantes, os adolescentes não são donos de seus destinos,

apesar de terem o mundo aos seus pés. Para o autor, trata-se de um modelo confuso de adolescência, dividido entre a crescente infantilização social (onde o tempo de dependência econômica aos pais se estende cada vez mais, e se define tardiamente o espaço de responsabilização) e uma crescente maturidade intelectual, que se propaga pelo ingresso às novas tecnologias da comunicação, às novas ondas estéticas e ideológicas. Esses traços, junto à manifestação de comunidades de internautas, a conformação de redes adolescentes distribuídas em todos os lugares do planeta, caracterizam o modelo de entrada “virtual” na sociedade.

A geração do início do século XXI, Feixa chama de “geração @”, significando algumas disposições de mudança:

o acesso universal – ainda que não necessariamente geral - às novas tecnologias da informação e da comunicação; em segundo lugar, a erosão das fronteiras tradicionais entre os sexos e os gêneros; e, em terceiro lugar, o processo de globalização cultural que congrega, necessariamente, novas formas de exclusão social em escala planetária. (FEIXA, 2004, p. 320)

Neste capítulo foram lançados os sentidos do ser adolescente, momento em que os sujeitos pesquisados frsaram aqueles aspectos mais marcantes nas suas trajetórias, e nesse conjunto de experiências acumuladas, enfatizaram a importância da Internet no seu dia a dia. Em síntese, sobre a entrada na adolescência os jovens destacaram:

1. A adolescência é percebida como uma fase de cobranças por parte, principalmente, da família, de se assumir responsabilidades com relação à preparação para o vestibular. Portanto, essa “marca” se confirmou na maioria dos discursos dos adolescentes de classe média, em que a trajetória escolar é o foco do investimento da família;
2. Outro aspecto marcante na entrada na adolescência é o “parar de brincar”. Em algumas situações esse processo não ocorreu totalmente sem conflitos, tendo havido resistência, sobretudo das meninas, em se livrar de alguns de seus brinquedos. No geral, o desapego (mesmo que forçado) aos brinquedos/brincadeiras é visto por eles/elas como uma ruptura necessária à passagem a uma situação em que se exige dedicação aos estudos. Embora os meninos não tenham se referido a essa perda como tendo sido forçada,

deixaram transparecer em algumas falas que a época das brincadeiras foi particularmente feliz;

3. Outro ponto citado nas falas, diz respeito à conquista de uma certa liberdade/independência que, mesmo não sendo financeira, lhes possibilita algum tipo de manobra na conquista de sua autonomia: é a liberdade de sair com os/as amigos/amigas, de conviver mais com eles, de ter acesso a novas formas de entretenimento. Essa liberdade também diz respeito a ter suas primeiras experiências afetivas (além das amizades) e sexuais como o ficar, o namoro, as relações sexuais;
4. O trabalho foi citado, especificamente por um grupo de camada popular, como uma grande conquista de liberdade, tanto pelos que têm vivido essa experiência, como para outros que ainda não começaram a trabalhar;
5. A seriedade, no sentido generalizado, foi também citada como sendo uma característica da entrada na adolescência. Há um entendimento, por parte de alguns jovens, de que certos comportamentos “levados” não combinam mais com a nova etapa da vida;
6. Foram citados dois fatores biológicos como definidores na chegada da adolescência: a menstruação e a presença dos pelos (no caso masculino). Nesse sentido, aspectos inerentes à condição biológica de gênero foram decisivos na organização do tempo desses adolescentes;
7. A iniciação sexual foi destacada por alguns meninos como um fator marcante na nova etapa;
8. O namoro e o ficar é uma referência para os adolescentes nessa fase. A troca de afetividades, os encontros, todo o processo de aprendizado da sexualidade começa no namoro e/ou no ficar;

Dando prosseguimento, a ênfase da discussão recai agora nas experiências afetivas/sexuais dos adolescentes, e o que representa esse aprendizado para os sujeitos pesquisados.

CAPÍTULO IV

4 - SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA: Os limites e as possibilidades da afetividade/sexualidade entre os pares:

Introdução

(...) não pensam, vão no calor e na força dos hormônios (Beatriz, 15 anos)

A relação entre sexualidade e juventude vem se apresentando, ultimamente, como um foco rico de debate, sobre a modificação de comportamentos e atitudes e sentidos sexuais durante a vida dos indivíduos. Compactuo com Brandão (2009) ao considerar a sexualidade como mediadora de relações sociais entre os jovens e, ao mesmo tempo, como indispensável da identidade social e de gênero na ocasião da adolescência. Compreendo que a sexualidade, com todo o seu arcabouço biológico, físico, social e cultural, é o episódio mais relevante que incide na juventude, nomeadamente na sua primeira fase – a adolescência – pois a vivência sexual (que aqui entendo desde os comportamentos mais sutis que sugerem alguma forma de interesse físico pelo outro – mesmo sem a aproximação dos corpos - , de desejo pelo próprio corpo e por outrem, da paquera, do ficar, do namoro até a iniciação sexual com parceiro), representa um marco na passagem de uma etapa da vida a outra. Essa percepção está presente na fala dos adolescentes que participaram da pesquisa, como podemos ver no trecho abaixo:

Marca bastante [a sexualidade], é a fase que mais marca, porque é a partir dali que você vai definir muitas coisas, às vezes até prejudica porque antes eu tinha aquela coisa eufórica, queria tá com muitas meninas...eu acho que a sexualidade decide muitas coisas na sua vida, a questão de como se relacionar com as pessoas, têm pessoas que não conseguem, e vai ter dificuldade por ela ser muito retraída, porque apesar de isso vir lá da infância,

só vai aflorar na adolescência porque é quando vai ver todos os seus amigos se relacionando, e com essa barreira...isso vai refletir na sua personalidade. (Entrev. presencial com Marcelo, 17, 2º E.M.)

4.1 - Algumas considerações sobre a categorização de gênero na elaboração dos comportamentos sexuais dos adolescentes:

*Todo homem é frágil e tem sentimentos
(André, 17 anos)*

Entendo que as questões de gênero mostram-se indispensáveis à compreensão dos processos de construção dos sujeitos sociais, do princípio que direciona a roteirização diferenciada de gênero, e das intercessões das relações de gênero nas disposições dos adolescentes acerca da sexualidade. Nesse momento, alguns aspectos relevantes (mas não aprofundados) sobre essa temática serão discutidos.

O comportamento sexual nas sociedades ocidentais foi moldado pelo cristianismo por quase dois mil anos. Na visão predominante da Igreja cristã⁷⁷ toda conduta sexual só seria aprovada se tivesse conduzida à reprodução. Desde o século XIX, as questões relativas aos corpos e ao comportamento sexual ganharam o interesse de especialistas, da medicina e de reformadores morais. Naquele século, as proposições médicas sobre a sexualidade passaram a ter certa legitimidade social, tomando um pouco à frente das posturas religiosas, embora fossem tão rigorosas quanto às visões da Igreja (preceitos como: a atividade sexual desassociada da reprodução poderia causar sérios agravos físicos, a masturbação poderia causar cegueira, loucura, doenças do coração e outros danos, etc., eram disseminados por toda a sociedade) (GIDDENS, 2005). O autor lembra que, no período vitoriano havia muita hipocrisia sexual: as mulheres honradas seriam aquelas que não davam importância à sexualidade, e que só deveriam se relacionar sexualmente com seus maridos por dever, e, ao mesmo tempo, os homens bem casados, cidadãos “comportados”, regularmente procuravam as prostitutas (atitude aceitável socialmente). As mulheres “respeitáveis”, caso tivessem amantes, seriam consideradas escandalosas e, portanto, evitadas socialmente (GIDDENS, 2005). Esse duplo padrão com relação às atividades sexuais masculinas e femininas que permaneceu por muito tempo, ainda espalha seus vestígios no mundo de hoje.

⁷⁷ Ainda que diferentes seitas e designações cristãs tenham se posicionado diferentemente com relação ao lugar adequado da sexualidade na vida

Na década de 1960, movimentos associados à contracultura pregaram a liberdade sexual, e a invenção da pílula anticoncepcional para as mulheres fez com que o prazer fosse desligado da reprodução. Nessa década, houve uma difusão de estilos de vida marcados pela crítica e rejeição a um modo de vida consagrado, onde os valores familiares e educacionais, entre outros, eram questionados,⁷⁸ e novas propostas de organização familiar e social eram discutidas. Contudo, alguns fatos ocorridos a partir do início dos anos 80, sobretudo a descoberta do vírus da AIDS e a sua proliferação por todo o mundo, interferiram na liberdade sexual conquistada nos anos 60, propagada por movimentos sociais, desafiadores da ordem vigente. A contrarrevolução sexual se fez presente, difundindo a insegurança e o medo de contaminação pelo vírus da AIDS. Nesse clima, jovens e adultos passaram a reprimir sua sexualidade. Contudo, embora as ameaças propagadas por todos os espaços sociais, enaltecendo o recato e deturpando todas as práticas sexuais “pervertidas” (principalmente as homossexuais) fossem um fato, alguns aspectos resistiram, a exemplo da prática sexual independente da procriação.

A diferença de gênero (masculino/feminino), do ponto de vista das ciências sociais e de outras ciências afins, é criada e alimentada pelo conjunto de relações sociais, pelas suas significações. Não há como fugir da discussão sobre gênero quando buscamos o entendimento sobre o comportamento sexual de adolescentes. Segundo Maria Luíza Heilborn:

se há características distintas entre homens e mulheres no tocante à vida sexual e na interface desta com a esfera reprodutiva, elas devem-se a uma combinação de fenômenos que reverberam nos corpos como efeito de processos complexos de socialização dos gêneros. Desse modo, há estreito e inescapável imbricamento entre sexualidade e gênero. (2006,p.35).

Segundo E. Lobo (1987), “...a relação de gênero remete, pois, a espaços primários das relações familiares e implica na construção de uma subjetividade sexuada, e de identidades de gênero.” (p.80). E, tendo em vista que as trajetórias de homens e de mulheres não se reduzem a “efeitos mecânicos de uma identidade cristalizada de uma vez para sempre, ou não haveria história...”, as análises devem ter “por objeto as práticas sociais e as instituições, onde as relações de gênero se constroem.” (p.80).

⁷⁸ Bozon, 2004

Nesse raciocínio, é no âmbito da cultura, conforme argumenta Louro (1999), que se definem as identidades sociais, “não só as identidades sexuais e de gênero, mas também as de raça, de nacionalidade, de classe, etc.” (p.12).

A autora vai mais além quando diz que “essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e depois nos parecer descartáveis; podendo ser rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes.” (p. 12). Nesse sentido, cada espaço de convivência de relacionamentos, de interação de indivíduos e de grupos, apresenta suas determinações de gênero que não são idênticas a outras construções de papéis masculino e feminino em outros ambientes, mesmo que sejam semelhantes sob vários aspectos.

Segundo Jurandir F. Costa (1985), as identidades sexuais são construídas historicamente, da mesma forma que outras identidades. E, nesse sentido, até o século XVIII o sexo masculino era a única grande referência, e a mulher era sua representante inferior. Essa ideia de “inferioridade natural” de certos indivíduos também era “justificada” para os povos colonizados e para as classes inferiores. No final do século XVIII em diante é que a sexualidade feminina começou a ser definida como original e totalmente diferente da sexualidade do homem. O autor constata, com a sua pesquisa, que nossas ideias de sexualidade resultam de “hábitos criados nas práticas discursivas e não discursivas surgidas na história europeia dos últimos dois ou três séculos.” (1985. p.11)

Quando os autores, na maioria das vezes, se reportam à inferioridade feminina, à dominação masculina, não referem-se, necessariamente, ao poder autoritário que se apresenta vestido da forma como costumamos concebê-lo. Em muitas situações, o poder que está por trás da subordinação que afeta quase todas as mulheres, não está localizado exclusivamente nas grandes estruturas sociais (como o Estado, por exemplo) ou nas outras instituições burocráticas. “É um poder múltiplo, localizado em diferentes espaços sociais, que pode não se vestir com as roupagens da autoridade, mas sim com os nobres sentimentos de afeto, ternura e amor.” (BARBIERI, 1993. p. 2). Esse poder, digamos, “invisível”, é o que Bourdieu (1999) chama de “violência simbólica”, que é um tipo de poder que age sem coação física, como se fosse uma “magia”. “Mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos.”(p.50).

Ou seja, é nas formas mais sutis, até mesmo discretas, que podemos observar tais atitudes de dominação ordenadas pela sociedade. No conjunto das práticas concretas

e simbólicas, nas representações, normas e valores sociais podemos detectar as determinações de gênero. Como são moldados meninos e meninas para receber e cumprir a desigualdade em função de gênero? “O gênero é uma forma de desigualdade social, das distâncias e hierarquias que se, por um lado, possui uma dinâmica própria, por outro está articulado com outras formas de desigualdade, das distâncias e das hierarquias.” (BARBIERI,1993.p.12).

Na nossa sociedade há um primeiro e talvez mais importante lugar de subordinação feminina: a família. Esse espaço é identificado em nossas sociedades como o espaço privilegiado das mulheres. Desde a infância a menina é educada para assumi-lo, enfrentá-lo, organizá-lo, cuidar dele, administrá-lo. Sem pretender adentrar nessa discussão sobre as relações de gênero construídas e reproduzidas no espaço doméstico, apenas destaco esse fato como sendo quase universal, cujo modelo se reproduz em outras esferas e instituições sociais, aparentemente neutras, embora sejam divergentes nas suas funções e papéis sociais (a exemplo da escola, da igreja, dos espaços de lazer, etc.). Nesses, e em outros tantos lugares, as mulheres e homens vivenciam relações predeterminadas, cuja regra a ser cumprida é a da dominação masculina. Por outro lado, segundo Teresita de Barbieri, há formas de desobediências utilizadas por quem é dominado, ou de “obediência aparente”, que escondem um poder real, mas camuflado, o que demonstra que muitos espaços de interação de gêneros são contraditórios, aparentemente objetivos e evidentes, mas que, implicitamente, expõem relações tensas, sutis, e que, muitas vezes, exigem um olhar mais metódico e imparcial, exigente e isento de preconceitos. Sobre isso a autora afirma:

As (os) dominadas(os) têm um campo de possibilidades de readequação, de obediência aparente mas desobediência real, resistência, manipulação da subordinação. Daí então é que os lugares de controle sobre as mulheres em nossas sociedades, o desempenho dos papéis das mães-esposas-donas de casa sejam também espaços de poder das mulheres: o reprodutivo, o acesso ao corpo e a sedução, a organização da vida doméstica. As mulheres podem, por exemplo, ter filhos que não sejam do marido, aparentar esterilidade ou se negar a tê-los, engravidar em momentos inoportunos, se relacionar sexualmente com outros e outras, seduzir com diferentes objetivos, se negar a trabalhar no lar impedindo a sobrevivência de seus integrantes, incluindo-se aí as crianças recém-nascidas, etc. (BARBIERI,1993,p.11)

Ou seja, no lugar de pensarmos as relações de gênero como, necessariamente, desiguais, e, com base nesse pressuposto, justificarmos as atitudes de homens e de mulheres sempre como resposta ao modelo de dominação do masculino sobre o feminino, é importante refletirmos sobre a diversidade de situações envolvendo homens e

mulheres, que ora estão em conflito, ora buscam o entendimento, e que nas múltiplas formas de se relacionarem, o que muitas vezes predomina é uma barganha de poder. Foucault, quando se refere à produção dos discursos sobre o sexo no campo das relações de poder, enfatiza algumas “prescrições da prudência”. Uma delas, a “Regra das variações contínuas” determina o seguinte:

Não procurar quem tem o poder na ordem da sexualidade (os homens, os adultos, os pais, os médicos) e quem é privado de poder (as mulheres, os adolescentes, as crianças, os doentes...), nem quem tem o direito de saber, ou é mantido à força na ignorância. Mas, ao contrário, buscar o esquema das modificações que as correlações de força implicam através de seu próprio jogo. (1988, p. 94).

É interessante que se pondere também com relação às diferenças, que não se constroem e se propagam apenas em gêneros diferentes, mas “intragênero”.⁷⁹ As relações entre os indivíduos também devem ser entendidas como resultado da interferência de diversos fatores socioculturais, como classe, grau de instrução, religião, raça, etc.

Refletindo sobre os modelos impostos quanto aos papéis masculino e feminino, mas também, e paralelamente, sobre a dinâmica nas trajetórias e nas identidades de homens e de mulheres, que não são estáticas nem imutáveis, podemos perceber que na realidade que observamos dos adolescentes, no que tange às suas práticas sexuais, existem formas de se expressar essa sexualidade, bem como os relacionamentos afetivos/sexuais, que apresentam não apenas uma forma de dominação masculina, mas várias e diferentes maneiras de demonstrar a dominação nos relacionamentos, que tanto partem de um lado (masculino) como de outro (feminino). Portanto, podemos refletir sobre isso com base, não necessariamente, na desigualdade de gênero sempre favorecendo um lado da relação, mas na diferenciação de gênero. O entendimento que Foucault tem sobre o poder e as suas formas de procedimento, esclarece um pouco sobre isso: “O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.” (1988, p. 89)

Para o autor, no que diz respeito à sexualidade, há uma multiplicidade de discursos, não apenas o discurso dominante, de um lado, e o discurso dominado, de outro, mas diferentes estratégias discursivas que se defrontam e/ou se confrontam. “Ela [a sexualidade] aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas

⁷⁹ OSTERMANN, 2002

relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população.” (Foucault, 1988, p. 98).

Para Bourdieu (1999), as práticas e as representações dos sexos masculino e feminino não são proporcionais porque em todas as sociedades, senão na maioria, as moças e os rapazes têm pontos de vista diferentes sobre a relação amorosa, na maioria das vezes refletida pelos homens com a lógica da conquista, mas também porque a prática sexual por si só é idealizada pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de posse. Por esse motivo, o autor acredita que há uma dificuldade muito grande entre as expectativas prováveis dos homens e das mulheres no que tange à sexualidade. (p.30). Para o autor

se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza,, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como um desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (BOURDIEU, 1999, p.31)

Para Gagnon (2006), o processo feminino de socialização do gênero tem passado por uma lacuna muito grande ao longo da história.

O senso de refinamento, a passividade, a submissão generalizada às normas masculinas de poder, e, pelo menos em parte, a resistência à exploração sexual por rapazes e homens ... essa exclusão generalizada do sexual na vida social especialmente dos roteiros sexuais e de gênero que herdamos no século XIX, como parte de nosso repertório cultural aceito de condutas, existiu não só para as mulheres, mas também moldou a sexualidade de muitos homens. O problema não era a repressão de um impulso inato, mas a falta de um conjunto de circunstâncias instigadoras, inclusive roteiros sexuais de gênero, sobretudo para as mulheres, mas também para os homens, que pudessem converter a competência orgástica num desempenho orgástico satisfatório.” (p.p. 131-132)

4.2 -Adolescência e Sexualidade

*No namoro a gente não pode
“prender” o namorado, mas
também não pode aceitar tudo
(Clara, 16 anos)*

Devo esclarecer sobre o entendimento que tenho sobre sexualidade (embora acredito que, de alguma forma, isso já foi demonstrado em outros momentos da tese).

Concordo com a concepção de J.Weeks, quando afirma que, “embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo.” E completa: “A sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico.” (1999, p. 38)

Para Meinerz (2004) “a vivência da sexualidade deve ser levada em conta como um marcador social de fase de vida dos indivíduos.” (p.142). Além do mais, concordo com J. Gagnon (2006) quando ele diz: “A sexualidade é mais do que um comportamento individual, e o que acontece na arena sexual de qualquer sociedade é consequência da cultura e da estrutura de oportunidades sexuais e não sexuais existentes antes de qualquer indivíduo.” (p.265).

Há várias abordagens sobre a sexualidade, algumas que considero bem interessantes por valorizar, sobretudo, o aprendizado, a troca de experiências, as trajetórias de vida, o artefato cultural como mediador das práticas dos sujeitos. Ou seja, que ressaltam o meio social e cultural como propulsor dos comportamentos e dos papéis sexuais dos indivíduos, num processo inserido em contextos bem complexos e específicos. Esse tipo de argumento se confronta com a concepção essencialista que defende que a sexualidade obedece a uma lógica interna ao ser, física, instintiva, cujos impulsos biológicos são determinantes de quaisquer comportamentos sexuais. “O “essencialismo” é o ponto de vista que tenta explicar as propriedades de um todo complexo por referência a uma suposta verdade ou essência interior. Essa abordagem reduz a complexidade do mundo à suposta simplicidade imaginada de suas partes constituintes e procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos.” (WEEKS, 1999, p.43).

A visão construcionista se contrapõe à essencialista. De acordo com Weeks (1999) a primeira enfatiza as condições históricas, cuja variação irá repercutir na importância atribuída à sexualidade num determinado momento, atingindo “as várias relações de poder que modelam o que vem a ser visto como comportamento normal ou anormal, aceitável ou inaceitável.” (p.43) Segundo o autor, o construcionismo social questiona, entre outros aspectos, a importância tão elevada que a nossa cultura atribui à sexualidade.

É sob o ponto de vista socioantropológico que baseio a minha análise sobre a sexualidade: enquanto um aspecto que deve ser visto na sua interação com a socialização, com a aprendizagem, com as outras experiências dispostas no cenário sociocultural. (HEILBORN, 2004). Isso porque a atividade sexual para os humanos é muito mais do que biológica. O comportamento sexual dos humanos possui muitos significados, se expressa de várias formas, “refletindo quem somos e as emoções que estamos experimentando.” (GIDDENS, 2005, p. 116). Por esse motivo deve ser compreendida “no sentido das significações sociais nas quais os seres humanos estão inscritos.” (p.116)

Nessa perspectiva de que as interações sexuais estão intimamente ligadas às realidades da vida social, Gagnon esclarece sobre a sua teoria da roteirização sexual:

O estudo social da sexualidade não nos afasta das duras realidades estruturais políticas, econômicas e sociais em que homens e mulheres estão inseridos – tampouco dos aspectos biológicos e físicos da vida humana. A conduta sexual é também uma forma de ação simbólica, razão pela qual a teoria da roteirização sexual é capaz de articular as ligações entre o comportamento interativo individual em nível micro e as forças sociais mais amplas do nível macro. (Gagnon, 2006, p.p.28-29)

Acenar para a complexidade do problema significa considerar os diversos e também intrincados aspectos que intervêm, de alguma forma, no processo de construção e de vivência da sexualidade na adolescência.

A adolescência caracteriza-se por diversas transições, sendo a passagem à sexualidade com parceiro a de maior repercussão. O aprendizado da sexualidade, contudo, não se restringe àquele da genitalidade, tampouco ao acontecimento da primeira relação sexual. Trata-se de um processo de experimentação pessoal e de impregnação pela cultura sexual do grupo, que se acelera na adolescência e na juventude. O aprendizado constitui-se na familiarização de representações, valores, papéis de gênero, rituais de interação e de práticas, presentes na noção de cultura sexual. (HEILBORN, 2006, p.35).

Um fato que chama a atenção e que parece ser incongruente no mundo de hoje, onde a liberdade é um dos valores mais destacados em todos os meios e espaços onde se constroem as múltiplas relações, é o tabu em relação à sexualidade dos adolescentes, ao mesmo tempo em que há uma propagação dessa mesma sexualidade nos meios de comunicação, no marketing, na comercialização de produtos, etc. Ou seja, a sociedade compreende que o despertar da sexualidade ocorre a partir da adolescência, embora considere como legítimo a sua vivência na fase adulta.

A evidência da sexualidade na mídia, nas roupas, nos shopping-centers, nas músicas, nos programas de TV e em outras múltiplas situações experimentadas pelas crianças e adolescentes vem alimentando o que alguns chamam de “pânico moral”. No centro das preocupações estão os pequenos. Paradoxalmente, as crianças são ameaçadas por tudo isso e, ao mesmo tempo, consideradas muito “sabidas” e, então, “perigosas”, pois passam a conhecer e a fazer, muito cedo, coisas demais. (LOURO, 1999, p.27).

Segundo alguns autores, nem sempre, historicamente, as crianças foram “afastadas” da sexualidade. Esse fenômeno da “dessexualização” infantil é recente na história ocidental,

pois até meados do século XVII meninos e meninas conviviam com o mundo adulto em todas as suas nuances. Em outras sociedades, como na Grécia Antiga, a relação sexual entre adultos e jovens fazia parte de um processo pedagógico. Na Índia Antiga, a casta dos *nayar* estimulava as experiências sexuais de meninas antes da primeira menstruação. (FELIPE, 2003, p.58).

O autor lembra que muitas mulheres se casavam muito jovens, normalmente com homens bem mais velhos. “Portanto, as práticas sexuais entre crianças e adultos foram durante muito tempo, e em diversas culturas, toleradas e até mesmo estimuladas.” (FELIPE, 2003, p. 59). Segundo o autor, até mesmo hoje, em muitas sociedades tribais da Melanésia, há a prática sexual com adolescentes, que se justifica culturalmente pela crença de que a transmissão do sêmen de homens adultos a crianças poderá fortalecê-los na maturidade. (2003)

Foi a partir do século XVIII, segundo Araújo (1999):

que os jovens foram educados de forma a dirigir sua atenção para os estudos, como um meio de canalizar a energia sexual reprimida. Nos colégios eram evitadas todas as situações que propiciassem contato de natureza sexual entre os jovens. Combatia-se a masturbação. Havia regras de disciplina que

forçavam os jovens a estar sempre ocupados para que não se envolvessem em atividades sexuais. Os dormitórios eram vigiados. As roupas eram feitas para dificultar a masturbação. Toda essa repressão sexual provocou uma sexualização de estímulos que até então eram neutros. Aparece uma erotização maior, fruto da modernização. (p. 29)

Para Foucault (1988), a imposição do silêncio com relação à sexualidade teve início no século XVII, época de repressão própria das sociedades ditas burguesas. No entanto, segundo o autor, o controle sobre o sexo nos séculos seguintes transformou o silêncio numa verdadeira “explosão discursiva”, quando foram instituídas regras com relação às situações e os lugares em que se poderia e deveria falar sobre o sexo e em que relações sociais. Enquanto as regras determinavam a discricção, a ocultação do fenômeno, o inverso se dava no nível dos discursos. Para Foucault, houve uma aceleração discursiva, principalmente a partir do século XVIII,

...o cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contra-efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente. Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais. (1988, p.22).

O autor esclarece ainda que o que se proíbe aludir a respeito do sexo não constitui, necessariamente, um não-discurso sobre o mesmo, um não-dito.

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos. (FOUCAULT, 1988, p.30).

No século XIX, esse tipo de controle repressivo sobre a sexualidade aumentou drasticamente. Nessa época repressão e sexo representavam uma dupla inseparável. Ao mesmo tempo, nunca se falou tanto sobre sexualidade.

No Brasil, os registros, segundo Mary Del Priore (2007), nos séculos XIX e XX descrevem muito mais a respeito dos rapazes dos que das moças, cujo único papel era preservar a virgindade, com total carência de liberdade. O controle da família e da sociedade como um todo sobre a sexualidade feminina era tão grande, que esse assunto só despertava o horror, inclusive sobre o próprio corpo. A autora afirma:

Para as moças, as transformações da idade tinham de ser interiorizadas e vividas ao abrigo dos olhares do outro sexo. Moças ou rapazes sofriam, contudo, as consequências do controle dos adultos. A juventude inspirava temor aos defensores da ordem e das convenções sociais. O adolescente era visto como ameaça, sinônimo de desordem. (PRIORE, 2007, p. 8).

No século XIX, particularmente, a iniciação sexual se dava na adolescência, os jovens se encontravam em lugares que lhes garantissem certa privacidade. Muitas moças eram aliciadas, “perdiam” sua virgindade, e assim, normalmente eram expulsas de casa, pois um fato como esse significava uma desonra para elas e, conseqüentemente, para toda a família. Esse costume não ficou lá atrás, pois lembro muito bem que na minha época da infância e adolescência, a defesa da honra das moças tinha um grande valor moral para as famílias e para a sociedade no interior onde eu morava. E essa honra era, sobretudo, a conservação da virgindade. Nesse sentido, a perda da virgindade das moças representava uma vergonha, não só para elas, mas para toda a sua família. Uma prática muito comum entre os jovens (muitas vezes ainda menores de idade) que desejavam ter relações sexuais era “fugir de casa”. Quando isso ocorria, significava, em alguns casos, que os jovens pretendiam se casar, mas sabendo que os pais não apoiariam por causa da idade, “fugiam” como uma forma de apressarem o casamento. A honra das moças que fugiam de casa só seria “lavada” se se casassem em seguida com o namorado. E mesmo que não fosse efetivado nenhum contato sexual que implicasse na perda da virgindade, o fato de acontecer a fuga era suficiente para atestar a desonra da menina. Na maioria dos casos, o retorno da jovem à casa se dava por meio de surras, principalmente por parte do pai.

Alguns fatos têm contribuído à orientação de novas práticas sexuais nas últimas décadas, como o incremento de formas eficazes de contracepção, posturas mais liberais e democráticas a respeito das escolhas dos parceiros sexuais e do respeito à orientação sexual de cada um, entre outros. Isso também tem resultado em novas condutas sexuais a exemplo da crescente preponderância do sexo antes do casamento, dos novos modelos de relacionamentos afetivos e de famílias.⁸⁰ Todos esses itens vem provocando muitas discussões na ordem do dia, bem como estudos e pesquisas em diferentes áreas. Por essa razão, especialmente, abordo esse tópico, detendo a atenção especificamente na vivência sexual dos adolescentes na faixa etária de 14 a 17 anos, buscando perceber as mudanças nos seus comportamentos e valores sexuais.

⁸⁰ Bozon, 2004; Giddens, 2005; Heilborn, 2004;

As mudanças gradativas que vêm ocorrendo no contexto sociocultural vêm repercutindo numa maior tolerância social com relação à sexualidade dos jovens. Apesar disso, segundo Calazans (2005), citando Paiva (1996), a sexualidade de adolescentes e jovens vem sendo reelaborada como um problema social, redimensionando o domínio sobre a sexualidade juvenil com base em supostas implicações negativas de suas práticas sociais. Para Calazans, os significados das práticas sexuais dos adolescentes como desvio e anormalidade são construídos com referência à significação atribuída à sexualidade adulta, que, por sua vez, é considerada responsável, controlada etc.

Nas últimas décadas, vem aumentando significativamente o interesse acadêmico pela sexualidade. Isto se deve, em grande parte, segundo R. Parker (1999), às mudanças contextuais nos preceitos sociais; à influência particular de movimentos sociais, particularmente movimentos feministas, gays e lésbicos; ao impacto da pandemia do vírus HIV/AIDS; e à preocupação crescente com saúde reprodutiva e sexual. No Brasil, instituições de diversas ordens têm se estendido com tal debate, cada uma cumprindo com seus papéis específicos e determinantes socialmente, como as Igrejas com sua ética conservadora; o discurso médico; e as instituições de ensino.

Nas sociedades contemporâneas a vida sexual, sobretudo de adolescentes e jovens, está sendo alvo de grandes discussões em diversos ambientes sociais (por vários motivos já mencionados anteriormente). Há uma disseminação de opiniões, de conceitos, de ideias a respeito das mudanças de comportamento, da “modernização” dos costumes sexuais, da intensificação das práticas sexuais, da “precocidade” e da diversidade cada vez mais pretendida dessas práticas. Esse pode ser um dos motivos pelos quais o estudo da sexualidade e do gênero esteja crescendo e inquietando cada vez mais a sociologia contemporânea. Algumas das questões que nortearam minha pesquisa dizem respeito a se tais mudanças se repercutem nas vivências dos adolescentes de maneira intensa, se há mudanças nas expectativas sociais ou se elas estão sendo reeditadas.

Discursos indicadores de como os jovens (inclusive os adolescentes) devem se relacionar sexualmente invadem as escolas, universidades, empresas e diversos outros setores. Especificamente nas escolas, segundo Louro (1999), afirmando ou silenciando, nos ambientes reconhecidos e abertos ou nos espaços escondidos e privados, é praticada uma pedagogia da sexualidade, regularizando determinadas práticas sexuais, contendo e marginalizando outras. Conforme Gagnon, as histórias de intimidação atinentes à sexualidade e ao gênero, estão implantadas na disposição das

instituições sociais e na prática da vida cotidiana dessas instituições (família, escola, Igrejas, forças armadas, organizações empresariais, universidades, a medicina e o direito). De acordo com o autor:

(...) são todos sistemas de instruções sobre a sexualidade, tanto em relação ao que se diz oficialmente quanto à maneira como são organizados. Assim, nas modernas sociedades ocidentais, o direito contém em seu bojo as codificações do que o Estado julga ser a conduta sexual correta e apropriada. O sistema policial impõe o cumprimento das proibições, detendo, encarcerando e estigmatizando diversas pessoas. Os meios de comunicação de massa fazem recontar os eventos gerados pelos atos do sistema de imposição da lei, rerepresentando-os na televisão e na imprensa. (GAGNON, 2006,p.224)

Sobre as outras instituições o autor completa:

(...) as escolas oferecem educação sexual e separam os meninos e meninas em várias trilhas pertinentes ao gênero; as Igrejas oferecem versões do que é sexualmente bom e ruim; as organizações empresariais reprimem ou toleram o assédio sexual; a medicina, instituições dominada pelos homens, lidam com os problemas sexuais de homens e mulheres com um sexismo tecnologizado; e as universidades promovem disciplinas que proporcionam uma pesquisa e uma pedagogia convencionais sobre a sexualidade (GAGNON, 2006, p.224)

Mesmo sem aprofundar essa teoria da roteirização, o que fica claro nessa abordagem é que as prescrições externas existem, porém são internalizadas com outros fatores também significativos, que juntos, irão construir e influenciar os comportamentos dos jovens adolescentes a respeito de sua sexualidade. Portanto, é necessário observar e apreciar as opiniões e os discursos dos próprios adolescentes, que estão impregnados de significados no que tange à realidade social e cultural em que eles estão inseridos. Segundo ALTMANN (2007), não se costuma valorizar o que os próprios adolescentes têm a dizer sobre o assunto, como eles programam essas experiências em suas vidas. O universo dos jovens e, particularmente, dos adolescentes é muito rico em imagens não só de si mesmos, mas também da sociedade como um todo. Estas imagens são representadas nas inúmeras e distintas formas de expressão cotidianas.

Se, de um lado, há um conjunto de regras e de padrões estabelecidos que agem sobre os comportamentos juvenis, de outro existem performances que reagem a esses protótipos instituídos, gerando algumas vezes conflitos entre gerações. Os padrões estabelecidos na instituição familiar nem sempre se impõem à troca de experiências vivenciada pelos jovens no dia a dia. Em determinadas circunstâncias se tornam fragilizados diante da imposição externa presente nos meios de comunicação e

sobretudo nos estilos instituídos entre os pares (que por sua vez sofrem de alguma forma outras influências). É o caso da moda (roupas, adereços, adornos), dos gostos musicais, dos meios de comunicação (como os utilizam, como interagem com eles), nos diversos tipos de linguagem corporal (desde a oral – no uso de gírias – até os gestos específicos). Ou seja, há elementos que são compartilhados pelos jovens - como valores, símbolos, códigos, práticas – que podem ser próprios à etapa em que estão vivendo, como também podem ser provenientes, segundo Pais (1990), das gerações anteriores ou das trajetórias de classe em que os jovens estão inscritos.

Segundo Le Breton “a aprendizagem das modalidades corporais não está limitada à infância, e continua durante toda a vida conforme as modificações sociais e culturais que se impõem ao estilo de vida, aos diferentes papéis, que convém assumir no curso da existência.” (2007,p.9)

Muitas vezes, determinadas práticas compartilhadas pelos jovens, possuem em si uma plasticidade, uma efemeridade, que depende predominantemente do aqui e agora, da relação com novos modelos que se apresentam, que vem sendo elaborados ao longo do tempo e dos acontecimentos. Nesse sentido, com a mesma imposição e ritmo com que se dá sua chegada, ocorre sua partida, tornando-se descartáveis no tempo e no espaço. No entanto, sua relevância social está justamente nessa inconstância, nessa dinâmica, que abre espaço sempre para outras possibilidades de linguagem, de símbolos, de relações.

No outro lado (não necessariamente extremo) estão aqueles costumes, hábitos bem mais resistentes, e que estão muito mais radicados aos valores familiares, às tradições e aos costumes. São noções e valores que relutam às mudanças e aos arquétipos mais “modernos” de lidar com a sexualidade. A entrada na vida sexual passa por um processo de socialização que norteia trajetórias e comportamentos, avaliados como oportunos para cada grupo social. Nesse sentido, as práticas sexuais se individualizam em cada sociedade. “Às expressões e manifestações relativas à sexualidade correspondem distintos significados, segundo os valores vigentes em um dado estrato sociocultural. Portanto, os atos sexuais não são necessariamente, unívocos.” (HEILBORN, 2006. p.45)

Os adolescentes contemporâneos vivem a sua sexualidade com base em códigos que se propagam no seu imaginário. Vale salientar que tais referências são cada vez mais contraditórias numa sociedade fragmentada, complexa, com relações conflitantes. As atitudes dos adolescentes diante da sexualidade, bem como com relação

a outras vivências e aprendizados, acompanham, muitas vezes sincronizadamente, os ritmos e a (des)ordem das exigências da cultura de uma sociedade moderna, prática, dinâmica e ágil nas configurações de suas relações internas e na própria forma de organização. Tais práticas coexistem com os valores repassados e reproduzidos no ambiente familiar e em outras instâncias sociais.

A sexualidade adolescente é apreendida, geralmente, como sexualidade de risco, risco de uma gravidez precoce e/ou de uma contaminação pelas DSTs,⁸¹ e com isso, uma desestruturação total da vida do adolescente e da sua família. Essa percepção é construída a partir da visão generalizada de que a adolescência é uma fase da vida transitória, e que, portanto, os sujeitos que dela fazem parte, estão em processo de precipitação (em todos os sentidos) até que se ultrapasse essa idade e se alcance a maturidade.

Há, conforme o contexto específico em que estão inseridos os jovens adolescentes, particularidades nas questões afetivas e sexuais. E, tomando como base a perspectiva de Scott (1990), segundo a qual mais que institucionalizadas, as relações de gênero ocorrem no plano dos significados, é a partir da linguagem discursiva dos jovens que serão descritas as representações dos mesmos sobre suas práticas afetivo-sexuais. Esse entendimento está expresso por Gagnon (2006) no que ele chama de roteiros: “Os roteiros acionados pelos atores sociais são suas interpretações das normas sociais, dos mitos culturais e das formas de conhecimento carnal.” (p.22). Segundo o autor, os roteiros dos encontros sexuais são ligados ao gênero, onde espera-se formalmente que os homens tenham comportamentos ativos nas práticas afetivas sexuais, e que as, mulheres, por sua vez, sejam mais passivas e obedientes.

Conforme Brandão e Heilborn (2006), a sexualidade tem um papel muito importante no exercício da autonomia na juventude. Muitas vezes, mesmo sem a tão esperada independência financeira, a autonomia pessoal (em que a sexualidade se destaca) é considerada garantida pelos jovens. Para as autoras, as duas coisas – autonomia e independência financeira – não estão atreladas uma a outra, e isso é um aspecto que diferencia os jovens de hoje daqueles das gerações passadas, quando a conquista da emancipação financeira era um determinante da saída dos filhos da casa dos pais. Ou seja, para as gerações anteriores, a autonomia implicava, necessariamente,

⁸¹ Brandão, 2006

na independência financeira. Sendo independentes financeiramente, os jovens poderiam conquistar outros espaços com facilidade.

Muitos jovens se iniciam sexualmente e até mantêm uma relação sexual ativa (levando o(a) parceiro(a) para a casa dos pais), mantendo uma relação praticamente conjugal, apesar de dependerem dos pais financeiramente. No entanto, há situações específicas que podem destoar desse modelo, conforme o grupo social e as relações de gênero. Há na atualidade diversos fatores que se interpõem nessa transição à vida adulta, entre eles se destacam a propagação de novas tecnologias de informação, os hábitos de consumo e as novas investidas no campo da sexualidade.

Como já foi ressaltado antes, conforme a discussão feita por Elaine Brandão (2006), as trajetórias juvenis se diferenciam dependendo de várias condições, inclusive a de classe. O chamado “prolongamento da juventude” ocorre com maior frequência nas camadas sociais mais privilegiadas com a extensão do tempo de estudo e também do tempo de residência junto com os pais, além do atraso na conquista da independência financeira. Com muitos jovens de camadas populares, ocorre uma passagem para a idade adulta mais rápida. Isso acontece quando entram mais cedo no mundo do trabalho, possibilitando sua independência financeira, ou quando, mesmo dependendo economicamente da família, em algumas situações, adotam “posições” de adultos quando vivem conjugalmente, com filhos, sendo vistos como casados. No trabalho de Mônica Franch (2010), onde se discute aspectos relativos à vivência temporal de mulheres jovens de camadas populares, é questionada a concepção moderna do tempo de vida, em que as sucessivas etapas são nitidamente definidas. A autora chama a atenção para outras formas de periodização das transições femininas, afirmando:

As classificações ligadas ao ciclo reprodutivo e sexual (moça, mulher, casada, solteira, mãe) são, no cotidiano, acionadas com muito mais frequência do que as categorias de adolescente, jovem e adulto, mostrando que a organização social do curso da vida segue roteiros indiferentes às classificações evolutivas etárias. (FRANCH, 2010, p. 234)

Levando em consideração os adolescentes da década de 2010, objeto da minha pesquisa, devemos elucidar a peculiaridade desse momento: uma sociedade fragmentada, hierarquizada, que comporta diferentes manifestações culturais, em que os meios de comunicação são cada vez mais variados e modernos, a exemplo da internet, e que muitas vezes instituem uma mediação importante entre as pessoas, não só na comunicação de fatos e acontecimentos do mundo em tempo recorde, mas também nos

relacionamentos que se formam (de amizades a casamentos), em que as informações circulam numa velocidade absurda, e em que os comandos sobre a moda, sobre músicas, sobre todas as formas de arte, de entretenimento, de consumo os mais diversificados possíveis, de linguagens, de códigos nos relacionamentos afetivos, se expandem em todos os setores e camadas sociais.

No mundo atual, cada vez mais globalizado, a socialização dos jovens, segundo Souza (2004), está se lançando em diversos ambientes, onde novas experiências culturais sugerem novos modelos de se conectar ao mundo, possibilitando novas formas de reconhecimento. Os tempos atuais estão cada vez mais marcados pela fragmentação e diferenciação de ritmos. Um exemplo dessa nova atitude juvenil e desse novo estilo de interação criado nos grupos de jovens e adolescentes, são os encontros virtuais e eletrônicos, de um modo geral, que vão estendendo os limites de tempo e espaços. Há uma redefinição de conceitos e de valores relacionados ao tempo e ao espaço, ao perto e ao longe. Muitas e distintas opções são estabelecidas, que vão gerando, por sua vez, diversos significados sobre as novas experiências.

4.3- Os discursos sobre temas/vivências sexuais

a) Tocando no assunto

*Não é um pecado mortal, o principal mesmo é se cuidar
(Luana, 16 anos)*

Como o tema geral da pesquisa era *Sexualidade*, os participantes fizeram seus comentários a respeito. Houve interpretações soltas, espontâneas, algumas de forma indireta, outras direta. Independente dos formatos dos discursos, eles aconteceram.

Com relação ao interesse em falar sobre esse assunto, inclusive sobre outros temas que estão envolvidos (pergunta que eu formulei nas entrevistas), a maioria dos jovens afirmou que é um tema interessante para se discutir. Um deles alega que é uma forma de se informar mais para melhor se proteger, uma menina considera importante da mesma forma que outros assuntos como política e religião. Seis adolescentes (quatro

meninas e dois meninos) afirmaram que não têm interesse pelo assunto. Uma menina justificou a falta de interesse por ainda ser virgem, outra porque “não tem pressa” (Duda). Um menino alegou que “nunca achou que sexo fosse tudo” (André).

Um dos rapazes, apesar de afirmar que não se sente incomodado em discutir sobre o assunto, não tem muito interesse pelo sexo em si.

T.R.O: vc se interessa por essas questões relacionadas à sexualidade? vc se interessa em falar sobre elas?

João (16, 8º): eu não me sinto incomodado
eu não faço muita questão de sexo nunca, tipo entre sair pra um cinema e
tranzar eu prefiro o cinema
(Entrev. pelo face)

Temos aqui alguns dados interessantes que me fazem refletir sobre minha hipótese de que a sexualidade seja uma temática de grande repercussão e interesse para os adolescentes. Entre os vinte e oito sujeitos pesquisados, todos afirmaram, no geral, que o assunto é importante, que merece atenção por parte da sociedade. No entanto, contrariando a ideia generalizada que se tem sobre a extrema valorização do sexo pelos homens (independente da faixa etária, da classe social, etc.), entre os nove rapazes pesquisados, dois não colocam a prática sexual numa posição soberana em relação a outras atividades e interesses, o que representa 22% do total dos participantes do sexo masculino. Entre os sete que consideram o tema interessante, um deles justificou a importância dada pelo aspecto da prevenção. Ou seja, ele assume o discurso adulto, de medicalização da sexualidade, não se referindo, portanto, à sua própria vivência sexual, considerando as suas expectativas internas e subjetivas.

Questionei sobre se eles têm dúvidas (muitas ou poucas) sobre o assunto. Apenas uma garota afirmou que tem muitas dúvidas.

T.R.O: vc tem muitas dúvidas a esse respeito? a respeito de sexualidade?
Clara (16, 3º E.M.): tenho sim, em relação se é certo se é errado, ao momento certo.. essas coisas
(Ent. Pelo face)

O restante afirmou que não tem dúvidas, tendo em vista a circulação constante de informações (opinião de Fred e Luísa (15, 2º E.M.)), ou que tem poucas dúvidas.

T.R.O: vc tem muitas dúvidas a respeito desse assunto?

Carlos: hoje nao tenho mais tantas duvidas mais quando eu estava entrando para a adolescencia, que eu vi meu corpo mudar eu procurava bastante na Internet

Carlos está se referindo aqui, especificamente, às mudanças físicas/biológicas/hormonais. As mudanças no corpo, típicas do período da puberdade, são as marcas, para ele, do que significa a sexualidade. Outra questão que merece uma mínima reflexão é sobre o papel da Internet na vida dos adolescentes. Não foi no diálogo com a família, nem na escola, nem tampouco com os amigos/colegas que Carlos buscou respostas para as mudanças que começavam a surgir no seu corpo. Foi na Internet. Isso só confirma que o nível de proximidade e de intimidade entre a Internet e seus usuários adolescentes é muito grande, e que ela acaba distribuindo, acima de tudo, novos sentidos e valores resignificados.

O termo sexualidade significa para todos os adolescentes o ato sexual, a relação sexual (alguns deles consideram que também tem um outro significado: orientação sexual). Sempre que eu questionei ou me referi em determinados momentos à sexualidade, eles tinham esse entendimento: que eu estava aludindo à relação sexual. Nesse sentido, algumas propriedades referentes à sexualidade foram apresentadas nos depoimentos dos adolescentes:

- *A precocidade.*

Sete jovens (três meninos e quatro meninas) consideram que a sexualidade está ocorrendo muito cedo na vida dos adolescentes;

Tiago: Tudo hoje *está acontecendo fora do momento*. Os adolescentes sentem curiosidade e controle de ter uma relação sexual. *Mas tudo tem seu momento.*

(texto mandado por e-mail)

Luana: As coisas *estão acontecendo precocemente*. Muitos começam cedo porque querem, outras só por fazer, outras começam a namorar cedo e com o passar do tempo acham que está na hora certa (de fazer sexo). *Para alguns é o desejo, para outros a curiosidade.*

(entrev. presencial)

Marly (15, 1º E.M.): Hoje o sexo vem se tornando uma rotina na vida dos adolescentes cada vez mais cedo e sem exclusividade em relações a classe social, sem orientação é cada vez mais comum ver adolescentes de até 12 ou 13 anos grávidas ou com doenças veneras. Na minha opinião muito se dá à falta de orientação por parte dos pais, a falta de limites impostos de forma conscientizadora. O namoro na adolescência não é a causa de tudo

isso, se um menina namorar mas for bem orientada provavelmente não cederá as pressões feitas por alguns meninos.

(texto enviado por e-mail)

Essa opinião de alguns adolescentes de que a sexualidade na adolescência é uma prática precoce, está em conformidade com o julgamento feito pelos adultos. Ou seja, ao assumir esse discurso, os adolescentes acabam reproduzindo a postura dos adultos diante da sua sexualidade. Esse consenso confirma a percepção generalizada de que a adolescência é uma fase da vida de preparação para a vida adulta,⁸² e que, portanto, se espera uma dedicação aos estudos para que se garanta uma entrada na vida adulta sem atropelos. Uma vida sexual ativa nessa etapa da vida representa, nesse sentido, um grande risco. É interessante lembrar que em outros momentos históricos não era considerada precoce a prática sexual na adolescência, nem tampouco a gravidez nessa etapa da vida, o que confirma o que vem sendo apontado ao longo desse trabalho, que a sexualidade é um campo que se amplia num contexto histórico e cultural determinado, e que, portanto está sujeita a muitas imposições determinando, entre outras coisas, a idade ideal de se iniciar sexualmente.

- Há muitos *preconceitos e tabus* em torno da questão. Cinco meninas ressaltaram que a sociedade, de uma maneira geral, age com preconceitos e tabus quando o assunto é sexo;

Alessandra, (15, 1º E.M.):

É algo natural, está presente na mente e no corpo, *os tabus e preconceitos são fruto da formação social do homem (...)*. A vida sexual é determinada pelas *representações* que possui sobre a mesma, que foram introduzidas desde crianças (...), é algo que é bom e necessário, e, *ao mesmo tempo, errado e sujo*.

(texto enviado por e-mail)

Luana :

É opção sexual e também fazer as coisas. (...) não acho que o assunto sobre sexualidade deva ser intocável (como a maioria dos pais pensa). Quem quer começar a fazer e acha que tá hora faz, não é um pecado mortal. Sexo na adolescência ou em qualquer outra fase tem que ser saudável. *Alguns tratam como se fosse um tabu*.

(texto enviado por e-mail)

⁸² Heilborn et al, 2006

Alessandra (16, 2º E.M.):

Logo, acredito que os conceitos que nos modelaram ao longo da vida no que se refere à sexualidade ajudou e atrapalhou nossa vida. Ajudou porque criou uma relação de intimidade com o que expressa este instinto e atrapalhou no sentido de nos deixar retraídos para mostrar nossa sexualidade, prejudicando sua expressão, que no fim, mostrar =nada mais que os desejos de nossa mente e corpo na forma mais pura do ser.

(texto enviado por e-mail)

Alessandra associa a sexualidade à natureza, uma vez que a associa ao instinto e à “pureza do ser”. Por outro lado, ela entende que esse instinto acaba sendo impedido de atuar na sua forma mais “pura” devido às imposições sociais, que acabam tendo a função de reprimir os desejos. Portanto, ela percebe uma relação conflituosa entre a natureza (a sexualidade) e a cultura (padrões de comportamento).

- *Naturalidade:*

No discurso de Alessandra (acima) e na visão de Laura, a sexualidade deve ser encarada como um acontecimento natural.

Laura: A sexualidade é uma coisa natural, que todo mundo faz
(entrev. presencial)

Na fala curta de Laura, ela foi mais além: “todo mundo faz”. Uma afirmação desse tipo, por ser bastante generalizada, pode dizer muito, e ao mesmo tempo, deixar muitas dúvidas no ar: todo mundo faz o que? Quem é todo mundo? Como essa é apenas uma declaração no meio de tantas outras, eu sei que ela estava se referindo aos seus pares, e que em outros contextos da entrevista (que mostrarei mais à frente), ela se expressou de maneira diferente, sobretudo quando ela se referia a si própria, às suas próprias experiências.

- *Exige cuidados, informação e responsabilidade:*

Três meninas enfatizaram que as práticas sexuais dos adolescentes devem estar acompanhadas, basicamente, por esses elementos.

Luana: hoje eu percebo que algumas pessoas tratam isso como um assunto normal.mais pra falar a verdade , o principal mesmo é se cuidar (camisinha,gineco.,se informar sobre o assunto e se cuidar sempre) sexo na

adolescência ou em qualquer outra fase tem que ser saudável e seguro !se não for assim,ai se torna um problema(grávidez,DST's e tal...)

(texto enviado por e-mail)

Mais uma vez aparece o discurso da prevenção reproduzido dos adultos quando Luana fala que o mais importante é se cuidar, é ter um sexo seguro prevenido das DSTs e da gravidez precoce. São esses “riscos” que são abordados no debate público sobre a gravidez na adolescência, por isso ele se reproduz tão enfaticamente. Ao repercutirem o discurso da prevenção, os adolescentes ratificam a concepção “técnica” que orienta o discurso da sexualidade adolescente, ao invés de compreenderem a sexualidade sob o próprio ponto de vista, a partir de suas próprias experiências, submetida a outros tantos riscos não conjecturados pela biomedicina.

- *É especial, precisa ter sentimento*

Sete adolescentes, todas do sexo feminino, quando se referiram à primeira relação sexual colocaram esse elemento como muito importante:

Beatriz Eu acho q precisa, porque o sexo n é qualquer besteira tem q ter sentimento.
(Entrev. pelo face);

Rita: Tem que gostar muito [pra poder se iniciar sexualmente], tem que amar, amar não, gostar, porque hoje em dia as pessoas vão pra abrir caminho... Às vezes as meninas se apaixonam rápido demais, aí o namorado vai e faz.

(Entrev. presencial)

Teresa: quando eu tive minha 1 relação não foi ele que mim chamou foi eu que chamei ele,gosto do meu namorado dmais e senti que isso nos aproximou mais

(texto enviado por e-mail)

Luísa: o momento que eu amar alguém de verdade, e além de segura, me sentir protegida.. acho isso importante.
Acho que [sexo] nao requer idade nem tempo e sim se sentir amada, encontrar a pessoa certa e se sentir pronta
(Entrev. pelo face)

Portanto, 25% do total de participantes da pesquisa, e 37% das meninas participantes destacaram o *amor* como o grande motivador da iniciação sexual, o que confirma os resultados de algumas pesquisas no campo sexual. Na pesquisa sobre Gravidez na Adolescência, quando os jovens são interrogados sobre a razão fundamental que os levou à primeira relação sexual, o motivo mais apontado pelas

moças foi o amor, enquanto que os rapazes destacaram o tesão. (Bozon; Heilborn, 2006). Esses discursos apresentam um roteiro de gênero, onde predomina uma tendência sentimental e afetiva feminina, que justificam a entrega sexual/do corpo da mulher ao homem. Essa entrega, sob esse ponto de vista, se dá, em algumas situações, de forma passiva (a exemplo do depoimento de Rita quando coloca que quando a menina se apaixona rápido o namorado “vai e faz”), e em outras podemos perceber uma postura mais ativa (no caso de Teresa que afirmou que a iniciativa de transar com o namorado foi dela, por gostar muito dele). Fica claro que nesses e nos outros depoimentos acima, o combustível necessário para estimular a relação sexual, no caso das meninas, é o envolvimento sentimental.

- É uma *afirmação da masculinidade*

Marcelo utilizou esse termo, entre outros:

bem acho que hoje em dia isso ta muito presente na vida dos jovens, principalmente quando vai chegando seus 16 anos pra la.. isso fica bem ativo na vida dos adolescentes. no meu caso comecei minha vida sexual um pouco cedo sabe e percebo que muitas meninas quando estam aos seus 16 pra 17 a maioria ja tem feito, principalmente quando se tem um namorado de um tempo logo ja, acho que nessa idade alem dos hormonios em furia existe o fato de terem um pouco de imaturidade.. no caso dos meninos isso é bem mais facil assim que entramos na adolescencia a primeira oportunidade que surge já serve kkk, é como tambem uma afirmacao da masculinidade e tal...

(texto enviado por e-mail)

Temos aqui uma visão “educada”, orientada com base numa compreensão da sexualidade adolescente pelos programas de saúde que são divulgados nas escolas, na televisão e na internet. Sob esse ponto de vista, as mudanças físicas/hormonais seriam a mola propulsora da relação sexual, e sendo “incontroláveis” nos homens, estes acabam por reagir impulsivamente, de forma descontrolada..

- É uma *coisa íntima*

Um rapaz ressaltou essa característica

Pedro (16, 1º E.M.)

É uma *coisa íntima, pessoal*

(GF)

A intimidade é uma característica associada à subjetividade, ao privado ao escondido. Essa opinião é muito generalizada no senso comum, e que tem sido usada como argumento para não se divulgar nem se discutir sobre o tema nos espaços públicos (nem mesmo nas escolas) por ser um assunto que compete à decisão individual, pessoal.⁸³ A outra questão que a *intimidade* remete é a ocultação do fenômeno. (Mota, 1998) Pelo fato de ser pessoal, íntima, a sexualidade deve ser resguardada, escondida, trancada, e por isso a fala sobre as questões sexuais nem sempre são claras para o pesquisador, muitas vezes até são contrárias ao que se quer/pretende dizer pelos sujeitos pesquisados (Mota, 1998). Por outro lado, a intimidade diz respeito a um domínio autônomo, onde os outros (os adultos, os educadores, os pais etc.) não penetram.

- É uma *entrega*

Duas garotas descreveram dessa forma

Kátia: Para mim sexualidade é uma entrega, temos que esperar nossa maturidade aflorar, e também conhecer nosso corpo, porque só assim saberemos realmente o que desejamos, com quem e como satisfaremos nosso desejo

(texto enviado por e-mail)

Nesse caso temos a percepção da relação sexual como uma entrega do corpo da mulher, quando o homem estabelece o comando, e muitos até “se aproveitam” da “vulnerabilidade emocional” feminina, e assumem o papel ativo. Em algumas falas isso fica bem explícito, como quando foi descrito acima em outro depoimento, que quando a

⁸³ Num momento de acompanhamento dos alunos na disciplina da Prática de Ensino, numa turma de ensino médio numa escola pública de Campina Grande (em que estavam matriculados alunos adolescentes e adultos), quando um dos meus alunos fazia uma explanação sobre sexualidade, uma aluna da escola fez uma intervenção sobre o assunto, com uma postura contrária à divulgação sobre o tema. Essa aluna, casada e com filhos, afirmou que não aceitava que a escola inserisse no seu programa de conteúdos, um tema de ordem privada e familiar como a sexualidade, e que isso só estimularia ainda mais a liberdade das crianças e jovens. Ela ressaltou que a sexualidade é um assunto que diz respeito aos valores familiares, e que, portanto, ela não admitia que a escola interferisse nos mesmos. Ela falou que a orientação/educação sexual é um assunto que cabe tão somente à família decidir, e que não admitia que sua filha (estudante daquela escola) seguisse qualquer ensinamento sobre o tema que não fosse por parte dela, como mãe, e seguindo o que sua religião determinava (não quis expor detalhes sobre a mesma);

Num outro momento durante as reuniões de um dos projetos de extensão que eu coordenava (sobre prevenção à AIDS e outras DSTs), numa das escolas públicas, com os pais dos alunos da escola, uma mãe se manifestou contra aquele tipo de projeto na escola, alegando que seus filhos não deveriam presenciar aquelas discussões, e que, se fosse obrigatória a participação de todos os alunos, ela tiraria seus filhos da escola.

menina se apaixona demais acaba fazendo as vontades do menino; quando Rita diz que a menina “no calor da paixão” não pensa e acaba cedendo às vontades do menino;

- *É desejo e prazer*

Apenas uma menina definiu a sexualidade dessa forma:

A sexualidade é algo natural no ser humano, está presente em nossa mente e corpo. Está relacionado aquilo que envolve desejo, prazer, vida.

(texto enviado por e-mail)

Essa opinião se sobressai com relação às outras, sobretudo das meninas, uma vez que aponta um estímulo comumente associado ao discurso masculino (o velho jargão que as mulheres fazem sexo por amor e os homens por prazer/tesão). Esse estímulo - o prazer - quase nunca é utilizado no discurso feminino, e isso pode ser também um elemento que se esconde, se oculta, uma vez que os julgamentos de valor moralistas da nossa sociedade dificultam uma atuação mais espontânea e livre por parte das mulheres. Liberdade e prazer sexuais são estímulos que pressupõem autonomia, postura comumente esperada e instigada aos homens, não às mulheres.

Uma outra questão levantada nos diálogos com os meninos e meninas, foi sobre o que eles consideram *típicos da masculinidade e típicos da feminilidade*, com a intenção de provocar uma reflexão sobre algumas primeiras impressões das relações de gênero (ainda que o uso da categoria de gênero esteja presente em todos os momentos das falas dos atores) . Embora não tenha sido empregada com nenhum aprofundamento, entendo que possa servir como um “gancho” para se repensar outros temas. Dos entrevistados, 14 (oito meninas e seis meninos) responderam de forma instantânea, com apenas uma palavra ou, no máximo uma curta frase que caracteriza a mulher e o homem.

Os termos “machista” “safado”, “autoritário”, “orgulhoso”, “prático”, foram utilizados pelas meninas (machista duas vezes e safado também duas). E uma garota definiu o homem em uma frase: “se importa menos com a opinião dos outros” (Clara, 16, 3º E.M.). Os meninos descreveram o seu gênero como: “frágil e que tem sentimentos”, “safado”, “amigo do homem”, “inteligente com capacidade pra fazer coisas incríveis”, “palhaço”, esperto porque consegue saciar os seus desejos, e “instintivamente dominante”.

Sobre os traços mais comuns existentes na mulher (de uma maneira geral), eles (as) apontaram o seguinte: as meninas disseram: “tem amor próprio”, “sensível” (na opinião de três meninas), “doida”, “batalhadora” (na opinião de duas meninas) e “complicada”. Já para os meninos, as descrições do sexo feminino são as seguintes: “carente”, “graciosa”, “inimiga da mulher”, “incrível com capacidade pra fazer coisas inteligentes”, “doida”, “peça única na natureza”, inteligente porque controla o homem.

Rita diz sobre isso:

Homem é machão, sem-vergonha, só vive com um copo de cerveja na mão, um carro com som grande, na farra (...) as meninas se controlam mais do que os meninos (...) o homem pode tudo e a menina não, chamam logo de galinha, é feio, pra o menino é bonito. Eu me revolto com isso.

Na fala de Marcelo:

É muito importante o homem passar informações sobre sexualidade para a mulher mais jovem, os meninos veem isso com naturalidade bem antes das meninas (...) existe muito preconceito com as meninas que transam cedo...é mais fácil ser homem...a região da gente é muito conservadora...é mais fácil o homem conversar com a família do que a mulher. É mais fácil pra um homem que engravidou a menina do que a menina que ficou grávida.

Segundo Pedro:

As mulheres se controlam mais do que os homens (também no consumo de drogas) (...) pra mim eu vejo as mulheres assim mais recatadas, esposas. Quando eu for pai vou dá mais liberdade aos meninos do que às meninas.

Numa questão que foi levantada sobre se há algumas características que eles e elas invejam na mulher (no caso dos meninos) e no homem (no caso das meninas),

⁸⁴ algumas respostas foram as seguintes:

T.R.O: tem alguma coisa que vc inveja no homem?

Renata: O fato de ser homem e não ser cobrado como as mulheres são. A mlr tem que ser certinha, fazer tarefas domesticas, n pode beber. O homem pode fazer o q quiser, n faz trabalho domestico, bebe o qnt quiser (entrev. pelo face);

T.R.O: tem alguma coisa que vc inveja no homem?

Clara: acho que os pais são mais libeias com filho homem

homem também não fica "falado"

e mulher qualquer coisinha ja fica

(Entrev. pelo face);

⁸⁴ Essa mesma questão foi utilizada por Mirian Goldenberg (2006)

T.R.O: tem alguma coisa que vc inveja no homem?

Luísa:não, sou bem feminista, acredito muito mais no potencial da mulher (entrev. pelo face)

Quanto aos meninos entrevistados, apenas dois afirmaram que invejam: o corpo da mulher (Tiago) e as oportunidades (Marcelo).

Em alguns momentos de determinados discursos há uma ênfase na falta de preparo ou informação por parte das meninas - ao contrário da competência natural dos homens – característica que deve, em parte, ser reproduzida na criação e educação pelos pais. Quando um dos rapazes afirma: *Quando eu for pai vou dá mais liberdade aos meninos do que às meninas*, demonstra que tem consciência da importância que a criação e a educação familiar têm na construção dos papéis sexuais de mulheres e homens. Aliás, não só ele tem consciência, como também pretende reproduzir, segundo o seu discurso, a mesma conduta com seus filhos. No entanto, nem as meninas e, muito menos os meninos, têm clareza da “armadilha” que é imposta também aos homens no jogo da diferenciação dos papéis de gênero. A exigência feita aos homens no que diz respeito à “competência” sexual, é outra forma de dominação. Por isso a grande dificuldade que a grande maioria dos homens têm em assumir suas indisposições sexuais, as suas “brochadas”, quando são traídos, quando são dispensados de alguma forma pelas mulheres. Pierre Bourdieu sobre isso diz o seguinte:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino ativo e o feminino passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado (BOURDIEU, 1999, p. 31)

No entanto, para Bourdieu (1999), a defesa da honra, para o homem está em assegurar sua

capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança), é, acima de tudo, uma carga (...) o homem ‘verdadeiramente homem’ é aquele que se sente obrigado a estar à altura da possibilidade que lhe é oferecida de fazer crescer sua honra buscando a glória e a distinção na esfera pública. (BOURDIEU, 1999, p. 64).

Os jovens percebem, por sua vez, que há uma imposição cultural sobre tais expectativas, e, com isso, discordam e até reagem desfavoráveis a tais determinações, quando afirmam: *quando o menino fica com várias é chamado de garanhão; o homem*

pode tudo e a menina não, chamam logo de galinha; é feio, para o menino é bonito; existe muito preconceito com as meninas que transam cedo. Ou, como diz Katia:

Existem tabus (...) é fundamental ter a cabeça aberta e a opinião fixa para ultrapassar a grande barreira que é o preconceito.

Essa discussão sobre os papéis sexuais de homens e mulheres repercutiu num questionamento sobre outro tema também inerente ao relacionamento afetivo e sexual: a *Fidelidade*. Sobre ele os adolescentes falaram, no geral, que é muito importante, tanto por parte da mulher quanto do homem. Beatriz enfatizou que *é a coisa principal em um relacionamento*. Acordando com os argumentos anteriores sobre as desigualdades nos papéis sexuais entre meninos e meninas, Rita destacou:

A mulher é mais madura, mais reprimida, isso tá na educação. Já o homem é..nojentinho, dá em cima de toda mulher, mesmo disfarçando.

As demarcações de gênero, influentes em cada sociedade, determinam que homens e mulheres tenham comportamentos sexuais diferenciados: ao gênero masculino se cobra uma postura sempre ativa diante da sexualidade, e às mulheres, uma “certa exigência de virgindade moral” (HEILBORN, 2006), que implica na preservação da passividade e ingenuidade nos seus modos. A despeito disso, os adolescentes, muitas vezes reproduzem tais estereótipos, que estão presentes no imaginário masculino e feminino de várias camadas sociais.

O sistema classificatório funciona como um quadro de leitura para as condutas. Sobre os homens é exercida uma vigilância constante de seus gestos e comportamentos, de maneira que sobre estes não recaia sombra de dúvida sobre sua masculinidade (...) Da mesma forma, as mulheres devem administrar os avanços masculinos se quiserem conservar uma reputação de *moça de família* ou de *mulher honesta*⁸⁵. Mesmo que a perda da virgindade não seja mais um atributo passível de estigmatização das mulheres, não deixou de existir certa exigência de virgindade moral, que se apresenta sob a forma de um jeito passivo e ingênuo em matéria sexual (HEILBORN, 2006, p.36-37)

Os padrões de gênero não são idênticos na socialização dos adolescentes. Para que possamos perceber certas rupturas que ocorrem em determinados contextos

⁸⁵ Grifos da autora

sociais, é necessário observar as singularidades de formas de construção social das diferenças, que, muitas vezes, ultrapassam os antagonismos de gênero. “As diferenças criadas, ou percebidas socialmente, sofrem variações de acordo com a estrutura e caracterização histórico-cultural do que constituiria o mundo dos homens e das mulheres e parece não ser diferente em relação às distinções que particularizam o universo feminino.” (RIBEIRO, 2006. P.148) Portanto, a maneira como os jovens passam por essas primeiras experiências, inclusive na interação com os diversos grupos sociais, tais como a família, a escola, a rede de amigos, entre outros, influencia, de alguma forma, nos comportamentos, interesses, posturas, relacionamentos. Por outro lado, há um extenso universo da diversidade construída em volta da masculinidade e da feminilidade, o que vai particularizar cada caso e cada grupo observado.

Questionei também sobre a *Gravidez na adolescência*, todos concordam que os adolescentes são muito precoces para serem pais. Também são unânimes ao afirmar que não é por falta de informação que os jovens engravidam, que isso eles têm até demais. Os motivos que eles expuseram que levam os adolescentes a engravidarem são os seguintes: Irresponsabilidade (a grande maioria alegou este motivo), mau planejamento, falta de orientação e de limites dos pais, não escutam os adultos, e um ato movido pela paixão das meninas, que acabam por isso cedendo às pressões dos meninos.

Praticamente todos os que indaguei sobre esta questão conhecem de perto adolescentes que engravidaram: Beatriz conhece duas meninas (sendo uma da sua sala de aula), Rita tem uma amiga (de sua sala) e uma prima, Luana conhece, pelo menos, quatro meninas que engravidaram (ela disse que uma delas foi por opção), e que o irmão já engravidou uma menina, Pedro tem uma amiga que engravidou com 14 anos, Fred e João (irmãos por parte de mãe) têm uma prima grávida, Duda tem duas amigas, Tiago tem uma amiga, André tem a ex amorada, Carlos conhece três meninas (uma delas é dos seu colégio), Evelyn tem uma amiga, Clara conhece três meninas do seu colégio, Luísa conhece a namorada do primo, Rafa conhece uma menina da sua sala.

Eles relatam mais o seguinte:

Beatriz: Todos conhecem os meios de prevenção, não se previnem porque não querem. Têm meninos que não usam camisinha, mas mesmo que usem, e se a camisinha furar? Porque vão no calor da força dos hormônios. A educação correta é importante. Tem que se prevenir, não é porque tá apaixonada que não vai aparecer doença ou gravidez indesejada.
(entrev. presencial);

Rita: Às vezes as meninas se apaixonam rápido demais, aí o namorado vai e faz. Tem que usar a camisinha.
(entrev. presencial);

Luana: Tem que se prevenir, se informar mais. É muita imprudência, mas não é falta de informação. Acontece porque é no calor da emoção, não tá nem aí pra nada.
(entrev. presencial);

Teresa: Hoje muitas meninas estão grávidas por falta de cuidado, os pais não têm culpa.
(GF)

Marcelo: Alguns jovens andam se preocupando, não é com a gravidez (que antes era o único motivo pra se usar camisinha), mas com as DST. Muitas meninas já levam isso com naturalidade e acreditam que só devem esperar pela pessoa certa e o momento, mas depois disso é bem mais fácil fazer.. É de responsabilidade dos dois. Eu transo e me previno, mas às vezes o sentimento fala mais alto... A adolescência é uma fase de formação, de conhecimento, é a mesma coisa que um aluno fazer o papel de professor. É complicado.
(entrev. presencial);

Marly: Adolescentes de 12, 13 anos grávidas ou com doenças venéreas é muito comum de se ver hoje por falta de orientação dos pais, por falta de limites impostos de forma conscientizadora. A causa disso não é o namoro, porque se a menina namorar, mas for bem orientada, provavelmente não cederá às pressões feitas por alguns meninos.
(texto enviado por e-mail);

Ruth: É de responsabilidade dos dois, as informações devem vir mais de casa. Tenho muita informação porque minha mãe é médica. Sei que sem a penetração pode engravidar. Meu irmão mais velho tem 19 anos, e esclarece muita coisa pra mim.
(GF);

Laura: É uma irresponsabilidade muito grande porque sabe que tem que usar preservativo e se não usar o risco de engravidar é muito alto...na maioria das vezes é o homem quem usa camisinha, mas a mulher tem que lembrar de usar. (entrev. presencial).

Nessa última fala, a entrevistada deixa claro que a responsabilidade maior pela prevenção é da menina, quando ela afirma que quem usa a camisinha é o homem, mas quem tem que lembrar de usar é a mulher. Isso lembra o que já foi discutido antes sobre a concepção tradicional de que o homem não controla seus ímpetos sexuais, nem consegue, por isso, racionalizar sobre as práticas sexuais, o que cabe à mulher fazê-lo.

Uma outra questão que indaguei à maioria de meus informantes foi a respeito da *Homossexualidade*, do significado que tem para eles. O duo homossexualidade/heterossexualidade pertence ao conjunto de oposições binárias com que atuamos, sobretudo nas escolas. Nesses espaços a dificuldade para que jovens assumam sua homossexualidade é ainda maior do que em tantos outros.

Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância. (LOURO, 1999, p. 30).

Grande parte dos jovens considera uma prática normal/opção sexual. Alguns salientam o preconceito social que existe em torno da questão. Beatriz acha normal e estranho, ao mesmo tempo, e diz que tem preconceito mais com gays do que com lésbicas; Rita e Luana têm a mesma posição: nem são contra nem a favor, mas que não acham que as pessoas que têm opções sexuais que não sejam hetero devam “se exhibir” publicamente (Luana afirmou que isso chega a ser uma falta de respeito diante dos outros); uma jovem enfatizou a homofobia existente na sociedade, e que isso é fruto do preconceito; Tiago falou que a causa da homossexualidade pode está nos conflitos familiares; uma menina ressaltou que isso vai contra os princípios divinos:

T.R.O: o que vc acha sobre a homossexualidade?
eu não acho que seja certo, pelos princípios de Deus.. mas, eu respeito muito,
não tenho nada contra de jeito nenhum
(Entrev. pelo face)

Laura afirmou que convive com muitos homossexuais e lésbicas, tendo em vista que sua mãe trabalha no meio artístico, que tem muitos amigos, também no balé, que são homossexuais, e que são pessoas muitas vezes com mais caráter do que muitos heterossexuais. Ela ressaltou que muitos colegas até já questionaram se ela era lésbica só porque ela sempre defendia os gays. Ela disse que o que sempre a influenciou nessa postura foi também o que sua mãe sempre dizia sobre a importância do tratamento que as pessoas poderiam lhe dar, não sua orientação sexual.

Marcelo definiu sua postura da seguinte forma:

Eu sempre vi com naturalidade, sempre fui muito bem definido. Se eu tivesse atração por homem não teria problema (...) eu converso muito com um amigo meu e ele disse que sempre teve mais atração por homens, era bissexual, disse que tentou lutar contra isso por causa da criação, do preconceito, mas viu que não adiantava. Mas aí tem os jovens que nem têm atração mas só querem experimentar, pra se afirmar, que não tem besteira com isso, curte todo mundo e termina virando uma coisa mais banalizada, mais modinha, pra dizer que não têm besteira, que é diferente.
(entrev. presencial)

Questionei os adolescentes sobre sua opinião a respeito do *casamento e filhos*. Quase todas as meninas indagadas sobre o que representa o casamento e se

pretendem casar e ter filhos, responderam com entusiasmo: expressões como “claro”, “com certeza”, “um sonho” foram muito utilizadas:

T.R.O: o que vc acha do casamento?

Luísa: ah, vejo como algo positivo, bonito, necessário e como um sonho

T: vc pretende casar um dia?

L: com certeza

T: quer ter filhos?

L: sim, com certeza

T: quantos?

L: de 2 a 3 filhos

(Entrev. pelo face)

T.R.O: o que vc acha do casamento?

Clara: ah, nao sei.. acho lindoo

T: vc pensa em casar?

C: claro q simm

T: pretende ter filhos?

C: com certezaa

T: quantos?

C: dois

(entrev. pelo face)

T.R.O: o que vc acha do casamento?

Duda: que é lindo por mais que muitas garotas hj em dia não curtam eu espero me casar entrar na igreja usando um vestido branco e com muitas flores por toda igreja

T: e filhos?

D: quero três acho razoável

(entrev. pelo face)

Uma entrevistada, Laura, não acredita em casamento de papel passado e muito menos em Igreja, mas admira muito quem consegue conviver 50 anos ou mais com alguém num casamento, mas não acredita que com ela isso possa acontecer. E quanto à possibilidade de ter filhos, ela também não considera, pois não gosta de crianças.

Todos os meninos entrevistados responderam um pouco reticentes quanto à possibilidade de casar futuramente. Dois deles apontaram que o casamento ameaça muito a privacidade, que é tão importante, outros dois lembraram da responsabilidade imensa que é assumir uma família. Um deles não se anima muito com ideia:

T.R.O: o que vc acha do casamento?

João: eu não curto muito, não acho que vc tem que ter que ir numa igreja pra ficar pra sempre com uma pessoa

T: e filhos?

J: eu não pretendo ter, eu gosto de crianças e tal mais eu não quero ter.

(entrev. pelo face);

T.R.O: vc pretende casar?
 Rafa: logo logo
 T: logo com que idade?
 R: nao sei, mas lá pra 2050

kkkkkkkkkkkkkk

T: falta pouco

quer ter filhos?
 R: nao veio isso em mente ainda
 (entrev. pelo face)

b) Contando o que (não) se faz

Menino nessa idade sempre conta essas coisas aos amigos, mesmo ele dizendo que não contaria (Clara, 16 anos)

Nesse item, estão incorporadas as falas que se referem às performances dos informantes. As práticas do ficar, do namoro, da iniciação sexual, das formas de interlocução, foram os temas abordados nas entrevistas.

Primeiro considero importante enfatizar um aspecto: como veremos nos próximos relatos, a prática sexual de adolescentes do sexo feminino é vista, de uma maneira geral, como uma *perda* da virgindade. Nas declarações seguintes, há alguns critérios em relação a essa perda:

- *O momento certo*

Beatriz: A virgindade tem que *perder no momento certo*, não por influências das amigas, ou por pressão do namorado ou do ficante, ou porque tá na moda, ou porque o namorado diz que já passou do tempo...é estranho conversar com uma menina de 13, 14 anos e ela dizer que já perdeu a virgindade...*acho errado que a menina não pense nela, e sim no outro.*
 (Entrev. presencial)

Sônia (15, 1º E.M.): *A menina tem que está preparada ´pra perder a virgindade*
 (Texto enviado por e-mail)

Sandra (15, 1º E.M.): Há muitos adolescentes hoje que perdem a virgindade cedo demais, não se protegem, gerando consequências para a vida inteira.

(Texto enviado por e-mail)

T.R.O: que opinião vc tem sobre virgindade (de homem e de mulher)
Tiago: só de deve perder a virgindade quando o casal achar que é o melhor pra eles no momento

Sônia: Alguns meninos são egoístas assim que ficam com uma menina querem transar. Eles tem que entender que a menina tem um momento certo (tem que está preparada) para transar, principalmente quando se fala em perder a virgindade. Mas como em todos os casos, há excessões e muitos garotos respeitam esse processo.

(texto enviado por e-mail)

T.R.O: e virgindade, vc acha que tem diferença da virgindade de mulher e de homem?

Évelyn: Eu acho que sim.. Pra mulher sempre é complicado, tem que ter momento certo, hora certa, com a pessoa certa. Pra homem não, pelo menos não para alguns

T.R.O.: e o que vc acha disso?

E: Eu acho que para os homens deveria ser a mesma coisa que para as mulheres, porque da mesma forma que é uma coisa "especial" pra elas.. pra eles deveriam ser tbm

T.R.O.: e por que vc acha que é especial pra elas e não é pra eles?

E.: Sei lá, elas acham que é uma coisa "única", e eles não levam tanto pra esse lado de ser uma coisa "única"

T.R.O.: e vc acha que é uma coisa única?

E.: Uma coisa que só vai acontecer uma vez, que vai acontecer pela primeira vez

(entrev. pelo face)

T.R.O me fala sobre virgindade. Isso lhe diz o que?

Luísa (15, 2º E.M.) sou bem retrô quanto a isso.. significa muito pra mim, além de questão de respeito e integridade, de alguma maneira significa de verdade "a hora do momento certo" e do nao ser com qualquer um.

Marina: nao acho certo essas meninas que saem por ai fazendo sexo com qualquer um, mas também acho que se você se sente preparada nao tem importancia a idade.

T.R.O.: o que significa está preparada?

M: nao sei explicar, se você acha que ta na hora certa, se confia na pessoa, acho que nao tem porque nao se entregar

(Entrev. pelo face)

Percebe-se, portanto, que a entrada na sexualidade (entendida pelos adolescentes como relação sexual), tem um significado mais marcante na subjetividade das meninas. Trata-se de um momento “único”, por ser recheado de expectativas particulares que, normalmente, fazem parte do universo feminino. Há duas pré-condições que as meninas não dispensam para que a iniciação ocorra de maneira satisfatória para elas: o *com quem/a pessoa especial* e o *quando/ o momento certo*. A utilização da expressão *perder a virgindade* significa, para Altmann (2007), que a

primeira relação sexual é, para as meninas, um rito de passagem, pois implica a perda de uma condição sexual para a obtenção de outra. Para as garotas, essa perda é irreversível, por esse motivo é alvo de grande preocupação, e por isso mesmo elas chamam de um acontecimento único, porque para elas o que conta não é o ato sexual em si, mas a primeira vez que isso ocorre. Portanto, a primeira vez não se repete. Nesse sentido, a virgindade aparece como uma preciosidade, um valor muito importante e imperativo, a partir do qual outros comportamentos serão definidos e aceitos. Não se trata, então, de avaliar a virgindade em si mesma, mas sim de valorizar a primeira relação sexual.⁸⁶

Quando questionei sobre se a virgindade também deveria ser importante para o homem, Évelyn hesitou mas falou que sim, já que era especial para a mulher deveria também ser para o homem. E quando insisti no porquê é especial para as meninas e não para os meninos, ela ficou meio confusa e respondeu: “sei lá...”, me parecendo que não sabia ao certo de onde vinha essa predisposição, mas que ela existia.

Nas declarações abaixo, há alguns condicionantes em relação à perda da virgindade:

- *Pressão do namorado ou do ficante*

Esse aspecto consta nos depoimentos acima, de duas garotas (Beatriz e Sônia), e de mais três meninas:

Marly (15, 1º E.M.): O namoro na adolescência não é a causa de tudo isso, se uma menina namorar mas for bem orientada provavelmente não cederá as pressões feitas por alguns meninos.

(Texto enviado por e-mail)

Beatriz: A maioria dos meninos só pensa em sexo, são egoístas, não pensam na menina, são safados, tem menos maturidade

(entrev. presencial)

Clara: nao tenho muitas experiencias desse tipo, nao fiz nada assim muito proximo de fazer sexoo, agente pensa nisso, ele fala mto que ja faz tempo que a gente namora e tal e que homem tem suas "necessidades" mas nao me sinto mto preparada pra fazer ainda

(entrev. pelo face)

- O ato sexual tem que estar munido de um *sentimento forte*

Três meninas usaram esse argumento:

⁸⁶ Altmann, 2007

TRO: Mas você acha que tem um momento certo para iniciar a vida sexual?

Luísa: O momento que eu amar alguém de verdade, e além de segura, me sentir protegida. Acho isso importante

(entrev. pelo face)

T.R.O: vc já se iniciou sexualmente com alguém?

Renata (15, 1º E.M.) não, ainda não encontrei a pessoa certa

T.R.O:que é a pessoa certa?

aliás, quem é a pessoa certa?

R.: a pessoa certa acho que é aquela que não quer você só sexualmente mas que goste de você de verdade goste de você por inteira não só pelo físico e pela atração

Esse aspecto confirma o que vários pesquisadores⁸⁷ constataram sobre as expectativas afetivas- românticas, com relação às práticas sexuais, nos discursos femininos, diferentemente dos discursos masculinos, que enfocam a capacidade técnica-corporal para a atuação do ato sexual. E uma outra reflexão importante que se pode deduzir, é que existem dois momentos distintos mas que se interagem e se completam no sentido de possibilitar a performance do ato sexual para as meninas: o momento interno (delas), quando se sentem realmente preparadas, prontas para o ato, e o momento a dois (delas com os meninos), quando elas encontram o parceiro certo, que confiam, que gostam. A confiança, a proteção, a segurança são ingredientes necessários para que a experiência sexual se concretize. Isso significa, nesses relatos, que há uma preocupação das meninas com a sua integridade moral, talvez mais do que uma preocupação em sentir um amor muito grande e ser correspondida. Na fala de um dos meninos, quando ele se refere à menina que resolveu se iniciar sexualmente com ele e não com outro, ela alegou, segundo ele, que o que a levou a se envolver com ele foi a confiança que sentia por ele. Sentir-se segura e confiante representa ter uma certa garantia de que será respeitada diante dos outros e diante do próprio parceiro.

Marcelo: Pra a mulher tem de ser de confiança, porque é uma coisa especial (...) eu já tive uma menina que perdeu a virgindade comigo e eu perguntei: por que comigo? E ela respondeu: por uma questão de confiança.

(entrev. presencial)

Duas meninas comentaram sobre isso:

T.R.O.: qual é a sua opinião sobre virgindade?

Bruna: uma coisa muito importante na vida de uma mulher

⁸⁷ Leal e Knauth, 2006

T.R.O: por que vc acha importante?

B. Porque é quando a mulher vai 'entregar' seu corpo para o homem

- “*Afirmação da Masculinidade*”

Nas palavras de Marcelo, 17 anos,

no caso dos meninos isso é bem mais facil assim que entramos na adolescencia a primeira oportunidade que surge já serve kkk, é como tambem uma afirmacao da masculinidade e tal...

(texto enviado por e-mail)

Mais dois meninos e uma menina também ressaltaram esse item:

Carlos (16, 2º E.M.) o Homen é diferente alem da preçao dos amigos se vc ainda for virgem tem o pisicologico e pesa por causa dos amigos e o Homen q deixa de ser virgem cedo e matem relação com varias mulheres é tachado com " Fodao";

(entrev. pelo face)

Rafa (17, 3º E.M.): meninas se preservam mais que homens, nao querem imagem ruim pra elas, mas tb tem a "SANTA" como se diz, as que falam que nunca fizeram ,m as por tras eu nem preciso comentar né.. e os meninos eh diferente, tem uns que mentem pra n ser zuado com o resto , mas qndo diz q ja fez fica se achando e tal...

(Entrev. pelo face)

Beatriz: *a maioria dos meninos só pensa em sexo vinte e quatro horas por dia (...) são safados por natureza, têm amigos que ficam com as meninas pra apostar com outros (...) quando o menino fica com várias é chamado de ganhão.*

Nota-se que, se se espera das meninas uma atitude, no mínimo, comedida diante da sexualidade, cobra-se dos meninos uma postura viril, ativa, às vezes até agressiva no que diz respeito à relação sexual. Em torno das práticas sexuais masculinas há um festejo, uma competitividade, um jogo explícito que se torna natural nos seus discursos, como também nos discursos das meninas (e da sociedade como um todo). Nos relatos acima, fica claro como essa cobrança se torna constrangedora: Carlos fala sobre a pressão dos próprios amigos em demarcar a virilidade de cada um, não permitindo, portanto, que algum se mantenha virgem por muito tempo; Rafa se refere a essa mesma pressão quando afirma que às vezes muitos meninos mentem com relação a sua virgindade para se preservarem de humilhações dos colegas. Leal e Knauth (2006) afirmam que a primeira relação sexual masculina é pensada entre os jovens, entre outras coisas, como um momento decisivo de formação do ser homem. Portanto, o homem também sofre pelo constrangimento de não ser respeitado na sua vontade, no seu momento, na sua decisão de ter ou não relações sexuais da maneira que for possível.⁸⁸

⁸⁸ Goldenberg, 2006

Nessa cobrança sobre a passividade da mulher e sobre a virilidade do homem, se repercute uma cultura do “controle” feminino sobre a sexualidade e do “descontrole” masculino, sugerindo que os homens, naturalmente, são propensos a praticar o sexo aleatoriamente, desordenadamente (daí a sua dificuldade em tomar as rédeas da prevenção), ao mesmo tempo em que as mulheres, também por força da natureza, são predispostas a se resguardar sexualmente. Por isso também as meninas que se liberam mais, ou seja, se descontrolam, são discriminadas moralmente, uma vez que estão indo contra a sua natureza. Sobre isso alguns informantes falam:

Rita: Elas se controlam mais no “ficar” por medo da gravidez, de pegar doença, de ser considerada fácil, de ficar falada, o homem não consegue se controlar

(GF)

T.R.O: já aconteceu alguma situação em que vc ficou sem saber como agir com seu namorado?

ou com outro pretendente seu?

Évelyn: já sim.

T.R.O.: vc se sente à vontade em me contar alguma coisa sobre isso? se não quiser falar não fale, sem problemas

E: Claro, só aconteceu que ele (o meu ex), queria que eu tivesse relações com ele, e eu não estava preparada

T.R.O.: isso faz tempo?

E.: vai fazer 1 ano

T.R. O.: e vc agora está?

E: a pessoa que eu consideraria como a "certa" eu não tenho nada com ela.. mas agora, eu acho que não.

(Entrev. pelo face)

Clara: Assim, faz 2 anos e 2 meses que eu namoro, e claro que nós sentimos vontade, mas apesar de fazer muito tempo, nós nunca fizemos sexo não, ele me pede muito, nós conversamos bastante sobre isso mas ele nunca me pressionou pra nada não, sempre entendeu o fato de eu não querer agora.. (entrev. pelo face)

Essas falas expressam um clima de repressão sobre a sexualidade feminina, que se internaliza nos seus comportamentos e posturas nas experiências afetivo-sexuais (desde o ficar até o próprio ato sexual). Quando elas afirmam que têm que se preservar pra não “ter uma imagem ruim”, que têm que se controlar diante das insistências do namorado e de seus próprios desejos, por receio de engravidar ou de pegar doenças e/ou de “ficar falada”, e até mesmo no discurso dos garotos, quando um deles afirma que muitas meninas mentem sobre sua virgindade, tudo isso demonstra o autocontrole sobre a situação, que muitas vezes não corresponde aos desejos e vontades que elas têm de viver suas relações com parceiros de maneira livre. Ou seja, não se trata, pelas suas

falas, de não querer se entregar, de não ter vontade de transar. Essa situação, inclusive de ter que associar a prática sexual ao sentimento (exigência atribuída às atitudes das meninas), confirma o controle que é exercido sobre a sexualidade feminina.

Por outro lado, conforme os depoimentos acima, os meninos também lidam com um certo grau de cobrança e pressão sobre suas atuações afetivo-sexuais. O fato de ter que mentir sobre sua não-virgindade, de ter que ficar ou se relacionar sexualmente com várias meninas, não deixa de ser uma imposição, haja vista que os seus sentimentos e desejos não estão sendo respeitados. A demonstração de virilidade deve se sobrepor às suas preferências e escolhas pessoais. Entendo que, vindo a pressão dos amigos, sobretudo, o efeito se torna mais expressivo do que em se tratando de uma coação social geral. Na pesquisa de Mirian Goldenberg com jovens cariocas de camadas médias urbanas ela também constatou a diferença de discurso que situa as distinções de gênero quando os informantes relatam seus comportamentos sexuais:

aparece com clareza uma comparação – ou competição – do próprio comportamento sexual com o dos “amigos”. A proximidade do modelo de masculinidade – já que são os “amigos” que têm mais parceiras ou são “infieis”, e não os “homens” em abstrato – torna ainda maior a pressão para se ter um comportamento “dentro da média”. (GOLDENBERG, 2006, p.33)

Ao mesmo tempo em que os homens apontam essa “natureza” masculina, ao explicar seus comportamentos sexuais, segundo a autora, os discursos femininos de vítimas da dominação masculina, também se contradizem com o que se percebe na realidade vivida por esses jovens. Sobre esse ponto, ela conclui o seguinte:

Os comportamentos sexuais podem ter mudado, tendendo a uma maior igualdade, mas o discurso sobre o sexo ainda resiste às mudanças. Os discursos estabelecem e reafirmam as diferenças de gênero, até mesmo quando o comportamento parece recusar essas diferenças (...) a linguagem da diferença não só reforça as diferenças existentes, mas ainda parece ampliar sobremodo o significado de diferenças que não são tão grandes como parecem. (GOLDENBERG, 2006, p. 38)

É interessante a ênfase que a autora coloca sobre a resistência do discurso às mudanças e ao seu poder de reforçar as desigualdades de gênero. Um discurso às vezes silencioso – por parte dos meninos quando se recusam a falar ou falam menos do que queriam, e por parte das meninas, quando calam sobre suas vontades e desejos – e também um discurso que muitas vezes inverte os fatos, e aí fala excessivamente, exacerbando certas qualidades que existem, muitas vezes, mais na ordem do próprio

discurso – como é o caso das meninas que afirmam repetidamente a sua obsessão em se preservar, e no caso dos meninos, a preocupação em relatar sua performance viril (e, nesse caso, os números importam muito na propagação de suas experiências).

No entanto, analisando os discursos dos meninos sobre as questões relacionadas à sexualidade, inclusive os acima citados, praticamente não há pronunciamentos ressaltando que eles, nas suas experiências, sejam mais *experts* do ponto de vista sexual. Quando há referência a tais atitudes, quase sempre é relacionada a uma concepção generalizada. Com exceção de um deles, que fala que quando for pai vai dar mais liberdade ao filho homem do que à filha mulher, as falas dos outros rapazes, no que diz respeito à exaltação da virilidade, são mais indiretas, referem-se menos à ação partida deles do que ao que, genericamente se espera de suas atitudes.

Há opiniões por parte dos rapazes que sinalizam uma postura menos diferenciada de gênero: André afirma que nunca achou que o sexo fosse tudo; Carlos diz que, apesar de já ter tido relações sexuais, não mantém uma vida sexual ativa, e também acha normal que o homem se mantenha virgem até a idade que quiser; João diz que sua primeira vez foi com sua namorada, que virgindade é “frescura da sociedade”, e que nunca gostou de *ficar*, que nunca se sentiu bem *ficando* com várias meninas; Fred afirma que não conversa com ninguém sobre sexo (por vergonha), que prefere namorar do que *ficar*, porque namorar é só com uma pessoa, que tanto meninos quanto meninas devem se iniciar sexualmente nos namoros; Marcelo diz que as meninas, geralmente, receiam se entregar aos namorados por medo de se tornarem *faladas*, discriminadas pela sociedade e de não serem aceitas por outros namorados (que por venturam possam ter) sabendo que já não são mais virgens. Sobre isso, ele sugere que os homens é quem são preconceituosos, e que se eles mudassem essa postura machista, o ser ou não ser virgem deixaria de ser um problema para as meninas.

Entre os nove rapazes informantes, portanto, cinco (o que representa 55,5%) apresentaram pontos de vista que não representam o modelo tão propagado de glorificação da virilidade masculina. Percebe-se que a maioria dos discursos dos meninos não deixou transparecer uma vivência aguçada com o sexo, e uma preocupação muito grande com a performance sexual (características muito enfatizadas pelas meninas ao se referirem às atuações sexuais dos meninos).

Outros aspectos citados pelos informantes que devem acompanhar a “primeira vez”:

- *Responsabilidade/Proteção*
- *A menina tem que ser valorizada/ se preservar*
- *Depois do casamento é o certo*
- *Quando se sentir segura*
- *Quando conhecer o corpo*
- *É uma coisa especial*

Sobre esses aspectos eis alguns depoimentos:

Luana: hoje eu percebo que algumas pessoas tratam isso como um assunto normal.mais pra falar a verdade , quem quer começar a fazer e acha q ta na hora faz,não é um pecado mortal (eu nao vejo assim) o principal mesmo é se cuidar (camisinha,gineco.,se informar sobre o assunto e se cuidar sempre) sexo na adolescência ou em qualquer outra fase tem que ser saudável e seguro !se não for assim,ai se torna um problema(grávidez,DST's e tal...)
(texto enviado por e-mail);

T.R.O.: mas vc acha que tem um momento certo p/ iniciar a vida sexual?

Luísa: além de segura, me sentir protegida.. acho isso importante.
(entrev. pelo face);

Ruth (16, 2º E.M.): Tenho um irmão mais velho (tem 19 anos) que me fala muita coisa, me ensina muito, eu sei me “valorizar” como mulher muito por causa das experiências que ele me repassa sobre meninas que não se valorizam
(GF);

Marcelo: Uma mulher pode até dizer: não, não tô nem aí, mas você tem que ter uma pessoa de confiança porque é uma coisa especial
(Entrev. presencial).

Kátia (15, 1ºE.M.) Para mim sexualidade é uma entrega, temos que esperar nossa maturidade aflorar, e também conhecer nosso corpo, porque só assim saberemosrealmente o que desejamos, com quem e como satisfaremos nosso desejo.

(texto enviado por e-mail);

T.R.O.: e então, o que vc acha da virgindade? acha importante?

Clara: acho muito importante

T.R.O. por que?

C: ah, porque eu acredito que o certo é só depois do casamento, acredito de acordo com a palavra de Deus.. fui sempre ensinada assim, e continuo acreditando assim
(entrev. pelo face);

Três adolescentes falaram que o problema não é perder a virgindade, mas se tornar promíscuo:

T.R.O.: fala um pouco sobre virgindade

Renata: acho que cada um faz o que bem entender com a sua, mas acho errado quem tira a sua e fica adoidado dando-se a cada um que fica

(entrev. pelo face);

Marcelo: Aí eu acho que a questão de se preservar é, por exemplo, perder a virgindade com o namorado, que é diferente de ter várias pessoas, e isso termina denegrindo a imagem.

(entrev. presencial)

Aqui fica claro que há uma preocupação com a imagem, com os (pré) conceitos que irão ser construídos pelos outros a respeito dos relacionamentos afetivos/sexuais das meninas. Por isso, é importante preservar a imagem (de recatada, de “santa”, de passiva). Essa atitude é o que se denomina de “virgindade moral”⁸⁹. Porém, a prática sexual em si não denegre essa imagem, enquanto relação que se concretiza no âmbito privado, íntimo. Portanto, o tornar pública a atuação sexual feminina, é o que se deve evitar. Por isso, muitas vezes as meninas omitem ou fantasiam as suas experiências sexuais, preferindo se passar por ingênuas ou até mesmo vítimas nos relacionamentos afetivo-sexuais com os meninos.

Três garotos se referiram à virgindade masculina da seguinte forma:

Marcelo: Eu tenho uma visão um pouco machista por questão da realidade. Pro homem é super simples, você não precisa de uma pessoa especial, é uma questão de oportunidade.

(entrev. presencial);

Carlos: pra mim nao é nada demais é apenas uma pessoa [um menino] que nao teve a primeira relação ja meus amigos falam muito falam quem ainda é virgem pode virar viado...

Um rapaz, André, ressaltou que os jovens de hoje não dão importância à virgindade (o que não é o seu caso). Uma menina, ao ser questionada se é virgem, não quis responder. Outra (Duda) disse que não sabia explicar o que ela própria achava sobre virgindade, apesar de ter uma opinião sobre o que os adolescentes, de uma maneira geral, consideram importante sobre o assunto:

T.R.O: sua opinião sobre virgindade

Duda: nós conversamos bastante sobre o assunto, e acabamos por chegar num consenso, caramba... difícil falar...

mas tem gente que gosta de se guardar pro casamento, outras só esperam o momento que der vontade

T.R.O: e vc o que acha disso tudo?

D: que cada garota tem o seu estilo para lidar com as situações, e tem os valores que a família lhe passa formando sua opinião de quando será a hora certa

T.R.O: sim, e qual é a sua opinião a respeito?

D: eu não sei bem...é difícil explicar

⁸⁹ Heilborn, 2006

vamos pro proximo topico

Quase a metade dos jovens observou que a sociedade impõe um padrão de vivência sexual masculino e outro feminino, que acaba favorecendo a situação dos homens. Se de um lado aos meninos a liberdade sexual está sempre ao seu alcance, para as meninas qualquer comportamento que ultrapasse as barreiras do que é permitido socialmente, é considerado excessivo, o que pode refletir na deformação de sua imagem diante dos outros.

Renata: na mentalidade das pessoas sempre o homem pode transar com quantas quiser e com quem quiser, mas a mulher não, tem que se preservar até o casamento

T.R.O: vc tem essa mentalidade?

R:não, acho que se a menina quiser transar antes do casamento ela transa, mas tem que ver com quem né ?

T.R.O: vc acha que é melhor ser homem ou ser mulher⁹⁰ nessas questões de sexualidade?

R: Para homem é mt mais facil

T:por que?

R: Ele transa c quem quer com qnts quiser e ninguem fala nada a mulher n só de tipo ficar cpm 2 na mesma festa todos ja falam, n q eu ache certo ficar c varios na mesma festa mas só p comparar

(Entrev. pelo face)

Rita: A mãe prende mais a menina do que o menino, isso vem da criação

(entrev. presencial)

Luana: Meu irmão teve um filho, mas nunca levou a sério a mãe da criança (ninguém cobrou muito dele porque é homem). Se eu tivesse um filho iriam cobrar muito de mim, por isso eu acho que é mais fácil p/ o homem viver

Patrícia (16, 1º E.M.) Os homens não conhecem as mulheres, eu acho que homens e mulheres devem ter a mesma liberdade

Rita: Eu me revolto porque o homem pode tudo (pegar todas as meninas) e a mulher não pode nada senão é chamada de galinha (para o homem fica bonito, p/ a mulher fica feio). Luana: isso é preconceito, os dois deveriam ter os mesmos direitos

(GF)

Clara: me acho nova, tenho medo de engravidar, sei que tem preservativo e tudo mais, mas mesmo assim é um risco, de doer, de minha mae descobrir e brigar muito comigo, de por acaso eu acabar namoro e me arrepender de ter feito com ele, confio nele, mas tenho medo também que ele conte aos amigos, porque menino nessa idade sempre conta essas coisas aos amigos, mesmo ele dizendo que nao contaria, tenho medo mesmo assim

(entrev. pelo face)

⁹⁰ Gabriela Calazans (2005) formulou essa questão em sua pesquisa

Laura: A mulher é muito julgada. Se você ficar com três meninos num ambiente fechado vão falar mal de você. Se o homem ficar com dez mil ninguém fala porque ele é o cara.

(Entrev. presencial)

Ruth: Há muito preconceito com as meninas que transam cedo. Quando falo a respeito de alguma coisa sobre o assunto na aula, todo mundo olha pra mim como se eu fosse experiente, mas eu me defendo dizendo que falo não porque eu faço, mas porque eu sei. Agora quando é o menino quem fala, a reação é diferente.

(GF)

Marcelo: depois do casamento é uma questão de segurança, porque a menina pensa que depois de casar a chance de acabar com ela vai ser muito menor do que o namoro de adolescente. Porque ela vai pensar, e se acabar o namoro como vai ser com o próximo menino? Porque o próximo vai ver ela como mais vulgar, e isso acontece porque a visão do homem é que tá errada, não a da mulher, por causa das atitudes dos homens é que ela quer se preservar.

(entrev. presencial)

Luana diz:

Hoje em dia as pessoas vão pra abrir caminho, transam cedo, com 13, 14 anos. Se a pessoa *tá naquele momento...o que vale é o momento*

a maioria das amigas não é mais virgem...eu sou o “patinho feio”, ainda sou virgem.

Uma das meninas têm uma opinião um pouco diferente sobre virgindade:

L: Eu não acho importante, acho bacana preservar o corpo, mas o pessoal fala como se fosse uma joia. Eu não entendo o que é isso. Porque o pessoal fala que tem que se guardar, isso é uma joia, e eu não consigo entender o que é. Não é uma coisa...ohh!!

(Entrev. presencial)

O que percebo nesses relatos, é um certo inconformismo por parte das meninas, com relação à falta de liberdade sexual, e à pressão social sobre elas para que mantenham a todo custo uma postura passiva e reprimida diante da sexualidade. Fica evidente que, no caso das meninas, na maioria das vezes, não é o desejo ou a vontade, ou até mesmo o amor quem comanda suas atitudes sexuais, mas uma ordem de fora, externa, que, ao vigiar seus comportamentos afetivo-sexuais (sobretudo no que tange à quantidade de parceiros com os quais as meninas se envolvem), com base nos princípios morais que determinam que as mulheres devem se comportar passivamente e recatadamente, impede que atuem com uma certa autonomia com base nos seus próprios

comandos internos.⁹¹ Nesse caso, é uma tendência que nega a sexualidade feminina, que a reprime.⁹² A honra das mulheres é preservada quando elas se mantêm distantes das investidas masculinas. E os homens, por sua vez, garantem sua honra quanto mais controlam e têm acesso às mulheres. A imagem social, portanto, é o valor maior. Sobre esse ponto, Mirian Goldenberg diz:

O estigma que recai sobre os jovens do sexo masculino – o de serem pouco viris, ou de não serem “homens de verdade” por não viverem sua sexualidade com inúmeras parceiras – é o oposto daquele que vigora a respeito das jovens, que têm medo de serem acusadas de “putas”, “vagabundas” ou “galinhas” por terem tido mais parceiros que a “média”. (GOLDENBERG, 2006, p. 34)

Na maioria das falas dos adolescentes, sobretudo das meninas, aparece uma preocupação muito grande com o “depois” da “primeira vez” da menina. Isso sugere que os fatores tão citados que devem preceder a iniciação sexual delas, tais como: estar no momento certo, sentir-se preparada, sentir-se protegida, ser respeitada e amada pelo parceiro, ter confiança no parceiro, se relacionam com a “imagem” delas que será construída ou desconstruída após a primeira iniciação sexual. Portanto, fica claro que a virgindade em si não tem um significado expressivo para elas, nem tampouco é a garantia de um relacionamento prolongado com o parceiro o que vai ser decisivo para que elas se sintam predispostas a se iniciar sexualmente.

Nesse sentido, a preocupação com a imagem na verdade é direcionada aos meninos, é a apreensão com relação ao tratamento, à consideração, ao julgamento que os outros meninos farão com relação a elas. Quando um dos rapazes falou sobre a menina que quis perder a virgindade com ele porque confiava nele, foi porque imaginava que ele não denegriria a sua imagem diante dos outros rapazes.

Outro fator interessante é que elas colocam essa preocupação ao mesmo tempo em que alegam que são “pressionadas” pelos parceiros (namorados ou fíctos) a se “entregarem” a eles. Parece que quanto mais cobradas por eles elas se sentem, menos

⁹¹ Lembrando a discussão feita anteriormente sobre a relação indivíduo/sociedade (Elias, 1994), esses comandos internos do indivíduo nada têm de essencialista, pois se relaciona com outros comandos externos/sociais, um se superpondo ao outro. Podemos também associar esses campos internos e externos com a teoria de Gagnon (2006), onde há três níveis de roteiros sexuais: o intrapsíquico, o interpessoal e o panorama cultural. Eles funcionam interativamente, os indivíduos em determinados momentos são “expectadores” ou “aprendizes” (p.227), e noutros são atores que modificam os roteiros.

⁹² Podemos inferir que no caso dos meninos, esse comando externo afirma sua sexualidade, uma vez que estimula seu desempenho, seus desejos, apesar de que muitas vezes pressiona o cumprimento de um papel sempre ativo, sem considerar o momento e a decisão dos indivíduos.

confiança têm neles, pois elas associam essa “insistência” dos rapazes em atendê-los sexualmente à impulsividade sexual “natural” deles, não ao amor que possam sentir por elas. E, nesse sentido, assim como é natural o impulso sexual nos meninos, também é natural que eles alimentem esses impulsos também na exibição dos seus atos entre eles. Apenas uma menina destacou a importância de se preservar sexualmente até o casamento, e em dois momentos apareceu a preocupação com a prevenção às DSTs e gravidez.

Na pesquisa GRAVAD (Heilborn, 2006), quando foi mencionada a iniciação sexual das moças e rapazes, foi destacado que para estes representa uma prova de sua masculinidade e para as meninas um momento rico no processo de construção de um primeiro relacionamento estável. No caso das meninas de extratos populares, manter relações sexuais com parceiros bem mais velhos pode significar uma garantia de segurança.

Na minha pesquisa, uma menina do grupo focal com estudantes de escola pública contou que teve a primeira experiência sexual com o atual namorado, que é 15 anos mais velho. Na discussão que tivemos no grupo focal, ela fez alguns comentários que foram alvo de questionamentos por parte de algumas meninas: ela falou que precisa de um homem independente, que a sustente. Uma outra jovem disse que não concordava com essa postura, pois acha que as mulheres devem ser independentes, e enquanto não podem se sustentar, os pais é quem devem fazê-lo. Teresa rebateu afirmando que os homens mais velhos dão mais segurança e são mais gentis do que os “moleques”.

No mesmo grupo focal, Pedro relatou que teve uma namorada 14 anos mais velha do que ele, e que ele (na época com 14 anos) negava a idade para ela dizendo que tinha 19 anos, o que o deixava um pouco constrangido, porém o que importava naquele momento, era adquirir experiência com a sua parceira. Ele disse que os pais não aceitavam o namoro por preconceito, e que ele concorda que é mais difícil a sociedade aceitar uma relação afetiva em que a mulher seja mais velha do que o homem do que o contrário. Comparando essa situação com a de Teresa, percebe-se uma diferença no tratamento dessa questão da diferença de idades entre parceiros: não foi relatado pela jovem qualquer atitude de preconceito, nem por parte da família, nem por outros. Normalmente, a primeira relação sexual ocorre com alguém com mais experiência, tanto no caso dos homens quanto no das mulheres. Raramente os meninos se iniciam com parceiras mais jovens, e ainda mais raro é as meninas se iniciarem com meninos

mais jovens que elas.⁹³ Bozon e Heilborn afirmam que outro identificador de desequilíbrio de experiências de gênero, quanto à primeira relação sexual, reside no fato de que a grande maioria das mulheres vivencia sua primeira experiência com um namorado, enquanto que grande parte dos homens se iniciam sexualmente com as parceiras eventuais (com quem estão *ficando*). No caso da pesquisa em destaque, posso adiantar que as meninas pretendem ter a primeira experiência sexual com namorados, não com fiantes.

Além dessas particularidades que aparecem nos discursos dos jovens, há outros dados também importantes que evidenciam outros distintivos da sexualidade/relação sexual: Todos os informantes do sexo masculino afirmaram que já se iniciaram sexualmente. Entre eles, cinco se referiram à idade da primeira iniciação sexual: um foi com 16 (com a namorada), outro com 15, outro com 14 e dois com 13 (um desses com uma menina mais velha três anos).

Entre as 19 meninas informantes, sete não foram questionadas nem tiveram oportunidade de se manifestarem sobre o assunto. Das 12 meninas que falaram sobre o assunto, apenas uma (Teresa, 14, 1º E.M.) afirmou que já se iniciou sexualmente com o seu atual namorado (de 29 anos). Ela completou dizendo que a iniciativa foi dela, pois é muito apaixonada por ele. Considerando que estamos nos referindo a uma sociedade em que os valores machistas predominam no campo da sexualidade, e que, sendo assim, dificilmente as meninas assumem o seu lado ativo sexualmente, e os meninos o seu lado passivo, é necessário que se pondere essas afirmações, da mesma forma que o é com relação aos discursos contrários, em que as meninas se colocam como extremamente passivas nos relacionamentos a dois.

Uma das meninas entrevistadas disse não se sentir à vontade em falar sobre essas questões, pois “não gosta ideia de ser muito tocada”:

Duda: não gosto da ideia de trocas esses tipos de caricias, acho que pode ser pela forma que fui criada ou ate pelo fato de que eu não gosto de ser tocada demais!

(entrev. pelo face)

⁹³ Bozon e Heilborn, 2006

Um garoto também não quis se estender no assunto específico sobre sexualidade. Depois de responder à minha questão sobre se já tinha se iniciado sexualmente, não quis responder sobre quando isso tinha acontecido. E acrescentou:

T.R.O: e quanto à sexualidade, alguma coisa mudou?

André: sim claro ...

mas pra falar a verdade, nunca achei que sexo fosse tudo !

T.R.O: vc já se iniciou sexualmente?

André: sim

T.R.O: começou com que idade?

André: relacionado a isso eu não queria muito expor

Sobre o ter ou não interesse nessas questões, João admitiu que não tem um interesse muito especial por sexo. Já no discurso de Marcelo, há uma proeminência do sexo como sendo muito mais marcante na fase da adolescência, que decide muitas coisas na vida do adolescente, inclusive sobre os seus relacionamentos.

Uma outra questão que foi abordada nas entrevistas e, indiretamente, nos GF, foi sobre o *namoro* e o *ficar*. Dos 19 garotos/as que falaram sobre isso, apenas quatro (três meninas e um menino) nunca namoraram, mas todos já ficaram. Dos quinze que têm experiência com namoro, 9 estão (no momento da entrevista) namorando, e há mais de nove meses. Todos responderam sobre a diferença entre ficar e namorar (mesmo aqueles que nunca namoraram). O que marca, mais precisamente, a diferença entre um tipo de relacionamento e o outro é o sentimento e o compromisso. Ficar é um ato instantâneo, passageiro, que envolve atração física, desejo, e mais nada. O namoro tem como base um envolvimento amoroso, a confiança, um compromisso mais sério.

Beatriz fala:

Namoro é tá apaixonada, gostar de verdade, tem que ter confiança, respeito, zelo, afeto.

Para Rita

Namorar é com compromisso sério, tem que ter respeito. *E se for pra festa sem o namorado, tem que pedir a ele.*

A última frase da fala de Rita sugere que, na comparação de uma modalidade de relacionamento com a outra, o fica garante uma certa liberdade na manutenção da sociabilidade (tem a liberdade de ir à festa, por exemplo, sem dar satisfação ao namorado, uma vez que ele não existe). Da mesma forma que subentende

que no namoro essa conquista é perdida pelo sentimento de exclusividade que um tem com relação ao outro (se for à festa, tem que pedir ao namorado)⁹⁴

Entre o ficar e o namoro, alguns adolescentes acrescentaram o *ficar-sério*:

Segundo Marcelo (17, 2º E.M.):

Ficar pode com qualquer pessoa, se ficar por um longo tempo é fica-sério. Ela não pode exigir como a pessoa que namora. É sem sentimento. Em parte faz a mesma coisa que com a namorada, mas é mais carnal, beijo, curtição, pegação, namoro sem sentimento...Fiquei a primeira vez com uns 10, 11 anos, namorei com uns 14 anos.

Duda fala em *amizade-colorida*.

T.R.O: e qual é a diferença entre ficar e namorar?

Duda: ficar pode ser com um amigo ou com um garoto qualquer que vc conheceu no dia numa festa por exemplo, porem namorar tem que ser com alguém que vc confie que realmente goste, e que conheça muito bem

T.R.O: mas o que rola quando fica com alguém?

Duda: ahh... tipo assim, se vc já conhece a pessoa pode ser que vire uma amizade colorida(que um jogo de roleta russa) mas se vc não conhece normalmente não rola muito sentimento forte, pois o desejo pela outra pessoa pode acabar sendo pela atração física, daí vira algo carnal

T.R.O: a amizade colorida é igual a ficar?

Não, é parecido vc fica sempre(durante um tempo indeterminado) com a mesma pessoa, ou seja, vc e um amigo

T.R.O: ah quando fica muito tempo é porque é com um amigo?

Duda: é complicado explicar isso, a amizade entre os dois já existe bem antes deles ficarem, amizade colorida é um pacto entre amigos que não querem nada serio com ninguém, que só ficam entre si por pura diversão porem, quando vc conhece a pessoa numa festa, fica com essa pessoa, e depois disso vcs mantem contato e acabam ficando outras vezes seguidas é o chamado fico-oficial, que as vezes pode tender a um namoro

T.R.O: entendi, e a amizade colorida não pode virar namoro? e o fica-sério também não pode virar namoro? vc conhece alguém que viveu uma dessas experiências?

Duda: vou responder uma de cada vez com um hifen antes

- essa é a grande questão da amizade colorida, por isso digo que é um roleta russa, é perigoso pelo fato de se surgir um sentimento a mais, daí o casal é que deve conversar sobre se vai continuar ou não.- o fico-oficial pode virar namoro tbm, mas é mais difícil pelo fato que tem gente que só fica por ficar e não gosta de nada serio.- e sim, tenho amigos que já passaram por essas experiencias, e eles me contam como é que funciona o sistema, ainda não sei muito, mas eles me ensinam devagar

Nota-se, na fala de Duda, o destaque dado para o papel dos pares no aprendizado das práticas afetivas/sexuais. Os que têm mais experiência vão repassando

⁹⁴ Pelos dados que tenho não ficou claro se isso ocorre da mesma forma com os meninos

o que aprenderam para os outros. Com relação à amizade-colorida, percebo um impasse nesse envolvimento todo entre a amizade e o namoro, porque quando se define pela amizade-colorida, arrisca-se, futuramente perder a amizade, caso o sentimento da amizade-colorida se transforme em outro sentimento (tem que se optar entre uma coisa e outra, não pode ser as duas). É isso o que a garota chama de “roleta russa”. Por outro lado, entende-se, pela percepção da entrevistada, que essa modalidade de relacionamento – a amizade colorida – se posiciona entre o ficar e o namoro, ou seja, nem é definida como uma relação volúvel, nem representa um compromisso, ou seja, a amizade colorida é um ficar que surge num relacionamento de amizade já existente, e que, por isso, precede de sentimentos inexistentes num “ficar por ficar” (como a confiança, o respeito), o que justifica que esse ficar possa, eventualmente, desandar numa relação permanente, e até repercuta num namoro.

Mônica Franch, fazendo referência a Bozon (2004), coloca que a amizade e a sexualidade podem ser entendidas como campos integrados, e que fazem parte do processo de individualização comumente existente na ocasião da juventude (2010, p. 31). A autora destaca que, geralmente, nas ciências sociais, nas pesquisas sobre juventude, se tem analisado as duas esferas como campos diferenciados. Como podemos deduzir do depoimento acima, amizade e sexualidade podem se combinar como domínios interligados, até confundidos em suas características.

Com base na pesquisa desenvolvida pela autora, a amizade mista (entre garotas e garotos) pode se apresentar como uma “relação perigosa”, e um dos motivos para tanto é a maior intimidade que pode ser gerada na relação, a partir do contato corporal. Tendo em vista que os contatos corporais rotineiros entre amigos, tais como: sentar no colo, beijo e abraços, carícias, etc., são aceitos socialmente, sem repercutir em grandes restrições como os contatos entre namorados, muitas vezes meninos e meninas se utilizam desse privilégio para se chegarem mais a alguém que desperta maior interesse. E ela conclui: “É comum que amigos virem namorados, mas também que estes se tornem ex namorados, sendo o grupo o lócus de cruzamento de trajetórias afetivas individuais.” (FRANCH, 2010, p.48)

Em quase todos os depoimentos, o ficar é um envolvimento físico superficial (beijos, troca de telefones, papos rápidos, curtição). Em algumas falas, no entanto, essa performance é vista como um “trampolim” para o namoro. E pode ser também um envolvimento físico mais “temperado”:

T.R.O: e qual é a diferença entre ficar e namorar?
 Renata: ficar é tipo um relacionamento, tipo vou dar um exemplo, fui pra uma festa ontem, e conheci um menino muito lindo, e que tinha uma conversa bem legal, depois de um tempo de conversa trocamos beijos e abraços, mesmo sem estar namorando com ele, trocamos telefones, no dia seguinte um liga pro outro se tiver gostado do dia anterior, se ambas estiverem afim de um relacionamento serio, após se conhecerem melhor, na maioria das vezes ficam novamente, e daí começam um relacionamento sério
 T.R.O: entendi
 Renata: mas em alguns casos, ficar significa também um envolvimento carnal, tipo geralmente os meninos usam o termo "peguei" ou "comi", os mais baixos usam essa expressão
 KKKKKKKKKKKKKKKK
 T.R.O: E as meninas usam outro termo?
 Renata: geralmente as que conheço usam o termo tradicional, " transei"

Esses termos “comer” e “pegar” são utilizados, principalmente, no linguajar masculino e subentende uma prática onde se apresentam um sujeito ativo (o que come) e o passivo (que é comido). Nunca ouvi falar que alguma mulher tivesse comido um homem. O que se utiliza muito com relação à performance feminina é: *ela deu pra alguém, ela dá pra todos*, o que implica também uma atitude passiva. Ou seja, “comer” e “pegar” são expressões que remetem a uma postura viril, masculina, ativa, que subentende uma reação do outro que é “comido”, que é “pegado”. “Entrega” parece até uma forma elegante dessa ideia do “dar” – numa constelação semântica que enfatiza a confiança e a ligação com o outro através do contato dos corpos.

Algumas jovens disseram se sentir melhor namorando do que ficando, uma vez que é uma situação que lhes dá maior segurança, proteção e respeito. No entanto Luísa, 15, 2º E.M. tem uma outra postura:

T.R.O: falando de sua vida amorosa rsrsrs, vc tem namorado?
 Luísa: Não, estou solteira. Minha vida amorosa é um pouco incerta, as vezes queria muito namorar pra ter alguém por perto sempre, pra ter algo serio e me sentir menos só dando uma chance a uma unica pessoa, mas as vezes penso que sou melhor sozinha, que isso poderia atrapalhar meus estudos, ou medo ate de sofrer.
 T.R.O: mas vc já namorou?
 Luísa: Não, nunca cheguei a namorar com alguém serio.
 T.R.O.: já ficou?
 Luísa: ah claro que sim, inumeras vezes rsrs acho até que é melhor assim, sem compromisso, sem medo.
 T.R.O: Você acha que é melhor ficar ou namorar?
 Luísa: ficar, pelo fato de nao ter certeza se é suficiente pra namorar, como ate agora nao foi

Nesse caso, Luísa ressalta uma escolha curiosa, em se tratando de um discurso feminino: prefere ficar, não assumir compromisso com ninguém para não interferir nos estudos. Essa atitude prática diante de um relacionamento a dois se diferencia bastante do que se admite socialmente com relação às atitudes das meninas, que devem ser mais românticas, emotivas, sendo assim coerentes com as expectativas de uma cultura dominante que privilegia o comportamento mais subordinado da mulher ao homem. Por outro lado, o que se apresenta como uma postura mais livre e menos submissa aos padrões sociais, na verdade se apoia numa outra que sugere uma reação que não deixa de ser passional: o medo. O medo de sofrer, o medo de se decepcionar. Por isso, ela prefere ter as experiências mais livres, sem se envolver afetivamente logo de cara.

Um garoto afirmou que prefere ficar (embora esteja namorando e gostando) porque sofre menos; um rapaz falou que nunca se sentiu à vontade em ficar com várias meninas, mas que também ficar apaixonado tem os dois lados. É o que João afirma:

quando vc se apaixona vc não é vc perto daquela pessoa não que ela te trave
ou algo do tipo so que vc não se sente confortavel
a parti da hora que vc se sente confortavel perto dessa pessoa
o amor acaba e vc sofre por isso não é bom amar
e eu so tenho 16 anos então a dor parece maior por causa da minha mente
imatura.

Esse dois rapazes sugerem que o sentimento e o sofrimento são fatores que decidem sua preferência pelo ficar, entendendo que essa seja uma relação passageira, volúvel, e que, portanto, não exige um envolvimento emocional, sério. Por outro lado, eles apreenderam que podem experimentar sensualmente sem necessariamente se envolverem afetivamente. E o que é interessante também nesse discurso, sobretudo na fala de João, é a facilidade com que ele se refere aos seus sentimentos, à sua vulnerabilidade diante de um envolvimento afetivo com alguém, o que destoa dos comportamentos e discursos masculinos, comumente pragmáticos e avessos a envolvimento afetivos, que são socialmente instigados.

Ainda com relação a essas performances, é interessante perceber como as meninas, algumas vezes, demonstram viver numa “corda-bamba” entre o ter prazer, a diversão, a liberdade, e o receio de serem mal vistas, mal interpretadas pela sociedade, e acabam optando pelo autocontrole, como uma maneira de se proteger dos “ataques” de preconceito:

Rita, 16, 2º Elas se controlam mais no “ficar” por medo da gravidez, de pegar doença, de ser considerada fácil, de ficar falada;

Laura: Ficar você só dá um beijo, fica com um e com outro. Namorar você cria um sentimento pela pessoa, fica só com ela...Teve uma época, no ano passado, que eu fiquei com muitos meninos, aí um amigo meu me falou: eu também fiquei com muitas meninas, mas eu sou homem, é muito mais fácil pra mim.

T.R.O: Isso fez com que você mudasse?

Sim, e também porque não vale à pena ficar com um e com outro...namorei com 14 anos e fiquei com 12...eu era criança ainda, eu era a menina feia e gordinha que ninguém falava, eu era excluída, aí fui pra outro colégio, aí comecei a ver que as meninas se maquiavam, e eu pensava: pra que essas coisas? Aí elas ficavam com um menino, depois outro. Aí quando eu fui pra o terceiro colégio eu desembestei, meus dois primeiros namorados foram de lá, aí comecei a desembestar, a ficar com um e com outro, aí minhas amigas falaram: olha, toma cuidado porque o pessoal tá falando.

Nesse depoimento percebe-se, mais uma vez, a referência aos “comandos” dos pares. No caso, Laura tinha um comportamento (o de ficar com muitos meninos) que foi modificado a partir da interferência do seu amigo

Duda, disse que se pudesse escolheria a amizade-colorida:

Duda: ficar é legal, mas é muito vadio da parte de uma garota ficar com muitos garotos diferentes, namorar é legal quando se tem uma rotina entre o casal, fico-oficial é muita complicado pq é um relacionamento superficial e amizade-colorida eu ainda não experimentei mas tenho medo devido o turbilhão de sentimentos⁹⁵ que pode surgir entre os dois se eu pode-se escolher por enganto, eu tentaria a amizade-colorida, mas é claro que seria com alguém que tive-se consciência de meus temores.

O discurso dessas três meninas que destaca frases como: não ser fácil, não ficar falada, ficar com vários é muito “vadio” por parte da menina, expressa que a prática do ficar é cruzada por processos de diferenciação entre os gêneros, e que, portanto, os meninos costumam ceder ao desafio numérico dessa prática.⁹⁶ No entanto, apesar dessa tendência a esse recorte de gênero com relação ao exercício do ficar, há situações que desafiam as expectativas comuns. Um dos entrevistados confirma isso:

⁹⁵ Interessante perceber que em vários relatos têm sido mencionados a paixão, o medo de sofrer e outros sentimentos marcantes nas vivências afetivas e/ou relacionadas à sexualidade, que indicam a existência de aspectos diferenciados e complexos no aprendizado da sexualidade.

⁹⁶ Almeida, 2006

TRO: vc já namorou com outras meninas?

João: já

TRO: e já ficou com muitas?

João: não

eu não gosto disso

TRO: por que?

João: sei lá eu não me sinto bem ficando com muitas meninas

TRO: qual é a diferença entre ficar e namorar?

João: ficar é vc tá num canto e ficar com aquela pessoa e acabou só foi ali mesmo

namorar é muito sério

Uma outra observação que deve ser feita é com relação ao depoimento citado acima, de Laura. Ela diz que as suas amigas tentaram “frear” suas “ficadas”, demonstrando um controle sobre seu comportamento que estava ameaçando sua reputação, sua honra (e acredito que, por extensão, a delas também). Sobre a importância dessa reputação Monica Franch afirma:

A questão da própria reputação é um assunto delicado nesse meio, gerando um difícil equilíbrio entre a vontade de partilhar as próprias experiências e o medo da divulgação (e da deturpação) da própria relação sexual. Essa preocupação torna-se especialmente mais evidente entre garotas mais jovens, que ainda não se iniciaram sexualmente, ou cuja iniciação se mantém em segredo. (2010,p.42)

A prática do “*Ficar*”, tão reproduzida nos dias atuais, faz parte de uma ética adolescente que, na verdade, significa não assumir compromisso, não criar vínculos definitivos, quando se descobrem, experimentam sensações de forma prática, sem estabelecer laços de afetividade duradouros. Isso, em parte, expressa novas formas de relação, uma ética para os relacionamentos transitórios, coerentes com os tempos atuais, onde a rapidez é um elemento determinante para um melhor desempenho produtivo.⁹⁷ Nessa prática, há limites impostos nas condutas femininas. Como se estabelece que o “ficar” é transitório e passageiro, subentende-se que não deve ser movido pelo sentimento, pela paixão, mas pela busca simples do prazer. Não se exige nem da parte da menina nem do jovem qualquer tipo de compromisso, nem de fidelidade. Segundo Almeida, “O “ficar” possui a modulação do “ficando” em sua declinação transitória, em

⁹⁷ Caridade, 1997

seus slogans fragmentários e frouxos que evocam a leveza “mais leve que o ar” do descompromisso.” (2006, p.151) No entanto, mesmo com base nessa regra, às meninas é cobrada uma atitude mais “difícil”, quando, por exemplo, se exige delas um controle muito maior do que do menino no que tange ao limite no número de “ficantes”, e também um controle sobre os excessos no *Ficar*.

Beatriz: O ficar é quando fica com um monte, sem compromisso. Eu já fiquei, mas só fico se gostar, não gosto de ficar só pra ter mais um na lista. Se a menina for fácil, transa até no Ficar. Até agora não namorei ninguém, só fiquei.

A performance do ficar, portanto, é diferente do namoro. Em algumas situações uma pode dar continuidade à outra (no caso o namoro ao ficar), mas na maioria dos casos em estudo, são momentos e situações únicas, regidas por outras condutas, por outras intenções. O ficar vai desde o simples beijo (pelo menos duas meninas disseram que ficar é essencialmente beijar) até o ato sexual propriamente. Nesse percurso há outros desempenhos como trocar telefones, conversar, curtir, etc., mas se distinguindo sempre do namoro, que possui características próprias, muitas inconfundíveis como: o compromisso, o sentimento, o respeito.

Temos aqui algumas colocações de meninas que demonstram o quanto as disposições de modernização não eliminam totalmente certas visões radicadas sobre o gênero, tais como mulher/vontade/moral e homem/impulso/descontrole (Heilborn, 2006): quando elas afirmam: “se a menina for fácil, transa até no ficar”; “o homem no fica, não se controla”; “a menina se controla mais por medo de engravidar, de pegar doença e de ficar falada”; e “se for pra a festa sem o namorado tem que pedir a ele”. Ou seja, deduz-se que a responsabilidade no controle da situação (em se entregar ou não, e, conseqüentemente, arcar com as conseqüências) é, principalmente, das mulheres, pois os homens, naturalmente, não se controlam, e, sendo assim, não são cobrados socialmente, tanto quanto as mulheres o são, pelos atos “impulsivos”. Quando a menina afirma que “se a menina for “fácil” até no fica ela transa”, significa que ela não é, necessariamente, descontrolada (como os meninos). O seu descontrole é entendido como falta de moral, de educação (ele é social). Como aponta Heilborn (2006), há aqui uma representação social dos jovens de que os homens são incontroláveis e as mulheres devem conduzir os desejos. A natureza de um e de outro são vistas distintamente.

O vínculo afetivo costuma ser o motivador do exercício sexual feminino e, junto a essa imposição social, na avaliação de sua honra entre os jovens será levado em consideração o controle com relação ao número de parceiros sexuais.

Entre as experiências de gênero existentes na juventude, a iniciação sexual se destaca como um momento em que os rapazes se descobrem numa posição bastante vulnerável. Segundo Knauth et al (2005), isto ocorre “em parte, em função da pressão social – tanto para que isso ocorra, quanto para que se valorize o aspecto corporal desta experiência – mas também por ser uma experiência relacional, que exige uma habilidade bem desenvolvida entre homens jovens: o diálogo com as parceiras.” (p.151) Para os autores, “o exercício da sexualidade se coloca como um dos principais aspectos da construção e afirmação da masculinidade” (p.152). No entanto, ao contrário do incentivo que é dado às práticas sexuais masculinas, as mulheres ainda são tratadas como objeto do desejo masculino, e como tal, não possuem (ou não devem possuir) domínio sobre tais iniciativas.

Com isso, a atividade sexual precoce com parceiro(a) e a promiscuidade sexual são justificadas para o menino como sendo algo “natural” da masculinidade, enquanto que para as meninas, são muito mais repreendidas por elas estarem condicionadas a adotarem uma postura passiva e recatada sexualmente, o que predomina como o modelo de feminilidade ainda imposto na nossa cultura. “As suposições em torno do número de parceiros de uma mulher imprimem-lhe uma identidade: ela é classificada como um “tipo” socialmente valorizado. Isso não ocorre em relação aos homens.” (ALTMANN, 2007, p. 336). Da mesma forma que as moças sofrem as consequências do controle que é exercido sobre seus comportamentos, os rapazes também são constrangidos em suas escolhas, tendo em vista que são pressionados a terem determinadas reações num determinado tempo, o que muitas vezes não corresponde às suas necessidades e vontades. Se às meninas são cobradas atitudes contidas e passivas diante da sexualidade, aos meninos se exige uma postura ativa e viril, o que não deixa de ser constrangedor e até violento, principalmente em se tratando de rapazes tímidos e/ou homossexuais.

Essas e outras tantas práticas contraditórias provenientes de velhos estereótipos sexuais, segundo Felícia Madeira (1997), resistem tanto em famílias com valores mais igualitários, quanto nas mais conservadoras. São aspectos como esses que justificam que o recorte de gênero seja adotado na pesquisa como força social que caracteriza diferentes experiências numa mesma faixa etária.

Essa deliberação ocorre em “mão-dupla”: os papéis de gênero, já consubstanciados desde a infância com seus modelos pré-estabelecidos de feminino e de masculino orientam as práticas adolescentes, e essas mesmas práticas reproduzirão tais padrões e reforçarão os estereótipos de gênero. Mas há uma linha de fuga, ou linhas de fuga (como já foi citado anteriormente) para se contrapor aos dispositivos de controle, tendo em vista que não há um único modelo de adolescente, nem as práticas são homogêneas. Gagnon (2006) aponta sobre isso:

Alguns indivíduos reproduzem fielmente, em sua conduta cotidiana, as instruções dos cenários culturais sem incômodo, e, muitas vezes, com entusiasmo. Outros consideram estranhas e perturbadoras as exigências da cultura e são incapazes de encenar os papéis exigidos, ou de criar maneiras de se isolarem das demandas da cultura ou dos papéis. (p.228).

Esse controle sobre a sexualidade dos indivíduos, pré-determinando a ocupação dos papéis masculinos e femininos, acompanha todas as fases da vida, porém se torna bastante enfático na adolescência, haja vista ser um período de afirmação da identidade, de incorporação dos valores culturais. Nesse sentido, as práticas e discursos são objetivadas e subjetivadas atendendo, na grande maioria das vezes, às aspirações sociais e culturais.

Na minha pesquisa, pude perceber momentos dos discursos que demonstram atitudes sexuais que ora se afinam com os modelos predominantes existentes sobre os papéis masculinos e femininos, e em outras tomam outras direções, como por exemplo, quando falam sobre determinados rótulos em tom de reprovação: *quando o menino fica com várias é chamado de garanhão; o homem pode tudo e a menina não, chamam logo de galinha; é feio, para o menino é bonito; existe muito preconceito com as meninas que transam cedo*. Ou, como diz Katia:

Existem tabus (...) é fundamental ter a cabeça aberta e a opinião fixa para ultrapassar a grande barreira que é o preconceito.

Quando também Rita diz:

Não concordo com minha mãe que é infeliz no casamento, vive reclamando e não faz nada, é muito dependente (...) Mas a maioria dos casamentos é assim, as mulheres sofrem mais.

Uma outra questão que foi levantada nos grupos e nas entrevistas diz respeito às *formas de interlocução para a formação de opiniões e para a construção de*

comportamentos no que tange à sexualidade por parte dos adolescentes. Entre as jovens que comentaram a respeito do assunto, apenas Teresa (14, 1º E.M.) diz conversar francamente com a mãe, e que, inclusive ela repassa informações para as amigas, que a procuram porque sabem que sua mãe é “mais aberta”. As outras meninas, assim como os meninos, que se referiram aos diálogos com os pais (sobretudo com a mãe) a respeito de sexualidade, falaram que eles sempre foram restritos a conteúdos preventivos. Beatriz mencionou a mãe e a terapeuta como as interlocutoras fora do espaço da escola. Algumas citaram também os namorados como participantes desse processo.

Sobre esses tipos de interlocução, Franch (2010) ressalta que nem sempre se estabelece uma relação entre iguais a partir dos laços de amizades já existentes. O que muitas vezes ocorre é que são procuradas as conselheiras de mais idade, especificamente para obter informações sobre relacionamentos afetivos e sexualidade, que são mais velhas, geralmente casadas e com filhos, e em certos casos, parentes das meninas que as requisitam. Além dessas relações hierarquicamente díspares, há outro tipo de relação desigual que se estabelece nessas situações: a de mãe e filha. Importante salientar que trata-se, no caso, de um estudo feito num espaço bem determinado, e que, portanto não podemos fazer generalizações a partir desse exemplo. Na experiência com os adolescentes pesquisados, os interlocutores mais presentes são os pares, apesar de, em determinadas situações as mães terem sido citadas..

Por outro lado, quase todos são unânimes em afirmar que as conversas mais abertas são com as amigas (no caso das meninas), e com os amigos (no caso dos meninos), exceto o caso acima citado de Teresa, e de Fred que afirma que não conversa sobre o assunto com ninguém porque tem “vergonha”, que busca outros meios de informações:

T.R.O: vc tem muitas dúvidas a respeito?

Fred: não, assim, eu tiro minhas duvidas em livros, revistas.. pela televisão até no estudo

T.R.O: vc conversa com alguém a respeito?

Fred: não, nunca conversei, nao por ter vergonha e que eu nunca falei com alguem não sobre isso
(entrev. pelo face)

Um garoto citou também as amigas, além dos amigos, e uma menina acrescentou os meninos como seus amigos junto às meninas.

T.R.O: vc conversa sobre esse assunto com quem?

Duda: eu só falo disso normalmente com duas amigas minhas e um amigo. mas só falamos nisso raramente .

Na entrevista com Laura, ela frisa a presença dos amigos nas mudanças de seus comportamentos, como um todo:

Laura: Porque eu tenho a personalidade muito forte, eu sou muito grossa, Eu tenho que manejar mais, sou muito ignorante. E agora eu tô tenho que pesar mais, escolher as palavras bem direitinho.

T.R.O: E quem cobra isso de você?

Laura: Os amigos, eu não sinto isso da minha mãe, mas dos amigos. Quando eu faço uma coisa muito errada...eu tenho uma amiga que para de falar comigo, só vai voltando a falar comigo quando eu vou mudando. Meu namorado também diz: “vai com calma”, mas quem me cobra mesmo são meus amigos.

T.R.O: Com relação à sexualidade, você costuma falar com quem a respeito?

Laura: Com as amigas.

Na entrevista com Marcelo, ele enfatizou alguns momentos em que a parceria com os amigos é fundamental no processo de aprendizagem sexual.

T.R.O: Você conversa com quem a respeito dessas questões?

Marcelo: No começo com minha mãe, mas foi através dos amigos que, naturalmente, um tirando as dúvidas do outro...vai...porque eu acho, pra mim é mais fácil porque eu sou homem que tem muita facilidade. Independentemente de ser homem ou mulher é muito importante a conversa com os pais, porque eles vão dá uma orientação, mas de qualquer forma as amizades sempre vão tá ali.

Praticamente todos os que mencionaram a presença dos pais, sobretudo da mãe, nos diálogos sobre as questões relacionadas à sexualidade (e foram poucos os casos), o fizeram se referindo às medidas de advertência e de prevenção, com raríssimas exceções. Por outro lado, percebe-se que a presença dos amigos e amigas mais chegados representa um suporte indispensável para o aprendizado e a tomada de decisões no campo da sexualidade, entre outros aspectos. Portanto, há uma distinção clara, no discurso dos jovens, sobre a forma de interlocução da família (no caso aqui representada sobretudo pela mãe, principalmente tendo em vista que alguns desses adolescentes não tiveram ou não têm a presença cotidiana do pai, conforme citei anteriormente) e o acompanhamento dos amigos na jornada das práticas sexuais.

Pesquisas têm demonstrado⁹⁸ que a figura da mãe tem sido central na circulação de informações sobre a sexualidade para os adolescentes, principalmente do

⁹⁸ Bozon e Heilborn, 2006

sexo feminino. Nos casos referidos acima, a ausência da figura paterna (o que representa quase a metade das situações vividas pelos adolescentes que foram questionados sobre o assunto) se apresenta como um dos grandes motivos de envolvimento maior das mães nesse processo de aprendizado da sexualidade. Sabe-se que o fato de os filhos não residirem com os pais, não significa, necessariamente, que estes sejam ausentes na educação daqueles. Porém, no caso específico, pelo menos três informantes nunca tiveram a presença do pai, nem uma outra figura masculina no seu cotidiano, outros dois praticamente não tiveram convivência com seus pais. No entanto, o seu papel se distingue do que é exercido pelos amigos/colegas/pares. Isto porque faz parte da vivência entre eles, das trocas de experiências, do aprendizado sexual de uma maneira geral, os diversos níveis de informações circulantes sobre o tema e sobre as próprias práticas. É no repasse, é na circulação dessas informações que se faz e se refaz, se elabora e se reelabora o conhecimento e o exercício da sexualidade.

Nas situações em que os pais ou a mãe é citada, a sua presença no trato das questões sexuais tem um caráter de advertência, de cuidado, de imposição de limites e não ocorre de forma permanente, constante na vida cotidiana, pois se limita a atitudes pontuais, provisórias. Como dizem esses jovens:

Duda: o maximo que ja se foi falado aqui é que nada de filhos ate se formar e ter a propria vida
(reproduzido da entrev. pelo face)

Luana: meu pai só diz pra fazer direito, pra não trazer filho pra dentro de casa
(GF)

Pedro: minha mãe diz: quem tive suas cabritinhas bote pra dentro e amarre
que meu bode tá solto rrsrrsrs (GF)

Luana e Pedro são de segmentos populares, Duda não. O que percebo nessas falas, é que há um elemento ressaltado no discurso de Duda que não aparece nos outros dois exemplos: a preocupação dos pais com a conclusão dos seus estudos, para garantir a sua independência. Esse fator demarcaria, nesse sentido, a passagem de uma situação de dependência da família de origem à construção “da própria vida”, quando se pode (e deve) pensar em ter filhos. Fica claro que o discurso da família, nesse sentido, aponta apenas a prevenção a uma gravidez antes do tempo ideal que seria após o término dos estudos. Nas outras duas falas, não se destaca a importância da formação escolar, mas sim a inevitabilidade da prática sexual, e sendo assim, o pai de Luana adverte que é para “fazer direito e não trazer filhos para dentro de casa”, e a mãe de Pedro chama a atenção

dos outros que o seu “bode” está solto e que, portanto, prendam as suas “cabritinhas”. Entendo que há uma visão e uma maneira de lidar com relação à sexualidade, por parte dessas famílias mais populares, com diferentes estratégias de controle, mais prática (embora com uma entonação diferenciada de gênero).

Quanto à participação dos pares (amigos, amigas, colegas de escola, namorados e namoradas, entre outros) esta se dá de forma constante, intensa, e tem um significado participativo, ativo, de troca de experiências. A única situação em que a figura da mãe foi mencionada com uma outra conotação, foi no discurso de Teresa (14 anos, estudante do 1º do E.M. numa escola pública), que reproduzo aqui quase integralmente:

minha mãe sempre conversa comigo,ela nunca disse que o sexo é ruim,ela sempre fala que o ruim é o que pode acontecer se eu não mim previni, entre amigos agente conversando sobre namoro,sexo e etc,as meninas aproveitam pra tira duvidas comigo pois sabem que minha Mãe é bem aberta a respeito desse assunto,uma amiga ela é tão leiga no assunto,ela faz parte da igreja e a mãe dela acha que fala de sexo com ela é um pecado e vai ta insentivando ela a fazer sexo,nada a ver né?

vou te conta um segredo pois confio em vc,não sou mas virgem,agora não pense que sou da bagaceira,não conto pra as minhas amigas pois sei que elas iam pensa besteira de mim depois todos iriam fala,tenho como exemplo uma amiga que o namorado dela dormia na casa dela todos falavam dizia que a mãe dela tava colocando ela pra cima do rapaz,que isso não é certo

em uma parte concordo com que as pessoas falam,porem é melhor ela ta fazendo em casa com seguraça do que ta indo pra outros locais fazer na pressa e não se previni,acho que cada um sabe o fogo que tem, tem mães que quando sabe que a filha não é mas virgem só falta matar a minina,por isso que da proxima vez que ela tiver relação ela não vai conta,e quando a mãe for saber ela ja ta grávida.e tem mininas que não tem coragem de conta pra mãe pois sabe a reação dela,ai quando a mãe vai saber ja é tarde demais

agente tem uma relação bem saudavel minha mãe sabe mais meu padrasto não,minha mãe acha que ele não entenderia,a vida é unica e passa rapido se agente não fizer aquilo que tem vontade(com segurança)ela passa e agente não aproveita,agente não sabe o dia de amanha.

(texto enviado por e-mail)

Achei interessante reproduzir o texto quase por inteiro dessa menina, pois ele aponta alguns elementos significativos para uma reflexão:

A primeira observação interessante, já apontada em outras pesquisas anteriores, foi a forma aberta com que Teresa contou um pouco de sua trajetória afetiva a mim, uma estranha desconhecida. Provavelmente, e isso já foi constatado

anteriormente em outras pesquisas⁹⁹, pelo fato de eu ser mulher, isso ter criado uma situação mais cômoda para que ela falasse sobre assuntos privados.

Teresa mantém “segredo” sobre não ser mais virgem diante de suas amigas, para evitar que sua imagem seja “manchada” diante do grupo, e para impedir também que fique “falada” no seu meio de convívio. Quando ela afirma que não é mais virgem, mas “também não é da bagaceira”, é uma forma de distinguir o sexo da vulgaridade, da devassidão, que é como suas amigas e a sociedade como um todo o percebem (assim ela acredita). Diante da sua mãe ela não cultiva segredo sobre esse assunto, muito pelo contrário. Além de manterem um diálogo mais franco sobre as questões sexuais, sua mãe a orienta também quanto às formas de prevenção, quanto à segurança e os cuidados que deve tomar nessas situações, e estes cuidados ela entende que acabam acontecendo como decorrência das condições de comunicação e de diálogo que são construídas entre as duas.

A figura da mãe foi central na orientação dos comportamentos sexuais de Teresa (por esse motivo, as amigas a procuram para tirar dúvidas sobre as questões sexuais). Diferentemente do que acontece com sua amiga que, devido às concepções religiosas muito fortes de sua mãe, fica impossibilitada de ter, junto a ela, um diálogo aberto sobre as questões relacionadas à sexualidade. Para esse entendimento, podemos nos apoiar no que Michel Bozon (2004) define como a Ordem Tradicional da Procriação, segundo a qual deve haver maior controle no relacionamento sexual, e que, portanto, fica determinado que a entrada das mulheres na sexualidade deve ser adiada, para que sua virgindade possa ser preservada até o casamento. Numa lógica semelhante, podemos também lembrar que Michel Foucault (1988) denomina de “dispositivo da aliança” um conjunto de estratégias que valoriza, entre outras coisas, o matrimônio e as relações de parentesco, com base num sistema de regras que determina o que é permitido e o que não é. Esse dispositivo se presta a dirigir o sexo no interior de uma estrutura familiar legitimada pelo matrimônio.

A abertura de diálogo entre mãe e filha no que tange às questões sexuais, segundo resultado de outras pesquisas¹⁰⁰, tem ocorrido com maior frequência nos segmentos médios e altos, não sendo, portanto, uma prática corriqueira entre os adolescentes e jovens de setores mais populares. O caso citado acima não só foge dessa regularidade prevista, como apresenta um outro dado curioso: o contexto vivido pela

⁹⁹ ALTAMANN, 2007

¹⁰⁰ Bozon e Heilborn, 2006

garota (inclusive incluindo suas amigas e colegas), é caracterizado por visões mais conservadoras. Ou seja, há uma inversão na forma de socialização da sexualidade no caso de Teresa: a convivência mais esperada por parte de suas amigas, ela obtém da sua mãe. Vimos aqui o que Heilborn (2006) chama de “virgindade moral” (que já foi mencionado anteriormente), ou seja, a preocupação por parte dos outros (no caso, das amigas de Teresa) com a sua reputação, sendo, portanto, necessário que a mesma resguarde sua imagem de “moça de família”. Para tanto, há o controle, por parte de suas amigas, sob o número e a qualidade de seus possíveis parceiros.

A sociedade, através de seus diversos segmentos, entre os quais a família, as instituições educativas e as instituições religiosas, têm atuado descompassadamente no que diz respeito ao tratamento que é dado às questões sexuais dos adolescentes e jovens, uma vez que, se por um lado, demonstra atenção e cuidado quando prescreve as formas de vivências sexuais, estabelecendo as formas de controle nessas relações, normatizando as condutas sexuais dos jovens, sobretudo no que se refere às formas de contracepção à contaminação pelas DST e à gravidez precoce, por outro lado não reconhece como legítima a sexualidade adolescente, o que implica, inclusive, na ineficiência de suas práticas educativas. Daí a dificuldade de se colocar em prática nas escolas os temas transversais presentes nos PCN (o que já foi comentado anteriormente), sobretudo o relacionado à sexualidade, e a inclusão da discussão acerca das atitudes homofóbicas. Quando muito, a prática sexual de jovens deve ser feita “dentro de um contexto velado e clandestino, está sempre no lugar do proibido e, portanto, das quatro paredes, uma coisa confidencial, pois está cheia de misteriosas questões ainda desconhecidas, mas muitas vezes já vivenciadas.” (MOTA,1998.p.154).

Quase todos os entrevistados mencionaram que a escola tem desempenhado um papel importante na orientação sexual, mas que se limita a transmitir informações técnicas e científicas, sobretudo nos conteúdos específicos da matéria de Biologia, e raramente em palestras e oficinas com conteúdo preventivo.

Questionei, durante as entrevistas, sobre as experiências em comum com os amigos, no que diz respeito à sexualidade. Oito garotos (dois meninos e seis meninas) afirmaram que a maioria dos amigos (amigas) tem comportamentos e opiniões semelhantes. Marcelo fala: “ [a sexualidade] vai aflorar na adolescência porque é quando você tem todos os seus amigos se relacionando”. Nesse mesmo sentido Luana fala:

“desde pequenos ,crescemos,bagunçamos,passamos de fases juntos, e quase sempre estavamos perto.depois de um certo tempo agente foi vivendo cada um experiencias e descobertas novas,cada um com sua história mais a moirria com quase as mesmas vivencias ! (texto mandado por e-mail)

Beatriz enfatiza que os meninos não pensam como ela. Uma minoria diz que só alguns concordam com suas opiniões.

T.R.O: As suas amigas pensam diferente de você?

Laura: Sim, porque todas têm uma religião e eu não tenho, sou ateia, e aí isso bate muito de frente comigo. E elas dizem: não, porque você é ateia...e não é assim. Qualquer atitude minha falam. A religião pesa muito, principalmente num relacionamento.

Outra menina, apesar de reconhecer que a maior parte das amigas pensa e age em comum com ela, afirma que o fato de algumas serem muito religiosas, isso representa uma marca na diferença de atitudes frente à sexualidade:

T.R.O: vc acha que suas amigas pensam como vc?

Renata: a maioria sim, já outras devido a religião dizem que se preservar [até o casamento] é a melhor opção

Segundo Meinerz (2004), “a relação entre sexualidade e juventude tem se apresentado como um frutífero foco de discussão acerca da variação de práticas e significados sexuais ao longo da vida dos sujeitos.” (p.126) Na pesquisa que a autora realizou entre os jovens evangélicos da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), um dos aspectos que lhe chamou a atenção foi com relação à trajetória afetivo-sexual, em que foi apontada uma grande diferenciação de gênero: todos os rapazes entrevistados falaram abertamente sobre suas relações sexuais, enquanto que pouquíssimas moças alegaram que não eram mais virgens. Além do mais, quando se referiram aos descontentamentos com relação às experiências afetivo-sexuais, relacionaram-nos aos princípios religiosos que já estavam nelas, enquanto que os rapazes, além de narrarem as suas práticas sexuais sem culpa, não demonstraram insatisfação para com elas. No geral, recortes de gênero à parte, a autora afirma que todos os depoimentos dos jovens evidenciavam uma opinião inicial negativa sobre as relações sexuais.

Sabemos que há situações que fogem às expectativas com relação à vivência dos adolescentes: por exemplo, muitos deles, geralmente de camadas mais desfavorecidas, se veem diante de acontecimentos não planejados, como uma gravidez, a necessidade de trabalhar para se manter e/ou ajudar nas despesas da família que muitas vezes redirecionam o rumo de suas vidas, a começar pelo abandono da escola (por motivos de não poder conciliar estudo com trabalho ou estudo com maternidade, ou até

mesmo por vergonha da menina grávida em se expor no ambiente escolar). Em determinados casos, os jovens podem vir a ser considerados pela família e pela comunidade como adultos, apesar de estarem situados na faixa de adolescentes (como acontece nas classes mais populares quando da ocorrência de uma gravidez e/ou de ocupação em trabalhos remunerados). Porém, em outros grupos o mesmo acontecimento (por exemplo, uma gravidez na adolescência), não implica, necessariamente, numa passagem à fase adulta, pois os jovens continuam sua dedicação aos estudos, morando na casa dos pais, às vezes nem constroem laços afetivos com o pai da criança etc.¹⁰¹

Nesse sentido, o fato de determinadas experiências serem vividas por um grupo de adolescentes e não por outro, não significa que um deles esteja vivendo fora de seu “tempo”. Isso implica que a concepção de adolescência e de juventude (assim como a definição de outras etapas da vida humana), varia muito conforme o contexto social e cultural em que os sujeitos estão inseridos. Como já mencionei em outros momentos, é o processo percorrido, com toda a carga de experiências e sentidos atrelados, que irão significar e definir a(s) adolescência(s). Segundo Heilborn:

a passagem para a vida adulta apresenta especificidades segundo as diferentes condições materiais de existência e os diferenciais de gênero e de raça/cor que condicionam as trajetórias juvenis. Essas características socioculturais fazem com que os perfis e percursos juvenis se apresentem muito heterogêneos quando comparados ao verificado em países desenvolvidos. (2006,p.41)

Para as ciências sociais, a adolescência e juventude são noções “historicamente datadas”¹⁰², e, sob esse ponto de vista, abordá-las na perspectiva de processo, é uma estratégia que pode ser muito eficaz na compreensão dos perfis e dos itinerários dos indivíduos que vivenciam essa etapa da vida. Para Heilborn (2006), o foco deve incidir sobre um grupo de pequenas e contínuas experiências que modulam a socialização dos indivíduos, que podem ocorrer simultaneamente: a iniciação sexual, a inserção no mundo do trabalho, a utilização de métodos contraceptivos ou não, a gestação, o aborto ou parentalidade, a socialização maior ou não com o grupo de pares etc.

Em síntese, neste capítulo, ao ter pretendido analisar os significados que a sexualidade tem para os jovens adolescentes, bem como as suas práticas afetivas e

¹⁰¹ Heilborn, 2006

¹⁰² idem

sexuais, comecei abordando a sexualidade como mediadora das relações sociais entre os jovens, e como uma prática muito relevante na passagem de uma etapa da vida a outra. Foi esclarecido, para tanto, que a sexualidade está sendo empregada sob o ponto de vista socioantropológico, que a analisa com base na sua interação com a socialização e a aprendizagem dos adolescentes. Foi apresentada também uma discussão sobre a construção das relações de gênero, no intuito de auxiliar na análise dos relatos dos adolescentes sobre suas vivências e performances sexuais.

Partindo dessas considerações, foram expostos os relatos dos adolescentes, quando foram demonstradas suas opiniões, suas inquietações, impressões, enfim um pouco de suas vivências afetivas e sexuais, desde as apreciações sobre a sexualidade em si (que eles entendem como ato sexual), sobre a fidelidade, homossexualidade, o casamento, o ter filhos, até suas próprias práticas, como o ficar, o namorar, a “primeira vez”, a “perda” da virgindade. Ficaram expressas nas suas falas, direta e indiretamente, concepções sobre as representações de gênero, em alguns momentos mais flexíveis, disputando lugar com valores tradicionais que apareceram noutros momentos, apontados pelas diferenciações de gênero instituídas historicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Conflitos” e “Interesses”: impasses nos percursos sexuais adolescentes

Em alguns momentos dessa tese enfatizei que as escolhas e os caminhos trilhados durante a pesquisa, em todas as suas fases, são, muitas vezes, confusos, incertos, conflituosos. Para completar o que eu já tinha ciência a esse respeito, concluo que esses caminhos são repletos de dificuldades que ora estimulam a busca cada vez mais incessante pelo objeto/sujeito escolhido, e em outros momentos desanimam o pesquisador, que, só depois de novas tentativas, se descobre, mais uma vez entusiasmado, retomando assim o seu trabalho, carregando consigo a certeza cada vez maior de que em cada etapa da sua pesquisa estão envolvidos seus sentimentos, suas escolhas, que irão ser decisivos nas suas análises e interpretações.

Acredito que, por ser este um trabalho sociológico, essas características se apresentem com mais veemência, sobretudo por se tratar de uma investigação baseada numa abordagem qualitativa, onde o muito pode significar pouco e o pouco representar muito. E a busca por esse muito ou pelo menos por mais um pouco, torna-se, às vezes, angustiante, principalmente quando se tem a clareza de que as perguntas e as respostas estão na sua frente, porém, a capacidade de elaborá-las (as perguntas) e descobri-las (as respostas), depende exclusivamente de você/pesquisador. No caso, de mim, pesquisadora.

Mencionei, em determinado momento, que, devido a determinadas características que envolvem o tema da sexualidade, as pesquisas sobre o comportamento sexual podem apresentar muitas dificuldades. O que constatei, com respeito a isso, é que nas entrevistas presenciais e nos poucos encontros com os grupos focais, os informantes demonstraram mais constrangimento e insegurança do que nas entrevistas *on-line* (principalmente no caso das meninas). Tanto é que, em alguns casos, só consegui obter dados mais precisos quando completei as entrevistas pela Internet. Acredito que isso já era de se esperar, em se tratando do que representa essa ferramenta. No entanto, eu tive muitas dúvidas no início da pesquisa, inclusive sobre o nível de proximidade que eu teria com os meus informantes, sobretudo porque alguns deles não me conheciam nem eu a eles. Mesmo assim, mantivemos um nível de intimidade importante, que nos permitiu dar prosseguimento aos nossos encontros virtuais, tendo

em vista que muitas vezes as entrevistas não se esgotaram num só encontro. Não pretendo, com isso, sugerir que o recurso à pesquisa em *Rede* seja mais eficiente do que outros, mas apenas destacar que, uma vez que são os jovens os maiores usuários hoje da Internet, e que, além disso, mantém diariamente e intensamente um nível de socialização com outras pessoas através da *Rede*, esse meio torna-se, não apenas um instrumento de coleta de dados importante, mas também uma fonte muito rica de conhecimento.

Como assinalei em toda a tese, o adolescente é múltiplo e particular. Cada um deles compõe a sua trajetória atravessada pelas mais diversas circunstâncias. Foram essas características múltiplas e singulares que (des) orientaram as questões e as reflexões que pude elaborar, na certeza de que nenhuma delas ficou acabada, pelo contrário, elas devem suscitar mais questionamentos.

O problema que trouxe nesta tese foi o seguinte: De que forma os adolescentes estão vivenciando sua sexualidade. No entanto, a partir da escolha metodológica, ou seja, dos meios pelos quais eu utilizaria para abordar os informantes – no caso, principalmente as entrevistas – tornei mais restrito o problema em questão: Que sentido os adolescentes dão para suas experiências com a sexualidade. Além disso, limitando o meu universo pesquisado quase completamente aos usuários de *redes sociais* (especificamente o *Facebook*), o problema se definiu então como: como os adolescentes *em rede* significam as suas experiências sexuais. Ou seja, como os adolescentes relatam o que sabem sobre a sexualidade, a partir de suas próprias experiências. Portanto, todas as reflexões construídas nesta tese partem do sentido proferido pelos sujeitos a respeito do tema da sexualidade, e lembrando que o sentido também por mim interpretado, a partir da minha interlocução com eles. Tendo em vista que os sujeitos se constroem e se expressam em diversos ambientes sociais, e considerando que os adolescentes de nossa sociedade ocupam grande parte do seu tempo na Internet, foi nesse espaço virtual que fui abordá-los.

Relembrando de onde parti, sobre as questões que suscitei, o que pretendi analisar e confirmar, uma questão maior me direcionou à análise do problema da sexualidade na adolescência: a relevância desse exercício durante a adolescência. Como Meinerz (2004), eu parti do entendimento de que a sexualidade deve ser considerada como um “marcador” social de fases da vida dos indivíduos. Isso por considerar também que, diante das diversas transições existentes durante a adolescência, a passagem à sexualidade com parceiro é a que tem “maior repercussão” (Heilborn,

2006). É nessa fase dos contatos mais intensos de amizade na escola, na vizinhança, nos diversos tipos de recreação, nas festinhas que muitos garotos e garotas a partir dos 14, 15 anos começam a frequentar outros ambientes sem a presença dos pais, começam os passeios com os pares, que as experiências mais intensas e mais expressivas relacionadas à afetividade/sexualidade vão se construindo, e sendo trocadas entre os indivíduos. Partindo desse entendimento, elaborei várias questões, que foram expostas durante esse trabalho, sobre temas e práticas afetivas/sexuais, como o namoro, o ficar, a iniciação sexual, a virgindade, etc., na intenção de verificar que aspectos são marcantes para as/os adolescentes nas suas trajetórias sexuais.

Com isso, eu precisaria, antes de tudo, entender também o que foi marcante na sua infância para eles (ou seja, no período que eles concebiam como sendo anterior à adolescência), bem como na adolescência que estava sendo vivida, e a partir de quando eles entendiam que eram adolescentes. Eu precisava ter essas informações para compreender o processo vivenciado por eles, tendo em vista que o meu entendimento, desde o início, era de que não há uma só passagem ou transição de uma fase de vida à outra, mas sim um processo de episódios que vão possibilitando a realização de percursos de vida heterogêneos. Isso também tendo em vista que são as trajetórias individuais e coletivas que dão sentido às formas de subjetivação que vão sendo elaboradas pelos sujeitos, mas também não descartando a ideia de que os adolescentes não são meros reflexos das estruturas nem das interações contextuais, mas que também são agentes com capacidade de refletir e de interferir no curso de suas vidas.

Quando decidi utilizar a Internet como o principal meio de diálogo com os sujeitos pesquisados, eu já levantava uma questão a priori: será que, por consistir num espaço de troca de experiências, inclusive sexuais, tão revelador nos dias de hoje, transformando o privado em público, numa “explosão discursiva” da sexualidade (Foucault, 1988), a Internet facilita a difusão dessas mesmas experiências?

Neste ponto, podemos conjugar algumas contribuições que considero importantes:

Sobre a questão relacionada à Internet, as primeiras considerações foram feitas logo no início dessas minhas últimas reflexões, quando falei sobre a facilidade com que eu tive em iniciar e dar andamento à minha pesquisa. Porém a questão também diz respeito aos dados que me foram repassados, ao que falaram e a como falaram, ao que consegui apurar nas abordagens *on-line*. Sobre essa questão, lembrando o que foi

ressaltado nesta tese, os mundos *on-line* e *off-line* não são separados totalmente (Miskolci 2009). O fato de ser um discurso veiculado pela internet não significa que seja fictício. O mundo virtual e o mundo real se confundem e se complementam, na medida em que aquele passa a se inserir cotidianamente e intensamente no universo das relações que são construídas pelos sujeitos. As narrativas dos sujeitos, como o autor enfatiza, provêm de sensações de seus corpos que existem no mundo real. Portanto, a Internet não é simplesmente um recurso metodológico ou uma fonte de dados. No caso dessa pesquisa, a Internet é também parte da realidade vivida pelos sujeitos adolescentes.

Inicialmente, sobre o significado da adolescência, especificamente, essa tese colaborou para o debate atual em determinados pontos:

- Confirmou que a adolescência é uma construção social, compreendida como um tempo do ciclo da vida, que pode sofrer mudanças conforme o contexto. Nesse sentido, ela é influenciada por valores construídos no meio familiar, nos diversos espaços e relações cotidianas, e, sobretudo, nas relações construídas entre os pares;
- Os relatos dos adolescentes demonstram que eles encontram-se num “cruzamento temporal”¹⁰³, em que o passado e o presente estão conectados, não existindo, portanto, uma quebra de um tempo etário a outro. Não se saiu totalmente de uma etapa, não se abdicou totalmente de suas experiências, embora sejam “forçados” a fazê-lo por questões relacionadas a determinadas expectativas sociais;
- Por outro lado, o consenso de determinadas posturas dos adolescentes que reproduzem o discurso adulto sobre o despreparo para a vivência da sexualidade no seu grupo etário, deixa claro a percepção que eles têm que, no campo da sexualidade, a adolescência é uma fase da vida de preparação para a vida adulta em que a sexualidade ocupa um lugar ambíguo – ora celebra-se sua descoberta, ora teme-se que sua prática precipite o adolescente para um outro momento de vida, incompatível com a proibição hegemônica;
- Os depoimentos colhidos revelam que o aprendizado das relações afetivas e sexuais é um acontecimento bastante relevante durante a adolescência.

¹⁰³ FRANCH, 2010

Isso ficou ressaltado, não só em algumas passagens da infância à adolescência, mas principalmente na vivência da etapa atual. Ficou entendido que o processo de construção da sexualidade, como um todo, tem início na adolescência, porque é nessa época que as referências à relação afetiva e sexual com parceiro se estabelecem.

Os relatos dos adolescentes me permitem afirmar que o masculino e o feminino exercem seus respectivos papéis de maneira distinta mas, não necessariamente, oposta:

Existe um predomínio, sobretudo nas expressões das meninas, de um discurso adulto, objetivo, racional e preventivo, como se, muitas vezes, as questões sexuais fossem externas a elas, desconsiderando seu momento, suas próprias necessidades. Assumindo um discurso adulto, elas se sentem autovigiadas por um controle familiar e social, e demonstram viver num abismo entre o ceder às “pressões” masculinas e preservarem sua imagem diante dos outros homens. Muitas vezes o seu desejo é sucumbido e se transforma numa ameaça ao uso da razão. Os valores sexuais femininos são racionalizados em todo o processo: do ficar até a prevenção às DSTs e gravidez.

Além das expressões “adultocêntricas” utilizadas pelas meninas, há também uma recorrência de falas sublinhando uma postura vitimada com relação à posição masculina no campo da sexualidade. O termo “pressão” dos meninos é bastante utilizado quando elas se referem à conquista para o ato sexual. Além desse termo, outra expressão citada por elas como a “entrega” ao parceiro no ato sexual, demonstra como elas percebem o grau de passividade feminina nos relacionamentos sexuais.

Os discursos masculinos são divididos entre uma postura machista e uma mais próxima ao discurso feminino. Ou seja, temos de um lado os que destacam a virilidade masculina e o descontrolo sobre os desejos sexuais, e outros dizem não se importar com o sexo, em não fazer muita questão de sexo. Entre os nove rapazes pesquisados, dois não colocam a prática sexual numa posição soberana em relação a outras atividades e interesses. Entre os nove rapazes informantes, cinco (mais da metade) apresentaram pontos de vista que não representam o modelo tão propagado de exaltação da virilidade masculina. Eles não deixaram transparecer uma vivência acentuada com o sexo, e uma preocupação muito grande com a performance sexual (características muito enfatizadas pelas meninas ao se referirem às atuações sexuais dos

meninos). Portanto, os discursos femininos sobre as práticas sexuais masculinas nem sempre corroboram com os discursos masculinos sobre tais práticas.

Os relatos são unânimes: sexo na adolescência é uma coisa normal, comum. Como uma das meninas fala: “todo mundo faz”. Mas elas não fazem. Mesmo que eu considere que, enquanto pesquisadora, represente para a grande maioria daqueles/as jovens, a imagem do julgamento adulto e moral, há ainda que se considerar que a sexualidade é um campo “minado”, suscetível de muitos conflitos internos, subjetivos, talvez mais que externos, que se subjetivam e se materializam, não só nos discursos, mas também em atitudes. Há um discurso feminino predominante com relação à sexualidade: de defesa: a defesa da boa imagem, que, no caso, não é tanto a defesa da virgindade em si, mas da “virgindade moral” (Heilborn, 2006), ou seja, de que suas práticas sexuais não se tornem públicas, principalmente diante de outros meninos. Portanto, não é a virgindade que deve ser, a todo custo, preservada, mas a garantia de que ela será ressaltada publicamente¹⁰⁴, sobretudo, pelos possíveis parceiros.

As meninas percebem que são estigmatizadas se ficarem com muitos meninos e/ou se transarem antes do casamento¹⁰⁵. No entanto, elas lidam com esse estigma de duas formas conflituosas, porém racionais, na ótica da “sobrevivência” moral: reagem contra esse estigma - quando criticam os valores predominantes dentro da sociedade, que estimulam as desigualdades dos papéis sexuais de gênero, e quando, portanto, invejam a liberdade sexual que os meninos desfrutam – e, ao mesmo tempo, reproduzem esse estigma nos seus discursos sobre sua atuação sexual.

Os homens são estigmatizados pelo contrario, quando não exibem uma performance sexual ativa e intensa. Diferentemente das meninas, eles não estão reproduzindo muito esse estigma nos seus discursos, uma vez que estão adotando performances mais descomprometidas com a marca da virilidade. A ênfase discursiva das meninas sobre o perfil de garanhões, impulsivos e descontrolados dos meninos, não corresponde totalmente ao discurso dos meninos sobre sua atuação sexual:

O discurso predominante masculino se restringe mais a sua atuação em si, reduzido a sua própria performance (com poucas exceções), mesmo que essa performance não coincida com o que na maioria das vezes se espera de uma atuação masculina;

¹⁰⁴ ALTMANN, 2007

¹⁰⁵ GOLDENBERG 2006

Na realidade observada, a sexualidade é expressa de diferentes formas pelo discurso adolescente feminino e masculino, que sugere a vivência do que chamo aqui de “conflitos” e “interesses” masculinos e femininos, a partir dos quais fica demarcada a roteirização de gênero diferenciada:

A expectativa da “primeira vez” é racionalizada para as meninas, de forma que devem preceder alguns elementos que elas consideram como fundamentais: o sentirem-se amadas, seguras, confiantes: o chamado por elas de “momento certo”. Aqui o que importa mais é que sua imagem não seja denegrida. Com essa preocupação, essa se torna uma performance de “conflitos”. No caso dos meninos, ela subentende os “interesses” (uma vez que eles têm liberdade para se iniciar sexualmente com quem quiser e quando quiser), e também “conflitos”, já que por ser preestabelecido que o sexo para o homem é algo natural e representa a afirmação da sua virilidade, eles são cobrados a desempenharem essa performance, independente de sua vontade. E, ao contrário da menina, a sua sexualidade deve tornar-se pública.

Da mesma forma, no ficar, que subentende uma liberdade maior de experimentações com vários parceiros (já que não se exige de nenhuma das partes nenhum tipo de compromisso), é uma situação que implica em “interesses” para os meninos, pois eles têm total liberdade de ação, mas, ao mesmo tempo, em “conflitos”, uma vez que se espera que eles fiquem com várias meninas, o que nem sempre é de seu interesse. As meninas tentam não expor as “ficadas” também para não serem alvo de preconceito. Portanto, o “interesse” que está no campo do desejo puro e simples, acaba sendo sobreposto pelo “conflito” para elas.

No namoro, considero que há “conflitos” e “interesses”, no caso das meninas, pois sendo uma relação estável, em que o envolvimento afetivo é mais sólido, é uma performance de “interesses”, porém, o sentir-se “pressionada” a partir de um certo tempo, pelo namorado, a ceder as suas vontades sexuais (que também podem ser as delas), acaba por se apresentar como uma performance de “conflitos”. No caso dos meninos, o poder barganhar o sexo com a parceira (já que é uma relação estável), sugere uma situação confortável para eles, mesmo que ela não ceda, isso não será visto socialmente como uma incompetência por parte deles, porque outros aspectos estão aí envolvidos, como, por exemplo, a reputação da namorada. Portanto, é uma performance masculina de “interesses”.

Quanto à prevenção às DSTs e gravidez na adolescência, os “conflitos” se apresentam muito mais no entendimento das meninas do que no dos meninos, tendo em

vista que a racionalização do ato sexual (o uso de métodos preventivos e/ou a capacidade de se reprimir sexualmente) é compreendida como sendo muito mais uma atitude feminina.

A expectativa do casamento e de ter filhos para as meninas é bastante idealizada, portanto, subentende um grande “interesse” nessa performance. No entanto, esse interesse é pré-fabricado e institucionalizado pela sociedade, sobretudo em se tratando da mulher, que deve ser criada e educada para casar. Além do mais, se espera e se estimula que a mulher case e tenha filhos, e se isso, portanto, não faz parte dos planos dela, pode tornar-se uma área de “conflitos”. A mesma coisa para os homens: o não pretender casar nem ter filhos pode significar socialmente, inclusive, o questionamento sobre sua própria masculinidade. Nesse sentido, é uma atuação de “conflitos”.

Os padrões de gênero não são idênticos na socialização dos adolescentes. Conforme atenta Goldenberg (2006) com relação aos comportamentos sexuais dos jovens de hoje, para o fato de que tais posturas podem ter mudado numa tendência à igualdade, mas os discursos sobre o sexo ainda resistem às mudanças. Como já foi ressaltado na tese, os arranjos de modernização não diminuíram totalmente certas visões arraigadas sobre o gênero.

O controle sobre a sexualidade se exerce, principalmente, na adolescência. E esse controle se estabelece de fora, objetivamente, e internamente aos sujeitos. Na medida em que se produzem, vão se reproduzindo através das práticas construídas no processo de sociabilidade, e através dos discursos sobre tais práticas. Os conceitos e valores que estão descritos aqui na tese vão sendo produzidos e reproduzidos durante toda a trajetória da infância à adolescência, mas são efetivados na prática a partir da adolescência nos discursos do silêncio e da fala, do que é dito e do que não é dito (Foucault, 1988).

Vários fatores predominantes no campo da sexualidade (como o prazer, a prevenção, a visão sobre a homossexualidade, sobre a virgindade, sobre o aborto, as práticas sexuais, etc.) embora sejam vividos atrelados em cada trajetória de vida adolescente a aspectos particulares, são compactuados cotidianamente dentro do grupo etário, numa total cumplicidade, o que talvez não verifiquemos em outras etapas da vida (nem na infância – onde os pais representam a referência mais importante - e muito menos na fase adulta – quando a profissão e a edificação de uma família (com companheiro(a) e filhos) normalmente se torna a principal meta a ser traçada). Isso ocorre porque embora as vivências e realidades no cotidiano dos adolescentes sejam tão

dísparos sob vários aspectos sociais e culturais, de uma maneira geral, os códigos de amizade, de afetividade, enfim de reconhecimento de grupo são definidos e reproduzidos entre eles, e o cumprimento a esses identificadores vai contribuir para a sua aceitação no grupo e para a sua importância dentro dele. Por outro lado, esse é um momento específico de aprendizagem, em que os pares podem contar uns com os outros, pois compactuam com experiências próprias, sem que pesem os julgamentos tão comuns nas interlocuções dos adultos. Nesse processo, eles tornam-se cúmplices e vigilantes nas jornadas do grupo e de cada um individualmente.

Quando afirmei que a sexualidade é um campo “minado”, me refiro à diversidade de complicadores que estão interligados a ela. Há conformidades nos discursos tanto masculinos quanto femininos em relação a determinadas posturas, que acabei de frisar, porém há desequilíbrios nas cadências que podem nos auxiliar a encontrar, muitas vezes, outras pistas que auxiliem a maiores reflexões sobre o tema.

Uma das meninas demonstra uma fuga às expectativas relacionadas às atuações femininas no campo da sexualidade, quando enfatiza sua falta de interesse pelo casamento, e em ter filhos futuramente, assim como acha uma grande bobagem a valorização da virgindade (apesar de afirmar que ainda é).

Alguns elementos foram realçados nos discursos dos jovens que incitam reflexões sobre os sentidos múltiplos da atuação sexual, que em certas ocasiões se moldam às expectativas mais conservadoras predominantes na sociedade atual, em outras situações rompem de alguma forma com os padrões estabelecidos, e em outros momentos, não assumem formas bem demarcadas, oscilando entre uma performance mais livre de preconceitos, e um desempenho fincado nos valores familiares apreendidos.

Acredito que a compreensão das representações sociais dos adolescentes acerca da iniciação sexual terá sua contribuição na avaliação e encaminhamento dos trabalhos desenvolvidos com os adolescentes auxiliando nas discussões e reflexões acerca da vivência da sexualidade.

Olhando para frente, percebo que o campo da sexualidade revela uma diversidade de posturas, de princípios envolvidos, que ora se identificam com o meio social e cultural em que os adolescentes se inserem, ora se repercutem a tempo mais remoto ainda, ora toma uma forma diferenciada do contexto. Fica claro que é um campo muito rico para o entendimento das interações entre os adolescentes, sobretudo na construção e reprodução dos roteiros de gênero. E, nesse sentido, necessita ser analisado

cada vez mais com elementos apropriados e com maiores e inovadoras estratégias de conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMO, H. W. **Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994. (Capítulo 2)

_____. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, ANPED, nº 5-6, maio a dezembro, 1997.

_____. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M.V. (org.) **Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais**. Ação Educativa, São Paulo, 2005.

ADORNO, R. C.F, ALVARENGA, A.T.de. e VASCONCELOS, M. da. P.C.(org.). **Jovens, Trajetórias, Masculinidades e Direitos**. São Paulo: Fapesp: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

ALBUQUERQUE, F.M.F. **Ciberativismo do Consumidor: retaliação e vingança de consumidores em comunidades virtuais antimarca**. 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

ALMEIDA, M.V. **Antropologia e Sexualidade: Consensos e Conflitos Teóricos em Perspectiva Histórica**. In: A Sexologia, Perspectiva Multidisciplinar, org. Lígia Fonseca, C. Soares e Júlio Machado Vaz, Coimbra: Quarteto, vol. II, pp. 53-72.

ALTMANN, H. **Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições**. Estudos Feministas. Florianópolis, 2007.

ALVIM, R. Olhares sobre a Juventude. Comunicações do ISER: ano 21, Edição Especial: **Juventude, Cultura e Cidadania**, 2002.

AMARAL, A. **Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da Web**. revista Fronteiras – estudos midiáticos 11(1): 14-24, janeiro/abril 2009 © 2009 by Unisinos – doi: 10.4013/fem.2009.111.02.

_____. **Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas**. REVISTA USP, São Paulo, n.86, p. 122-135, 126 junho/agosto 2010.

AMARAL, A.; NATAL, G. e VIANA, L. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. Porto Alegre no 20 dezembro 2008 Famecos/PUCRS.

ANDRADE, M. A. R. e FRANCH, M. “Eles não estão mais pra nada”. **Sexualidade e processos de Envelhecimento na dinâmica do Programa saúde da família**. Dossiê – o final da vida no século XXI. DOI: 10.5433/2176-6665.2012v17n2p41.

ARAÚJO, M. L. M. de. A Construção Histórica da Sexualidade. In: RIBEIRO, M. (org.) **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**. São Paulo: Editora Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família** Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1981.

ARRUDA, A. **Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero**. Cadernos de Pesquisa, n. 117, n. 1v.7 2002.

AZEVEDO, T. de. **Ciclos da vida: ritos e ritmos**. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios).

BARBIERI, T. de. **Sobre a categoria de gênero: uma introdução teórico-metodológica**, Edição SOS CORPO, Recife, 1993.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

BOMBONATTO, Q. O sentido da escola. In: Revista Mente&Cérebro: **O olhar adolescente: caminhos da cognição**, vol. 3, Duetto, Pinheiros, São Paulo, 2007

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

_____. (1986). De quoi parle-ton- quand on parle du ‘problème de la jeunesse?’. In: PROUST, Fran-çois (Org.). Les jeunes et les autres: contributions dessciences de l’homme à la question des jeunes. Vauresson: CRIV.

_____. Uma Imagem ampliada (cap. I) In: **A Dominação Masculina**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. Anamnese das Constantes Ocultas (cap. II) In: **A Dominação Masculina**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOZON, M. 2004. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas

BRANDÃO, E. R. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: HEILBORN, M.L., **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. **Desafios da contracepção juvenil: interseções entre gênero, sexualidade e saúde**. Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

BRANDÃO, E.R. e HEILBORN, M.L. **Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro**, Brasil. Cad, Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2006

BRETON, D. Le. **A Sociologia do Corpo**, 2.ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CALAZANS, G. **Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão**. In: ABRAMO, H.W. e BRANCO, P.P.M. (orgs.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005, 448 pp. Disponível em http://www.uel.br/prograd/gepe/materiais/retratos_juventude_brasileira.pdf

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, (capítulo 4)

CASTRO, M.V.; ABRAMOVAY, M. e SILVA, L.M.da. **Os jovens e a sexualidade: um panorama da realidade brasileira**. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(2): 437-456, maio-agosto/2005.

CITELI, M. T. **A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002)- revisão crítica**, coleção documentos, Rio de Janeiro, CEPESC, 2005.

_____. **Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento**. Estudos Feministas, 2001

CORRÊA, L.M.S.B. **É Namoro ou Amizade? Estudo Etnográfico sobre Sites de namoro na Internet**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

COSTA, J. F. **A Construção cultural da diferença dos sexos**, (Conferência), 1985

DEBERT, G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M.M.Lins de. **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro, FGV, 2000.

_____. **A cultura adulta e a juventude como valor**. Texto apresentado no ST I magens da modernidade: mídia, consumo e relações de poder. ANPOCS, Caxambu, 2004

_____. As Classificações etárias e a juventude como estilo de vida. In: **A reinvenção da velhice**. São Paulo, Ed. Da USP/FAPESP, 1999.

_____. **Masculinidade, feminilidade e a reprodução das desigualdades**. cadernos pagu (30), janeiro-junho de 2008:409-414.

DUARTE, L.C. **Representações da virgindade**. cadernos pagu (14) 2000, pp.149-179.

DUNKER, C.I.L. Espelho, espelho meu. In: Revista Mente&Cérebro: **O olhar adolescente: corpos em transição**, vol. 1, Duetto, Pinheiros, São Paulo, 2007.

EISENSTEIN, E. **Adolescência: definições, conceitos e critérios**. Adolescência & Saúde. Revista Oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente/UERJ. Vol. 2 nº 2 - Abr/Jun - 2005. Disponível em http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167. Acesso em 07/08/2013.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1994.

El. Far, A. Ritos de Passagem. In: Revista Mente&Cérebro: **O olhar adolescente: espelhos da sociedade**, vol. 4, Duetto, Pinheiros, São Paulo, 2007

FEATHERSTONE, M. O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo. In: **Textos Didáticos** nº 13, IFCH/UNICAMP, 1994

FEIXA, C. A Construção Histórica da Juventude. In: CACCIA-BRAVA, Astuto; FEIXA PÀMPOLS, Carles, GONZÁLES CANGAS, Yanko. **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

_____. **Generación XX. Teorías sobre la juventud en la era contemporánea**. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud. Vol. 4, Nº. 2:..., 2006 revistacinde@umanizales.edu.co.

_____. **Generación @ La juventude En la era digital**. Nómadas (Col), núm. 13, octubre, 2000, pp. 75-91, Universidad Central. Colombia. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105115264007>.

FEIXA, C. e LECCARDI, C. **O conceito de geração nas teorias sobre juventude**. Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010.

FELIPE, J. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FERNANDES, M. F. M. **“Alguém Afim de TC Comigo?”(refletindo a família e as relações de gênero no ambiente virtual)**. Disponível em http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_Gen_ST30_Fernandes_texto.pdf

FERREIRA, F. A. **O campo religioso brasileiro: pesquisas e produção do conhecimento – à guisa do crescimento pentecostal**. Revista Espaço Acadêmico – Nº 106 – março de 2010. Ano IX – ISSN 1519-6186.

FERREIRA, N. **Relação conjugal prematura**. *Jornal da Paraíba*, Campina Grande, p.3. 4 nov. 2012

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988. 10ª Edição.

_____. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984. 1ª Edição.

_____. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985. 1ª Edição.

FORERO, E.A.S. **Cibersocioantropología de comunidades virtuales**. Revista Argentina de Sociología Año 5 N° 9 — ISSN 1667-9261 (2007), pp. 64-89.

FRANCH, M. **Amigas, colegas e “falsas amigas”. Amizade e sexualidade entre mulheres jovens de grupos populares**. Sexualidad, Salud y Sociedad REVISTA LATINOAMERICANA ISSN 1984-6487 / n.4 - 2010 - pp.28-52 / www.sexualidadsaludysociedad.org

FRANCH, M. Três Histórias: Tempo, Juventude e Gênero em contextos de exclusão social. In: SOUZA, Marcio F de. (org.) **Desigualdades de gênero no Brasil: novas ideias e práticas antigas**, Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010.

FRANCH, M. e LONGHI, M. Gênero e Geração na sala de espera: um estudo sobre jovens no Programa Saúde da Família em Recife. In: ALVIM, R., QUEIROZ, T. e JUNIOR (org.). **Jovens e Juventudes**. João Pessoa: Editora Universitária-PPGS/UFPB, 2005.

FREITAS, H. et al. **O método de pesquisa survey**. Revista de Administração, São Paulo, v. 35, n.3, p. 105-112, julho/setembro 2000. Disponível em http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/o_metodo_de_pesquisa_survey.pdf. Acesso em 30/07/2013.

GAGNON, J. H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**, Rio de Janeiro: Garamond, 2006

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991. (Biblioteca Básica).

_____. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Sociologia**, 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIFFIN, K. Poder e prazer: considerações sobre o gênero e a sexualidade feminina. In: RIBEIRO, M. (org.) **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**. São Paulo: Editora Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999.

GIULIANI, P.C. **Silenciosas e Combativas: as contribuições das mulheres na estrutura sindical no Nordeste – 1976 – ridA**. Fundação Carlos Chagas, 1987.

GOLDENBERG, M. **Mudanças e permanências: um olhar antropológico sobre as relações de gênero na cultura brasileira**. Estudos Feministas, Florianópolis, 2006.

GONÇALVES, B.G. e NUERNBERG, D. **A dependência dos adolescentes ao mundo virtual**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, Volume 46, Número 1, p. 165-182, Abril de 2012.

GROPPO, L.A. “Juventude como categoria social” In: **Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro, DIFEL, 2000.

HASSEN, M de N.A. **Grupos Focais de Intervenção no Projeto Sexualidade e Reprodução**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 159-177, junho de 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19081.pdf>. Acesso em 30/07/2013.

HEILBORN, M. L. et al. **O aprendizado da sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz. 2006

HEILBORN, M. L. Usos e Abusos da Categoria de Gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.) **Y Nosotras Latinoamericanas? Estudos sobre Gênero e Raça**. São Paulo, Fundação Memorial da América Latina, 1992.

HELLER, A. e FEHÉR, F. “Existencialismo, alienação, pós-modernismo: movimentos culturais como veículos e mudança nos padrões do cotidiano”, In: **A condição política pós-moderna**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

KNIBIEHLER, Y. A sexualidade depois da festa. **La sexualité el l’histoire**, Paris: Ed. Dile Jacob, 2002.

KOFES, S. Categorias Analítica e Empírica: **Gênero e Mulher: Disjunções, conjunções e mediações** (texto apresentado durante a XVIII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Belo Horizonte, 1992.

KOLTAY, C. Anos de Rebeldia. In: Revista Mente&Cérebro: **O olhar adolescente: Tempo de paixões**, vol. 2, Duetto, Pinheiros, São Paulo, 2007.

LEAL, A.F. e KNAUTH, D.R. **A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais**. In: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2006.

LECCARDI, C. **Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo**. In: Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 2005.

LEÓN, O.D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M.V. (org.) **Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais**. Ação Educativa, São Paulo, 2005

LEVI, G. e SCHMITT, J, “Introdução” In: **História dos Jovens**. São Paulo, Cia. Das Letras, 1996.

LOBO, E. **Homem e Mulher: imagens das ciências sociais**. In: Mulheres: da domesticidade à cidadania. Águas de São Pedro, ANPOCS, 1987.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G.L. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOYOLA, M.A. **A Antropologia da Sexualidade no Brasil**. PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 10 (1): 143-167, 2000.

MACHADO, P.S. **O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural**. Cadernos Pagu, 2005.

MADEIRA, F. R. **Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil**. Introdução., Rio de Janeiro:Record/Rosa dos Tempos, 1997

MARGARITES, A.P.F. e SPEROTTO, R.I. **Subjetividade e Redes Sociais na Internet: Problematizando as novas relações entre estudantes e professores na contemporaneidade**. CINTED-UFRGS Novas Tecnologias na Educação. V. 9 Nº 1, julho, 2011. <http://www.anped.org.br/app/webroot/34reuniao/images/trabalhos/GT16/GT16-1098%20int.pdf> Acesso em 05/08/2013.

MEAD, M. “A Jovem de Samoa e seu Grupo de Idade”. BRITO Sulamita(org.). **Sociologia da Juventude III**. Avida coletiva juvenil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968

MEINERZ, N.E. **Sexo, oração e rock’and’roll: um estudo antropológico das percepções de sexualidade de jovens a partir da vivência religiosa**. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v.7, n.1, p.123-144, 2004

MILLER, D. **Etnografia on e off-line: cibercafés em trinidad**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

MILLS, C. W. **A Imaginação Sociológica**, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

MISKOLCI, R. **O Armário Ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet**. Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem. 2009.

MORAES, A.F. A sexualidade de jovens em contextos de institucionalização. Razões, Emoções e Políticas. In: BARBOSA et AL (org.) **Interfaces – Gênero, sexualidade e saúde reprodutiva**. Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP, 2002.

MOTA, M.P. **Gênero e Sexualidade: fragmentos de identidade masculina nos tempos da AIDS**. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 14(1):145-155, jan-mar, 1998.

MÜLLER, E. “As palavras nunca voltam vazias”: reflexões sobre as classificações etárias. In: ALVIM, R., QUEIROZ, T. e JUNIOR (org.). **Jovens e Juventudes**. João Pessoa: Editora Universitária-PPGS/UFPB, 2005.

NETO, O. C.; MOREIRA, M. R; SUCENA, L. F. **Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação**. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto. Minas Gerais: 4 a 8 de novembro de 2002. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/38041122/Grupos-Focais-Otavio-Cruz-Neto-Et-Al> Acesso em 25/01/2013)

OLIVEIRA, T.R. **A atuação das mulheres nos distintos espaços sociais: um estudo sobre o gênero.** Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB. Campina Grande, Pb. 1995.

_____. **Confronto de Perfis Masculinos e Femininos dos dirigentes sindicais na Paraíba. O caso das entidades dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (S.T.R.) do Alto Sertão.** Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais. Campina Grande, Pb, 1988.

OSTERMANN, A.C. **Análise da Conversa (Aplicada) como uma abordagem para o estudo de linguagem e gênero: O caso dos atendimentos a mulheres em situação de violência no Brasil.** Athenea Digital, núm. 14, otoño, 2008, pp. 245-266, Universitat Autònoma de Barcelona Espanha. Disponível em <http://www.redalyc.org/pdf/537/53701416.pdf>.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis** (notas preambulares, capítulo 1, A transição dos jovens para a vida adulta. Conclusão). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

_____. **A Construção sociológica da juventude – alguns contributos.** Análise Social – volume XXV, 1990, 139-165.

PARKER, R. Homossexualidade masculina. In: RIBEIRO, M. (org.) **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde.** São Paulo: Editora Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999.

PASSOS, D. **Amor, Cuidado e Intimidade: A Invenção Moderna do Feminino.** In: VALE, Alexandre F.C./ PAIVA, Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes Editores, 2006.

PAULO, M. de A.L. de, **As construções das identidades e diferenças entre jovens rurais e urbanos em um pequeno município.** Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFCG, Campina Grande-Pb, 2010.

PEREIRA, C. de P. **A Sexualidade na Adolescência: os valores hierárquicos e igualitários na construção da identidade e das relações afetivo-sexuais dos adolescentes.** Dissertação apresentada para a Fundação Oswaldo Cruz: Escola Nacional de Saúde Pública, 2002

PEREIRA, F. G. Juventude Corpo: Novas Estéticas Alternativas. In: ALVIM, R., QUEIROZ, T. e JUNIOR (org.). **Jovens e Juventudes.** João Pessoa: Editora Universitária-PPGS/UFPB, 2005.

PEREIRA, V.A. **A teia sócio-digital, chat moo e a sociabilidade contemporânea.** 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

PERES, F. e ROSENBERG, C. P. **Desvelando a Concepção de Adolescência/Adolescente Presente no Discurso da Saúde Pública.** Saúde e

Sociedade 7(1): 53-86, 1998. Disponível em
<<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v7n1/04.pdf>. Acesso em: 15 abril de 2013.

PERROT, M. **“Na França da Belle Époque, os “Apaches”, primeiros bandos de jovens.”** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988

PESSOA, A. M. Razões e Emoções Silenciadas das Representações da Violência e Juventude no Espaço Público. In: ALVIM, R., QUEIROZ, T. e JUNIOR (org.). **Jovens e Juventudes**. João Pessoa: Editora Universitária-PPGS/UFPB, 2005.

PIRES, F. **Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica**. Revista de antropologia, São Paulo, usp, 2007, v. 50 nº 1.

PISCITELLI, A. Ambivalência sobre os conceitos de Sexo e Gênero na produção de algumas teóricas feministas. In: AGUIAR Neuma, **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde à perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

_____. **Viagens e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual**. Cad. Pagu no.25 Campinas July/Dec. 2005. Disponível em
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332005000200011&script=sci_arttext

POCAHY, F.A. e NARDI, H.C. **Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social**. Estudos Feministas, Florianópolis, 2007.

PRIORE, M. D. Adolescentes de ontem. In: Revista Mente&Cérebro: **O olhar adolescente: espelhos da sociedade**, vol. 4, Duetto, Pinheiros, São Paulo, 2007.

RIBEIRO, J.S.B. **Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças**. Cadernos Pagu, 2006.

RICARTE, R. **A primeira vez dos garotos....** Correio da Paraíba, João Pessoa, p.H1. 18 jul.2010

_____. **Virgindade**. 79,2% dos paraibanos perdem antes dos 18 anos. *Correio da Paraíba*, João Pessoa, p. H5. 23 mai.2010.

ROCHA, A. M.M. **As trocas interpessoais na Internet: privacidade e sociabilidade na era na cibercultura**. 2010. 199 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, 2010.

ROSISTOLATO, R.P.R. **Gênero e cotidiano escolar: dilemas e perspectivas da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes**. Estudos Feministas, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009.

ROUCO, J J.M. Aspectos sociais e culturais. In: RIBEIRO, M. (org.) **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**. São Paulo: Editora Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999.

SAFFIOTI, H. I.B. As vítimas preferidas da violência de gênero. In: RIBEIRO, M. (org.) **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**. São Paulo: Editora Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999.

_____. Gênero e Patriarcado. In: CASTILLO-MARTIN M. e OLIVEIRA, S. (org.). **Marcadas a ferro: violência contra a mulher: Uma visão multidisciplinar**. Brasília: SPM., 2005.

_____. Conferência: O Segundo Sexo à Luz das Teorias Feministas Contemporâneas. In: MOTTA, A.B. SARDENBERG, C. e GOMES, M. (org.) In: MOTTA, A.B. SARDENBERG, C. e GOMES, M. (org.) **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Salvador: NEIM/UFBA, 2000.

SALLAS, A.L.F. e BEGA, M.T.F. **Por uma Sociologia da Juventude – releituras contemporâneas**. Política e Sociedade Nº 8, abril de 2006.

SCHINDLER, N. “Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna”. In: **História dos Jovens**, São Paulo, Cia. das Letras, 1996.

SCHMIDT, J. P. **Juventude e Política no Brasil: a socialização política dos jovens na virada do milênio**, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

SILVA, D.F. A. **Do outro lado do espelho: anorexia e bulimia para além da imagem – uma etnografia virtual**. 2004. 130 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 2004.

_____. **Histórias de vida com transtornos alimentares: gênero, corporalidade e a constituição de si**. 2011. 292 f. Doutorado (Tese de Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 2011.

SILVA, L.A.V da. **A cibersexualidade e a pesquisa online: algumas reflexões sobre o conceito de barebacking**. Interface - Comunic., Saude, Educ., v.14, n.34, p.513-27, jul./set. 2010. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000300004&lang=pt.

SILVA, R.S da. e SILVA, V.S da. **Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios**. Cad. CRH vol.24 no.63 Salvador Sept./Dec. 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792011000300013&script=sci_arttext (Acesso em 07/08/2013).

SIMMEL, G. **Questões Fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SOUZA, C.Z.V.G. **Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites**. Scielo, Última década, v.12, n. 20. Santiago, 2004.

SOUZA, M. A. A. de, A Juventude no Plural: anotações sobre a emergência da juventude. In: ALVIM, R., QUEIROZ, T. e JUNIOR (org.). **Jovens e Juventudes**. João Pessoa: Editora Universitária-PPGS/UFPB, 2005.

SPOSITO, M. P. **Juventude: Crise, Identidade e Escola**, 2007

TAKEUTI, N. M. **No outro lado do espelho: a fratura social e as pulsões juvenis**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

TORRES, M.R. Sexo, prazer e dor. Vivências sexuais na fala de adolescentes pobres de Salvador. In: BARBOSA et AL (org.) **Interfaces – Gênero, sexualidade e saúde reprodutiva**. Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP, 2002.

VITIELLO, N. Gravidez na Adolescência. In: RIBEIRO, M. (org.) **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**. São Paulo: Editora Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999.

WEBER, F. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

WEEKS, J. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, G.L. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WELLER, W. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim**. In: Revista, Sociedade e Estado-volume 25, nº 2, maio/agosto 2010.

_____. **Gênero e Juventude**. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005.

_____. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentese jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf> Acesso em 30/07/2013.

ZAGO, L.F. “Armários de vidro” e “corpos-sem-cabeça” na biossociabilidade gay online. Comunicação, Saúde e Educação v.17, n.45, p.419-31, abr./jun. 2013.

_____. **Caça aos homens disponíveis”: corpo, gênero e sexualidade na biossociabilidade gay online**. Sexualidad, Salud y Sociedad REVISTA LATINOAMERICANA

ISSN 1984-6487 / n.13 - abr. 2013 - pp.83-98 / Zago, L.F. / www.sexualidadsaludysociedad.org

SITES:

http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167 Acesso em 07/08/2013

<http://www.blogmidia8.com>. Acesso em 23/01/2013)

<<http://www.citybrazil.com.br>. Acesso em 31/03/2013

<http://diariodobrejo.com/o-desafio-de-uma-gravidez-precoce/> Acesso em 03/04/2013)

<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2012/10/pesquisa.tic.kids-online-brasil>. Acesso em 21/01/2013)

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250400> Acesso em 18/08/2013

<http://joaoesocorro.wordpress.com/2012/07/14/paraiba-e-o-estado-mais-homofobico-do-brasil-e-lidera-numero-de-mortes-de-gays-no-nordeste/> Acesso em 02/04/2013)

<http://mapadaviolencia.org.br/mapa2012.php>. Acesso em 02/04/2013

<http://montanhasrn.wordpress.com/2013/03/05/numeros-alarmantes-113-mulheres-foram-assassinadas-em-apenas-dois-meses-na-pb/> Acesso em 03/04/2013)

<http://www.significados.com.br> Acesso em 18/01/2013)

<http://www.tobeguarany.com>. Acesso em : 21/01/2013).

<<http://www.violenciacontramulher.pb.gov.br> Acesso em 03/04/2013)

<http://www.wiki.icmc.usp.br> Acesso em 23/01/2013

pt. http://pt.wikipedia.org/wiki/Portal:Campina_Grande. Acesso em 31/03/2013)

ANEXOS

ANEXO 1

Perfil dos adolescentes entrevistados

Nome (fictício)	Se xo	Idade	Atividade	Série que estuda	Tipo de escola	Profissão dos pais	Profissão desejada	Dados coletados através:
Renata	F	15	Estudante	1º .Médio	Particular	(P)Motorista; (M)Assist.Social	Farmácia	Face book
Duda	F	16	Estudante	2º E. Médio	Particular	(P)Administrador; (M) Professora	Engenharia Elétrica	Face book
Rafa	M	17	Estudante	3º E. Médio	Particular	Professora	Engenharia Elétrica	Face book

João	M	16	Estudante	8º	Particular	(P)(vive de bico); Atriz	Polícia Civil	Face book
Marina	F	17	Estudante	Cursinho	Particular			Face book
Fred	M	15	Estudante	8º	Particular	(P)Trab.Secret.Interiorizaç ão; (M)Trabalha numa ONG	Não sabe	Face book
Laura	F	15	Estudante	2º	Particular	(P)Professor; (M)Trabalha na Sec. Cultura do Estado	Arquitetura	Face book, entrev, aprof. e texto pela internet
Luísa	F	15	Estudante	2º	Particular	(P)Construtor; (M)Professora	Promotoria	Face book
Luana	F	16	Estudante	2º	Pública	(P) Trabalha na Coca- Cola; (M)Dona de casa	Nutrição	Entrev. Aprof. e texto pela internet, GF
Clara	F	16	Estudante	3º	Particular	(P)Economista; (M)Psicóloga	Medicina	Face book

Marcelo	M	17	Estudante	2º	Particular	(M)Trabalha Hemocentro	Direito	Face book, entrev. Aprof., texto via internet. GF
Evelyn	F	17	Estudante	2º	Particular		Arquitetura	Face book
Bruna	F	16	Estudante	2º	Particular	(M)Tabeliã	Advocacia	Face book
Beatriz	F	15	Estudante	1º	Particular	(M)Coordenadora de uma ONG	Promotoria	Face book, ent.aprof. texto via internet
André	M	17	Estudante	2º	Particular	(P)Aposentado; (M)Professora	Engenharia Ambiental	Face book
Rita	F	16	Estudante	1º	Pública	(P)Trabalha na Coca-Cola; (M)Dona de casa	Polícia Federal	GF, ent. Aprof.
Teresa	F	14	Estudante	1º	Pública			GF, texto via internet

Carlos	M	16	Estudante	2º	Particular	(P)Funcionário Público; Professora	Ciência da Computação	Face book
Alessandra	F	17	Estudante		Particular			Texto via internet; GF
Patrícia	F	14	Estudante	1º	Pública			GF
Sandra	F	15	Estudante	1º	Particular			Texto via internet
Kátia	F	15	Estudante	1º	Particular			Texto via internet
Marly	F	15	Estudante	1º	Particular			Texto via internet
Sônia	F	15	Estudante	1º	Particular			Texto via internet
Pedro	M	16	Estudante; Faz “bico”	1º	Pública			GF

Tiago	M	16	Estudante	2º	Particular			Face book; texto
Ruth	F	15	Estudante	2º	Particular			GF
Paulo	M	16	Estudante	2º	Particular			GF

ANEXO 2

ROTEIRO DE DEBATE PARA OS GRUPOS FOCAIS – GF

Questão-chave:

- 1- O que os adolescentes entendem por sexualidade

Temas relacionados:

- a) Ato sexual
- b) Relação com o corpo
- c) Relação com os sentimentos
- d) Relação heterossexual
- e) Relação homossexual
- f) Opção sexual

Questão-chave:

- 2- Quais as principais características do ser masculino e do ser feminino para os adolescentes

Temas relacionados:

- a) Heterossexualidade
- b) Homossexualidade
- c) Bissexualidade
- d) Relação natureza/cultura

Questão-chave:

- 3- O que os adolescentes acham da Juventude

Temas relacionados:

- a) Namoro
- b) Ficar
- c) Festas
- d) Roupas
- e) Sexo
- f) Escola

- g) Trabalho
- h) Responsabilidades
- i) Amigos
- j) Liberdade
- k) Curtição
- l) Futuro
- m) Profissão

Questão-chave:

4- Relação entre adolescência e sexualidade

Temas relacionados:

- a) Relações sexuais
- b) Amor
- c) Gravidez
- d) Virgindade

ANEXO 3

ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS COM PERGUNTAS ABERTAS:

- 1- Fale sobre sua infância desde o lugar onde você nasceu
- 2- Que fatos marcaram sua infância?
- 3- Que fatos marcaram sua adolescência?
- 4- Como é ser adolescente?
- 5- Como é a sua sexualidade?
- 6- Você tem muitas dúvidas sobre a sexualidade?
- 7- Com quem você conversa sobre a sexualidade?
- 8- Com relação à sexualidade, você acha que é mais fácil ser homem ou ser mulher?
- 9- Seus amigos têm a mesma vivência que você?
- 10- Sua opinião sobre Virgindade
- 11- Sua opinião sobre Fidelidade
- 12- Sua opinião sobre Homossexualidade
- 13- Fale sobre Gravidez na adolescência
- 14- Fale sobre suas experiências em Ficar e Namorar
- 15- Fale sobre o casamento filhos
- 16- Fale sobre seus planos profissionais
- 17- O que você mais gosta de fazer?